

J . A . R E D M E R S K I

ENTRE O
AGORA
E O
NUNCA



Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la.

Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é **totalmente condenável** em qualquer circunstância.

A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

[Le Livros](#)

<http://LeLivros.com>



J . A . R E D M E R S K I

ENTRE O
AGORA
E O
NUNCA

Tradução
Michele Vartuli



Copyright © 2012 by J. A. Redmerski

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103 Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090 Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original - The Edge of Never

Capa - Adaptação de Trio Studio sobre design original Imagem de capa Jasmina/iStockphoto

Revisão - Ana Grilo; Mariana Freire Lopes; Fatima Fadel

Coordenação de e-book - Marcelo Xavier

Conversão para e-book - Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ R251 e Redmerski, J. A.

Entre o agora e o nunca / J. A. Redmerski; tradução Michele Vartuli. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Tradução de: The edge of never

361 p.: ISBN 978-85-8105-140-6

I. Romance americano. I. Vartuli, Michele de Aguiar. II. Título.

13-1815. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

DEDICATÓRIA

Para amantes e sonhadores, e para quem nunca sentiu de verdade nem uma coisa nem outra.

NATALIE ESTÁ ENROLANDO o mesmo cacho de cabelo há dez minutos, e isso está começando a me deixar louca. Eu balanço a cabeça e aproximo meu latte gelado, colocando estrategicamente os lábios no canudinho. Natalie está sentada à minha frente com os cotovelos apoiados na mesinha redonda, segurando o queixo com uma das mãos.

— Ele é lindo — afirma Nat, olhando para o sujeito que acabou de entrar na fila.
— Sério, Cam, quer fazer o favor de olhar pra ele?

Eu reviro os olhos e tomo mais um gole.

— Nat — respondo, apoiando a bebida na mesa —, você tem namorado. Eu preciso mesmo ficar sempre te lembrando?

Natalie faz uma careta bem-humorada de desdém.

— Não sabia que você era minha mãe! — Mas Nat não consegue ficar muito tempo prestando atenção em mim, não enquanto aquele poço de sensualidade ambulante está de pé diante da caixa, pedindo café e bolinhos. — E Damon nem liga se eu olhar, desde que eu fique de quatro pra ele toda noite.

Eu bufo e fico vermelha.

— Viu? U-hu — ela diz, abrindo um sorriso. — Consegui te fazer rir. — Nat estende a mão para a sua bolsinha violeta. — Preciso fazer uma anotação — continua, pegando o celular e abrindo o diário digital. — Sábado. 15 de junho. — Ela corre o dedo pela tela. — 13h54: Camryn Bennett riu de uma das minhas piadinhas sexuais. — Depois ela enfia de novo o celular na bolsa e me olha com aquela expressão pensativa que sempre faz quando está para entrar no modo psicanalista. — Dá só uma olhadinha — insiste, sem brincar.

Só para ela sossegar, viro o queixo um pouco de lado para olhar rapidamente o sujeito. Ele se afasta da caixa e vai para a ponta do balcão, onde pega sua bebida. Alto.

Maçãs do rosto perfeitamente esculpidas. Olhos verdes cativantes de modelo e cabelo castanho espetado.

— Tá — admito, voltando a olhar para Natalie —, ele é gato, mas e daí?

Natalie precisa admirá-lo enquanto ele sai pela porta dupla de vidro e passa em frente às vidraças antes de conseguir olhar para mim de novo e responder.

— Meu. Deus. Do céu! — ela exclama, de olhos arregalados e incrédulos.

— É só um cara, Nat. — Eu coloco os lábios no canudinho de novo. — Você devia andar com “obcecada” escrito na testa. Pra ser completamente obcecada, você só falta babar.

— Tá brincando comigo? — Sua expressão se transformou em puro choque. — Camryn, você tem um problema sério. Sabe disso, não sabe? — Ela se encosta na cadeira. — Precisa aumentar a dose do seu remédio. É sério.

— Parei de tomar em abril.

— Quê? Por quê?

— Porque é ridículo — retruco com decisão. — Não tenho impulsos suicidas, então não tenho nenhum motivo pra continuar tomando aquilo.

Ela balança a cabeça e cruza os braços sobre o peito.

— Você acha que eles receitam esse negócio só pra quem tem impulsos suicidas? Não.

Não é bem assim. — Ela aponta para mim rapidamente e volta a cruzar os braços. — É um lance de desequilíbrio químico, alguma porra dessas.

Eu abro um sorrisinho.

— Ah, é? Desde quando você entende tanto de saúde mental e dos remédios usados pra tratar as centenas de transtornos? — Ergo as sobrancelhas só um pouco, o bastante para mostrar o quanto sei que ela não faz ideia do que está dizendo.

Quando Nat franze o nariz para mim em vez de responder, eu continuo: — Vou me curar no meu ritmo, e não preciso de um comprimido pra consertar as coisas. — Minha explicação começou delicada, mas inesperadamente ficou amarga antes que eu conseguisse acabar de dizer a última frase. Isso acontece muito.

Natalie suspira, e o sorriso desaparece completamente de seu rosto.

— Desculpa — digo, com remorso pela resposta atravessada. — Olha, eu sei que você tá certa. Não posso negar que tenho uns problemas emocionais bem complicados e que às vezes sou meio grossa...

— Às vezes? — ela resmunga, mas está sorrindo de novo e já me perdoou.

Isso também acontece muito.

Abro um meio sorriso também.

— Só quero encontrar as respostas por conta própria, sabe?

— Encontrar que respostas? — Nat está chateada comigo. — Cam — diz ela, inclinando a cabeça para o lado para parecer pensativa. — Detesto te dizer isso, mas na vida as merdas acontecem mesmo. Você precisa superar. Derrotar isso fazendo coisas que te deixam feliz.

Tudo bem, talvez ela não seja tão péssima terapeuta, no fim das contas.

— Eu sei, você tem razão — admito —, mas...

Natalie ergue uma sobranceira, esperando.

— O quê? Desembucha, vai!

Dou uma olhada rápida para a parede, pensando a respeito. É tão comum eu ficar pensando na vida, ponderando cada aspecto possível dela. Quero saber que diabos estou fazendo aqui. Até agora mesmo. Neste café, com esta garota que conheço praticamente desde que nasci. Ontem me perguntei por que eu sentia necessidade de me levantar exatamente na mesma hora do dia anterior e fazer tudo como fiz no dia anterior. Por quê? O que motiva qualquer um de nós a fazer as coisas que fazemos, quando no fundo uma parte da gente só quer se libertar de tudo?

Desvio o olhar da parede para a minha melhor amiga, que sei que não vai entender o que vou dizer, mas, como preciso botar isso para fora, digo da mesma forma.

— Você já imaginou como seria viajar pelo mundo com uma mochila nas costas?

Natalie fica sem expressão.

— Hã, acho que não — foi a resposta. — Deve ser... um saco.

— Bom, pensa nisso um momento — insisto, me apoiando na mesa e concentrando toda a atenção nela. — Só você e uma mochila com o indispensável. Nada de contas pra pagar. Nada de acordar na mesma hora todo dia pra ir pra um emprego que você detesta. Só você e o mundo à sua frente. Sem nunca saber o que o dia seguinte vai trazer, quem você vai conhecer, o que vai comer no almoço ou onde vai dormir. — Percebo que me perdi tanto nessas imagens que eu mesma devo ter parecido um pouco obcecada por um segundo.

— Você tá começando a me assustar — Natalie desconversa, me olhando do outro lado da mesinha com cara de incerteza. Sua sobranceira erguida volta a se alinhar com a outra e ela diz: — E também tem que andar pra caramba, tem o risco de ser estuprada, morta e desovada numa estrada qualquer. Ah, e também tem que andar pra caramba...

Ela claramente acha que estou à beira da loucura.

— Enfim, de onde saiu isso? — Nat pergunta, tomando um gole rápido de sua bebida.

— Parece algum tipo de crise de meia-idade, e você só tem 20 anos. — Ela aponta novamente, como que para salientar: — E nunca pagou uma conta na vida.

Nat toma mais um gole; segue-se um barulho desagradável de aspiração.

— Posso não ter pago — digo baixinho para mim mesma —, mas vou pagar quando for morar com você.

— Pode crer que vai — concorda Nat, tamborilando em seu copo. — Tudo rachado ao meio... peraí, você não está pensando em dar pra trás, está? — Ela fica imóvel, me olhando com desconfiança.

— Não, o trato continua de pé. Semana que vem, eu saio da casa da minha mãe e vou morar com uma vadia.

— Sua vaca! — Ela ri.

Dou um sorrisinho e volto a ruminar as coisas de antes que ela não entendeu, mas eu já esperava isso. Mesmo antes que Ian morresse, sempre tive ideias meio não convencionais. Em vez de ficar o tempo todo imaginando novas posições sexuais, como Natalie muitas vezes faz com Damon, o cara que ela está namorando há cinco anos, eu prefiro pensar em coisas que realmente importam. Ao menos no meu mundo, elas importam. Como é sentir o ar de outros países na minha pele, qual é o cheiro do oceano, por que o barulho da chuva me faz suspirar. “Você é muito cabeça”, foi isso que Damon me disse em mais de uma ocasião.

— Ai, nossa! — Natalie diz. — Você é muito deprê, sabia? — Ela balança a cabeça com o canudo entre os lábios. — Vem! — exclama de repente, se levantando. — Não aguento mais esses lances filosóficos, e acho que lugares estranhos que nem este te deixam ainda pior. Hoje à noite a gente vai pro Underground.

— Quê? Não, eu não vou naquele lugar.

— Você. Vai. Sim. — Ela joga o copo vazio na lata de lixo a um metro de distância e me segura pelo pulso. — Vai comigo desta vez porque, até onde eu sei, você é minha melhor amiga e eu não vou aceitar não de novo como resposta. — Seu sorriso de lábios cerrados se espalha por todo o seu rosto levemente bronzeado.

Sei que Nat está falando sério. Ela sempre fala sério quando me olha com essa cara: cheia de empolgação e determinação. Provavelmente vai ser mais fácil ir com ela esta noite e dar um fim nisso, senão ela nunca mais vai me deixar em paz. São ossos do ofício para quem tem uma melhor amiga mandona.

Eu me levanto e jogo a bolsa sobre o ombro.

— São só duas da tarde — digo.

Tomo o resto do meu latte e jogo o copo vazio na mesma lata de lixo que ela.

— Sim, mas antes a gente precisa comprar um modelito novo pra você.

— Hum, não — retruco decidida enquanto ela sai comigo pelas portas de vidro para o ar fresco do verão. — Eu já tô indo pro Underground com você, já tô pagando meus pecados. Me recuso a sair pra fazer compras. Já tenho muita roupa.

Natalie me dá o braço enquanto andamos pela calçada, passando por uma longa fila de parquímetros. Ela sorri e olha para mim.

— Tudo bem. Então me deixa pelo menos te vestir com alguma coisa do meu closet.

— E qual o problema com as minhas roupas?

Ela estufa os lábios para mim e estica o queixo, como se estivesse debatendo em silêncio por que preciso fazer uma pergunta tão ridícula.

— É o Underground — é o que ela diz, como se não houvesse resposta mais óbvia.

Tudo bem, até que Nat tem razão. Nós duas somos grandes amigas, mas no nosso caso, é aquele lance dos opostos que se atraem. Ela é uma roqueira que está apaixonada por Jared Leto desde Clube da Luta. Eu sou mais uma garota sossegada que raramente usa roupa escura, a menos que seja para um velório. Não que Natalie só use preto e tenha um penteado emo, mas ela jamais sairia em público vestindo alguma coisa do meu guarda-roupa porque, segundo ela, é tudo normal demais. Eu discordo. Sei como me vestir, e os meninos nunca reclamavam das roupas que eu escolhia, pelo menos na época em que eu ainda prestava atenção nos olhares que eles davam pra minha bunda quando eu usava meu jeans favorito.

Mas o Underground foi feito para gente como Natalie, portanto, acho que vou ter que suportar me vestir como ela por uma noite, só para me enturmar. Não sou maria vai com as outras. Nunca fui. Mas com certeza topo me tornar alguém que não sou por algumas horas se isso vai ajudar a me misturar, em vez de parecer a esquisita e chamar a atenção.

O quarto de Natalie é totalmente o oposto do quarto de alguém que tem TOC. É mais uma das enormes diferenças entre nós duas. Eu organizo minhas roupas pela cor. Ela deixa as dela no cesto perto do pé da cama por semanas, antes de jogar todas de volta na roupa suja para serem lavadas de novo porque estão amassadas. Eu tiro o pó do meu quarto todo dia. Acho que ela nunca tirou o pó do dela, a não ser que você chame “raspar quatro dedos de poeira do teclado do laptop” de limpeza.

— Esta aqui vai ficar perfeita em você — decide Natalie, segurando uma camiseta branca e fina estampada com o nome Scars on Broadway. — Fica colada ao corpo, e os seus peitos são perfeitos. — Ela põe a camiseta sobre o meu peito e examina como fiquei.

Rosno para ela, insatisfeita com a primeira escolha.

Ela revira os olhos e seus ombros afundam.

— Tudo bem — desiste, jogando a camiseta sobre a cama. Ela corre a mão pelo cabideiro e puxa outra, mostrando-a com um sorriso que é também uma de suas táticas de manipulação. Sorrisões cheios de dentes me deixam com menos vontade de lhe dizer não.

— Que tal alguma coisa que não tenha o nome de uma banda qualquer escrito na frente? — digo.

— É Brandon Boyd — Nat exclama, arregalando os olhos. — Como pode não gostar de Brandon Boyd?

— Ele é legal — respondo. — Só não quero exibir uma propaganda dele no meu peito.

— Eu queria era ter ele mesmo no meu peito — comenta Nat, admirando o top aderente com gola em V, praticamente igual ao primeiro que ela tentou me mostrar.

— Usa você, então, ué.

Ela me olha de lado, balançando a cabeça como se estivesse considerando a ideia.

— Acho que vou usar mesmo. — Ela tira o top que já está usando e o joga no cesto de roupas perto do closet, vestindo em seguida o rosto de Brandon Boyd sobre os peitões.

— Ficou legal em você — elogio, observando-a enquanto ela se ajeita e admira o que vê no espelho por vários ângulos.

— Ficou mesmo — Nat concorda.

— O que Jared Leto vai achar disso? — brinco.

Natalie dá uma risadinha, joga o cabelão escuro para trás e pega a escova.

— Ele sempre vai ser meu número um.

— E Damon, sabe, aquele seu namorado nada imaginário?

— Para com isso — ela reclama, me olhando pelo espelho. — Se continuar me pentelhando com Damon desse jeito... — Ela para com a escova na mão e vira o corpo para me encarar. — Você por acaso tá a fim do Damon?

Viro a cabeça e sinto meu cenho se franzir com força.

— Claro que não, Nat! Que besteira é essa?

Natalie ri e volta a escovar o cabelo.

— Vamos achar alguém pra você hoje. É disso que você precisa. Vai resolver tudo.

Meu silêncio revela imediatamente que ela foi longe demais. Detesto quando Natalie faz isso. Por que todo mundo precisa estar com alguém? É uma ilusão idiota e um jeito de pensar bem patético.

Ela coloca a escova de volta na penteadeira e se vira completamente, deixando o ar de brincadeira desaparecer do rosto e suspirando profundamente.

— Sei que eu não devia dizer essas coisas... Olha, prometo que não vou ficar dando uma de Cupido, tá? — Ela levanta as duas mãos num gesto de rendição.

— Tá bom, eu acredito — digo, cedendo à sinceridade dela. Claro que sei que uma promessa nunca a detém completamente. Nat pode não tentar me arrumar alguém de forma descarada, mas só precisa piscar aqueles cílios escuros dela para Damon e depois olhar para qualquer cara que estiver por perto, e Damon saberá na hora o que ela quer que ele faça.

Mas eu não preciso da ajuda deles. Não quero ficar com ninguém.

— Ah! — Natalie está com a cabeça enfiada no closet. — Este top é perfeito! — Ela se vira, exibindo um top preto largo com aberturas nos ombros. Na parte da frente está escrito: PECADORA. — Comprei na Hot Topic — ela conta, tirando do cabide.

Sem querer que a sessão de escolha de roupas se arraste por mais tempo, tiro minha camiseta e pego o top da mão dela.

— Sutiã preto — Nat comenta. — Boa escolha.

Enfio o top e me olho no espelho.

— Então? Fala aí — Nat pergunta, parada atrás de mim com um sorriso enorme. — Gostou, não gostou?

Dou um sorrisinho e me viro para ver como a barra da camiseta mal cobre o alto da minha cintura.

E então noto que nas costas está escrito SANTA.

— Tá — admito —, eu gostei. — Eu me viro e aponto para ela, séria. — Mas não é suficiente pra começar a atacar o seu closet, então não fique muito esperançosa. Tô satisfeita com minhas lindas blusinhas de abotoar, obrigada.

— Eu nunca disse que as suas roupas não eram lindas, Cam. — Nat sorri, estica a mão e estala a alça do sutiã nas minhas costas. — Você é sexy pra caramba todo dia, garota.

Na boa, eu te traçava se não estivesse com Damon.

O meu queixo cai.

— Você é uma tarada, Nat!

— Eu sei — ela concorda enquanto me viro para o espelho, e posso ouvir o sorriso diabólico na sua voz. — Mas é verdade. Já te falei isso e não tava brincando.

Balanço a cabeça para ela, sorrio e pego a escova da penteadeira. Natalie já teve uma namorada quando Damon e ela terminaram por um curto período de tempo. Mas ela disse que era “louca demais por um pinto” (palavras dela, não minhas) para

passar a vida com uma garota. Natalie não é uma vadia de verdade — ela parte a cara de quem chamá-la assim —, mas é a ninfomaníaca dos sonhos de qualquer namorado, com certeza.

— Agora me deixa maquiá-lo você — ela decide, me levando para o espelho.

— Não!

Natalie põe as mãos na cintura de violão e arregala os olhos, como se fosse minha mãe e eu tivesse acabado de dar uma resposta malcriada.

— Vai ser por bem ou por mal? — pergunta, me fuzilando com o olhar.

Eu cedo e desabo na cadeira diante do espelho.

— Tanto faz — resmungo, levantando o queixo para lhe dar total acesso ao meu rosto, que acaba de se tornar sua tela. — Mas nada de olhos de guaxinim, tá?

Ela segura meu queixo com força.

— Agora, quieta — ordena, tentando não rir e parecer séria. — Uma artista — ela diz, com um sotaque dramático e um floreio da outra mão — precisa de silêncio pra trabalhar! Onde acha que estarr, num salón de Detroit?

Quando Nat termina, estou igualzinha a ela. Exceto pela ausência dos peitões gigantes e o cabelo castanho e liso dela. Meu cabelo é o tipo de louro que algumas garotas pagam uma fortuna no salão de beleza para conseguir, e vai até o meio das minhas costas.

Admito que tirei a sorte grande no quesito cabelo perfeito. Natalie disse que fica melhor solto e eu obedeci. Não tive escolha. Ela foi bem ameaçadora...

E ela não me deixou com cara de guaxinim, mas também não economizou na sombra escura para os olhos.

— Olhos escuros com cabelo louro — ela disse enquanto aplicava o rímel grosso e preto. — É sexy pra caramba. — E pelo jeito minhas sandálias peep toe também não serviam, porque ela me fez tirar e calçar um de seus pares de botas de salto fino, que aderem às pernas do meu jeans colado ao corpo.

— Você tá muito sexy, sua cachorra — Nat declara, me olhando de alto a baixo.

— E você me deve uma, por ter topado essa balada — digo.

— Hã? Eu te devo uma? — Ela inclina a cabeça. — Não, querida, acho que não. Você vai acabar é me devendo uma antes do fim da noite, porque vai se divertir pra cacete, e vai implorar pra eu te levar lá mais vezes.

Eu brinco, fazendo uma careta, com os braços cruzados e o quadril virado para o lado.

— Duvido — respondo. — Mas vou te dar o benefício da dúvida e torcer pra me

divertir pelo menos um pouco.

— Ótimo — conclui Nat, calçando as botas. — Agora vamos nessa; Damon tá esperando a gente.

CHEGAMOS AO UNDERGROUND ao anoitecer, mas não antes que Damon passasse com sua picape tunada por várias casas. Ele estacionava, descia, entrava por não mais do que três ou quatro minutos e nunca dizia uma palavra quando voltava. Pelo menos não sobre o que ia fazer lá dentro ou com quem ia falar — coisas que tornariam essas visitas normais. Mas pouca coisa em Damon é costumeira ou normal. Eu adoro o Damon de paixão. Conheço-o quase há tanto tempo quanto Natalie, mas nunca consegui aceitar seu uso de drogas. Ele tem um monte de maconha plantada no porão de casa, mas não é maconheiro. De fato, ninguém, além de mim e uns poucos amigos íntimos dele, jamais suspeitaria que um gato como Damon Winters planta e vende maconha, porque quase todos os plantadores de maconha parecem hippies sujinhos, e muitas vezes usam penteados que pararam no tempo entre as décadas de 1970 e 1990. Damon está longe de parecer um hippie sujinho — poderia ser o irmão mais novo daquele gato do Alex Pettyfer. E Damon diz que erva não é a parada dele. Não, a droga preferida de Damon é cocaína, e ele só planta e vende maconha para financiar o seu vício em pó.

Natalie finge que o trabalho de Damon é totalmente inofensivo. Ela sabe que o namorado não fuma maconha. Ela afirma que a maconha não é tão ruim assim, e se outras pessoas querem fumar um pra curtir e relaxar, ela não vê problema em Damon ajudar com isso.

Mas Natalie se recusa a acreditar que Damon passe mais tempo com a cara metida na cocaína do que em qualquer parte do corpo dela.

— Olha só, você vai se divertir, tá? — Natalie fecha a porta de trás do meu lado com o bumbum depois que eu saio e me olha sem esperanças. — É só não resistir, tentar curtir um pouco.

Eu reviro os olhos.

— Natalie, também não vou tentar detestar de propósito — argumento. — Eu quero curtir.

Damon vem para o nosso lado da picape e passa os braços nas nossas cinturas.

— E eu vou chegar abraçado com duas gatas.

Natalie lhe dá uma cotovelada, fazendo uma falsa cara de mágoa.

— Para, amor. Você vai me deixar com ciúme. — Ela já está sorrindo maliciosamente para ele.

Damon tira a mão da cintura dela e pega numa das suas nádegas. Ela solta um gemido desagradável e fica na ponta dos pés para beijá-lo. Tenho vontade de mandar os dois esperarem para fazer aquilo na cama, mas estaria desperdiçando meu fôlego.

O Underground é o lugar mais badalado da zona urbana da Carolina do Norte, mas você não vai encontrá-lo na lista telefônica. Só pessoas como nós sabem que ele existe.

Um cara chamado Rob alugou um galpão abandonado há dois anos e gastou mais ou menos um milhão da grana do pai rico para transformá-lo numa casa noturna secreta.

Dois anos bombando; o lugar já virou um point para deuses do sexo e do rock locais viverem o sonho do rock'n'roll com fãs histéricos e tietes. Mas não é um clube fuleiro. De fora, pode parecer um prédio abandonado numa cidade sem ifantasma, mas por dentro é como qualquer clube chique de hard rock, equipado com luzes estroboscópicas coloridas que giram continuamente para todo lado, garçonetes com jeito de vadias e um palco grande o suficiente para duas bandas tocarem ao mesmo tempo.

De modo a manter o Underground secreto, todos os frequentadores precisam estacionar em outros bairros e chegar andando, porque uma rua lotada de carros diante de um galpão “abandonado” é muita bandeira.

Estacionamos nos fundos de um McDonald's próximo e andamos uns dez minutos pelo bairro sinistro.

Natalie sai do lado direito de Damon e fica entre nós dois, mas é só para poder me torturar antes de entrarmos.

— Muito bem — ela diz, como se fosse começar a listar tudo o que devo e não devo fazer —, se alguém perguntar, você tá solteira, certo? — Ela agita a mão para mim. — Nada daquilo que você aprontou com o cara que te paquerou naquela papelaria.

— O que ela tava fazendo numa papelaria? — Damon diz, rindo.

— Damon, o cara tava babando por ela — Natalie afirma, ignorando completamente a minha presença —, tipo, era só a Cam dar uma piscadinha que o cara comprava um carro pra ela, e sabe o que ela falou?

Eu reviro os olhos e solto meu braço do dela.

— Nat, você é tão ridícula. Não foi nada disso.

— Pois é, amor — Damon comentou. — Se o cara trabalha numa papelaria, não vai comprar carro pra ninguém.

Natalie lhe dá um soco amigável no ombro.

— Eu não falei que ele trabalhava lá... bom, o cara parecia um cruzamento de... Adam Levine do Maroon 5 com... — ela mexe os dedos acima da cabeça para materializar outro exemplo famoso em sua língua — ... Jensen Ackles do Supernatural, e quando ele perdeu o telefone dela, a srta. Santinha aqui falou que era

lésbica.

— Ai, cala a boca, Nat! — exclamo, irritada com essa mania de exagero dela. — Ele não parecia nenhum desses. Era só um sujeito normal que por acaso não era feio de doer.

Nat faz um gesto de desprezo e se vira para Damon.

— Pode ser. A questão é que ela mente pra afastar os caras. Não duvido nada que chegaria ao ponto de dizer que tá com corrimento e infestada de chatos.

Damon ri.

Eu paro na calçada escura e cruzo os braços no peito, mordendo a parte de dentro do lábio inferior, irritada.

Natalie, ao perceber que não estou mais andando ao lado dela, volta correndo.

— Tá bom, tá bom! Olha, não quero que você estrague sua vida, só isso. Só tô pedindo que se alguém que não for torto de tão feio te paquerar, não dispense o cara imediatamente. Não tem problema nenhum conversar e se conhecer um pouco. Não tô pedindo pra você levar ninguém pra casa.

Eu já estou com ódio dela por isso. Ela prometeu!

Damon chega por trás dela e passa as mãos em sua cintura, colando a boca no seu pescoço enquanto ela se retorce.

— Você tem que deixar ela fazer o que quiser, amor. Para de ser tão mandona.

— Obrigada, Damon — agradeço com um rápido aceno.

Ele pisca para mim.

Natalie faz bico e diz:

— Tem razão — e levanta as mãos —, não vou falar mais nada. Juro.

Sei, já ouvi isso antes...

— Ótimo — concludo, e continuamos andando. As botas já estão me matando.

O ogro na porta do galpão nos examina na entrada, com seus braços enormes cruzados sobre o peito.

Ele estende a mão.

O rosto de Natalie vira uma careta ofendida.

— Quê? Rob tá cobrando entrada, agora?

Damon enfia a mão no bolso de trás, tira a carteira e mexe nas notas.

— Vinte paus por cabeça — grunhe o ogro.

— Vinte? Tá de sacanagem, porra?! — Natalie grita.

Damon a afasta delicadamente e põe três notas de vinte dólares na mão do ogro. Ele enfia o dinheiro no bolso e nos dá passagem. Eu vou primeiro e Damon põe a mão nas costas de Natalie, levando-a à sua frente.

Ela faz uma careta para o ogro ao passar por ele.

— Acho que ele vai embolsar essa grana — acusa. — Vou perguntar pro Rob que negócio é esse.

— Vem — Damon insiste, e nós cruzamos a porta e andamos por um corredor longo e medonho, com uma única lâmpada fluorescente de luz trêmula, até chegarmos ao elevador industrial no fim.

O metal range quando a porta da gaiola se fecha, e descemos no elevador barulhento para o subsolo, alguns metros abaixo. É só um andar, mas o elevador chocalha tanto que sinto que ele vai se partir a qualquer momento e matar a gente na queda. A batida alta e explosiva da música e os gritos de bêbados universitários — e provavelmente de muitos ex-universitários — reverberam pelo piso do porão até o elevador de ferro, ficando mais altos a cada centímetro que descemos para as entranhas do Underground. O elevador para com estrondo e outro ogro abre a porta pantográfica para podermos sair.

Natalie me atropela vindo de trás.

— Anda logo! — grita, fingindo me empurrar pelas costas. — Acho que é o Four Collision tocando! — A voz dela se eleva por cima da música enquanto nos dirigimos para o salão principal.

Natalie pega Damon pela mão e ele tenta me puxar, mas sei o que ela está armando e não quero entrar numa almôndega de corpos saltitantes e suados com estas malditas botas.

— Ah, vai! — Nat insiste, praticamente implorando. Então uma ruga rancorosa vinca seu nariz, enquanto ela rosna, agarra minha mão e me puxa para perto de si. — Para de ser criança! Se alguém te derrubar, eu mesma encho a pessoa de porrada, tá?

Damon está ao lado, sorrindo para mim.

— Tudo bem! — aceito, indo com eles, Natalie praticamente arrancando meus dedos.

Caímos na pista, e Natalie, depois de algum tempo fazendo o que qualquer grande amiga faria, se esfregando em mim para me fazer sentir incluída, passa a existir somente no mundo de Damon. Está praticamente transando com ele ali, na frente de todo mundo, mas ninguém nota. Eu só percebo porque devo ser a única mulher em todo o salão que não tem companhia para fazer a mesma coisa. Aproveito a oportunidade, fujo da pista e vou para o bar.

— O que vai querer? — diz o louro alto atrás do balcão quando fico na ponta dos pés e me sento num dos banquinhos.

— Cuba-libre.

Ele começa a preparar meu drinque.

— Ah, vai pegar pesado, é? — diz, enchendo o copo de gelo. — Que tal me mostrar sua identidade? — Ele exhibe os dentes.

Aperto os lábios para ele.

— Tá, eu te mostro minha identidade quando você me mostrar seu alvará pra vender bebida alcoólica. — Abro um sorriso ao responder, que ele retribui.

Ele termina de misturar a bebida e a desliza na minha direção.

— Eu não bebo muito, sabe? — digo, tomando um gole do canudinho.

— Não bebe... muito?

— Bom, esta noite acho que vou precisar tomar umas a mais. — Deixo o copo no balcão e mexo na fatia de lima da borda.

— Por quê? — o barman pergunta, enxugando o balcão com um guardanapo de papel.

— Peraí — retruco, levantando um dedo —, antes que você fique com alguma ideia errada, não tô aqui pra me abrir com você, essa coisa de terapia de balcão de bar. — Natalie já é terapia suficiente para mim.

Ele ri e joga o guardanapo de papel em algum lugar atrás do balcão.

— Bom saber disso, porque não sou muito de dar conselhos.

Tomo mais um gole, mas me curvando em vez de erguer o copo do balcão; meu cabelo solto cai ao redor do meu rosto. Eu me endireito e prendo um lado do cabelo atrás da orelha. Realmente detesto deixar meu cabelo solto; o trabalho que ele dá não compensa.

— Bem, se você quiser mesmo saber — continuo, olhando para ele —, fui arrastada pra cá pela minha incansável melhor amiga, que provavelmente ia fazer alguma coisa constrangedora comigo enquanto eu dormisse e tirar fotos pra me chantagear se eu não viesse.

— Ah, uma dessas — ele comenta, apoiando os braços no balcão e juntando as mãos.

— Já tive um amigo assim. Seis meses depois que minha noiva me largou, ele me arrastou pra um clube perto de Baltimore, e eu só queria ficar em casa e curtir minha fossa, mas, no fim das contas, aquela noite foi exatamente o que eu precisava.

Que legal, esse cara acha que já me conhece, ou no mínimo conhece minha

“situação”. Mas ele não sabe nada sobre a minha situação. Talvez tenha acertado no lance do ex ruim — porque todos acabam tendo um ou uma assim —, mas o resto, o divórcio dos meus pais, meu irmão mais velho, Cole, indo pra cadeia, a morte do amor da minha vida... não estou a fim de contar nada pra esse cara. Assim que você conta seus problemas pra alguém, vira uma chorona e o menor violino do mundo começa a tocar. A verdade é que todo mundo tem problemas; todos nós enfrentamos dificuldades e dor, e minha dor é o paraíso comparada com a de muitas outras pessoas, e não tenho lá muito direito de me queixar.

— Pensei que você não fosse de dar conselhos — desconverso, com um sorriso doce.

Ele se afasta do balcão e diz:

— Não sou, mas se você tirar algum proveito da minha história, fique grata.

Dou um sorrisinho e finjo que tomo um gole, desta vez. Não quero beber muito, na verdade, e com certeza não quero ficar bêbada, especialmente considerando o pressentimento de que sou eu que vou ter que dirigir na volta.

Tentando tirar de mim o foco da conversa, apoio um cotovelo no balcão, o queixo na mão e digo:

— E o que aconteceu naquela noite?

O lado esquerdo da sua boca se ergue num sorriso e ele diz, agitando a cabeça louca: — Transei pela primeira vez desde que ela me abandonou, e lembrei como é bom se desacorrentar de alguém.

Eu não esperava uma resposta dessas. A maioria dos caras que conheço teria mentido sobre seu horror a relacionamentos, especialmente se estivesse me paquerando. Até que gosto desse cara. Só como pessoa, claro; não tô a fim, como Natalie diria, de ficar de quatro pra ele.

— Entendi — digo, tentando conter a verdadeira dimensão do meu sorriso. — Bom, pelo menos você é honesto.

— Não tem outro jeito de ser — ele diz, pegando outro copo e começando a preparar outra cuba-libre para si. — Descobri que hoje em dia a maioria das garotas têm tanto medo de compromisso quanto os caras, e quando somos francos desde o início, é mais provável que uma transa ocasional não deixe sequelas.

Balanço a cabeça, pegando o canudinho com a ponta dos dedos. De jeito nenhum vou admitir abertamente, mas concordo completamente com ele, e acho sua filosofia de vida até estimulante. Nunca pensei tanto a respeito, mas por mais que eu queira distância de qualquer relacionamento, continuo humana e não me incomodaria com uma transa ocasional.

Só que não com ele. Ou com qualquer um neste lugar. Tudo bem, talvez eu seja

cagona demais pra uma transa ocasional e a bebida já esteja começando a bater. A verdade é que nunca fiz nada do tipo, e embora a ideia seja um tanto empolgante, me deixa morta de medo. Só transei com dois caras até hoje: Ian Walsh, meu primeiro amor, que tirou minha virgindade e morreu num acidente de carro três meses depois, e Christian Deering, com quem me envolvi para preencher a ausência do Ian, o babaca que me traiu com uma vadia ruiva.

Fico contente por nunca ter retribuído aquela frase venenosa de três palavras que começa com “eu” e termina com “você”, pois no fundo eu sentia que ele não fazia nem ideia do que estava dizendo quando vinha com essa conversa.

Por outro lado, talvez ele fizesse, e foi por isso mesmo que, depois de cinco meses de namoro, o Christian arrumou outra: porque eu nunca disse o mesmo pra ele.

Olho pro barman e noto que ele está sorrindo, esperando pacientemente que eu diga alguma coisa. Esse cara é bom, ou então só está mesmo querendo ser simpático. Admito que é gatinho; não deve ter mais de 25 anos e tem olhos castanhos doces, que sorriem antes dos lábios. Noto como os bíceps e o peitoral são definidos por baixo da camiseta colada. E ele é bronzeado; com certeza passou a maior parte da vida perto do mar.

Paro de olhar quando noto que minha mente está vagando, pensando nele de calção de banho e sem camisa.

— Eu sou o Blake — ele diz. — Sou irmão do Rob.

Rob? Ah, tá, o dono do Underground.

Estendo a mão e Blake a aperta delicadamente.

— Camryn.

Ouçõ a voz de Natalie por cima da música antes mesmo de vê-la. Ela abre caminho através de um aglomerado de pessoas que estão paradas perto da pista de dança, e se acotovela até me alcançar. Ela nota Blake imediatamente e seus olhos começam a brilhar, iluminados pelo sorriso aberto e descarado. Damon, vindo atrás dela e ainda segurando-a pela mão, também nota, mas só me olha, sem emoção. Isso me dá uma sensação estranha, mas logo deixo de pensar nisso quando Natalie aperta seu ombro contra o meu.

— O que você tá fazendo aqui? — pergunta, com um tom acusador na voz. Ela está sorrindo de orelha a orelha e seus olhos vêm e vão entre mim e Blake várias vezes, antes que ela me dê toda a sua atenção.

— Tomando um drinque — explico. — Você veio aqui pedir uma bebida ou me controlar?

— As duas coisas! — Nat exclama, soltando a mão de Damon e batendo os dedos no balcão, sorrindo para Blake. — Qualquer coisa com vodka.

Blake balança a cabeça e olha para Damon.

— Cuba-libre pra mim — Damon pede.

Natalie aperta os lábios do lado da minha cabeça e sinto o calor do seu hálito no meu ouvido quando ela cochicha:

— Puta merda, Cam! Você sabe quem é esse aí?

Noto a boca de Blake se abrindo num sorriso sutil por tê-la ouvido.

Sentindo meu rosto ficando quente pelo constrangimento, cochicho de volta: — Sei, o nome dele é Blake.

— É o irmão do Rob! — ela diz entre os dentes; seu olhar volta para ele.

Olho para Damon, esperando que ele entenda a deixa e a arraste para algum lugar, mas desta vez ele finge “não captar”. Onde está o Damon que conheço, aquele que costumava me proteger de Natalie?

Oh-oh, ele deve estar puto com ela de novo. Só age assim quando Natalie abre sua boca grande ou faz alguma coisa que ele não consegue deixar pra lá. Só estamos aqui há uns trinta minutos. O que ela pode ter feito em tão pouco tempo? E aí me dou conta de que essa é Natalie, e se há alguém que consegue deixar um namorado puto da vida em menos de uma hora, sem perceber, esse alguém é ela.

Desço do banquinho e seguro minha amiga pelo braço, afastando-a do balcão. Damon, provavelmente sacando o meu plano, fica conversando com Blake.

A música parece ter ficado mais alta quando a banda que toca ao vivo terminou uma canção e começou outra.

— O que você fez? — pergunto, virando-a para que me encare.

— Como assim, o que eu fiz? — Ela mal está prestando atenção em mim; em vez disso, seu corpo balança sutilmente no ritmo da música.

— Nat, tô falando sério.

Finalmente ela para e me olha, procurando respostas no meu rosto.

— Pra deixar Damon puto? — pergunto. — Ele tava ótimo quando chegamos.

Ela olha brevemente para Damon, que está de pé perto do balcão, tomando seu drinque, e depois para mim, com uma expressão confusa.

— Não fiz nada... que eu saiba. — Ela olha para cima como se estivesse pensando, tentando lembrar o que poderia ter dito ou feito.

Ela põe as mãos na cintura.

— Por que você acha que ele tá puto?

— Ele tá com aquela cara — digo, olhando para ele e Blake —, e eu odeio

quando vocês dois brigam, especialmente quando tô de carona com vocês e preciso ficar ouvindo os dois discutindo por idiotices que aconteceram um ano atrás.

A expressão confusa de Natalie se transforma num sorriso malicioso.

— Bem, acho que você tá paranoica, e talvez tentando me distrair pra eu não dizer nada sobre você e Blake. — Ela está com aquele ar brincalhão de novo, e eu odeio isso.

Reviro os olhos.

— Não tem “eu e Blake” nenhum, só estamos conversando.

— Conversar é o primeiro passo. Sorrir pra ele — o sorriso dela se alarga —, como vi muito bem que você tava sorrindo quando cheguei, é o passo seguinte. — Ela cruza os braços e inclina o quadril. — Aposto que vocês até conversaram sem que ele precisasse arrancar respostas de você com um alicate. Caramba, você já sabe até o nome dele.

— Você quer tanto que eu me divirta e conheça um cara, mas você não sabe a hora de calar a boca quando os desejos parecem perto de virar realidade.

Natalie deixa a música embalar seus movimentos de novo, erguendo as mãos um pouco e mexendo os quadris de forma sedutora. Eu fico parada ali.

— Não vai acontecer nada — insisto, séria. — Você conseguiu o que queria, tô conversando com alguém, e não estou pensando em dizer que tenho corrimento, então pare de causar.

Ela cede com um suspiro longo e profundo e para de dançar o suficiente para dizer: — Acho que você tem razão. Vou te deixar em paz, mas se ele te levar pro andar do Rob, vou querer todos os detalhes. — Nat aponta para mim com firmeza, um olho semicerrado e os lábios apertados.

— Tudo bem — digo, só para ela largar do meu pé —, mas é melhor esperar sentada, porque isso não vai acontecer.

UMA HORA E dois drinques depois, vou para o “andar do Rob” no galpão com Blake.

Estou só um pouquinho alta, andando e enxergando perfeitamente, por isso sei que não estou bêbada. Mas estou um pouco alegre demais, e isso meio que me incomoda.

Quando Blake sugeriu que a gente “fugisse do barulho um pouquinho”, sirenes de alerta tocaram feito loucas na minha cabeça: Não saia sozinha de uma boate depois de tomar uns drinques com esse cara que você não conhece. Não faça isso, Cam. Você não é burra, então não fique burra por causa do álcool.

Todas essas coisas gritavam comigo. E eu dei ouvidos até que, em algum momento, o sorriso contagiante de Blake e o modo como ele me fazia sentir completamente à vontade acalmaram tanto as vozes e as sirenes que não consegui mais ouvi-las.

— Isso é o que chamam de Andar do Rob? — pergunto, olhando para a paisagem urbana do teto do galpão. Todos os prédios da cidade estão brilhando com luzes azuis, brancas e verdes. As ruas aparecem banhadas pelo tom alaranjado que se derrama das centenas de lâmpadas da iluminação pública.

— O que você esperava? — ele pergunta, pegando minha mão, e me encolho por dentro com o gesto, mas o aceito. — Um “abatedouro” de gatas chique com espelhos no teto?

Peraí... foi exatamente isso que pensei (bem, de maneira indireta), mas então por que diabos topei subir com ele?

Tudo bem, agora estou começando a entrar em pânico.

Acho que talvez eu esteja um pouco bêbada, afinal, senão meu juízo não estaria tão afetado. Isso me apavora e quase me deixa sóbria, pensar que eu toparia ir pra qualquer tipo de “abatedouro”, mesmo bêbada. O álcool realmente está me deixando burra, ou será que está trazendo à tona algo que não quero acreditar que tenho dentro de mim?

Dou uma olhada para a porta de metal encravada na parede de tijolos e noto um brilho entre ela e o batente. Blake deixou aberta; é um bom sinal.

O cara anda comigo até uma mesa de jardim feita de madeira e eu me sento nervosamente no tampo, ao lado dele. O vento passa pelos meus cabelos, puxando alguns fios para a minha boca. Levanto a mão e os afasto com o dedo.

— Ainda bem que fui eu — Blake comenta, olhando a cidade com as mãos segurando os joelhos; seus pés estão apoiados no banco.

Encolho as pernas e me sento em posição de ioga, com as mãos no colo. Olho

para ele interrogativamente.

Blake sorri.

— Ainda bem que fui eu que trouxe você aqui — explica. — Uma garota linda como você lá embaixo, com todos aqueles caras... — Blake vira a cabeça para me olhar de frente; seus olhos castanhos parecem ter uma fraca luz própria no escuro. — Se fosse outro, você poderia virar a vítima de estupro estrelando seu próprio filme do Lifetime.

Agora estou completamente sóbria. Assim, em apenas dois segundos, é como se eu não tivesse bebido nada. Minhas costas se endireitam na hora e inspiro profundamente, nervosa.

Onde é que eu tava com a cabeça, porra?!

— Tudo bem — Blake continua, sorrindo delicadamente e levantando as duas mãos com as palmas viradas para mim —, eu nunca faria nada com uma garota que ela não quisesse, nem com uma garota que tivesse tomado alguns drinques e apenas pensasse que queria.

Acho que escapei da morte certa.

Meus ombros relaxam um pouco e sinto que consigo respirar de novo. Tipo, claro que o Blake pode estar apenas enchendo minha cabeça com mais mentiras para conquistar minha confiança, mas meu instinto me diz que ele é totalmente inofensivo. Vou ficar esperta e tomar cuidado enquanto estiver sozinha aqui em cima com ele, mas pelo menos posso relaxar. Acho que, se ele quisesse tirar vantagem de mim, não teria anunciado o possível perigo desse jeito.

Rio baixinho um pouco, pensando em algo que ele disse.

— Qual é a graça? — Ele me olha de lado, sorrindo e esperando.

— Você falou em filme do Lifetime — conto, sentindo meus lábios se abrindo num sorriso fraco e constrangido. — Você assiste a esse canal?

Ele desvia o olhar, compartilhando meu constrangimento por ele.

— Não — diz —, é só uma comparação comum.

— É mesmo? — provoco. — Não sei; você é o primeiro cara que já ouvi dizer “filme do Lifetime” numa frase.

Agora ele está corando, e estou com vontade de me bater por ficar tão feliz em ver isso.

— Bom, não conta pra ninguém, tá? — Ele faz o melhor bico que consegue.

Sorrio para Blake e olho as luzes da cidade, esperando desencorajar quaisquer esperanças que ele possa ter desenvolvido durante nossa breve e irreverente

conversa.

Não importa o quanto ele é legal, charmoso ou sexy, não vou ficar com ele.

Simplesmente não estou pronta para nada além do que estamos fazendo agora: uma conversa inocente e amigável sem expectativas de sexo ou relacionamento. É tão difícil conversar assim com qualquer cara, porque todos sempre parecem achar que um simples sorriso significa algo mais.

— Então, me conte — ele resolve perguntar —, por que está sozinha aqui?

— Ah, não — sorrindo, balanço a cabeça e o dedo para ele —, não vamos começar com isso.

— Me dá pelo menos uma pista, vai. É só uma conversa. — Blake vira completamente o corpo para me encarar, e apoia uma perna no tampo da mesa. — Quero saber de verdade. Não é uma tática.

— Uma tática?

— É, tipo, ficar sacando os teus problemas pra achar alguma coisa e fingir que me interessa só pra te levar pra cama. Se eu quisesse te levar pra cama, simplesmente diria.

— Ah, então você não quer me levar pra cama? — Eu o olho de lado com um meio sorriso.

Um pouco derrotado, mas não desencorajado por isso, ele assume uma expressão mais branda e diz:

— Na hora certa, quero. Eu seria maluco se não estivesse a fim, mas se eu só quisesse transar com você, e tivesse subido aqui pra isso, teria avisado antes que você aceitasse.

Gostei da honestidade, e com certeza agora respeito mais esse cara, mas meu sorriso meio que congelou quando ele falou nessa coisa de “se só quisesse transar” comigo. O

que mais ele poderia querer? Sair comigo e talvez começar um relacionamento? Humm, não.

— Olha — digo, recuando um pouco e deixando que ele perceba —, não tô a fim de nenhum dos dois, só pra você saber.

— Nenhum dos dois o quê? — E então ele entende “o que” um segundo depois. Ele sorri e balança a cabeça. — Tudo bem. Tô contigo nisso, só te trouxe aqui pra conversar, por incrível que pareça.

Algo me diz que se eu estivesse a fim de qualquer um dos dois, sexo ou um encontro, ou as duas coisas, Blake toparia, mas ele está se retirando suavemente sem se deixar parecer rejeitado.

— Respondendo à sua pergunta — digo, cedendo um pouco em nome da conversa —, tô solteira porque tive algumas experiências ruins, e no momento não tô querendo fazer uma nova tentativa.

Blake faz que sim.

— Entendi. — Ele desvia o olhar e a brisa agita seu cabelo louro, afastando a franja meio longa da testa. — Novas tentativas geralmente são péssimas, pelo menos no início.

Só o processo de aprendizado já é um pesadelo. — Ele volta a me olhar para elaborar seu raciocínio. — Quando você tá com alguém há um tempo, você se acostuma, sabe? É

aquele lance de zona de conforto. Quando a gente se acomoda na zona de conforto, na hora de tentar sair de lá, mesmo quando tudo ali é um inferno, quando não é saudável, é como tentar tirar um gordão acomodado do sofá pra obrigar ele a viver a vida. — Talvez se dando conta de que é muito cedo para ser tão filosófico comigo, Blake alivia o tom, acrescentando: — Com Jen, levei três meses pra criar coragem e fazer “número dois”

quando ela tava em casa.

Rio alto, e quando crio coragem para encará-lo novamente, vejo que ele está sorrindo.

Começo a ter a sensação de que Blake não superou a ex-noiva tanto quanto ele tenta acreditar. Por isso, tento lhe fazer um favor, desviando o assunto doloroso para mim antes que ele tenha um momento de compreensão e sinta o chão desabar sob os pés dele outra vez.

— Meu namorado morreu — conto de uma vez, principalmente para o bem dele. — Num acidente de carro.

A expressão de Blake murcha e ele me olha com os olhos cheios de remorso.

— Desculpa, eu não queria...

Levanto a mão.

— Não, tá tudo bem; você não fez nada. — Depois que ele balança a cabeça discretamente e espera que eu prossiga, digo: — Foi uma semana antes da formatura. — Ele põe a mão no meu joelho, mas sei que é só para me reconfortar, nada mais.

Começo a contar o que aconteceu quando ouço um pou! alto e Blake cai da mesa para a laje do galpão. Aconteceu tão rápido que não vi Damon partindo para cima dele pelo lado, nem o ouvi quando escancarou a porta de metal a vários metros.

— Damon! — grito, enquanto ele se joga contra Blake antes que este possa se

levantar, e começa a martelar o rosto dele com os punhos. — PARA! DAMON! MEU DEUS!

Blake leva mais uma série de socos antes que eu me recupere do choque e corra para tentar tirar Damon de cima dele. Subo nas costas de Damon, segurando seus braços pelos pulsos, mas ele está tão concentrado em encher Blake de porrada que me sinto montada em um touro mecânico. Sou jogada longe e bato com força o traseiro e as mãos no concreto.

Blake finalmente se levanta, depois de acertar um bom soco na lateral do rosto de Damon.

— Que porra é essa, cara?! — exclama Blake, cambaleando. Ele esfrega o queixo com uma mão continuamente, como se estivesse tentando recolocá-lo no lugar. O sangue corre do nariz e seu lábio superior está cortado e inchado. Seu sangue parece preto na escuridão.

— Você sabe que porra é essa! — Damon ruge e tenta atacá-lo de novo, mas eu entro no meio dos dois e faço o que posso para segurá-lo. Fico na frente dele e empurro seu peito duro como pedra.

— Para com isso, Damon! A gente só tava conversando! O que deu em você?! — estou gritando tão alto que minha voz parece distorcida.

Eu me viro, mantendo as mãos firmes no peito de Damon, e olho para Blake.

— Desculpa, Blake, eu... eu...

— Não se preocupe — ele desconversa, com uma expressão dura de rejeição. — Eu vou nessa.

Ele se vira e sai pela porta de metal. Um bang! sonoro ecoa pelo ar quando ele a bate atrás de si. Viro para Damon com fogo no olhar e o empurro o mais forte que posso.

— Seu babaca! Não acredito que você fez isso! — estou gritando literalmente a 5 centímetros do rosto dele.

O lábio de Damon se contrai e ele ainda está ofegante da luta. Seus olhos escuros estão arregalados, descontrolados e meio animais. Parte de mim fica desconfiada dele, mas a outra parte, que o conhece há 12 anos, anula essa desconfiança.

— Que ideia é essa de subir com um cara que você acabou de conhecer? Pensei que você fosse mais esperta, Cam, mesmo de cara cheia!

Dou um passo para trás e cruzo os braços, furiosa.

— Tá me chamando de burra? A gente só tava conversando! — grito, e meu cabelo louro cai em volta dos meus olhos. — Sou perfeitamente capaz de diferenciar

os babacas dos caras legais, e no momento eu tô olhando pra um puta dum babaca!

Ele parece ranger os dentes por trás dos lábios apertados.

— Me chama do que quiser, mas eu só tava te protegendo — ele diz isso com uma calma surpreendente.

— Do quê? — grito. — De uma conversa chata? De um cara que realmente só queria conversar?

Damon sorri com desdém.

— Nenhum cara quer só conversar — afirma, como se fosse especialista no assunto. — Nenhum cara leva uma garota como você pro telhado duma porra de galpão só pra conversar. Mais dez minutos e ele ia botar tua bundinha em cima daquela mesa e fazer o que quisesse com você. Aqui ninguém escutaria teus gritos, Cam.

Engulo um nó na garganta, mas outro se forma em seu lugar. Talvez Damon esteja certo. Talvez eu tenha ficado tão cega com a personalidade sincera e secretamente magoada de Blake, que cai totalmente numa tática na qual nunca pensei. Claro que já imaginei esse tipo de situação e já vi exemplos típicos na TV, mas talvez Blake estivesse tentando outra coisa comigo... Não, não acredito. Ele me jogaria sobre a mesa de jardim se eu pedisse, mas meu coração diz que ele não faria isso.

Viro as costas para Damon, não quero que ele veja no meu rosto qualquer sinal que possa revelar que por um segundo acreditei nele. Estou puta da vida com o modo como ele interferiu, mas não posso odiá-lo para sempre, porque o cara estava realmente apenas tentando cuidar de mim. Com uma overdose de testosterona de macho alfa, sem dúvida, mas mesmo assim tentando cuidar de mim.

— Cam, olha pra mim, por favor.

Espero mais alguns segundos em desafio antes de me virar, com os braços ainda cruzados.

Damon me olha com uma expressão mais suave do que antes.

— Desculpa, é que... — ele suspira e olha para o lado, como se não conseguisse dizer o que está para dizer enquanto me olha — ... Camryn, não aguento imaginar você com outro cara.

Sinto como se alguém tivesse me dado um soco no estômago. Até um gemido estranho sai da minha garganta e eu arregalo os olhos.

Olho nervosamente para a porta de metal e depois para ele de novo.

— Cadê a Natalie? — Preciso apagar completamente esse assunto. O que foi que ele acabou de dizer? Não, não pode ser o que pareceu. Acho que entendi errado. É

isso, fiquei alta de novo e não estou raciocinando direito.

Damon se aproxima de mim e segura meus cotovelos com as duas mãos. Sinto instantaneamente a necessidade de me afastar dele, mas fico parada no lugar, quase incapaz de mover qualquer coisa além dos olhos.

— É sério — ele insiste, baixando a voz para um sussurro desesperado. — Quero você desde o ginásio.

Aí está o soco no estômago de novo.

Finalmente, consigo me afastar.

— Não. Não. — Balanço a cabeça de um lado para outro, tentando entender tudo isso.

— Você tá bêbado, Damon? Ou chapado? Você tá com algum problema. — Descruzo os braços e levanto as mãos. — A gente precisa achar a Natalie. Não vou contar nada disso pra ela porque você não vai lembrar amanhã, mas a gente precisa ir mesmo. Agora.

Começo a andar na direção da porta de metal, agora fechada, mas sinto a mão de Damon se fechando em volta do meu bíceps e me forçando a virar. Perco o fôlego, e aquela desconfiança que senti antes volta com tudo, distorcendo completamente todos os anos em que o conheci e confiei nele. Damon me olha com uma expressão mais animalésca do que antes, mas também consegue reter certa suavidade perturbadora no olhar.

— Não tô bêbado, e não cheiro desde a semana passada.

O fato de ele cheirar qualquer quantidade de pó é mais do que suficiente para impossibilitar que eu me sinta atraída por ele, mas Damon sempre foi um dos meus melhores amigos, e por isso sempre relevei seu uso de drogas. Mas o cara está dizendo a verdade agora, e sei disso justamente porque ele é meu amigo há tanto tempo.

Pela primeira vez, desejo que ele estivesse chapado, porque aí poderíamos esquecer que isso aconteceu.

Olho para os dedos apertando o meu braço, e finalmente noto a força com que ele o está apertando, e isso me assusta.

— Solta o meu braço, Damon, por favor.

Em vez de soltar, sinto os dedos dele apertando ainda mais e tento me desvencilhar.

Damon me puxa e, antes que eu possa reagir, esmaga minha boca com a dele, segurando minha nuca com a outra mão, forçando minha cabeça. Ele tenta enfiar a língua na minha boca, mas consigo me afastar o suficiente para dar uma cabeçada

nele.

Damon fica tonto — e eu também — e instintivamente me solta.

— Cam! Espera! — Eu o ouço gritar enquanto corro e abro a porta de metal.

Escuto os passos furiosos me perseguindo quando Damon desce correndo pela barulhenta escada de metal, mas consigo me livrar dele ao entrar no elevador, fechando a porta pantográfica e apertando com força o botão TÉRREO. O mesmo ogro que nos recebeu na entrada está na porta quando saio, e preciso empurrá-lo um pouco para o lado para conseguir passar.

— Calma, gatinha! — ele grita, enquanto corro pela calçada e me afasto do galpão.

Eu ando até um posto da Shell e chamo um táxi para vir me buscar.

MEU CELULAR ME acorda na manhã seguinte. Eu o ouço vibrando no criado-mudo ao lado da minha cabeça. NATALIE aparece escrito em negrito na tela, e o rosto dela me encara com os olhos arregalados e um sorrisão cheio de dentes. Essa imagem me acorda completamente e eu me levanto, entrevada, e fico segurando o celular, deixando-o vibrar na palma da mão por mais alguns segundos, antes de finalmente criar coragem para atender.

— Aonde você foi? — sua voz grita no meu ouvido. — Meu Deus, Cam, você sumiu e eu surtei e Damon sumiu por um tempo também e aí ele voltou e eu vi Blake indo embora uma hora com sangue pela cara toda e aí comecei a entender o que você falou sobre Damon estar putó... — Ela finalmente respira. — E fiquei me perguntando o que eu tinha feito ou falado ou se foi por causa daquele lance no restaurante semana passada, mas ele só me ignorou e falou que era hora de ir embora e eu...

— Natalie — interrompo, zozna com todas aquelas frases emendadas —, dá pra você se acalmar um pouco?

Tiro o cobertor de cima de mim e saio da cama ainda com o celular no ouvido. Sei que preciso contar o que Damon fez. Preciso. Não só ela nunca iria me perdoar depois, quando descobrisse, mas eu também nunca iria me perdoar. Se a situação se invertesse, eu ia querer que ela me contasse.

Mas não por telefone. Isso requer uma discussão cara a cara.

— Pode tomar café comigo daqui a uma hora?

Silêncio.

— Hã, sim, claro. Você tá bem mesmo? Fiquei tão preocupada. Achei que você tivesse sido sequestrada ou algo assim.

— Natalie, sim, tô... — eu não tô nada bem — sim, tô bem, tá? Me encontra daqui a uma hora e, por favor, vem sozinha.

— Damon tá apagado na casa dele — ela conta, e percebo o sorriso em sua voz. — Menina, ontem ele fez coisas comigo que eu nem imaginava que ele fosse capaz.

Estremeço com as palavras dela. É como se elas estivessem gritando comigo do outro lado da ligação, mas preciso fingir que são apenas palavras.

— Tipo, mas nem consegui pensar em sexo até saber que você tava bem. Você não atendia o celular, então liguei pra tua mãe umas três da manhã e ela falou que você tava na cama, dormindo. Eu ainda tava preocupada porque você sumiu e...

— Uma hora — interrompo, antes que ela comece a divagar novamente.

Desligamos, e a primeira coisa que faço é verificar as chamadas perdidas no

celular.

Seis eram de Natalie, as outras nove eram de Damon. Mas só Natalie deixou recados na caixa postal. Acho que Damon não quis deixar nenhuma prova comprometedora.

Não que eu precise de provas. Natalie e eu somos melhores amigas desde que a vadia roubou minha Barbie Veludo Legal numa festa do pijama.

Estou bem agitada quando Natalie aparece, e já tomei mais da metade do meu latte. Ela desaba na cadeira vazia. Preferia que Nat não estivesse tão sorridente; isso só vai tornar tudo mais difícil.

— Você tá com uma cara horrível, Cam.

— Eu sei.

Ela pisca, surpresa.

— Quê? Cadê o seu famoso “obrigada” sarcástico, acompanhado do famoso revirar de olhos?

Por favor, pare de sorrir, Nat. Por favor, leve meu estranho comportamento
NÃO

sorridente a sério ao menos uma vez e me olhe séria.

Claro que ela não faz isso.

— Olha, vou direto ao assunto, tá?

Pronto: finalmente o sorriso começa a desaparecer.

Engulo em seco e respiro fundo. Meu Deus, não acredito que isso aconteceu! Se fosse um cara qualquer com quem ela estivesse saindo durante uma de suas breves separações de Damon, não seria tão difícil. Mas é Damon, o cara que ela namora há cinco anos, para cujos braços sempre corre depois de uma separação ou uma briga. Ele é o único cara que ela já amou de verdade.

— Cam, o que tá acontecendo? — Nat pressente a gravidade do que vou contar e posso ver em seus olhos castanhos que já está tentando descobrir se é algo que vai querer ouvir ou não. Acho que ela sabe que tem algo a ver com Damon.

Vejo o nó se mexendo no meio da garganta dela.

— Ontem à noite, eu tava lá no teto com Blake...

Seu rosto preocupado é tomado por sorrisos de repente. É como se ela estivesse agarrando a oportunidade de mascarar a notícia inevitável com algo que ela possa transformar em piada.

Mas eu a detenho antes que ela tenha a chance de fazer um comentário.

— Só me escuta um momento, tá?

Finalmente consegui que ela entendesse. O espírito brincalhão natural que sempre transpira do seu rosto sumiu completamente.

Eu continuo:

— Damon achou que Blake tinha me levado pro teto pra se aproveitar de mim. Ele apareceu lá e partiu pra cima de Blake; encheu o coitado de porrada. Blake foi embora obviamente puto da vida, e aí ficamos só eu e Damon. Sozinhos.

Os olhos de Natalie já estão traindo seus temores. É como se ela soubesse o que vou dizer e estivesse começando a me odiar silenciosamente por isso.

— Damon tentou me agarrar, Nat.

Os olhos dela se estreitam.

— Ele me beijou e veio com uma conversa de que tá a fim de mim desde o ginásio.

Posso perceber que o coração dela acelerou só pela respiração curta e rápida.

— Eu quis te contar...

— Você é uma vaca mentirosa.

Sinto que levei outro soco no estômago, só que desta vez fico completamente sem fôlego.

Natalie se levanta bruscamente da cadeira, joga a bolsa no ombro e me olha com aqueles olhos escuros e ferozes emoldurados pelo cabelo também escuro.

Ainda não consigo me mexer, atordoada pelo que ela disse.

— Você tá a fim de Damon desde que comecei a namorar com ele — ela acusa entre os dentes. — Acha que não percebi, nesses anos todos, o jeito que você olha pra ele? — Sua boca se estende numa linha dura. — Puta merda, Camryn, você tá sempre tomando as dores dele, me enchendo o saco quando falo de outros caras na brincadeira. — Ela começa a agitar as mãos e me imitar com uma voz exagerada, nasal: — Você tem namorado, Nat! Não esquece o Damon, Nat! Você devia pensar no Damon! — Ela bate com as mãos abertas na mesa, que balança precariamente antes de parar. Nem me mexo para segurar meu copo, mas ele não cai. — Fica longe de mim e de Damon também. — Ela põe o dedo na minha cara. — Ou juro por Deus que parto tua cara.

Ela sai andando pelas portas altas de vidro, e o toque da sineta no alto delas ecoa pelo ambiente.

Quando finalmente me recupero do choque, noto que três clientes estão me olhando de suas mesas. Até a barista, atrás do balcão, desvia o olhar quando me viro

para ela.

Baixo os olhos para a mesa, vendo o desenho dos veios da madeira se agitar na minha visão desfocada. Apoio a cabeça nas mãos e fico sentada ali um tempão.

Por duas vezes começo a ligar para Nat, mas me obrigo a parar e deixar o celular na mesa.

Como isso aconteceu? Anos de amizade inseparável — eu limpei o vômito dessa garota quando ela teve intoxicação alimentar, meu Deus do céu! — e ela me descarta como pizza da semana passada. Ela só está magoada, tento dizer a mim mesma. Está em estado de negação agora, e preciso dar um tempo para que ela aceite a verdade. Ela vai se tocar, terminar com aquele idiota, pedir desculpas pra mim e me arrastar de novo pro Underground pra nós duas conhecermos gente nova. Mas não acredito de verdade em nada do que estou dizendo, ou melhor, minha parte menos racional e mais magoada não me deixa ver nada além da raiva.

Um cliente passa por mim, um homem alto e mais velho de terno amassado, e me olha de soslaio antes de sair. Me sinto totalmente humilhada. Levanto a cabeça e vejo os mesmos pares de olhos de antes me observando e imediatamente se desviando. Sinto que estão com pena de mim. E eu odeio que sintam pena de mim.

Pego minha bolsa do chão, fico de pé, jogo a alça no ombro de qualquer jeito e me precipito para fora quase tão indignada quanto Natalie.

Já passou uma semana e não ouvi uma só palavra de Natalie. Acabei desmoronando e tentando ligar para ela — várias vezes —, mas sempre caiu na caixa postal. E da última vez que liguei, ela tinha mudado a saudação para: Olá, Nat falando. Se você for meu amigo — amigo de verdade — deixe recado que eu ligo de volta, caso contrário, nem se dê ao trabalho. Eu queria entrar pelo telefone e socar a cara dela, mas me contentei em jogar o celular longe. Por sorte comprei uma capinha protetora, senão uma hora dessas eu estaria na loja da Apple, desembolsando mais duzentos paus por um novo.

Até me desesperei e tentei ligar para Damon. Ele é a última pessoa do mundo com quem quero falar, mas o único que tem a chave da minha amizade com Natalie. É triste, mas parece que é a verdade. Não sei onde eu estava com a cabeça: será que achei que ele ia se entregar e contar a verdade pra ela? É. Até parece.

Por isso, parei de ligar. Passei a evitar nosso café favorito de propósito e a me contentar com a bosta da loja de conveniência mais próxima, e desviei 3 quilômetros do caminho quando fui à entrevista de emprego na Dillard's, só para não passar em frente ao apartamento de Natalie.

Consegui o emprego. Cargo de auxiliar da gerência — minha mãe me recomendou; ela é muito amiga da sra. Phillips, a mulher que me contratou —, mas estou tão empolgada em trabalhar numa loja de departamentos quanto em tomar

esse café merdástico toda manhã.

É aí que me cai a ficha, enquanto estou sentada à mesa da cozinha vendo minha mãe fuçando na geladeira com seu cabelo louro oxigenado: não vou mais sair de casa para morar com minha melhor amiga. Vou ter que procurar um apartamento e me virar sozinha, ou então ficar um pouco mais com minha mãe, até Natalie cair na real. O que pode não acontecer nunca. Ou demorar tanto que, quando ela me procurar, não vou mais perdoar e vou mandá-la praquela lugar.

Tudo ao meu redor parece estar balançando.

— Vou sair com Roger hoje à noite — minha mãe avisa, por trás da porta da geladeira.

Ela se endireita e olha de lado para mim, usando sombra demais nos olhos. — Você conhece Roger, não?

— Conheço, sim. — Na verdade, ainda não o conheço, ou talvez conheça, mas estou confundindo o nome dele com os últimos cinco caras com quem ela saiu no último mês.

Ela se inscreveu num daqueles negócios esquisitos de encontros rápidos. E ela é rápida mesmo pra marcar encontros, então acho que no caso dela o termo é adequado.

— Ele é legal. É a terceira vez que saio com ele.

Forço um sorriso. Quero que minha mãe seja feliz, mesmo que isso signifique ela se casar de novo, que é uma coisa que me mata de medo. Adoro meu pai — sou uma filhinha de papai —, mas o que ele fez com minha mãe foi imperdoável. Desde o divórcio, quatro meses atrás, minha mãe virou essa estranha que só conheço pela metade. É como se ela tivesse puxado uma gaveta que ficou trancada por trinta anos e vestido a personalidade que ela tinha antes de conhecer meu pai e ter filhos. Só que essa personalidade não cabe mais, e ela luta todo dia para fazer caber.

— Ele já está falando em me levar num cruzeiro. — Seu rosto se ilumina só de pensar nisso.

Eu fecho o meu laptop.

— Você não acha que três encontros é um pouco cedo pra pensar num cruzeiro?

Ela franze os lábios e afasta a ideia com um gesto.

— Não, querida, está tudo certo. Ele tem muito dinheiro, então pra ele é normal, como sair pra jantar.

Desvio o olhar e mordo a borda do sanduíche que fiz, embora esteja sem fome nenhuma.

Mamãe perambula pela cozinha, fingindo fazer limpeza. Normalmente, uma

faxineira vem às quartas, mas quando um homem vai passar aqui em casa, ela acha que esfregar um pano de prato no balcão e borrar um purificador de ar é fazer faxina.

— Não se esqueça do sábado — ela diz, enquanto começa a encher a lava-louças, o que me surpreende.

— Tá, mãe, eu sei. — Suspiro e balanço a cabeça. — Mas bem que eu gostaria de não ir desta vez.

Suas costas se endireitam e ela olha para mim.

— Querida, você prometeu que iria — diz, em tom de desespero, tamborilando nervosamente com as unhas no balcão. — Você sabe que não gosto de entrar naquela cadeia sozinha.

— É uma prisão, mãe. — Arranco distraidamente pedacinhos de casca de pão e ponho no prato. — E eles não vão te pegar; estão todos trancados, que nem o Cole. E a culpa é toda deles.

Minha mãe baixa os olhos e uma bola escaldante de culpa se forma no meu estômago.

Suspiro profundamente.

— Desculpa. Eu não quis dizer isso.

Eu quis dizer exatamente isso, só não queria ter falado alto e para ela, porque minha mãe fica magoada sempre que falo do meu irmão mais velho, Cole, e de sua sentença de cinco anos por ter matado um sujeito ao dirigir bêbado. Isso aconteceu meros seis meses depois que Ian morreu num acidente de carro.

Sinto que estou perdendo todo mundo...

Me levanto da mesa e fico diante do balcão, e ela continua enchendo a lava-louças.

— Eu vou com você, tá?

Ela força um sorriso ainda coberto por uma fina camada de mágoa e balança a cabeça.

— Obrigada, querida.

Fico triste por ela. Parte meu coração saber que meu pai a traiu depois de 22 anos de casamento.

Mas todos podíamos prever isso.

E pensar que meus pais tentaram me afastar de Ian quando resolvi, aos 16 anos, contar a minha mãe que estávamos apaixonados.

Os pais têm essa noção distorcida de que pessoas com menos de 20 anos simplesmente não têm como saber o que é o amor, como se a idade para amar fosse

determinada da mesma forma que a lei determina a idade para beber. Eles acham que o “crescimento emocional” da mente de um adolescente é subdesenvolvido demais para entender o amor, para saber se ele é “real” ou não.

O que é uma burrice total.

A verdade é que os adultos amam de formas diferentes, não da única forma certa. Eu amava Ian no presente, no modo como ele olhava para mim, como me dava frio na barriga, como segurou meus cabelos enquanto eu vomitava os bofes depois de comer enchilada estragada.

Isso é amor.

Adoro meus pais, mas, muito antes do divórcio, a última vez que minha mãe passou mal, o máximo que meu pai fez foi levar o sal de frutas pra ela e perguntar onde estava o controle remoto enquanto saía do banheiro.

Sei lá.

Acho que meus pais me estragaram de verdade em algum momento, pois por mais que eles sejam bons para mim e eu os ame, mesmo assim cresci apavorada com a possibilidade de acabar como eles: infeliz, fingindo levar uma vida maravilhosa com dois filhos, um cachorro e uma casa com uma cerquinha branca. Mas eu sabia que na verdade eles dormiam de costas um para o outro. Sabia que minha mãe pensava muito em como sua vida teria sido se ela tivesse dado mais uma chance para aquele garoto do colégio que a “amava” em segredo (li o diário de menina dela. Sei tudo sobre ele). Eu sei que meu pai — antes de trair mamãe com ela — pensava muito em Rosanne Hartman, seu par no baile de formatura (e seu primeiro amor), que continua morando em Wiltshire.

Se tem alguém iludido sobre como o amor funciona, sobre a sensação de amar de verdade, é a maioria da população adulta.

Ian e eu não fizemos sexo naquela noite em que ele tirou minha virgindade; nós fizemos amor naquela noite. Nunca pensei que eu fosse dizer essas duas palavras juntas: “fazer amor”, porque sempre me pareceram piegas, como uma frase só para adultos. Eu torcia o nariz quando ouvia alguém dizer isso, ou quando aquele cara cantava *Feel Like Makin’ Love*, do Bad Company, no som do carro do meu pai todo dia de manhã, na rádio do rock clássico.

Mas posso dizer isso, porque foi exatamente o que aconteceu.

E foi mágico e maravilhoso e assombroso e nada vai se comparar àquele momento.

Jamais.

Acabei indo com a minha mãe visitar Cole na prisão no sábado. Mas não falei muito, como de costume, e Cole também me ignorou. Ele não faz isso para ser

antipático, mas porque é como se tivesse medo de falar comigo porque sabe que ainda estou puta e magoada e decepcionada com o que ele fez. Não foi uma única ocorrência que poderia ser classificada como um “trágico acidente”; Cole já era alcoólatra antes de completar 18

anos. É a ovelha negra da família. Desde criança foi um marginalzinho que vivia passando temporadas em centros de detenção para jovens, e deixava meus pais doentes de preocupação quando sumia semanas a fio para fazer o que lhe desse na telha. Sempre pensou só em si mesmo.

Comecei no meu emprego de auxiliar da gerência na segunda-feira seguinte. Fico grata por ter um emprego, porque não quero viver do dinheiro do meu pai o resto da vida, mas parada ali, usando um lindo terninho preto com camisa branca e salto alto, me senti completamente um peixe fora d'água. Não necessariamente por causa da roupa, mas... meu lugar não é ali. Não sei explicar, mas naquela segunda e pelo resto da semana, quando eu acordava, me vestia e entrava naquela loja, algo estava formigando no fundo da minha mente. Eu não conseguia ouvir as palavras exatas, mas aquilo parecia dizer: Esta é a sua vida, Camryn Bennett. Esta é a sua vida.

E eu olhava para os clientes que passavam e só via coisas negativas: narizes empinados, carregando bolsas caras, comprando produtos inúteis.

Foi então que percebi que tudo o que eu fizesse daquele momento em diante produziria o mesmo resultado:

Esta é a sua vida, Camryn Bennett. Esta é a sua vida.

O DIA EM que tudo mudou foi ontem.

Aquele formigamento no cérebro me forçou a me levantar. E eu me levantei. Mandou que eu calçasse os sapatos, arrumasse uma pequena mala esportiva com o indispensável e pegasse a minha bolsa. E eu fiz tudo isso.

Não havia lógica nem senso de propósito algum, a não ser saber que eu precisava fazer alguma coisa diferente do que estava fazendo, ou não conseguiria sobreviver. Ou acabaria como meus pais.

Sempre achei que a depressão fosse algo supervalorizado, pelo modo como as pessoas usam essa palavra a toda hora (como aquele palavrão que começa com A que eu nunca mais vou dizer pra nenhum cara enquanto eu viver). Quando eu estava no colégio, as meninas muitas vezes comentavam que estavam “deprimidas” e que a mãe as levava para um analista para tomar remédios, e aí elas se reuniam para experimentar os comprimidos umas das outras. Depressão, para mim, significava três palavras: tristeza, tristeza e tristeza. Eu via aqueles comerciais idiotas com figuras de desenho animado se arrastando com uma nuvenzinha preta sempre chovendo na cabeça e pensava como as pessoas exageravam com esse lance de depressão. Eu sinto pena das pessoas. Sempre senti. Jamais gostei de ver alguém sofrendo, mas admito que quando alguém falava em depressão, eu revirava os olhos e ia cuidar da minha vida.

Mal sabia eu que a depressão é uma doença grave.

Aquelas garotas na escola não faziam ideia do que realmente significa estar deprimida.

Não é só questão de tristeza. Na verdade, a tristeza tem bem pouco a ver. Depressão é dor em sua forma mais pura, e eu faria qualquer coisa para conseguir sentir alguma emoção de novo. Qualquer emoção. A dor machuca, mas com uma dor tão poderosa que você não consegue sentir mais nada, é aí que você começa a achar que está enlouquecendo.

Me incomoda imensamente perceber que a última vez que chorei de verdade foi naquele dia na escola, quando fiquei sabendo que Ian tinha morrido no acidente. Foi nos braços de Damon que chorei. Damon, logo ele.

Mas aquela foi a última vez que derramei uma lágrima, e foi há pouco mais de um ano.

Depois disso, simplesmente não consegui mais. Nem com o divórcio dos meus pais, nem quando Cole foi condenado, nem quando Damon mostrou sua verdadeira face, nem quando Natalie me apunhalou pelas costas. Fico pensando que qualquer dia desses vou desabar e chorar até encharcar o meu travesseiro. Eu deveria estar vomitando de tanto chorar.

Mas esse dia nunca chega e eu continuo sem sentir nada.

A não ser essa vontade de me libertar de tudo. Esse formigamento que, embora vago e fraco, me impele a obedecer. Não sei por que, não sei explicar, mas ele está lá e não consigo deixar de dar ouvidos a ele.

Passei a maior parte da noite na rodoviária, sentada ali, esperando que o formigamento me dissesse o que fazer.

E então fui até a bilheteria.

— Pois não? — a mulher perguntou com voz neutra.

Pensei por um segundo e falei:

— Tô indo ver minha irmã em Idaho, porque ela acaba de ter um bebê.

Ela olhou para mim, meio sem jeito, e admito que também fiquei sem jeito. Não tenho irmã e nunca estive em Idaho, mas foi a primeira mentira que me veio à mente. E ela estava comendo uma batata assada. A batata estava lá, atrás do balcão, num pratinho engordurado e cheio de molho tártaro. Portanto, naturalmente, Idaho, a famosa terra das batatas, foi o primeiro estado em que pensei. Tanto faz aonde eu decida ir, na verdade, porque simplesmente não me importa.

Pensei: quando eu chegar em Idaho, vou comprar outra passagem pra algum outro lugar. Talvez eu vá pra Califórnia. Ou Washington. Ou talvez eu vá pro sul ver como é o Texas. Sempre imaginei o Texas como uma imensa paisagem de poeira, bares de beira da estrada e chapéus de caubói. E as pessoas no Texas são supostamente meio fodonas ou algo do tipo. Talvez me pisoteiem com suas botas de caubói.

Eu nem vou sentir. Não sinto mais nada, lembra?

Isso tudo foi ontem, quando decidi simplesmente levantar e sair andando, me libertar de tudo. Sempre quis fazer isso, me libertar, mas nunca imaginei que aconteceria assim.

Ian e eu, antes que ele morresse, planejamos nossa vida de forma fora do convencional.

Queríamos passar longe de qualquer caminho previsível, qualquer rota que nos transformasse nos mesmos robôs da sociedade que acordam na mesma hora toda manhã e repetem o dia de ontem. Queríamos viajar como mochileiros pelo mundo — por isso falei dessa ideia com Natalie naquele dia no café. Talvez parte de mim esperasse que ela tivesse a mesma paixão que Ian e eu tínhamos, e aí ela iria comigo, mas como tudo o mais na minha vida, as coisas não aconteceram exatamente como eu esperava.

— Posso sentar aqui? — uma senhora pergunta, de pé no corredor do ônibus, com uma bolsa verde-limão apertada contra o peito.

— Claro, à vontade — respondo, sorrindo fracamente. Não estou com vontade nenhuma de sorrir, mas a última coisa que quero é lhe dar um motivo para achar que sou uma jovem alma perturbada precisando de uma boa dose de conselhos de velhinha.

Ela se espreme na poltrona ao lado da minha, depois de guardar sua mala de viagem no compartimento superior. É meio gordinha, mas não é desajeitada. E cheira bem.

— Você parece jovem — ela diz — Pra onde tá indo?

— Idaho.

— É mesmo? — Ela sorri para mim, revelando rugas profundas em volta da boca. — Deve ser pra visitar parentes, acho que ninguém vai passar férias lá.

— É. Vou visitar minha irmã.

Ela meio que faz um bico, balançando a cabeça, como se estivesse arquivando minhas respostas. Então começa a procurar alguma coisa na bolsa.

Olho pela janela alta de acrílico ao meu lado e vejo os passageiros entrando e saindo dos outros ônibus. É meio-dia, e estou em Memphis no momento. Dormi a maior parte do caminho à noite — bem, tentei dormir, mas só conseguia tirar umas sonecas até que uma lombada ou a dor no pescoço e nas costas me acordassem do sono cheio de câibras.

Nunca estive em Memphis, mas devo dizer que esta rodoviária me deixa nervosa. Vi umas pessoas bem mal-encaradas andando por aí.

— Bem, eu tô indo pra Montana — a mulher diz, pondo um comprimidinho branco na boca. — Normalmente vou de trem, mas decidi mudar o caminho desta vez. Ver umas paisagens novas.

— A senhora deve viajar bastante — comento, olhando para ela.

— Não muito — ela responde. — Só uma vez por ano pra visitar minha mãe. Ela tem 98 anos.

— Uau.

— É, a mulher é teimosa feito um touro. Já teve câncer cinco vezes e continua viva.

Ganha dele toda vez.

Sorriso para ela com simpatia.

— Mas, se você não se incomodar — ela muda de assunto, afundando na poltrona e encostando a cabeça —, preciso tirar uma soneca bem demorada. Não preguei o olho no último ônibus, o motorista ficava costurando na estrada. — Ela aponta para

cima. — Toma cuidado nesses ônibus. Você encontra tudo quanto é tipo de gente esquisita, e os motoristas normalmente estão com o sono atrasado. Precisa ficar de olho, ajudá-los a não pegar no sono conversando com eles, senão você pode ir parar na beira da estrada, de cabeça pra baixo num monte de ferragens.

Por que ela tinha que dizer isso? Empurro para trás a lembrança do acidente de Ian, estranhamente parecido com as palavras dela, e apenas balanço a cabeça.

Ela fecha os olhos, mas aí volta a abrir e me olha mais uma vez.

— Mas na verdade é com as pessoas que você precisa tomar cuidado. Nunca sabe quem vai encontrar ou o que o velho sr. Destino preparou pra você.

— Vou me lembrar disso — garanto. — Obrigada.

O Tennessee passa pela minha janela num borrão. A noite cai e acabo pegando no sono também. Não tenho nenhum sonho; não sonho mais desde que Ian morreu, mas provavelmente é melhor assim. Os sonhos poderiam me causar alguma emoção, e eu parei com a emoção. Estou começando a me acostumar com essa sensação de não ligar para coisa alguma. À parte alguns habitantes mal-encarados de rodoviária, não tenho mais medo de praticamente nada. Acho que quando você não está nem aí pra nada, o medo meio que perde as porras das garras.

Eu também não costumava falar tanto palavrão antes.

A velhinha e eu nos separamos em St. Louis e sigo viagem até o Kansas com as duas poltronas só para mim, finalmente conseguindo deitar atravessada nas duas, em vez de sentada, com a cara amassada na janela.

Tudo é muito igual. De casa até o Missouri, parece que as únicas coisas que mudam são as placas dos carros e as placas dando boas-vindas aos viajantes a cada estado, mas depois que você passa por elas, é só mais árvores e mais estrada. Em cada estado, sempre tem um carro enguiçado no acostamento. Sempre tem alguém pedindo carona e um cara de regata carregando um galão de gasolina da sua picape até a saída mais próxima, onde todos os postos de combustível e lanchonetes se aglomeram. E sempre, sempre tem um sapato solitário no acostamento em algum lugar. Não sei como é que esses sapatos vão parar na estrada. Você nunca vê uma calça ou uma camisa, e só de vez em quando alguma coisa como um chapéu ou um par de óculos. Só os sapatos solitários. Qual é a desses sapatos?

Uma viagem de ônibus é como estar em outro mundo.

Todo mundo sabe, quando embarca, que vai passar um bom tempo ali. Bastante tempo. O ônibus é apertado. Normalmente, as pessoas estão tão amontoadas que você consegue sentir todas as colônias e desodorantes e os vários tipos de sabão em pó e amaciante que as pessoas usam. E, infelizmente, também consegue sentir o cheiro das pessoas que não usam nenhuma colônia ou desodorante, e cujas roupas já estão precisando de uma lavagem há vários dias.

Até agora, a viagem não tem sido tão ruim. Só me incomoda quando preciso compartilhar o espaço com alguém.

Há uma espera de duas horas pelo meu próximo ônibus, por isso abro caminho pela rodoviária semilotada no Kansas, procurando um lugar para sentar não muito perto de ninguém. Todas as rodoviárias têm o mesmo cheiro, sobretudo de combustível, que está começando a me deixar um pouco enjoada. Eu me mexo no assento de plástico duro, tentando ficar confortável, mas é impossível. Há alguns telefones públicos ali perto e eu penso por um momento em como os telefones públicos ficaram obsoletos hoje em dia.

Instintivamente, procuro meu celular dentro da bolsa, só para me certificar de que está ali.

As duas horas se arrastam interminavelmente, e quando meu próximo ônibus afinal encosta na rodoviária, estou no primeiro grupinho de pessoas que se levantam e formam fila. Pelo menos as poltronas do ônibus são estofadas e vou poder ter um pouco de conforto de novo.

O motorista, vestido de azul-marinho e cinza-escuro do pescoço para baixo, pega minha passagem e rasga o canhoto, me devolvendo a outra parte. Eu a guardo bem dentro da mala e subo no ônibus, procurando dos dois lados para achar a poltrona que parece a certa. Escolho uma na janelinha, perto dos fundos, e instantaneamente me sinto melhor quando meu corpo se acomoda no conforto do estofamento. Suspiro e seguro a mala perto da barriga, cruzando os braços sobre ela. Mais ou menos dez minutos depois, o motorista decide que todos os passageiros daquele trecho já embarcaram. Desta vez são poucas pessoas e, graças a Deus, nada de crianças gritando ou casais sem noção que não entendem como aquele rala-rala de línguas é nojento para os outros. Nada errado em se beijar em público — Ian e eu fazíamos isso sempre —, mas quando a coisa está perto de virar um filme pornô, aí é um pouco demais.

O motorista começa a fechar as portas, mas aí puxa a alavanca de volta e elas rangem, se abrindo novamente. Um cara entra carregando uma mochila preta no ombro.

Alto, cabelo castanho curto e estiloso, usando uma camiseta azul-marinho colada ao corpo e um sorriso meio torto que pode ser genuinamente gentil ou só de autoconfiança.

— Obrigado — ele diz para o motorista, daquele jeito tranquilo.

Embora haja muitos lugares vazios para ele escolher, faço questão de deixar minha mala na poltrona ao lado da minha, só para o caso de ele decidir que aquela é a certa para ele. Não é muito provável, eu sei, mas sou uma garota precavida. As portas rangem se fechando de novo enquanto o cara anda pelo corredor e se aproxima de mim. Olho para a revista que encontrei na rodoviária e começo a ler

uma matéria sobre Brad e Angelina.

Suspiro aliviada quando ele passa reto e ocupa o par de poltronas vazias atrás de mim.

Até que enfim, um ônibus meio vazio onde talvez eu possa dormir profundamente. Isso é tudo o que eu quero. Quanto mais tempo fico acordada, mais penso em todas as coisas nas quais não quero pensar. Não sei o que estou fazendo ou aonde estou indo, mas sei que quero fazer seja lá o que for de verdade, e quero chegar logo.

Pego no sono depois de uma hora olhando pela janela.

A música abafada vindo de fones de ouvido no último volume atrás de mim me acorda, depois que já escureceu.

Primeiro fico parada ali, esperando que talvez ele veja o alto da minha cabeça completamente acordada por cima do encosto da poltrona e decida abaixar o volume.

Mas ele não faz isso.

Eu me curvo para a frente, esfregando um músculo do pescoço, dolorido por ter dormido em cima do braço, e então me viro para olhar para o cara. Ele está dormindo?

Como alguém pode dormir com música tão alta nos ouvidos? O ônibus está um breu, exceto pelos poucos facho das luzes de leitura acima das poltronas, iluminando livros e revistas, e as luzinhas verdes e azuis lá na frente, no painel do motorista. O sujeito sentado atrás de mim está mergulhado na escuridão, mas consigo ver um lado do rosto dele à luz do luar.

Fico olhando para ele por um segundo, e então me ajoelho na poltrona e me debruço por cima do encosto, esticando o braço e batendo na perna dele.

Ele não se mexe. Bato mais forte. Ele se espreguiça e abre lentamente os olhos, me vendo com a barriga apoiada no encosto da poltrona.

Ele tira os fones dos ouvidos, deixando a música fluir dos pequenos alto-falantes.

— Dá pra abaixar isso um pouco?

— Você tava ouvindo? — ele pergunta.

Levanto uma sobrancelha e digo:

— Hãã, sim, tá alto pra caramba.

Ele dá de ombros, mexe no botão do volume do MP3 e a música desaparece.

— Obrigada — digo, e deslizo de volta para a minha poltrona.

Não me deito de lado nas poltronas em posição fetal desta vez, mas encosto na

lateral do ônibus e apoio a cabeça na janela. Cruzo os braços e fecho os olhos.

— Ei.

Abro os olhos, mas não mexo a cabeça.

— Você já tá dormindo?

Desencosto a cabeça da janela e vejo que o sujeito está debruçado em cima de mim.

— Eu literalmente acabei de fechar os olhos — comento. — Como poderia já estar dormindo?

— Bom, sei lá — ele cochicha. — Meu avô conseguia dormir dois segundos depois que fechava os olhos.

— Seu avô era narcoléptico?

Uma pausa.

— Que eu saiba, não.

Uau, que saia justa.

— O que é que você quer? — pergunto, falando baixinho como ele.

— Nada — ele diz, sorrindo. — Só queria saber se você já tava dormindo.

— Pra quê?

— Pra poder aumentar o volume de novo.

Penso nisso por um segundo, descruzo os braços e me endireito na poltrona, me virando para olhá-lo.

— Você quer esperar que eu durma pra poder aumentar o volume e me acordar outra vez? — Estou achando difícil de entender.

Ele abre um sorriso torto.

— Você dormiu três horas assim e não acordou — ele explica. — Então acho que não foi a música que te acordou, deve ter sido outra coisa.

Minhas sobrancelhas se juntam.

— Não, hãã, tenho certeza absoluta que foi a música.

— Tá — ele concorda, escorregando na poltrona e sumindo de vista.

Espero alguns segundos antes de fechar os olhos para ver se mais alguma coisa esquisita vai acontecer, e quando nada acontece, volto a afundar na Terra sem Sonhos.

O SOL BRILHANDO pela janela do ônibus me acorda na manhã seguinte. Ergo o corpo para ver melhor, me perguntando se a paisagem teria mudado, mas não mudou. E então noto a música explodindo dos fones de ouvido atrás de mim. Olho discretamente por cima do encosto, esperando vê-lo dormindo profundamente, mas ele me olha e sorri como quem diz: “Não falei?”

Reviro os olhos e volto a me sentar, puxando a mala para o meu colo e mexendo nela.

Começo a me arrepender de não ter trazido alguma coisa para ocupar a mente. Um livro.

Palavras cruzadas. Qualquer coisa. Suspiro fundo e começo literalmente a girar os polegares. Me pergunto em que parte dos Estados Unidos estamos, se ainda é o Kansas, e concluo que deve ser, porque todos os carros que passam pelo ônibus têm placas do Kansas.

Quando não acho nada interessante para olhar, começo a prestar mais atenção na música atrás de mim.

Isso é...? Ah, você tá de brincadeira.

Feel Like Makin' Love jorra dos fones do cara; consigo identificar a canção pelo solo de guitarra que todos conhecem, mesmo quem não gosta muito do Bad Company. Não odeio rock clássico, mas prefiro coisas mais recentes. Pode tocar Muse, Pink ou The Civil Wars que eu fico feliz.

Levo um baita susto com os fones deslizando pelo encosto da poltrona e praticamente encostando no meu ombro. Meu corpo estremece e faço um gesto como se estivesse espantando um inseto que pousou em cima de mim.

— Que porra...? — digo, olhando para o sujeito debruçado em cima de mim novamente.

— Você parece entediada — ele diz. — Te empresto, se quiser. Pode não ser teu tipo de música, mas vai acabar gostando. Garanto.

Olho para ele fazendo uma tremenda careta. Esse cara tá falando sério?

— Obrigada, mas não — digo, me virando.

— Por que não?

— Bem, pra começar — retruco —, você tá com esse negócio enfiado no ouvido há horas. Que nojo.

— E daí?

— Como assim, e daí? — Acho que estou fazendo uma careta até pior. — Isso

não basta?

Ele abre aquele sorriso torto de novo, e à luz do dia noto que ele forma duas covinhas perto dos cantos dos lábios.

— Bom — ele responde, puxando os fones de volta —, você disse “pra começar”; só achei que podia haver algum outro motivo.

— Uau — exclamo, chocada —, você é inacreditável.

— Obrigado. — Ele sorri e eu vejo seus dentes perfeitos e brancos.

Não falei aquilo como um elogio, mas algo me diz que ele sabe disso.

Volto a fuçar na minha mala, já sabendo que não vou encontrar nada além de roupas, mas é melhor do que lidar com esse maluco.

Ele se joga na poltrona vazia ao meu lado assim que outro passageiro passa a caminho do banheiro.

Fico meio que congelada, com uma mão enfiada na mala, sem me mexer. Mesmo olhando para ele, preciso me recuperar do choque antes de decidir que tipo de esporro quero dar no cara.

Ele mexe em sua mochila e tira um envelope contendo um lenço antisséptico umedecido, abre e desdobra o lencinho. Ele limpa os fones cuidadosamente e os oferece para mim.

— Como novos — anuncia, esperando que eu os aceite.

Como ele realmente parece estar apenas tentando ser simpático, baixo a guarda só um pouco.

— Sério, tô legal. Mas obrigada. — Fico surpresa em ver como superei rápido o lance de ele se sentar ao meu lado sem pedir.

— É melhor não pegar mesmo — ele diz, guardando o MP3 na mochila. — Não curto Justin Bieber nem aquela perua doida que se veste com bifés, então acho que você vai ter que ficar sem.

Tudo bem, já levantei a guarda de novo. Pode vir.

Rosno para ele, cruzando os braços.

— Primeiro, eu não curto Justin Bieber. E segundo, Lady Gaga não é tão ruim. Admito que isso de ficar sempre tentando chocar tá cansando um pouco, mas tem umas coisas dela que eu gosto.

— É música de merda e você sabe — ele afirma, balançando a cabeça.

Pisco duas vezes, só porque estou confusa e não sei o que dizer.

Ele deixa a mochila no chão e afunda na poltrona, apoiando uma bota nas costas

da poltrona da frente, mas as pernas dele são tão compridas que aquilo me parece desconfortável. Suas botas são aquelas estilosas, com jeito de sapatos de operário. Dr.

Martens, acho. Droga. Ian sempre usava botas assim. Desvio o olhar, sem clima para continuar essa conversa tão estranha com essa pessoa tão estranha.

A velhinha que encontrei no Tennessee estava certa.

Ele olha para mim, com a cabeça confortavelmente encostada no tecido áspero da poltrona.

— Bom mesmo é rock clássico — ele continua, sério, e olha para a frente. — Zeppelin, Stones, Journey, Foreigner. — Ele joga a cabeça para o lado para me encarar de novo. — Conhece algum desses?

Eu bufo e reviro os olhos de novo.

— Não sou idiota — digo, mas mudo de tom quando me dou conta de que não me lembro de muitas bandas de rock clássico e não quero fazer papel de idiota depois de dizer tão eloquentemente que não sou. — Eu gosto de... Bad Company.

Um sorrisinho ergue um dos cantos de sua boca.

— Me fala o nome de uma música do Bad Company que eu te deixo em paz.

Agora estou bem nervosa, tentando lembrar qualquer canção do Bad Company além daquela que ele estava ouvindo. Não vou olhar pra cara desse sujeito e dizer as palavras: I Feel Like Makin' Love.1

Ele espera pacientemente, com seu sorriso ainda intacto.

— Ready For Love2 — exclamo, porque só consigo lembrar mais essa.

— Você tá mesmo? — ele pergunta.

— Hã?

O sorriso se abre mais no seu rosto.

— Nada — ele desconversa, desviando o olhar.

Fico vermelha. Não sei por que e não quero saber.

— Olha — digo —, dá licença? Eu meio que tava usando as duas poltronas.

Ele sorri, desta vez sem ar de zombaria nos olhos.

— Claro — ele responde, se levantando. — Mas se quiser meu MP3 emprestado, já sabe onde ele tá.

Sorriso discretamente, aliviada acima de tudo porque ele está voltando para o seu lugar sem protestar.

— Obrigada — digo, grata mesmo assim.

Antes de se sentar, ele se debruça em volta da outra poltrona e diz — Pra onde você tá indo mesmo?

— Idaho.

Seus olhos verdes e brilhantes parecem se iluminar quando ele sorri.

— Bom, eu tô indo pro Wyoming, então, pelo jeito, vamos tomar mais alguns ônibus juntos. — E seu rosto sorridente desaparece atrás de mim.

Ele é atraente, não vou negar. O cabelo curto e espetado, os braços musculosos e as maçãs do rosto esculpidas, as covinhas e o modo como aquela porra de sorriso idiota me faz ficar olhando pra ele mesmo quando não quero. Mas a verdade é que não estou a fim dele nem nada — é só um estranho qualquer num ônibus a caminho do nada. Nem por um decreto eu daria corda a um lance assim. E mesmo se ele não fosse um estranho, mesmo se o conhecesse há seis meses, eu não iria querer. De jeito nenhum. Nunca mais.

A viagem interminável pelo Kansas parece demorar mais do que devia. Acho que nunca pensei muito em como os estados são grandes. Você olha para um mapa, e é só um pedaço de papel com fronteiras de formatos estranhos e linhazinhas tortuosas. Até o Texas parece bem pequeno visto no mapa, e viajar sempre de avião ajuda a alimentar a ilusão de que o estado mais próximo fica só a uma hora de viagem. Mais uma hora e meia e minhas costas e a bunda já estão duras como carne velha. Fico me mexendo na poltrona, tentando achar algum jeito menos dolorido de sentar, mas isso faz espalhar a dor para o resto do corpo.

Estou começando a me arrepender da minha fuga, porque viajar de ônibus é um saco.

Ouçõo do sistema do som do ônibus apitando, e depois a voz do motorista: — Vamos fazer uma parada daqui a cinco minutos — anuncia. — Vocês terão 15

minutos para comer alguma coisa antes de seguirmos viagem. Quinze minutos. Não vou esperar ninguém. Quem não estiver no ônibus no horário vai ficar para trás. — O alto-falante se cala.

O aviso faz todos se mexerem nas poltronas e pegarem suas bolsas e coisas — nada como a perspectiva de esticar as pernas depois de horas num ônibus para acordar todos.

Entramos num grande pátio onde várias carretas estão estacionadas, entre uma loja de conveniência, um lava-rápido e uma lanchonete. Os passageiros ficam de pé no corredor mesmo antes de o ônibus parar. Eu estou entre eles. Minhas costas doem muito.

Saímos do ônibus em fila indiana, e assim que piso lá fora, aprecio a sensação do concreto sob os meus pés e a brisa suave no meu rosto. Não me importa que esta

parada fique no meio do nada, nem que as bombas de gasolina sejam tão antigas que me dão medo de imaginar os banheiros; fico feliz só de estar em qualquer lugar que não seja espremida dentro daquele ônibus. Praticamente deslizo (como uma gazela ferida e sem graça) pelo asfalto do estacionamento até o restaurante. Primeiro uso o banheiro, e depois, quando saio, há várias pessoas à minha frente na fila. Olho para o cardápio, tentando decidir entre uma porção grande de batata frita e um milk-shake de baunilha — nunca fui muito fã de fast-food. E, finalmente, quando saio do restaurante levando um milk-shake de baunilha, vejo o cara do ônibus sentado na grama entre os pátios. Seus joelhos estão dobrados e ele está comendo um hambúrguer. Não olho para ele quando passo perto, mas pelo jeito isso não basta para impedi-lo de me incomodar.

— Mais oito minutos e você vai ter que voltar praquela lata de sardinha — ele comenta. — Vai mesmo passar esse tempo precioso lá dentro?

Paro perto de uma arvorezinha ainda amarrada a uma vareta no chão com uma tira de tecido rosa.

— São só oito minutos — digo. — Não vai fazer tanta diferença.

Ele dá uma mordidona no hambúrguer, mastiga e engole.

— Imagina se você estivesse enterrada viva — ele insiste, tomando um gole de refrigerante. — Não ia levar muito tempo pra morrer sufocada. Se te achassem oito minutos antes, caramba, até um minuto, ainda estaria viva.

— Tá, entendi — admito.

— Não tenho nenhuma doença contagiosa — ele continua, dando outra mordida.

Acho que fui meio babaca mesmo. Claro que de certa forma ele mereceu, mas não está sendo desagradável nem nada, então não há motivo para manter a guarda toda erguida. Prefiro não fazer nenhum inimigo nesta viagem, se eu puder evitar.

— Tanto faz — digo, e me sento na grama na frente dele.

— Por que Idaho? — ele pergunta, embora esteja olhando mais para a sua comida e ao seu redor do que diretamente para mim.

— Vou visitar minha irmã — minto. — Ela acabou de ter um bebê.

Ele balança a cabeça e deglute.

— Por que Wyoming? — pergunto, tentando desviar o assunto de mim.

— Vou visitar meu pai — o cara me conta. — Ele tá morrendo. Tem um tumor inoperável no cérebro. — Ele dá mais uma mordida. O que acabou de me contar não parece perturbá-lo muito.

— Oh...

— Não se preocupe — ele me tranquiliza, desta vez me olhando por um momento. — Todo mundo precisa partir um dia. Meu velho não tá preocupado com isso e falou pra gente também não ficar. — Ele sorri e olha para mim de novo. — Na verdade, ele falou que tira do testamento quem começar com essa merda de chorar.

Tomo um pouco do meu shake de baunilha, só para ocupar a boca e não ter que responder ao que ele está dizendo. Nem sei se eu teria resposta, na verdade.

Ele toma mais um gole.

— Qual o seu nome? — pergunta, deixando o copo sobre a grama.

Fico pensando se devo dizer meu verdadeiro nome.

— Cam — digo, optando pela versão abreviada.

— Só Cam?

Isso eu não esperava.

Hesito, desviando os olhos.

— Camryn — admito. Penso que, com todas as mentiras que vou ter que lembrar, é melhor pelo menos dizer meu nome verdadeiro. É uma informação tão sem importância que não vou precisar ficar me lembrando de ocultar.

— O meu é Andrew. Andrew Parrish.

Balanço a cabeça e sorrio discretamente, nem um pouco a fim de dizer que meu sobrenome é Bennett. Ele vai ter que se contentar só com o primeiro nome.

Enquanto ele termina o hambúrguer e mastiga algumas batatas fritas, eu o estudo disfarçadamente e noto tatuagens aparecendo sob as duas mangas da camiseta. Ele não deve ter mais do que 25 anos, se tanto.

— Então, quantos anos você tem? — Mesmo assim, pareceu uma pergunta pessoal demais. Espero que ele não a interprete como algo que não existe.

— Vinte e cinco — ele diz — E você?

— Vinte.

Ele me olha, pensativo, fica em silêncio e aperta um pouco os lábios.

— Bom, muito prazer, Camryn, apelido Cam, 20 anos, a caminho de Idaho pra ver a irmã que acaba de ter um bebê.

Meus lábios sorriem, mas meu rosto não. Vai levar um tempo antes que eu consiga lhe dirigir um sorriso genuíno. Sorrisos genuínos às vezes passam a impressão errada. Ao menos desse jeito posso ser educada e gentil, mas não educada a ponto de ir parar no porta-malas de um carro com a garganta cortada depois de alguns sorrisões.

— Então você é do Wyoming? — pergunto, tomando mais um gole do meu shake.

Ele balança a cabeça uma vez.

— Sou, nasci lá, mas meus pais se divorciaram quando eu tinha 6 anos e a gente se mudou pro Texas.

Texas. Engraçado. Talvez eu esteja pagando a língua por toda a minha conversa fiada sobre as botas de caubói e a reputação dos texanos. E ele não parece texano, ao menos não do jeito estereotipado que todos imaginam quem vem do Texas.

— É pra lá que vou depois de visitar meu pai. E você?

E agora, mentir ou não mentir? Ah, dane-se. Afinal, ele não é nenhum detetive particular enviado pelo meu pai para obter informações. Contanto que eu evite dar 1) meu sobrenome, e 2) qualquer endereço ou telefone que possa levá-lo até minha casa — caso um dia eu volte para lá — e me fazer terminar no porta-malas do carro dele com a garganta cortada. Acho que dizer o máximo possível da verdade vai ser bem mais fácil do que tentar inventar mentiras plausíveis para quase toda pergunta que ele fizer, e depois ter que lembrar tudo mais tarde. Vai ser uma viagem muito longa, e como ele disse, vamos pegar vários ônibus juntos antes que cada um vá pro seu lado.

— Sou da Carolina do Norte — digo.

Ele me olha de alto a baixo.

— Bom, você não parece ser da Carolina do Norte.

Hã? Tá, isso foi esquisito.

— Certo, e como deve ser uma garota da Carolina do Norte?

— Você é muito literal — ele diz sorrindo.

— E você me deixa meio confusa.

— Nem — ele diz num rosnado inofensivo e bem-humorado —, é que eu falo o que penso, e às vezes as pessoas não aguentam uma parada assim. Tipo, se você perguntar praquela cara se esse jeans te deixa gorda, ele vai dizer que não. Se você me perguntar, vou dizer a verdade; tudo o que foge às expectativas normais deixa as pessoas desorientadas.

— É mesmo? — Não estou nem um pouco mais perto de entender a personalidade desse cara do que estava antes de saber o nome dele. Simplesmente continuo a olhá-lo como se ele fosse doido e eu estivesse meio intrigada por isso.

— Mesmo — ele responde, sério.

Espero que ele elabore o raciocínio, mas ele não continua.

— Você é muito bizarro — resmungo.

— Bom, você não vai perguntar?

— Perguntar o quê?

Ele ri.

— Se eu acho que esse jeans te deixa gorda.

Sinto meu rosto se contraíndo.

— Prefiro não... eu... hãã... — Dane-se de novo. Se ele quer brincar, não vou ficar quieta e deixar que ele ganhe todas as rodadas. Abro um sorrisinho e digo: — Eu sei que este jeans não me deixa gorda, portanto, não preciso da tua opinião.

Um sorriso diabolicamente lindo surge nos cantos de sua boca. Ele toma mais um gole de refrigerante e fica de pé, estendendo a mão.

— Parece que nossos oito minutos acabaram.

Talvez seja por ainda estar completamente confusa com toda essa conversa, mas aceito sua mão e ele me ajuda a levantar.

— Viu? — ele diz, me olhando uma vez e soltando minha mão. — Olha só quanta coisa descobrimos um sobre o outro em apenas oito minutos, Camryn.

Ando ao lado dele, mas mantenho uma certa distância. Ainda não sei bem se suas respostas elaboradas e aquele ar autoconfiante me aborrecem, ou se estou achando tudo isso mais estimulante do que minha mente quer admitir.

Todos no ônibus estão voltando para os seus lugares. Deixei a revista que peguei na última rodoviária em cima do meu, esperando que ninguém aparecesse para ocupá-lo.

Andrew também voltou a ocupar seu par de poltronas atrás das minhas. Fico feliz que ele não tenha confundido minha disposição de conversar com uma autorização para se aboletar na poltrona ao meu lado.

Horas se passam e não conversamos mais. Eu penso muito em Natalie e Ian.

— Boa noite, Camryn — ouço Andrew dizer da poltrona atrás de mim. — Talvez amanhã você me conte quem é Nat.

Eu me levanto bruscamente e olho por cima do alto da poltrona.

— Que história é essa?

— Calma, garota — ele diz, levantando a cabeça da mochila que apoiou na lateral do ônibus para usar de travesseiro. — Você fala dormindo. — Ele ri baixinho. — Te ouvi reclamando de alguém chamado Nat ontem à noite, falando de xampu ou alguma porra assim. — Noto que ele está de ombros encolhidos, mesmo com as pernas esticadas por cima da poltrona vazia e os braços cruzados no peito.

Que legal. Eu falo dormindo. Perfeito. Por que será que mamãe nunca me contou isso?

Penso um pouco no que eu podia estar sonhando, e me dou conta de que talvez eu tenha estado sonhando, enfim, e apenas não me lembro mais.

— Boa noite, Andrew — digo, e escorrego para baixo, também tentando achar uma posição confortável. Pondero rapidamente em como Andrew estava deitado, que parecia bem confortável, e decido tentar me deitar da mesma forma. Já tinha pensado em tentar dormir assim, mas não quis ser grosseira, esticando os pés no corredor. Acho que ninguém vai se importar, por isso afofo minha mala de roupas e a coloco debaixo da minha cabeça, estendendo o corpo sobre as duas poltronas, como Andrew. Já estou confortável. Queria ter feito isso há muito tempo.

O motorista, anunciando que vamos chegar em Garden City daqui a dez minutos, me acorda na manhã seguinte.

— Verifiquem se pegaram todos os seus pertences — o motorista avisa pelo sistema de som — e não deixem lixo nas poltronas. Obrigado por viajar pelo grande estado do Kansas, e espero que nos encontremos novamente.

Parecia completamente ensaiado e sem emoção, mas aí pensei que provavelmente eu também falaria assim, se tivesse que dizer a mesma coisa para os passageiros todo santo dia.

Acabo de me levantar, pegando minha mala do banco e abrindo-a para procurar a passagem. Eu a encontro amassada entre um jeans e minha camiseta vintage dos Smurfs, desdobro-a e consulto minha próxima conexão. Parece que Denver fica a seis horas e meia daqui, com duas paradas na estrada. Cacete, por que fui escolher Idaho?

Francamente. Com tantos lugares no mapa, escolhi meu destino baseada numa batata assada.

Estou indo pra tão longe e não tenho nada me esperando quando chegar lá. A não ser mais viagens. Caramba, eu podia usar o cartão de crédito de uma vez e comprar uma passagem de avião pra casa. Não, ainda não estou pronta pra isso. Não sei por que, mas sei que ainda não posso voltar.

Simplesmente não posso.

Surpresa com o silêncio de Andrew, me vejo tentando espia-lo pela frestinha entre as poltronas, mas não consigo ver nada.

— Você tá acordado? — pergunto, levantando o queixo para que ele me ouça lá atrás.

Ele não responde e me levanto para olhar. Claro que ele está usando o fone de ouvido.

Fico chocada por não ouvir a música escapando dos fones, desta vez.

Andrew me nota e sorri, erguendo a mão e balançando o indicador, como que para dizer bom-dia. Também mexo um dedo, apontando para a frente do ônibus para avisá-lo de que a chegada já foi anunciada. Ele tira os fones dos ouvidos e me olha, esperando que eu explique o gesto com palavras.

1 Estou a fim de fazer amor. (N. da T.)

2 Pronta para o amor. (N. da T.)

ANDREW

Alguns dias antes...

MEU IRMÃO ME ligou do Wyoming hoje. Ele disse que o velho não vai durar muito mais tempo. Já passou os últimos seis meses entrando e saindo do hospital.

— Se você quiser vê-lo — Aidan disse do outro lado da linha —, é melhor vir logo.

Eu ouço Aidan. Ouço, sim. Mas tudo o que consigo compreender, no momento, é que meu pai está pra morrer, caralho. “Vocês não se atrevam a chorar por mim”, ele disse para mim e meus irmãos ano passado, quando recebeu o diagnóstico de uma forma rara de câncer no cérebro. “Eu tiro você do meu testamento, rapaz.”

Eu o odiei por isso, por me dizer com essas palavras que, se chorasse por ele, o único homem pelo qual eu daria a minha vida, eu seria um frouxo. O testamento não me importa. Nem vou mexer no que ele me deixar. Talvez eu dê pra mamãe.

Papai sempre foi durão, desde criança. Era um sargento comigo e com meus irmãos, mas gosto de pensar que nos tornamos pessoas decentes (e esse provavelmente era o plano por trás do tratamento militar). Aidan, o mais velho, tem um bar e restaurante de sucesso em Chicago e é casado com uma pediatra. Asher, o mais novo, está na faculdade e pretende fazer carreira no Google.

E quanto a mim? Tenho vergonha de contar que fiz, em segredo, alguns trabalhos como modelo para várias agências importantes, mas só porque passei por dificuldades ano passado. Foi logo depois que fiquei sabendo do meu pai. Eu não podia chorar, então descarreguei tudo no meu Chevy Camaro 1969. Destruí o carro com um taco de beisebol.

Papai e eu restauramos aquele carro do chassi pra cima. Era nosso projeto de “pai e filho”, que começou antes que eu me formasse. Achei que, se meu pai não vai mais estar aqui, então o carro também não vai ficar.

Aí já viu, trabalho de modelo.

Não, cacete, não sai procurando esse lance. Não sou muito chegado nessas porras. Só que eu estava no bar de Aidan quando uns caçadores de talentos me encontraram enchendo a cara. Acho que não fez diferença eu estar... bem, de cara cheia, porque deixaram um cartão comigo, me ofereceram uma quantia generosa só pra visitar o escritório deles em Nova York, e depois de três semanas olhando aquele Camaro e lamentando o que eu tinha feito, pensei, por que não? Só aquele cheque pra aparecer lá já pagava uma parte da lanternagem. E eu fui. E, apesar de o dinheiro que ganhei com as poucas campanhas que fiz ter sido suficiente pra consertar o carro, recusei o contrato de 50 mil dólares que a LL Elite me ofereceu porque, como falei, ganhar a vida posando só de cueca não é a minha praia. Porra, eu já me sentia mal por ter aceito os poucos trabalhos que aceitei. Portanto, fiz o que qualquer cara que come carne vermelha e toma cerveja faria: tentei parecer mais homem e

menos bicha fazendo umas tatuagens e indo trabalhar de mecânico.

Não era o tipo de futuro que meu velho queria pra mim, mas, diferente dos meus irmãos, aprendi há muito tempo que o futuro e a vida são meus, e não posso me forçar a viver do jeito que outra pessoa quer que eu viva. Larguei a faculdade quando percebi que estava estudando uma coisa para a qual eu estava cagando e andando.

Por que todo mundo está sempre tão disposto a seguir os outros?

Eu não. Eu quero só uma coisa na vida. Não é dinheiro, nem fama, nem meu pau retocado com Photoshop num outdoor na Times Square, nem um diploma universitário que pode ou não me beneficiar no futuro. Não sei bem o que eu quero, mas sinto no fundo do meu estômago. Está ali, dormente. Quando encontrar, vou saber o que é.

— De ônibus? — Aidan exclama, incrédulo.

— É — confirmo. — Vou de ônibus pra lá. Preciso pensar.

— Andrew, papai pode não durar tanto — ele avisa, e sinto em sua voz que ele está tentando se controlar. — É sério, mano.

— A hora que eu chegar, cheguei.

Passo o dedo na tela, encerrando a chamada.

Acho que uma pequena parte de mim torce para que ele morra antes que eu chegue.

Porque eu sei que não vou conseguir segurar a onda se ele morrer enquanto eu estiver lá. É meu pai, o cara que me criou e que é meu exemplo. E agora ele me manda não chorar. Sempre fiz tudo que ele manda, e como o bom filho que sempre tentei ser, sei que vou engolir as lágrimas, porque ele mandou. Mas também sei que isso vai criar algo muito mais destrutivo em mim.

Não quero acabar como o meu carro.

Uma única mochila com roupas limpas, escova de dentes, celular e MP3 com minhas canções favoritas de rock clássico — outra marca que papai deixou em mim: “Essas coisas novas que a garotada ouve hoje em dia é música de merda, filho”, ele dizia ao menos uma vez por ano. “Bota o Led aí, garoto!” Admito que não evito completamente a nova música só porque meu pai quer. Cacete, tenho ideias próprias, lembra? Mas cresci ouvindo uma dose saudável dos clássicos e disso tenho muito orgulho.

— Mãe, não vou precisar desse troço.

Ela está enchendo um saquinho com uma dúzia de pacotes de lenços antissépticos umedecidos para eu levar. Ela sempre teve fobia de germes.

Eu vivia indo e voltando entre o Texas e Wyoming desde os 6 anos de idade. No fim, percebi que me sentia melhor no Texas, porque gosto do Golfo e do calor. Já tenho um apartamento em Galveston há quatro anos, mas ontem minha mãe insistiu que eu dormisse na casa dela. Ela sabe o que sinto pelo meu pai, e sabe que às vezes me torno explosivo quando estou sofrendo ou estou emputecido. Passei uma noite na cadeia ano passado por encher Darren Ebbs de porrada depois que ele deu um soco na namorada na minha frente. E quando mandei sacrificar meu melhor amigo, Maximus, porque ele estava com insuficiência cardíaca congestiva, estourei bonito minhas mãos descontando as emoções na árvore atrás do meu prédio.

Normalmente, não sou violento, a não ser com canalhas e ocasionalmente comigo mesmo.

— Aqueles ônibus são nojentos — ela insiste, enfiando o saquinho na minha mochila.

— Andei num deles antes de conhecer seu pai e fiquei doente por uma semana.

Não discuto com ela; não adiantaria.

— Ainda não entendi por que você não vai de avião. Poderia chegar lá muito mais rápido.

— Mãe — digo, beijando a bochecha dela —, preciso fazer isso, tipo, como se fosse o meu destino. — Na verdade, não acredito nessa segunda parte, mas resolvi contentá-la com algo que tivesse significado, mesmo ela sabendo que estou só falando merda. Ando até o armário da cozinha, tiro dois bolinhos de açúcar mascavo e canela da caixa e ponho na mochila. — Vai ver que o avião ia cair.

— Isso não tem graça, Andrew. — Ela me dirige um olhar duro.

Eu sorrio e a abraço forte.

— Eu vou ficar bem, e vou chegar a tempo de ver papai antes que... — minha voz some.

Mamãe me abraça mais forte ainda.

Quando chego no Kansas, começo a me perguntar se ela não tinha razão. Achei que a longa viagem serviria para refletir, clarear as ideias e talvez pensar no que estou fazendo e no que vou fazer depois que meu pai morrer. Porque as coisas vão ser diferentes. As coisas sempre mudam quando alguém que você ama morre. Você não tem como se preparar para essas mudanças, não importa o que faça antecipadamente.

A única certeza é que você vai ficar se perguntando quem será o próximo.

Eu sei que nunca mais vou conseguir olhar pra minha mãe do mesmo jeito...

Acho que a viagem de ônibus está sendo mais uma provocação do que um

momento de contemplação significativa. Eu deveria saber que ficar sozinho com meus pensamentos não ia me fazer bem. Já decidi que minha vida foi praticamente desperdiçada, e várias outras emoções estão me abrindo os olhos: Por que estou aqui? Qual o sentido da vida?

Que diabos estou fazendo? Certamente não tive nenhuma revelação, nem minha vida de repente ficou clara para mim enquanto eu olhava a paisagem pela janela do ônibus, como numa cena dramática de filme. A única trilha sonora deste filme é *Would?*, do Alice In Chains, que não é exatamente uma canção para um momento de revelação.

O motorista está para fechar as portas do ônibus quando me vê chegando.

Graças a Deus, um ônibus onde talvez eu consiga dormir; tem vários lugares vazios.

Vou para o fundo, de olho em duas poltronas vazias logo atrás da loura lindinha que eu tenho certeza que é chave de cadeia. Meu detector de chave de cadeia está sempre ligado, especialmente depois que peguei uma menina que conheci na sorveteria. Ela disse ter 19 anos, mas depois descobri que tinha 16 e que o pai dela estava a caminho da piscina onde a gente tava nadando para me matar de pancada.

Meu pai falou certo uma vez: “Hoje em dia não dá pra diferenciar 12 anos de 20, filho.

Deve ser alguma coisa que o governo tá pondo na água — toma bastante cuidado quando precisar pegar uma franguinha.”

Quando me aproximo da garota do ônibus, noto que ela põe a mala na poltrona ao lado para que eu não me sente ali.

Que engraçado. Tudo bem, ela é lindinha e tudo, mas tem mais de dez lugares vazios neste ônibus, o que significa que vou pegar duas poltronas pra poder me esticar do jeito que eu quiser e recuperar o sono atrasado.

As coisas não acontecem conforme o planejado, e várias horas depois, quando anoitece, ainda estou acordado, olhando pela janela ao meu lado, com a música no último volume nos ouvidos. A garota da poltrona da frente capotou há mais ou menos uma hora e eu cansei de ouvi-la falando no sono; mesmo não conseguindo entender quase nada do que ela dizia, eu não queria mesmo saber. Parece que você está bisbilhotando quando ouve os pensamentos de alguém que nem imagina o que está dizendo. Prefiro ouvir minha playlist.

Quando finalmente consigo pegar no sono, abro os olhos vagarosamente ao sentir alguém batendo na minha perna. Uau, até que ela é bem linda, mesmo com o cabelo todo empacotado de um lado só da cabeça e metade do rosto no escuro. Chave de cadeia, Andrew. Não é que eu fique lembrando que ela provavelmente é chave de cadeia para evitar de fazer qualquer coisa que sei que não devo fazer. Não, só fico

me lembrando disso para evitar a decepção quando descobrir que estou certo.

Depois de um breve diálogo sobre a possibilidade da minha música tê-la acordado, abaixo o volume e ela desliza de volta para seu pequeno cubículo entre poltronas.

Quando me debruço por cima da poltrona dela para olhá-la, me pergunto o que deu em mim pra fazer isso. Mas eu sempre gostei de desafios, e sua atitude atrevida comigo numa conversa que durou menos de 45 segundos foi o suficiente para que eu toposse essa aposta metafórica com ela.

Sempre tive um fraco por garotas atrevidas.

E nunca recuso um desafio.

Na manhã seguinte, ofereço meu MP3 a ela, mas pelo jeito ela tem tanta fobia de germes quanto a minha mãe.

Um homem de uns 40 e poucos anos está sentado do outro lado do corredor, três poltronas à frente da garota. Notei o modo como ele a olhava assim que subi. Ela nem fazia ideia de que estava sendo observada, e é perturbador imaginar há quanto tempo ele já estava olhando quando entrei, ou o que ele ficou fazendo ali sozinho no escuro.

Estou meio que de olho nele desde então. Ele está tão apaixonado por ela, que eu duvido que tenha me percebido.

Seus olhos ficam indo do lugar dela para o banheiro do tamanho de uma caixa de fósforos no fundo do ônibus. Posso quase ouvir as engrenagens do cérebro dele girando.

Eu me pergunto quando é que o cara vai tentar alguma coisa.

Nesse momento, ele se levanta.

Saio do meu lugar e me sento na poltrona ao lado da menina. Faço de conta que não é nada. Posso sentir que ela está me olhando, se perguntando que porra eu acho que estou fazendo.

O homem passa, mas não deixo que ele me encare, porque isso iria entregar que estou de olho nele. No momento, ele deve pensar que também estou fazendo meu próprio joguinho com a garota; que vou fazer minha tentativa, então, por enquanto, vai se conformar e talvez tentar de novo mais tarde.

E é mais tarde que vou amassar a cara dele com meus punhos.

Procuo o saco de lenços umedecidos que minha mãe pôs na mochila. Abrindo um, limpo os fones de ouvido e ofereço para ela.

— Como novos — anuncio, esperando que ela os aceite, mas sei que não vai aceitar.

— Sério, tô legal. Mas obrigada.

— É melhor não pegar mesmo — digo, guardando o MP3 na mochila. — Não curto Justin Bieber nem aquela perua doida que se veste com bifés, então acho que você vai ter que ficar sem.

Julgando pela expressão irritada dela, acho que a deixei puta. Rio silenciosamente para mim mesmo, virando a cabeça um pouco para que ela não perceba.

— Primeiro, eu não curto Justin Bieber.

Graças a Deus.

— E segundo, Lady Gaga não é tão ruim. Admito que isso de ficar sempre tentando chocar tá cansando um pouco, mas tem umas coisas dela que eu gosto.

— É música de merda e você sabe — cito meu pai, balançando a cabeça.

Deixo a mochila no chão e afundo na poltrona, apoiando um pé nas costas da poltrona da frente. Fico pensando por que ela ainda não me mandou embora. E isso também me preocupa. Será que ela seria “gentil demais” pra mandar aquele cara embora imediatamente, se ele se sentasse aqui antes de mim? Impossível uma garota como ela se interessar por alguém como ele, mas vamos combinar, às vezes as garotas deixam esse gene do excesso da simpatia tomar conta. E bastam alguns segundos, na verdade.

Olho para ela de novo, deixando minha cabeça cair de lado no encosto da poltrona.

— O negócio é rock clássico — afirmo. — Zeppelin, Stones, Journey, Foreigner.

Conhece algum desses?

Ela revira os olhos para mim.

— Não sou idiota — retruca, e eu sorrio com o canto da boca, porque lá está aquela atitude atrevida de novo: — Eu gosto de... Bad Company.

— Me fala o nome de uma música do Bad Company que eu te deixo em paz — desafio.

Posso ver que está nervosa pelo seu jeito de morder um pouco o lábio inferior e, assim como falar dormindo e ser observada por gente que não presta, provavelmente é algo que ela nem percebe.

Espero pacientemente, sem conseguir tirar o sorriso do meu rosto, porque é divertido vê-la sofrendo, tentando lembrar todas as vezes que andou de carro com seus pais ouvindo esse tipo de música, procurando alguma lembrança que possa ajudá-la neste momento crítico.

— Ready For Love — ela responde finalmente, e eu fico impressionado.

— Você tá mesmo? — pergunto, e alguma coisa bate em mim nesse momento. Não sei que diabos essa “coisa” é, mas está lá, acenando para mim do outro lado de um muro, como quando alguém está te observando, mas você não vê ninguém.

— Hã? — ela diz, pega tão desprevenida pela minha pergunta quanto eu fiquei depois.

Um sorriso se abre no meu rosto.

— Nada — digo, desviando o olhar.

O tarado do banheiro volta silenciosamente pelo corredor escuro e se senta no seu lugar, sem dúvida puto da vida por me ver onde ele gostaria de estar. Ainda bem que ela esperou que ele voltasse antes de finalmente me pedir para sair e deixar as duas poltronas para ela.

Depois de voltar para o meu lugar, me debruço em volta da poltrona dela e digo: — Pra onde você tá indo mesmo?

Ela diz que está indo para Idaho, mas acho que tem mais alguma coisa nessa resposta. Não sei ao certo, mas tenho a sensação de que ela está mentindo, o que provavelmente é bom, porque eu sou um completo desconhecido; ou que ela está escondendo mais alguma coisa.

Deixo isso quieto por enquanto, digo aonde estou indo e volto a me acomodar na poltrona atrás dela.

O homem três poltronas à frente acabou de olhar pra ela de novo. Estou ficando com vontade de amassar o crânio dele agora mesmo, só por ficar olhando.

Horas depois, o ônibus faz uma parada e o motorista nos dá 15 minutos para sair, esticar as pernas e comer alguma coisa. Vejo a garota ir para o banheiro e sou o primeiro na fila dos pedidos no restaurante. Pego minha comida, saio e vou sentar na grama perto do estacionamento. O tarado passa por mim e volta para dentro do ônibus, sozinho.

Consigo convencê-la a se sentar comigo. Ela hesita no início, mas pelo jeito meu charme é suficiente. Minha mãe sempre falou que eu era o filho do meio charmoso. Acho que ela tinha razão.

Conversamos por um ou dois minutos sobre por que estou indo para Wyoming e ela para Idaho. Ainda estou tentando entendê-la, o que ela tem que não consigo identificar, mas ao mesmo tempo tento me obrigar a não me sentir atraído, porque é como se eu soubesse que ela vai confirmar que é chave de cadeia ou mentir a respeito.

Só que ela parece ter quase a minha idade, mais nova do que eu, mas a diferença não deve ser muito grande.

Cacete! Por que estou considerando se ela me atrai ou não? Meu pai está

morrendo nesse momento, enquanto estou sentado na grama perto dela. Eu não deveria pensar em nada além do meu pai e do que vou dizer pra ele, se conseguir chegar em Wyoming antes que ele se vá.

— Qual o teu nome? — pergunto, deixando meu copo sobre a grama e tentando afastar a ideia da morte do meu pai para outro canto da minha mente.

Ela pensa por um minuto, provavelmente tentando decidir se deve ou não dizer a verdade.

— Cam — responde finalmente.

— Só Cam?

— Camryn.

— O meu é Andrew. Andrew Parrish.

Ela parece um pouco tímida.

— Então, quantos anos você tem? — ela pergunta, me pegando completamente de surpresa. Talvez não seja chave de cadeia, afinal, porque garotas menores, quando querem mentir a idade, costumam evitar esse assunto a qualquer custo.

Começo a ter esperanças de que ela seja maior de idade. Sim, quero muito que ela seja...

— Vinte e cinco anos — respondo. — E você? — De repente, não consigo respirar.

— Vinte — ela diz.

Penso na resposta dela por um momento, apertando um pouco os lábios. Ainda não sei ao certo se ela está mentindo, mas talvez, depois de passar mais tempo com ela nesta viagem que parece nos ter aproximado, vou acabar descobrindo a verdade.

— Bom, muito prazer, Camryn, apelido Cam, 20 anos, indo pra Idaho ver a irmã que acaba de ter um bebê.

Eu sorrio. Conversamos mais alguns minutos — oito, para ser mais exato — sobre qualquer coisa, e eu bagunço a cabecinha dela mais um pouco, porque aquela língua espevitada dela merece.

Na verdade, acho que ela gosta do jeito que eu a trato. Percebo que existe uma atração. Embora seja pequena, eu sinto. E não pode ser por causa da minha aparência, na verdade — cacete, meu hálito deve estar com cheiro de bunda a essa altura, e eu nem tomei banho hoje — se foi por causa da aparência, diferente da maioria das garotas que fica a fim de mim, ela já me dispensou. Não quis que eu me sentasse ao lado dela no ônibus. Não se intimidou ao pedir que eu abaixasse o volume da música, e toda nervosinha, ainda por cima. Ficou puta quando a acusei de ter “Bieber Fever”³ (eu fico puto só de pensar que sei o que essa porra significa — culpa

a sociedade por isso) e tenho a sensação de que ela não teria nenhuma dificuldade em me dar um chute no saco se eu a tocasse de forma imprópria. Não que eu vá fazer isso. Sem chance. Mas é bom saber que ela é desse tipo.

Porra, gostei dessa garota.

Subimos no ônibus e eu volto para o meu lugar, esticando as pernas no corredor, e em seguida vejo os tênis brancos dela despontando das poltronas dela, e sorrio ao pensar que ela me achou interessante o suficiente para adotar minhas ideias. Dou uma verificada depois de uns vinte minutos e, como imaginei, ela já capotou.

Volto a aumentar o volume e fico ouvindo música até adormecer também, e acordo na manhã seguinte bem antes dela.

Sua cabeça aparece por cima da poltrona e eu sorrio e balanço o dedo para ela.

A danada fica ainda mais linda de dia.

3 Febre de Bieber. (N. da T.)

CAMRYN

— MAIS DEZ MINUTOS — eu digo —, e vamos sair desta lata de sardinha.

Andrew sorri, ergue o corpo da poltrona e guarda seu MP3.

Não sei ao certo por que senti a necessidade de contar isso a ele.

— Dormiu melhor? — ele pergunta, fechando a mochila.

— É, até que dormi — admito, me esticando para apalpar minha nuca, onde não sinto nenhum músculo embolado desta vez. — Obrigada pela sugestão involuntária.

— Disponha sempre — ele diz com um sorriso. — Denver? — pergunta, olhando para mim.

Presumo que ele esteja perguntando se essa é a minha próxima conexão.

— É, daqui a quase sete horas.

Andrew balança a cabeça, parecendo tão insatisfeito quanto eu com a duração da viagem.

Dez minutos depois, o ônibus encosta na rodoviária de Garden City. Tem três vezes mais gente ali do que na última rodoviária, e isso me preocupa. Abro caminho pelo terminal até o primeiro banco vazio que encontro, porque eles estão sendo ocupados rapidamente. Andrew desaparece num canto, passando por baixo da placa que indica as lanchonetes, e volta com um Mountain Dew e um saco de batata frita.

Ele se senta ao meu lado e abre a lata de refrigerante.

— Que foi? — pergunta, olhando para mim.

Não percebi que o estava observando tomar aquele refrigerante com uma expressão enojada.

— Nada — respondo, desviando o olhar —, só acho isso um nojo.

Eu o ouço rir baixinho ao meu lado, e então ele abre o saco de batata frita.

— Pelo jeito, você acha um monte de coisas um nojo.

Olho de novo para ele, ajeitando minha mala no colo.

— Quando foi a última vez que você comeu alguma coisa menos... causadora de infarto?

Ele mastiga mais uma batata e engole.

— Eu como o que eu estiver a fim de comer. Você é o quê, uma daquelas vegetarianazinhas metidas que reclamam que o fast-food tá fazendo o país todo engordar?

— Não sou uma dessas — respondo —, mas acho que as vegetarianazinhas

metidas podem ter razão.

Ele mastiga mais algumas fritas e toma um gole de refrigerante, sorrindo para mim.

— Não é a fast-food que faz as pessoas engordarem — ele argumenta, sem parar de mastigar. — As pessoas fazem suas próprias escolhas. As redes de fast-food só tiram proveito da burrice dos americanos que decidem comer aquilo.

— Você tá se chamando de americano burro? — Eu retribuo o sorriso.

Ele dá de ombros.

— Acho que sou, quando minha escolha está limitada a máquinas de refrigerantes e lanchonetes pé-sujo.

— Ah, tá — eu exclamo, revirando os olhos. — Até parece que você ia escolher comer algo melhor, se tivesse escolha. Fala sério.

Acho que estou melhorando nessas alfinetadas.

Ele ri alto.

— Com certeza eu ia escolher algo melhor. Prefiro sempre um filé de cinquenta dólares em vez de um hambúrguer dormido, ou uma cerveja em vez de um refri.

Balanço a cabeça, mas não consigo parar de sorrir completamente.

— O que você come normalmente, afinal? — ele pergunta. — Saladas e tofu?

— Eca — reclamo, torcendo o nariz. — De jeito nenhum eu comeria tofu, e saladas são só um modismo pra quem quer emagrecer. — Fico em silêncio e sorrio para ele. — Sinceramente?

— Sim, claro, desembucha — ele diz.

Ele está me olhando como se eu fosse algo engraçado e bonitinho que precisa ser estudado.

— Gosto de macarrão enlatado com almôndegas e sushi.

— O que, tudo isso misturado? — Agora ele parece discretamente enojado.

Demoro alguns segundos para entender.

— Ah, não — digo, balançando a cabeça —, isso também seria um nojo, aliás.

Ele sorri, parecendo aliviado.

— Não sou muito fã de carne — continuo —, mas acho que comeria um filé, se alguém me oferecesse.

— Ah, então você tá me pedindo pra te convidar pra jantar? — Seu sorriso acaba de aumentar.

Eu arregalo os olhos e meu queixo cai.

— Não! — exclamo, praticamente corando de vergonha. — Eu só tava dizendo que...

Andrew ri e toma mais um gole.

— Eu sei, eu sei — ele diz —, não se preocupe. Eu jamais pensaria em te convidar pra um encontro.

Eu arregalo os olhos e abro a boca mais ainda e sinto meu rosto pegando fogo.

Ele ri mais alto.

— Caramba, garota — ele continua, ainda rindo enquanto fala —, você não é muito rápida pra sacar as coisas, é?

Eu franzo a testa.

Ele franze a testa também, mas de certa forma ainda está sorrindo ao mesmo tempo.

— Vamos fazer o seguinte — ele decide, parecendo um pouco mais sério —, se a gente tiver a sorte de encontrar, numa dessas paradas, um restaurante que consiga preparar um filé nos 15 minutos que temos antes de o ônibus deixar a gente pra trás, eu vou te convidar, e enquanto a gente come o filé no ônibus, você decide se isso será um encontro ou não.

— Bom, posso te dizer desde já que não vai ser.

Ele sorri obliquamente.

— Então não vai — diz — Pra mim tá bom assim.

Acho que ele encerrou o assunto, mas aí de repente ele acrescenta: — Mas então o que vai ser, se não for um encontro?

— Como assim? — digo. — Vai ser um lance de amizade, acho. Sabe, duas pessoas fazendo uma refeição juntas.

— Ah — ele diz, com um brilho nos olhos —, então agora somos amigos?

Isso me pega desprevenida. Ele é bom. Penso por um momento, franzindo os lábios contemplativamente.

— Claro — digo. — Acho que somos tipo amigos, pelo menos até Wyoming.

Ele estica o braço e me oferece sua mão. Relutantemente, eu a aperto. Seu aperto é delicado, mas firme, e seu sorriso é genuíno e gentil.

— Amigos até Wyoming, então — ele conclui, balançando minha mão uma vez e soltando.

Não sei ao certo o que acaba de acontecer, mas não sinto que fiz algo de que vá

me arrependeu mais tarde. Acho que não há nada errado em ter um “amigo” de viagem.

Posso imaginar mil tipos diferentes de pessoa que Andrew poderia ser e que seriam piores. Mas ele parece inofensivo, e admito que é interessante conversar com ele. Não é uma velhinha querendo me contar histórias de quando tinha a minha idade, ou um homem mais velho e iludido que ainda se imagina tão gato quanto era aos 17 anos e acha que de alguma forma consigo ver o que ele era nessa época. Não, Andrew é o proverbial meio-termo virtuoso, a escolha de Cachinhos Dourados. Claro que seria melhor, por vários motivos, se ele fosse uma garota, mas pelo menos está na minha faixa etária e não é nem um pouco feio. Não, Andrew Parrish passou longe da fila da feiura.

Na verdade, ele entrou várias vezes na fila da gostosura, e acho que essa é a única coisa que me incomoda nessa situação toda.

Você sabe muito bem que não importa tanto o que esteja acontecendo na sua vida, quem você perdeu, quanto você odeia o mundo ou quão inadequado seja se sentir atraída por alguém antes que a fase de recuperação chegue a uma etapa aceitável. Você continua humana, e assim que vê alguém atraente, não tem como não notar. É da nossa natureza.

Por outro lado, agir motivada por isso é outra história, e é aí que eu ponho o meu limite.

Isso não vai acontecer, haja o que houver.

Mas, sim, o fato de ele ser gato me incomoda porque significa simplesmente que vou ter que me esforçar muito mais para garantir que nada que eu diga ou faça passe a impressão errada. Caras gatos sabem que são gatos. Sabem e pronto, até aqueles que não ficam se mostrando. E também é da natureza humana dos caras gatos achar automaticamente que um sorriso inocente ou uma conversa que continua por três minutos sem nenhum silêncio constrangedor são sinais de atração.

Portanto, essa “amizade” vai me dar muito trabalho. Eu quero ser legal, mas não legal demais. Quero sorrir quando for necessário, mas preciso tomar cuidado e medir o nível do sorriso. Quero rir quando ele disser algo engraçado, mas não quero que ele pense que é uma risada do tipo cara-tô-tão-parada-na-tua.

É, isso vai me dar trabalho mesmo. Talvez uma velhinha fosse melhor, no fim das contas...

Andrew e eu esperamos no terminal quase uma hora até que o próximo ônibus encosta na rodoviária. E, como era de se imaginar, parece que não vamos ter duas poltronas livres para cada um, desta vez. Pelo tamanho da fila de embarque, já estou vendo que talvez não tenha lugar sentado pra todo mundo. Dilema. Saco. Andrew e eu somos amigos temporários de repente, mas não consigo pedir que ele se sente

comigo.

Isso pode contar como uma daquelas coisas que dão a impressão errada. Portanto, enquanto a fila avança e ele vem logo atrás de mim, estou torcendo para que ele decida se sentar ao meu lado por conta própria. Antes ele do que alguma pessoa com quem nem conversei.

Vou para o meio do ônibus e acho duas poltronas vazias, passo a do corredor e me sento na janela.

Ele se senta ao meu lado e eu fico secretamente aliviada.

— Já que você é menina — diz, pondo a mala no chão entre os pés —, vou te deixar sentar na janelinha.

Ele sorri.

Depois que o ônibus enche e eu já consigo sentir o calor humano extra emanando de tanta gente apertada no mesmo espaço, ouço a porta ranger e o ônibus entrar em movimento.

A viagem não parece tão longa e tortuosa, agora que tenho alguém para conversar. Só levou uma hora de conversa constante sobre tudo, desde as bandas de rock clássico favoritas dele até o motivo de eu gostar da Pink e o quanto acho que as músicas dela são melhores do que Boston ou Foreigner, que para mim soam iguais. Discutimos isso durante vinte minutos dessa hora — ele é muito teimoso, mas diz o mesmo de mim, então acho que a culpa é dos dois. E eu conto quem é “Nat”, mas não entro nos detalhes sanguinolentos do meu relacionamento com ela.

Quando anoitece, me dou conta de que não houve um só momento de silêncio constrangedor entre nós desde que subimos no ônibus e ele decidiu se sentar ao meu lado.

— Quanto tempo vai ficar em Idaho?

— Uns dias.

— E aí vai voltar de ônibus? — Estranhamente, o rosto de Andrew perdeu todo o bom humor.

— Vou — respondo, sem querer me aprofundar muito nesse assunto porque ainda não sei as respostas.

Eu o ouço suspirar.

— Não é da minha conta — ele diz me olhando, e sinto o espaço entre nós diminuindo, porque ele está sentado tão perto —, mas você não deveria viajar sozinha assim.

Não olho para ele.

— Bom, eu meio que preciso.

— Por quê? — ele pergunta. — Não tô te paquerando nem nada, mas é perigoso para uma garota jovem e diabolicamente linda como você viajar sozinha pelas bibocas de rodoviárias dos Estados Unidos.

Sinto meu rosto se abrindo num sorriso, mas tento futilmente escondê-lo.

Olho para ele.

— Você não tá me paquerando — retruco —, mas me chama de “diabolicamente linda”

e praticamente usa a velha cantada do “o que uma garota como você faz num lugar assim” na mesma frase.

Ele parece um pouco ofendido.

— Tô falando sério, Camryn — ele insiste, e o meu sorriso brincalhão se dissolve. — Você pode se machucar de verdade.

Tentando mudar o assunto constrangedor, sorrio e digo: — Não se preocupe. Confio na minha capacidade de gritar bem alto se eu for atacada.

Ele balança a cabeça e respira fundo, cedendo aos poucos às minhas tentativas de aliviar o clima.

— Então, me fala do seu pai — digo.

O quase sorriso desaparece do rosto de Andrew e ele desvia o olhar. Não foi por acaso que toquei nesse assunto assim. Não sei, mas tenho a estranha sensação de que ele está escondendo alguma coisa. No Kansas, quando ele falou rapidamente que seu pai estava morrendo, exteriormente isso não pareceu afetá-lo. Mas se está indo tão longe, de ônibus, ainda por cima, para ver o pai antes que morra, então deve amá-lo. Sinto muito, mas você nunca fica indiferente quando alguém que você ama morre ou está morrendo.

Isso parece estranho vindo de mim, que não consigo mais chorar.

— Ele é um bom homem — Andrew diz, ainda olhando para a frente. Sinto que está imaginando o pai agora, que não está vendo nada diante de si a não ser suas lembranças.

Ele, então, olha para mim sorrindo, mas não é um sorriso que tenta acobertar alguma dor, mas sim motivado por uma boa lembrança.

— Em vez de me levar pra ver um jogo de beisebol, meu pai me levou pra ver uma luta de boxe.

— É mesmo? — Sinto meu sorriso se iluminando. — E como foi?

Ele volta a olhar para a frente, mas a ternura não deixa mais seu rosto neste

momento.

— Papai queria que fôssemos lutadores... — Ele olha para mim. — Não lutadores de boxe ou de verdade, embora ele também não se incomodasse se a gente fosse. Mas tô dizendo lutadores no geral, sabe, na vida. Metaforicamente.

Balanço a cabeça para mostrar que entendi.

— Fiquei sentado perto do ringue, com 8 anos de idade, hipnotizado por aqueles dois homens batendo um no outro, e o tempo todo ouvia meu pai falando por cima do barulho do público, ao meu lado: “Eles não têm medo de nada, filho”, ele dizia. “E todos os movimentos deles são calculados. Cada movimento que fazem pode funcionar ou não, mas eles aprendem alguma coisa a cada movimento, a cada decisão.”

Andrew me olha nos olhos por um momento e seu sorriso se dissolve, deixando sua expressão neutra.

— Ele me contou que um lutador de verdade nunca chora, nunca deixa o peso de um golpe derrubá-lo. A não ser aquele golpe final, o inevitável, mas até nessa hora, eles sempre caem como homens.

Também não estou mais sorrindo. Não sei exatamente o que se passa pela cabeça de Andrew agora, mas compartilhamos o mesmo humor sóbrio. Quero perguntar se ele está bem, porque é óbvio que não está, mas o momento não parece adequado. É esquisito, porque não o conheço o suficiente para ficar cavoucando em suas emoções.

Não digo nada.

— Você deve me achar um babaca — Andrew comenta.

Eu pisco, surpresa.

— Não — respondo. — Por que você diz isso?

Ele recua imediatamente e minimiza a seriedade de sua pergunta, deixando aquele sorriso devastador aflorar à superfície novamente.

— Vou ver o velho antes que ele bata as botas — Andrew explica, e suas palavras me chocam um pouco —, porque é isso que a gente faz, certo? É um costume, como dizer “saúde” quando alguém espirra, ou perguntar pra alguém como foi seu fim de semana quando na verdade você tá pouco se fodendo.

Cacete, de onde está vindo tudo isso?

— É preciso viver no presente — ele continua, e eu fico discretamente atordoada. — Não acha? — Sua cabeça pende para o lado e ele me olha novamente.

Levo um momento para organizar as ideias, mas mesmo assim não sei ao certo o que dizer.

— Viver no presente — repito, mas ao mesmo tempo pensando na minha própria crença de amar no presente. — Acho que você tem razão. — Mas fico imaginando exatamente qual a visão dele dessa crença.

Endireito as costas na poltrona e levanto a cabeça um pouco para examiná-lo mais de perto. É como se de repente eu tivesse um enorme desejo de saber tudo sobre a crença dele. Saber tudo sobre ele.

— O que viver no presente significa pra você? — pergunto.

Noto que uma das suas sobrancelhas treme por um segundo e ele muda sua expressão, surpreso com a seriedade da minha pergunta ou o nível do meu interesse.

Com as duas coisas, talvez.

Ele endireita as costas e levanta a cabeça também.

— Apenas que ficar se prendendo e planejando é besteira — ele diz. — Se você fica se prendendo no passado, não consegue seguir em frente. Se passa muito tempo planejando o futuro, você se empurra pra trás ou fica estagnada no mesmo lugar a vida toda. — Seus olhos encontram os meus. — Viva o momento — ele diz, como se estivesse dizendo algo sério — aqui, onde tudo está certo, vá com calma e limite suas más lembranças e você chegará ao seu destino, seja qual for, muito mais rápido e com menos acidentes de percurso.

O silêncio entre nós é apenas o de duas mentes pensando no que ele acabou de dizer.

Me pergunto se os pensamentos dele são iguais aos meus. Também me pergunto, mais do que quero admitir, por que tantos pensamentos dele já me fazem sentir que estou me olhando no espelho quando olho para ele.

O ônibus corre pesadamente pela estrada, sempre barulhento, raramente com suavidade. Mas depois de tanto tempo, é fácil esquecer o quanto a viagem de ônibus é desagradável, comparada ao luxo de um carro. E quando você pensa mais nos aspectos positivos de uma viagem de ônibus do que nos negativos, é fácil esquecer que há qualquer coisa negativa nela. Tem um cara ao meu lado com lindos olhos verdes e um lindo rosto esculpido e uma linda maneira de pensar. Não existe viagem de ônibus ruim quando você está na companhia de uma coisa linda.

Eu não deveria estar aqui...

ANDREW

NÃO ACREDITO QUE ela mencionou meu pai. Não que eu esteja putto, mas fico surpreso por ela parecer realmente querer saber. Até por ela lembrar. Ela não começou a fazer perguntas sobre qual o meu trabalho para calcular quanto eu ganho, nem deu risadinha e ficou vermelha e fez cara de idiota enquanto tocava minhas tatuagens, usando-as como uma desculpa para me tocar. Broxante demais. Quer dizer, claro, é excitante quando tudo o que você quer é transar — facilita as coisas —, mas por alguma razão fiquei muito feliz por Camryn não ter feito isso.

Quem é essa garota, caramba?

E por que é que estou pensando nessas coisas?

Ela pega no sono na minha frente com a cabeça encostada na janela. Resisto ao desejo de ficar olhando para ela, notando como parece delicada e inocente, o que me deixa muito mais primitivo, mais protetor.

O tarado parece ter parado de espiá-la quando nos viu sentar juntos na última rodoviária. Na sua visão masculina, ele provavelmente a vê como meu “território” agora, minha propriedade. E isso é bom, porque significa que vai deixá-la em paz enquanto eu estiver por perto. Mas o lance é que só vamos viajar juntos até Wyoming, e isso me deixa preocupado pra caralho. Espero que o homem tome outro ônibus antes que Camryn e eu precisemos nos separar. Mais duas paradas daqui até Denver — torço muito para Denver ser o destino final dele, e se não for, vou ficar de olho nele o resto da viagem até Wyoming.

Ele não vai para Idaho. Eu mato o filho da puta primeiro.

Olho através da escuridão e do silêncio do ônibus. O homem está dormindo, com a cabeça encostada na poltrona do corredor. Uma mulher está sentada ao lado dele na janela, mas é velha demais para chamar a atenção desse cara. Ele gosta das novinhas, provavelmente muito novinhas. Dá vontade de vomitar só de pensar no que ele já pode ter feito com alguma outra garota.

Apesar de o ônibus normalmente ser barulhento, com o assobio do vento contra o metal, o barulho da borracha girando sobre o asfalto, o motorzão roncando enquanto empurra a enorme carcaça pela estrada, está tudo quieto. Quase tranquilo. Tão tranquilo quanto uma viagem de ônibus pode ser.

Enfio os fones nos ouvidos e ligo o MP3, pondo no modo aleatório. O que vai ser? O

que vai ser? Sempre deixo a primeira música determinar o clima. Tenho mais de trezentas faixas neste troço. Trezentos climas diferentes. Mas acho que meu MP3 é viciado, porque a primeira música quase sempre é Dust in the Wind, do Kansas, Going to California, do Zeppelin, ou alguma do Eagles.

Espero pela primeira música sem olhar o aparelho, como se fosse um jogo de adivinhação e eu não quisesse trapacear. Ah, boa escolha. Dream On, do Aerosmith.

Apoio a cabeça no encosto e fecho os olhos, sem perceber, até tê-lo feito, que meu dedo está apertando o botão para abaixar o volume. Porque não quero acordar Camryn.

Abro os olhos e me viro para ela, vendo como Cam segura a mala tão apertado que deve ter consciência da bagagem mesmo no sono profundo. Me pergunto o que tem ali dentro, quem sabe alguma coisa que possa me revelar mais a respeito dela. Quem sabe alguma coisa que possa me revelar a verdade a respeito dela.

Mas não importa. Não vou mais conhecê-la depois do Wyoming, e ela provavelmente não vai lembrar mais nem meu nome. Mas sei que é melhor assim. Tenho bagagem demais, e mesmo como amigo não seria bom descarregá-la no colo dela. Eu não desejaria isso pra ninguém.

A voz suave e melodiosa de Steven Tyler me embala até que eu fico meio adormecido.

Menos naquela parte, quando ele dá um grito agudo, aí espero até ele soltar tudo e depois eu apago de verdade.

— Cara, fala sério — ouço uma voz dizer.

Algo está fazendo força contra meu ombro. Acordo e vejo Camryn me empurrando com seus bracinhos. Na verdade é meio engraçado, aquela cara amassada dela de manhã, e por mais força que ela faça, meu corpo é pesado demais para ela conseguir me tirar do lugar.

— Foi mal — respondo, ainda tentando acordar. Me endireito, desorientado, e sinto minha nuca dura como um pedaço de pau. Eu não queria que minha cabeça fosse parar em cima do braço dela, mas não estou tão constrangido com isso quanto ela finge estar.

Bem, tenho quase certeza que ela está fingindo. Está fazendo muita força para não sorrir.

Vou ajudá-la um pouco.

Abro um sorrisão para ela.

— Você acha isso engraçado? — ela reclama, com a boca semiaberta e o cenho franzido naquela testa lindinha.

— Sim, eu acho mesmo. — Meu sorriso aumenta e finalmente o dela também se abre suavemente em seu rosto. — Mas foi mal, desculpa. Sério. — E estou falando sério mesmo.

Ela aperta um olho e me olha de lado, avaliando minha sinceridade, o que

também é uma graça.

Viro a cabeça e estico os braços para me espreguiçar, e isso me faz bocejar.

— Que nojo! — ela diz, e essa palavra não me surpreende nem um pouco. — Teu bafo tá com cheiro de bunda.

Uma risada curta e volúvel acompanha minhas palavras: — Cacete, mulher, como é que você sabe qual é o cheiro de bunda, hein?

Isso cala a sua boca. Rio de novo e mexo na minha mochila, depois de jogar o MP3

dentro dela. Abro o meu tubo de pasta de dentes, ponho um pouco de pasta na ponta da língua, bochecho bem e depois engulo. Claro que Camryn está me olhando com cara de nojo enquanto faço tudo isso, mas era o que eu queria.

O resto do ônibus parece ter acordado antes de mim. Fico surpreso por ter dormido tanto e sem acordar pelo menos três vezes para procurar outra posição confortável, que nunca encontro.

Meu relógio diz que são 9h02.

— Onde a gente tá, afinal? — pergunto, olhando pela grande janela ao lado de Camryn, procurando alguma placa na estrada.

— A umas quatro horas de Denver — ela responde. — O motorista acabou de anunciar outra parada daqui a dez minutos.

— Que bom — comento, esticando uma perna no corredor. — Preciso andar um pouco.

Tô todo duro.

Vejo que ela sorri, mas vira o rosto para a janela. Todo duro. Certo, então ela também tem mente poluída. Rio só de pensar nisso.

O lugar da próxima parada não é muito diferente das últimas, com uma série de postos de gasolina dos dois lados da estrada e duas lanchonetes. Não acredito que essa garota realmente me fez considerar se devo comer numa delas ou não, quando normalmente eu faria isso sem pensar duas vezes. Não sei dizer se é porque quero provar a ela que sou capaz de escolher coisa melhor para comer quando tenho opção, ou porque sei que ela vai me dar bronca.

Peraí, cacete. Quem está no controle da situação aqui?

Claro que ela está. Droga.

Saímos do ônibus em fila, Camryn na minha frente, e depois de contornar a frente do ônibus, ela para e se vira, cruzando os braços e me olhando, apertando os lábios.

— Bom, se você é tão esperta — digo, parecendo um moleque do primário, admito —, então vamos ver se consegue achar alguma coisa saudável pra comer, e que não tenha gosto de borracha com molho de merda, num lugar como este.

Um sorriso ergue um lado de sua boca.

— Combinado — diz, aceitando o desafio.

Entro atrás dela na gigantesca loja de conveniência, e ela vai primeiro para as geladeiras de bebidas. Como aquela loura daquele game show (não sei qual deles porque não vejo nenhum game show, mas todo mundo conhece essa loura), Camryn gesticula diante das portas de vidro da geladeira, como se estivesse me revelando o mundo dos sucos de fruta e água mineral pela primeira vez.

— Começamos com uma variedade de sucos, como você pode ver — ela anuncia, com voz de apresentadora. — Qualquer um destes é melhor do que refrigerante. Pode escolher.

— Detesto suco.

— Deixa de ser criança. Tem um monte pra escolher. Com certeza deve ter algum que você aguenta tomar.

Ela recua dois passos para que eu veja as dezenas de garrafas de água mineral com sabor na porta seguinte.

— E também tem água — ela sugere —, mas não imagino alguém como você tomando uma água mineral chique.

— Não, é babaca demais. — Na verdade, não tenho problema nenhum com água mineral, mas estou gostando desse joguinho.

Ela sorri, mas tenta se manter séria.

Franzo o nariz para ela e aperto os lábios enquanto meu olhar vai e vem entre ela e a geladeira de sucos.

Suspiro profundamente e me aproximo, correndo os olhos pelas várias marcas e sabores e misturas de frutas, e fico pensando por que tantos sabores têm morango ou kiwi, ou morango e kiwi. Detesto os dois.

Finalmente, abro a porta de vidro e me contento com o bom e velho suco de laranja.

Ela torce um pouco o nariz.

— Que foi? — pergunto, ainda segurando a porta aberta.

— Suco de laranja não é tão bom pra acompanhar comida.

Eu bufo e fico olhando para ela sem piscar.

— Quando escolho alguma coisa, você diz que não serve. — Quero rir, mas estou

tentando fazê-la se sentir culpada.

E acho que está funcionando.

Ela franze a testa.

— Bom, é que... bom, isso aí é mais uma dose de vitamina C pra viagem, na verdade.

Só vai te deixar com mais sede.

Ela parece mesmo preocupada por ter me ofendido, e isso me afeta da forma mais estranha. Eu sorrio só para vê-la sorrir de novo.

Ela abre um sorriso diabólico.

Ah, ela é boa...

CAMRYN

DENVER FINALMENTE PASSA voando e estamos nos aproximando do destino final de Andrew, em Wyoming. Não posso mentir e dizer que isso não me incomoda. Andrew estava certo quando disse que é perigoso, para mim, viajar sozinha. Só estou tentando entender por que isso não me afetava muito antes que eu o conhecesse. Talvez eu simplesmente me sinta mais segura com ele me fazendo companhia porque ele parece capaz de quebrar algumas caras sem nem suar. Caramba, talvez eu não devesse nem ter começado a falar com ele; com certeza não deveria ter deixado que se sentasse ao meu lado, porque agora estou meio que acostumada com ele. Quando chegarmos em Wyoming e nos separarmos, voltarei a olhar o mundo correr pela janela, sem saber para onde vou em seguida.

— Então, você tem namorada? — pergunto, só para puxar conversa e ficar mais algumas horas sem pensar em ficar sozinha de novo.

As covinhas de Andrew aparecem.

— Por que quer saber?

Reviro os olhos.

— Não fica se achando, não; é só uma pergunta. Se não quiser falar...

— Não — ele responde —, sou solteiro e feliz.

Ele fica olhando para mim, sorrindo, aguardando, e levo um segundo para entender o que está esperando.

Aponto para mim mesma nervosamente, arrependida de ter entrado num assunto tão pessoal.

— Eu? Não, não tenho mais. — Me sentindo mais confiante, acrescento: — Também sou solteira e feliz e quero continuar assim. Tipo... pra sempre. — Eu devia ter parado em “solteira e feliz”, em vez de matraquear até minha autoconfiança acabar e parecer obviamente forçando a barra.

Claro que Andrew nota na hora. Tenho a sensação de que ele é o tipo de cara que nunca deixa passar batido o momento em que alguém tropeça na própria língua. Ele vive para momentos assim.

— Vou manter isso em mente — ele comenta, sorrindo.

Por sorte, ele não investiga mais.

Andrew apoia a cabeça no encosto de novo, e por um momento tamborila distraidamente com o polegar e o mindinho em seu jeans. Discretamente, olho seus braços musculosos e bronzeados e tento descobrir de uma vez como são as tatuagens dele, mas, como sempre, a maior parte está escondida pelas mangas da camiseta. A do lado direito eu consegui ver um pouco mais quando ele esticou o braço para

amarrar o cadarço da bota. Acho que é algum tipo de árvore. A do braço que está do meu lado agora, não sei dizer, mas seja o que for, tem penas. Até agora, só vi tatuagens sem cor.

— Curiosa? — ele pergunta, e eu estremeço. Pensava que ele não tinha me visto olhando as tatuagens.

— Pode ser.

Sim, estou muito curiosa, na verdade.

Andrew ergue o corpo da poltrona e puxa a manga do braço esquerdo para cima da tatuagem, revelando uma fênix com uma cauda linda e emplumada que serpenteia até alguns centímetros abaixo da borda da manga. Mas o resto do corpo emplumado é esquelético, dando-lhe uma aparência mais “máscula”.

— Que demais.

— Obrigado. Eu fiz essa há mais ou menos um ano — ele conta, puxando a manga para baixo. — E esta — diz, virando a cintura e puxando a outra manga para cima (primeiro eu noto o contorno óbvio de seus músculos abdominais por baixo da camiseta) — é minha árvore retorcida no estilo “lenda do cavaleiro sem cabeça”, me amarro em árvores sinistras. Se você olhar bem de perto... — olho mais de perto a parte do tronco da árvore que ele está apontando — este é meu Chevy Camaro 1969. É do meu pai, na verdade, mas como ele tá morrendo, acho que vai ficar pra mim. — Ele olha para a frente.

Aí está, aquele pequeno rastro de dor que ele manteve escondido antes, quando falou do pai. Está sofrendo muito mais do que revela, e isso meio que parte meu coração. Não consigo imaginar minha mãe ou meu pai no leito de morte, e eu sentada num ônibus Greyhound indo vê-los pela última vez. Meus olhos examinam seu rosto de perfil e quero muito dizer alguma coisa para reconfortá-lo, mas acho que não posso. Sinto que não tenho esse direito, por alguma razão; ao menos não de tocar no assunto.

— Tenho mais algumas — ele continua, voltando a olhar para mim com a nuca encostada na poltrona. — Uma pequena aqui — ele vira o pulso direito para me mostrar uma simples estrela negra no meio dele, logo abaixo da mão; fico surpresa por não tê-la notado antes. — E uma maior do lado esquerdo das minhas costelas.

— O que é, essa do lado? É muito grande?

Seus olhos verdes brilham quando ele sorri com ternura, virando a cabeça para me olhar.

— É grande pra caramba. — Vejo suas mãos se mexerem como se fosse levantar a camiseta para me mostrar, mas ele decide não fazê-lo. — É só uma mulher. Não vale a pena ficar pelado dentro do ônibus pra mostrar.

Agora quero ver como é mais do que nunca, só porque ele não quer mostrar.

— Uma mulher que você conhece? — pergunto. Fico olhando para o lado do corpo dele, achando que talvez ele vá mudar de ideia e levantar a camiseta, mas ele não levanta.

Ele balança a cabeça.

— Não, nada disso. É Eurídice. — Ele agita a mão à sua frente, como se não quisesse explicar mais.

O nome parece antigo, talvez grego, e é vagamente familiar, mas não consigo lembrar quem é.

Balanço a cabeça.

— Doeu?

Ele sorri.

— Um pouco. Bem, na verdade, nas costelas é o lugar que mais dói, então doeu, sim.

— Você chorou? — Eu sorrio.

Ele dá uma risadinha.

— Não, não chorei, mas, porra, se eu tivesse mandado fazer só um pouquinho maior, ia até chorar. Levou umas 16 horas no total.

Eu pisco, chocada.

— Uau, você ficou lá 16 horas?

Com uma conversa tão detalhada sobre essa tatuagem, me pergunto por que ele não mostra de uma vez. Talvez não tenha ficado muito boa, o tatuador tenha feito merda ou algo assim.

— Não de uma vez só — ele explica —, fizemos em alguns dias. Eu ia perguntar se você tem alguma tatuagem, mas algo me diz que não. — Ele sorri, compreensivo.

— Tem razão — admito, corando um pouco. — Não que eu nunca tenha pensado em fazer. — Levanto o pulso e ponho o polegar e o dedo médio em volta dele. — Pensei em escrever algo aqui, tipo “liberdade” ou algo assim em latim. Obviamente, não pensei muito. — Sorrindo, solto um pequeno suspiro constrangido. Falar de tatuagens com um cara que obviamente entende disso mais do que eu me intimida um pouco.

Quando vou apoiar o pulso novamente no braço da poltrona, os dedos de Andrew se fecham ao redor dele. Isso me atordoia por um segundo, até provoca um estranho arrepio no meu corpo, mas que desaparece rapidamente quando ele começa a falar tão casualmente.

— Uma tatuagem no pulso, para uma garota, pode ser muito graciosa e feminina. — Ele passa a ponta do dedo no lado de dentro do meu pulso para indicar onde deveria ficar. Sinto um pequeno calafrio. — Alguma coisa em latim, bem sutil, mais ou menos aqui, ia ficar legal. — Então ele me solta delicadamente e eu apoio o braço.

— Eu achava que você ia dizer que não faria de jeito nenhum. — Ele ri e levanta a perna, apoiando o tornozelo no joelho. Ele cruza os dedos e afunda na poltrona para ficar mais confortável.

Está escurecendo rapidamente; o sol mal aparece no horizonte agora, deixando tudo banhado em tons de laranja, rosa e violeta.

— Acho que não sou uma pessoa previsível. — Eu sorrio para ele.

— Não, acho que não é — ele diz, retribuindo o sorriso e depois olhando para a frente, pensativo.

Andrew me acorda no dia seguinte depois das 14h, na rodoviária de Cheyenne, Wyoming.

Sinto seus dedos cutucando minhas costelas.

— Chegamos — ele diz, e eu finalmente abro os olhos e desencosto a cabeça da janela.

Sei que meu hálito deve estar horroroso, porque o gosto na minha boca é seco e nojento, por isso viro a cabeça para longe dele para bocejar.

Os freios rangem quando o ônibus para no terminal e, como sempre, os passageiros se espreguiçam e começam a recolher suas bagagens dos compartimentos superiores. Fico sentada ali, um pouco em pânico, disfarço e olho para Andrew. Sinto literalmente que vou ter um miniataque de ansiedade. Tipo, eu sabia que essa hora ia chegar, que Andrew iria embora e eu ficaria sozinha de novo, mas não esperava me sentir como uma garotinha assustada, jogada no mundo para se virar sozinha sem ninguém que cuide dela.

Merda! Merda! Merda!

Mal posso acreditar que me deixei ficar à vontade com ele, e o resultado disso é que o medo recuperou totalmente as porras das garras.

Estou com medo de ficar sozinha.

— Você vem? — Andrew pergunta, olhando para mim do corredor e estendendo a mão. Ele me sorri delicadamente, deixando de lado os comentários irônicos e as piadinhas às minhas custas porque, afinal, este é o último momento que vamos passar juntos. Não que a gente esteja apaixonado, nada louco assim, mas alguma coisa esquisita acontece quando você passa vários dias com um estranho num ônibus, conhecendo-o e apreciando sua companhia. E quando ele não é muito diferente de

você e os dois têm uma conexão, sem contar um para o outro por que estão sofrendo, isso só torna a inevitável partida ainda mais difícil.

Mas não posso deixar que Andrew saiba que eu me sinto assim. É idiotice. Eu me coloquei nesta situação e pretendo continuar até o final. Não importa para que lugar do mundo ela acabe me levando.

Sorriso para ele e seguro sua mão. E no caminho todo pelo corredor, enquanto anda à minha frente, ele mantém meus dedos cuidadosamente apertados na sua mão, atrás de si. Encontro uma ternura em seu toque, me agarrando mentalmente a ele o máximo possível, para quem sabe poder ficar mais confiante quando estiver sozinha de novo.

— Bom, Camryn... — Ele me olha como se estivesse perguntando meu sobrenome.

— Bennett. — Eu sorrio e abro mão de minha própria regra.

— Bom, Camryn Bennett, foi um prazer te conhecer nesta viagem a caminho do nada.

— Ele ajeita a alça da mochila no ombro e enfia as mãos no fundo dos bolsos do jeans. — Espero que você ache o que está procurando.

Tento sorrir e consigo, mas sei que parece uma mistura de sorriso com cenho franzido.

Ajeito a alça da bolsa num ombro e a da mala no outro e deixo os braços penderem dos lados do corpo.

— Também achei legal te conhecer, Andrew Parrish — digo, mesmo não querendo dizer. Queria que ele viajasse comigo só um pouco mais. — Você se importaria de me fazer um favor?

Despertei sua curiosidade, e ele inclina um pouco o queixo para o lado.

— Tá. Que tipo de favor? Sexual? — Suas covinhas se aprofundam quando seus lábios diabolicamente lindos começam a se curvar.

Rio um pouco e baixo o olhar sentindo meu rosto se aquecer, mas em seguida deixo o momento passar, porque este não é um pedido alegre. Em vez disso, suavizo a minha expressão e olho para ele com verdadeira compaixão.

— Se o seu pai não resistir — começo, e a expressão dele murcha —, se permita chorar, tá? Uma das piores sensações do mundo é ser incapaz de chorar, e ela acaba...

deixando tudo mais sombrio.

Andrew olha para mim por um momento longo e silencioso, e então balança a cabeça, permitindo que um pequeno sorriso de gratidão apareça só no fundo dos seus

olhos. Dou a mão para me despedir e ele faz o mesmo, mas segura a minha por um segundo a mais que o normal e então me puxa num abraço. Eu o abraço apertado, desejando poder confessar de uma vez que estou com medo de ficar sozinha, mas sei que não posso fazer isso.

Segura a onda, Camryn!

Ele se afasta, balança a cabeça uma última vez com aquele sorriso de que aprendi a gostar tão rapidamente e se afasta, saindo do terminal. Fico ali pelo que parece uma eternidade, incapaz de mover as pernas. Vejo-o entrar num táxi e continuo olhando até que o táxi se afasta e desaparece de vista.

Estou sozinha de novo. A mais de mil quilômetros de casa. Sem direção, sem propósito, sem outros objetivos além de tentar me encontrar nesta jornada que jamais imaginei que teria coragem de começar. E estou com medo. Mas preciso fazer isso.

Preciso, porque preciso deste tempo sozinha, longe de tudo o que aconteceu em casa e que acabou me trazendo aqui.

Finalmente, me controlo e me afasto das vidraças altas para procurar um lugar para sentar. Tem uma espera de quatro horas até o próximo ônibus para Idaho, portanto, preciso encontrar um jeito de aproveitar o meu tempo.

Primeiro, vou para as máquinas de venda automática.

Enfiando moedas na abertura, quando estou quase apertando E4 para comprar uma barrinha de cereais — a coisa mais próxima de saudável em todo o estoque da máquina — meu dedo dá meia-volta e aperta D4, e uma barra de chocolate engordativa, nojenta, lotada de açúcar cai da espiral para a gaveta no fundo. Recolho alegremente minha porcarias e vou para a máquina de refrigerante, passando batido por uma com água mineral e sucos, e compro uma bebida gasosa e provocadora de gases e cáries.

Andrew ficaria orgulhoso.

Saco! Para de pensar em Andrew!

Pego minhas porcarias, encontro um banco vazio e me sento para esperar o dia passar.

A espera de quatro horas se transforma em seis. Avisaram pelo alto-falante alguma coisa sobre o meu ônibus atrasar devido a problemas mecânicos. Um coro de gemidos desesperados se eleva pela rodoviária.

Lindo. Maravilhoso. Estou largada numa rodoviária no meio do nada, e é bem provável que eu passe a noite aqui, tentando dormir em posição fetal nesta cadeira de plástico duro que não é confortável nem pra sentar.

Ou posso simplesmente comprar outra passagem de ônibus pra outro lugar.

É isso! Problema resolvido!

Só queria ter pensado nisso mais cedo e poupado as seis horas que já desperdicei aqui. É como se eu tivesse enganado o meu cérebro, de alguma forma, levando-o a pensar que sou obrigada a viajar até aquela porra de Idaho só porque já paguei a passagem.

Pego a mala e a bolsa do assento ao meu lado, ponho as alças no ombro, marcho através da rodoviária, passando por uma multidão de passageiros descontentes que claramente não têm a mesma opção que eu, e vou até a bilheteria.

— Moça, a bilheteria está fechando — diz a funcionária do outro lado do guichê.

—

Espera, por favor — digo, estendendo os braços por cima do balcão exasperadamente —, só preciso comprar uma passagem pra outro lugar. Por favor, a senhora não imagina o quanto vai me ajudar!

A velha de cabelo ressecado franze o nariz para mim e parece morder a bochecha por dentro. Ela suspira e corre os dedos pelo teclado do computador.

— Oh, obrigada! — digo. — A senhora é demais! Obrigada!

Ela revira os olhos.

Puxo a bolsa para a frente, joga-a no balcão e procuro rapidamente minha pequena carteira com zíper.

— Pra onde está indo? — ela pergunta.

Pronto, a pergunta de um milhão de dólares de novo. Corro os olhos pelo balcão à procura de algum “sinal” como a batata assada da outra rodoviária na Carolina do Norte, mas não vejo nada óbvio. A velhinha está começando a ficar ainda mais nervosa comigo, e isso me deixa mais ansiosa para andar logo e pensar em alguma coisa.

— Moça? — ela diz com um profundo suspiro, olhando para o relógio na parede. — Já deu minha hora há 15 minutos. Eu queria muito poder voltar pra casa e jantar.

— Claro, desculpa. — Puxo o cartão de crédito da carteira e entrego para ela. — Texas — digo, primeiro como um teste, mas aí percebo que gostei da sensação de dizer. — É, qualquer lugar no Texas tá ótimo.

A velhinha ergue uma sobrancelha ruiva e despenteada.

— Você não sabe pra onde vai?

Balanço a cabeça furiosamente.

— Sei, sim, só quis dizer que o próximo ônibus pro Texas serve. — Sorrio para ela, torcendo para que ela engula essa lorota ridícula e não ache que precisa pedir

meus documentos para afastar qualquer suspeita. — Já tô esperando aqui há seis horas. A senhora entende.

Ela me olha por um momento longo e enervante, e então toma o cartão dos meus dedos e começa a teclar de novo.

— O próximo ônibus pro Texas sai daqui a uma hora.

— Ótimo! Vou nesse! — decido, antes mesmo que ela consiga me dizer exatamente para onde no Texas.

Não importa. E ela está com tanta pressa de ir para casa que também parece não se importar. Já que eu não ligo, ela com certeza também não.

Pego minha passagem novinha em folha e a enfio na bolsa, perto da antiga, enquanto o guichê se fecha atrás de mim às 21h05, e eu me sinto invadida por um breve alívio.

Voltando para o meu banco, procuro o celular na bolsa e verifico se perdi alguma ligação ou mensagem de texto. Minha mãe ligou duas vezes e deixou recado na caixa postal as duas vezes, mas ainda não há nenhuma resposta de Natalie.

— Querida, onde você está? — minha mãe pergunta do outro lado da linha quando ligo de volta. — Tentei ligar pra ver se você estava na casa da Natalie, mas não consegui falar com ela. Você está bem?

— Tô, mãe, tô bem. — Estou andando de um lado para outro na frente do meu banco, com o celular no ouvido direito. — Resolvi viajar pra ver minha amiga Anna na Virgínia.

Vou ficar um pouco aqui com ela, mas tô bem.

— Mas, Camryn, e o novo emprego? — Ela parece decepcionada, especialmente por ter sido sua amiga quem me deu a chance e me contratou. — Maggie disse que você trabalhou uma semana e depois não apareceu mais, nem ligou, nem nada.

— Eu sei, mãe, e sinto muito, mas aquilo não era mesmo pra mim.

— Bem, o mínimo que você poderia ter feito era ser educada e avisar, cumprir as duas semanas de aviso prévio, qualquer coisa, Camryn.

Me sinto mal por ter agido assim, e normalmente não teria tido uma atitude tão sem consideração, mas a situação infelizmente exigiu que fosse assim.

— Tem razão — admito —, e quando eu voltar, vou ligar pra Sra. Phillips e pedir desculpas pessoalmente.

— Mas isso não é do seu feitio — minha mãe insiste, e começo a ficar preocupada, porque ela está se aproximando demais dos verdadeiros motivos de eu ter ido embora, e de todas as coisas que me recuso a discutir com ela. — E você pega e vai pra Virgínia sem me ligar, nem me deixar um bilhete. Tem certeza que

— Você está bem?

— Tô, sim. Para de se preocupar. Por favor. Te ligo de novo depois, mas agora preciso ir.

Ela não quer, posso sentir pelo modo como suspira fundo ao telefone, mas desiste.

— Tá, toma cuidado, então, te amo.

— Também te amo, mãe.

Verifico a caixa de entrada do celular mais uma vez, esperando talvez que Natalie tenha me mandado alguma mensagem de texto que não vi. Olho as mensagens de vários dias atrás, mesmo sabendo muito bem que se houvesse alguma mensagem não lida, haveria uma bolinha vermelha no ícone avisando.

Acabo voltando tanto sem perceber que o nome de Ian aparece na tela, e meu coração gela no peito. Paro ali e começo a passar o dedo em seu nome para ler as mensagens que trocamos pouco antes que ele morresse, mas não consigo.

Jogo o celular de volta na bolsa com raiva.

AGORA LEMBREI O OUTRO motivo de eu não gostar de refrigerante: me dá vontade de fazer xixi. A ideia de ficar presa naquele ônibus só com um banheirinho do tamanho de uma caixa de fósforos nos fundos me força a seguir direto para a toaleta da rodoviária.

No caminho, jogo no lixo a lata de refrigerante pela metade.

Passando reto pelas três primeiras cabines, que estão nojentas, me fecho na quarta e penduro a bolsa e a mala no gancho da porta azul. Espalho uma boa camada de papel higiênico sobre a privada para não pegar nenhuma doença; faço o que tenho que fazer rapidinho, e aí vem a parte estratégica. Com um pé apoiado na privada para evitar que ela dê descarga sozinha por causa do sensor, fecho de qualquer jeito o botão do jeans, alcanço a bagagem pendurada no gancho e abro a porta, tudo isso com o pé ainda desajeitadamente levantado atrás de mim.

E aí pulo rápido para fora da cabine antes que a privada dê a descarga.

A culpa é dos Myth Busters; fiquei arrasada por meses depois de ver o episódio em que eles provam que a privada realmente borrija germes invisíveis pra todo lado quando você dá a descarga.

As lâmpadas fluorescentes do banheiro são mais fracas que as de fora. Uma delas pisca acima de mim. Duas aranhas estão escondidas em teias cheias de bichos mortos no canto da parede. Fede aqui dentro. Paro diante de um espelho, procuro um lugar seco no balcão da pia para apoiar as bagagens e lavo as mãos. Maravilha, não tem toalhas de papel. O único jeito de secar as mãos é com aquele soprador nojento pendurado na parede, que nunca seca nada, só espalha a água pra todo lado. Começo a esfregar as mãos no jeans, mas aperto o botão prateado do secador e ele desperta com um rugido.

Eu me encolho. Odeio aquele barulho.

Enquanto finjo que estou secando as mãos (porque sei que no final vou enxugar no jeans mesmo), uma sombra se move atrás de mim e chama minha atenção nos espelhos.

Eu me viro e ao mesmo tempo o secador se desliga, enchendo o banheiro de silêncio novamente.

Um homem está na porta do banheiro, olhando para mim.

Meu coração dispara e minha garganta seca.

— Aqui é o banheiro feminino.

Olho para as minhas bagagens no balcão. Tenho alguma arma? Sim, eu trouxe pelo menos um canivete, mas ele não vai ajudar muito a alguns metros de mim, fechado dentro de um saquinho.

— Desculpa, achei que fosse o banheiro masculino.

Tá, desculpas aceitas, agora cai fora daqui, por favor.

O homem, usando tênis sujos e velhos e um jeans desbotado com manchas de tinta, fica parado ali. Isso não é bom. Se ele tivesse mesmo entrado aqui por engano, com certeza iria parecer mais constrangido e já teria botado o rabo entre as pernas e saído.

Marcho até minhas coisas no balcão e noto com o canto do olho que ele dá mais alguns passos na minha direção.

— Eu... não queria te assustar — ele diz.

Abro minha mala e procuro o canivete, enquanto tento ao mesmo tempo ficar de olho nele.

— Eu te vi no ônibus — ele fala, e continua a se aproximar. — Meu nome é Robert.

Eu me viro para encará-lo.

— Olha, você não devia estar aqui. Não é bem o lugar certo pra conversar; sugiro que você saia. Agora. — Finalmente sinto o cabo do canivete e o empunho, mantendo a mão escondida dentro da mala. Meu dedo aperta a pecinha de metal que abre a lâmina. Eu a ouço abrir e travar no lugar.

O homem para a uns 2 metros de mim e sorri. Seu cabelo preto é seboso e penteado para trás. Sim, agora lembrei; ele veio nos mesmos ônibus que eu desde o Tennessee.

Meu Deus, ele estava me olhando esse tempo todo?

Puxo o canivete de dentro da mala e o seguro erguido, pronta para usá-lo e mostrar para ele que não vou hesitar.

Ele apenas sorri. Isso me assusta também.

Meu coração está ricocheteando nas costelas.

— Sai de perto de mim — aviso, cerrando os dentes. — Juro por Deus que vou te sangrar feito um porco.

— Não vou te machucar — ele responde, ainda sorrindo perturbadoramente. — Eu vou pagar uma grana preta pra você chupar meu pau. Só quero isso. Você vai sair deste banheiro uns quinhentos dólares mais rica, e eu vou tirar essa ideia da cabeça. Nós dois vamos sair ganhando.

Começo a gritar a plenos pulmões, quando de repente outra sombra escura me chama a atenção. Andrew pula em cima do homem, jogando o corpo dele meio metro longe sobre o longo balcão. As costas do homem batem num dos espelhos. O

vidro se parte e estilhaços chovem para todo lado. Eu salto para trás e grito, esbarrando no secador e acordando-o novamente. Deixei cair o canivete em algum momento. Vejo-o no chão, mas agora estou apavorada demais para me mexer e pegá-lo.

Sangue pinga do que sobrou do espelho quando Andrew levanta o homem de cima do balcão, puxando-o pela camisa. Ele põe a outra mão para trás e enterra o punho no rosto do homem. Ouço um barulho nojento de cartilagem esmigalhando e o sangue jorra do nariz dele. Mais e mais vezes, Andrew faz chover socos na cabeça dele, um golpe sangrento após o outro, até que o homem não consegue mais mantê-la erguida e ela começa a dançar feito bêbada sobre seus ombros. Mas Andrew não para, segurando o homem pelos ombros com as duas mãos, tirando seus pés do chão e batendo suas costas duas vezes na parede azulejada.

Ele o nocauteia completamente.

Andrew solta o corpo do homem, que desaba no chão. Ouço a cabeça dele bater no piso. Andrew fica de pé perto dele, talvez esperando para ver se ele vai se levantar de novo, mas há algo perturbadoramente indomado na sua postura e na expressão enfurecida com que olha para o homem desacordado.

Mal posso respirar, mas consigo dizer:

— Andrew? Você tá bem?

Ele sai do transe e se vira bruscamente para me olhar.

— Quê? — Andrew balança a cabeça e seus olhos se estreitam sob rugas incrédulas.

Ele se aproxima. — Se eu tô bem? Que pergunta é essa? — Ele aperta meus antebraços e me olha intensamente nos olhos. — Você tá bem?

Tento virar a cabeça, porque a intensidade do seu olhar é avassaladora, mas ele segue meu movimento e me sacode uma vez para me forçar a olhá-lo.

— Tô... tô bem — digo finalmente —, graças a você.

Andrew me puxa para seu peito rijo como pedra e aperta os braços nas minhas costas, praticamente me matando esmagada.

— A gente precisa chamar a polícia — ele diz, se afastando.

Balanço a cabeça e ele me puxa pela mão para fora do banheiro e pelo corredor cinza e sombrio.

Quando a polícia chega, o homem já desapareceu.

Andrew e eu concluímos que ele deve ter saído de fininho depois que fomos embora.

Deve ter fugido pelos fundos enquanto Andrew estava ao telefone. Nós o descrevemos para os policiais e damos nossos depoimentos. Eles parabenizam Andrew — sem muito entusiasmo — por intervir, mas ele parece querer apenas parar logo de falar com eles.

Meu novo ônibus para o Texas partiu há dez minutos, portanto, estou presa no Wyoming de novo.

— Pensei que você ia pra Idaho — Andrew diz.

Deixei escapar que meu “ônibus pro Texas” foi embora sem mim.

Mordo de leve a parte de dentro do lábio inferior e cruzo as pernas. Estamos sentados perto da entrada, dentro da rodoviária, olhando pelas vidraças altas o vaivém dos passageiros.

— Bom, agora tô indo pro Texas — é tudo o que digo, mesmo sabendo que fui “pega no flagra” e tendo a sensação de que muito em breve vou acabar contando uma parte da verdade. — Você não foi embora de táxi? — digo, tentando fugir do assunto.

— Fui — ele diz —, mas não começa a falar de mim, Camryn. Por que você não tá mais indo pra Idaho?

Eu suspiro. Sei que ele não vai parar de perguntar até me fazer falar, por isso jogo a toalha.

— Na verdade, não tenho uma irmã em Idaho — admito. — Só tô viajando. Nada além disso, sério.

Eu o ouço soltar um suspiro irritado.

— Sempre tem alguma coisa a mais... Você tá fugindo de casa?

Finalmente olho para ele.

— Não, não tô fugindo, ao menos não no sentido de fugir ilegalmente.

— Em que sentido, então?

Dou de ombros.

— Eu só precisava sair de casa por uns tempos.

— Então fugiu de casa?

Expiro bruscamente e olho em seus olhos verdes e intensos, que me penetram.

— Não fugi de casa, só precisava sair de casa.

— E aí você tomou um ônibus sozinha?

— É. — Estou ficando irritada com o interrogatório.

— Vai precisar me contar mais do que isso — ele afirma, resolutivo.

— Olha, tô mais agradecida do que você pode imaginar pelo que você fez. De verdade.

Mas acho que me salvar não te dá o direito de saber da minha vida.

Um leve ar de insulto toma sutilmente o seu semblante.

Me sinto culpada na hora, mas é verdade: não sou obrigada a contar nada para ele.

Ele desiste e olha para a frente, apoiando um tornozelo sobre o joelho.

— Vi aquele pedaço de merda olhando pra você desde que subi no ônibus no Kansas — ele revela, obtendo toda a minha atenção. — Você não viu, mas eu vi, por isso eu comecei a vigiar o cara. — Ele ainda não me encarou de novo, mas estou olhando fixamente o seu perfil enquanto ele explica. — Vi o sujeito pegar um táxi e ir embora antes de mim, e só então achei que podia deixar você aqui sozinha. Mas a caminho do hospital, tive um mau pressentimento. Falei pro taxista me deixar num restaurante e fui comer. Mas não consegui tirar aquilo da cabeça.

— Peraí — interrompi —, você não foi pro hospital?

Ele olha para mim.

— Não, eu sabia que se fosse pra lá... — ele desvia o olhar novamente — ... não ia ter com o prestar atenção no mau pressentimento que eu tava tendo enquanto visse meu pai morrendo.

Eu entendo e não digo mais nada.

— Então fui pra casa do meu pai, peguei o carro dele, dei umas voltas, e quando não consegui aguentar mais, voltei pra cá. Estacionei do outro lado da rua, esperei um pouco e não deu outra, um táxi parou e deixou o cara aqui de novo.

— Por que você não entrou, em vez de ficar esperando no carro?

Ele olha para baixo, pensativo.

— Não quis te assustar.

— Por que isso ia me assustar? — Percebo que estou sorrindo um pouco.

Andrew me olha nos olhos e vejo aquela expressão brincalhona e metida a esperta começando a tomar conta do seu rosto novamente.

Ele vira as duas mãos de palmas para cima.

— Hum, um desconhecido que você conheceu no ônibus volta horas depois pra ficar sentado ao teu lado? — Suas sobrancelhas se enrugam na testa. — Quase tão sinistro quanto o sr. Chupa-meu-pau-por-quinzentos-dólares, não acha?

Eu rio.

— Não, acho que é bem diferente.

Ele tenta disfarçar o sorriso, mas desiste.

— O que você vai fazer, Camryn? — Seu rosto fica sério de novo e eu também paro de sorrir.

Balanço a cabeça.

— Não sei; acho que vou esperar aqui até o próximo ônibus pro Texas chegar, e aí vou pro Texas.

— Por que o Texas?

— Por que não?

— Dá pra falar sério?

Eu bato com as mãos nas minhas coxas.

— Porque eu não vou voltar pra casa ainda!

O fato de eu gritar com ele não o abala.

— Por que ainda não quer voltar pra casa? — ele pergunta calma e metodicamente. — Melhor desembuchar de uma vez, porque eu não vou te deixar sozinha nesta rodoviária, especialmente depois do que aconteceu.

Cruzo os braços com força no peito e fico olhando para a frente.

— Bom, então acho que você vai ficar sentado aí bastante tempo, até eu tomar o ônibus.

— Não. Isso inclui não deixar você tomar mais nenhum ônibus sozinha pra canto nenhum. Texas, Idaho ou o caralho que o parta. Lugar nenhum. É perigoso e posso ver que você é inteligente, então nós vamos fazer o seguinte...

Pisco algumas vezes, atordoada por sua repentina arrogância autoritária.

Ele continua:

— Vou esperar com você aqui até amanhã de manhã. Isso vai te dar bastante tempo pra decidir se prefere me deixar pagar sua passagem de avião pra casa ou pedir pra alguém tomar um avião pra cá e vir te buscar. Você escolhe.

Eu o olho como se ele fosse louco.

Seus olhos me respondem: Sim, nunca falei tão sério.

— Eu não vou voltar pra Carolina do Norte.

Andrew se levanta bruscamente e fica de pé na minha frente.

— Tá, então eu vou com você.

Eu pisco, olhando para seus olhos intensos; suas maçãs do rosto perfeitamente esculpidas parecem mais pronunciadas, vistas por este ângulo, o que deixa seu olhar ainda mais feroz. Sinto um calafrio correr pela minha barriga.

— Isso é loucura. — Rio, mas sei que ele está falando sério, e então digo com mais severidade: — E o seu pai?

Andrew cerra os dentes e a intensidade dos seus olhos se torna mais desesperada.

Ele começa a desviar o olhar, mas uma ideia o traz de volta.

— Então vem comigo.

Quê? Sem chance...

Ele parece mais esperançoso do que determinado, agora. Volta a se sentar ao meu lado no banco de plástico azul.

— Vamos ficar aqui mesmo até amanhã de manhã — ele continua. — Porque é claro que você não vai sair da rodoviária com um estranho depois de escurecer. Certo?

Ele vira o queixo, me olhando de lado interrogativamente.

— Não, não vou — digo, embora sinta que posso realmente confiar nele; ele me salvou de ser estuprada, meu Deus! E nada nele me dá os mesmos medos que senti quando Damon fez praticamente a mesma coisa. Não, Damon tinha algo mais sombrio nos olhos quando me olhava, naquela noite no teto do galpão. Nos olhos de Andrew, só vejo preocupação.

Mesmo assim, não vou sair da rodoviária com ele agora.

— Boa resposta — ele diz, aparentemente contente por eu ser tão “inteligente” quanto ele esperava. — Vamos esperar amanhecer, e só pra você ficar mais tranquila, vou chamar um táxi pra levar a gente pro hospital, em vez de esperar que você entre no meu carro.

Balanço a cabeça, feliz por ele ter pensado nisso. Não vou dizer que eu ainda não tinha planejado essa parte. Tipo, já confio nele, mas é como se ele quisesse ter certeza de que não confio, como se estivesse me ensinando uma lição de forma discreta e indireta.

Fico até envergonhada em admitir que ele precisa “me ensinar” essas coisas.

— E depois do hospital, vamos voltar de táxi pra cá, e pra onde você quiser ir, eu vou com você.

Ele estende a mão.

— Combinado?

Penso um momento em tudo, confusa, mas ao mesmo tempo completamente

fascinada com ele. Balanço a cabeça, relutante primeiro, depois de novo, com mais segurança.

— Combinado — digo, e aperto a mão dele.

Sinceramente, não sei se concordo com tudo. Por que ele está fazendo isso? Não tem que cuidar da sua própria vida? Com certeza ele não deve ter tantos problemas em casa quanto eu.

Isso é loucura! Quem é esse cara?

Ficamos sentados juntos por várias horas ali mesmo na rodoviária, falando de coisas nada importantes, mas eu adoro cada segundo das nossas conversas. Sobre como eu cedi e tomei um refrigerante, e como foi por causa do refrigerante que acabei indo parar no banheiro com o cara — ele ri e diz que eu tenho bexiga fraca, só isso. Fofocamos discretamente sobre os passageiros que vêm e vão; os esquisitos e aqueles que estão com cara de mortos, como se estivessem viajando de ônibus há uma semana sem conseguir dormir. E falamos mais um pouco sobre rock clássico, mas a discussão continua no mesmo impasse de quando tocamos no assunto pela primeira vez no ônibus.

Ele praticamente morreu quando falei que prefiro ouvir Pink em vez de Rolling Stones, sempre. Tipo, acho que literalmente o feri. Ele pôs aquela mão enorme no coração, jogou a cabeça para trás, arrasado, e tudo o mais. Foi muito dramático. E engraçado. Tentei não rir, mas era difícil me segurar, com ele fazendo aquela expressão endurecida, exagerada e praticamente sorrindo também.

E quando íamos sair, depois que amanheceu, parei para olhá-lo um momento. Uma brisa leve agitava o seu cabelo castanho e bem-cortado. Ele inclinou a cabeça para o lado, sorrindo para mim e me chamando para o táxi.

— Você vem comigo, não vem?

Sorri calorosamente para ele e fiz que sim com a cabeça.

— Claro. — Segurei sua mão e me sentei com ele no banco de trás.

Enquanto olhava para Andrew, eu percebi que não sorria nem ria tanto assim desde a morte de Ian. Nem mesmo Natalie conseguia me deixar genuinamente alegre, e ela se esforçava muito. Minha amiga fazia de tudo para me ajudar a sair da depressão, mas nenhuma das tentativas dela jamais chegou perto dos resultados que Andrew alcançou em tão pouco tempo, e sem querer.

ANDREW

MINHA GARGANTA SE FECHA assim que pisamos no hospital, como se uma muralha de escuridão surgisse do nada e me engolissem. paro por um segundo na entrada e fico ali, com os braços pesadamente caídos. E então sinto a mão de Camryn tocar meu pulso.

Olho para ela. Está sorrindo com tanta ternura que me faz derreter um pouco. Seu cabelo louro está preso numa trança bagunçada de um lado, jogada sobre o ombro direito. Alguns fios que escaparam do elástico caem pelos lados do seu rosto. Sinto a necessidade de esticar a mão e afastá-los delicadamente com o dedo, mas não faço isso.

Não posso fazer essas merdas. Preciso me livrar dessa atração. Mas ela é diferente das outras garotas, e acho que é exatamente por isso que estou tendo tanta dificuldade. Não preciso disso agora.

— Você vai ficar bem — ela diz.

Sua mão solta meu pulso quando ela nota que chamou minha atenção. Sorrio fracamente para ela.

Seguimos o corredor até o elevador e subimos para o terceiro andar. A cada passo do caminho, sinto que deveria dar meia-volta e sair daqui. Meu pai não quer que eu demonstre emoção lá dentro, e no momento estou prestes a explodir.

Talvez seja melhor eu sair, esmurrar algumas árvores e descarregar tudo antes de entrar no quarto.

Paramos na sala de espera, onde algumas outras pessoas estão sentadas, lendo revistas.

— Vou te esperar aqui — Camryn diz, e eu olho para ela.

— Por que você não entra comigo?

Quero muito que ela entre. Não sei por quê.

Camryn começa a fazer que não com a cabeça.

— Não posso entrar lá — diz, parecendo pouco à vontade agora. — É sério, eu... eu não acho adequado.

Estendo a mão, pego delicadamente a mala do ombro dela e ponho no meu. Está leve, mas ela estava começando a parecer incomodada.

— Não tem problema — insisto. — Eu quero que você entre comigo.

Por que estou dizendo isso?

Ela baixa a cabeça e depois observa cautelosamente o resto da sala, antes que seus olhos azuis me encarem de novo.

— Tá — ela diz com um breve aceno.

Sinto meu rosto se abrir num sorrisinho e instintivamente seguro a mão dela. Ela não me impede.

Me sinto reconfortado por ela, nem é preciso dizer, e tenho a sensação de que ela está feliz em aceitar. Com certeza sabe o quanto algo assim deve ser difícil para qualquer um.

Andamos de mãos dadas até o quarto do meu pai.

Ela aperta minha mão uma vez, me olhando como que para me encorajar mais. E

então eu empurro a porta do quarto de hospital. Uma enfermeira me olha quando entramos.

— Sou o filho do sr. Parrish.

Ela balança a cabeça solenemente e continua ajustando as máquinas e tubos conectados ao meu pai. O quarto é um espaço tipicamente neutro e estéril, com paredes brancas brilhantes e um chão de cerâmica tão lustroso que as lâmpadas dos painéis do forro são refletidas por ele. Ouço o bipe constante e regular do monitor de frequência cardíaca ao lado da cama do meu pai.

Ainda não olhei para ele, na verdade. Noto que estou olhando para tudo no quarto, menos para ele.

Os dedos de Camryn apertam os meus.

— Como ele está? — pergunto, mas sei que é uma pergunta idiota. Está morrendo; é assim que ele está. É que não consigo dizer mais nada.

A enfermeira me olha sem expressão.

— Ele não está consciente o tempo todo, como você já deve saber.

Não, na verdade eu não sabia.

— E não houve nenhuma mudança, nem para melhor, nem para pior. — Ela ajeita um tubo de soro preso nas costas da mão enrugada dele.

Então ela dá a volta na cama, pega uma prancheta da mesinha e enfia debaixo do braço.

— Mais alguém esteve aqui? — pergunto.

A enfermeira balança a cabeça.

— Parentes têm vindo nos últimos dias. Alguns saíram há mais ou menos uma hora, mas acho que devem voltar.

Provavelmente Aidan, meu irmão mais velho, e sua esposa, Michelle. E meu

irmão mais novo, Asher.

A enfermeira sai discretamente do quarto.

Camryn olha para mim, apertando mais forte minha mão. Seus olhos sorriem cautelosamente.

— Vou sentar ali e deixar você visitar seu pai, tá?

Concordo com a cabeça, embora tudo que ela disse tenha sumido da minha mente como uma lembrança fugidia. Seus dedos soltam os meus devagar e ela se senta perto da parede, numa poltrona de vinil. Respiro fundo e passo a língua em meus lábios ressecados.

O rosto do meu pai está inchado. Tubos entram em suas narinas, levando oxigênio.

Fico surpreso em ver que ele ainda não está sendo mantido por aparelhos, mas isso me dá uma pequena esperança. Bem pequena. Sei que ele não vai melhorar; isso já foi praticamente confirmado. O que sobrava do seu cabelo foi raspado. Falaram em tentar uma cirurgia, mas quando meu pai ficou sabendo que isso não iria salvá-lo, naturalmente reclamou:

— Vocês não vão mexer na minha cabeça, caralho — ele exclamou. — Querem que eu pague milhares de dólares pra um médico de meia-tigela rachar a minha cachola? Puta que pariu, rapaz! (Ele estava falando especificamente com Aidan.) Nem parece que você tem dois bagos no meio das pernas!

Meus irmãos e eu estávamos dispostos a fazer o que fosse preciso para salvá-lo, mas ele assinou escondido da gente algum tipo de “cláusula” que dizia que, quando a situação piorasse, ninguém teria o direito de tomar essas decisões por ele.

Foi minha mãe que alertou o hospital sobre os desejos do meu pai, dias antes que a cirurgia fosse realizada, e apresentou todos os papéis. Isso nos abalou, mas minha mãe é uma mulher inteligente e amorosa, e nenhum de nós jamais conseguiria ficar puto com ela por ter feito isso.

Eu me aproximo e olho para o corpo dele. Minha mão meio que tem vontade própria, e quando dou por mim, está deslizando ao lado da dele e segurando-a. Até isso parece estranho. Como se eu não devesse tê-lo feito. Se fosse qualquer outra pessoa, eu não teria problema em segurar a mão dela. Mas este é meu pai, e sinto que estou fazendo algo errado. Posso ouvir a voz dele na minha cabeça: “Homem não pega na mão de homem, rapaz. Qual é o teu problema?”

De repente, meu pai abre os olhos e instintivamente solta a mão dele.

— É você, Andrew?

Balanço a cabeça, olhando para ele.

— Cadê a Linda?

— Quem?

— Linda — ele diz, e seus olhos não conseguem decidir se querem ficar abertos.

— Minha mulher, Linda. Cadê ela?

Engulo com dificuldade e olho rapidamente para Camryn, que está sentada quietinha, observando.

Eu me viro para o meu pai.

— Pai, você e Linda se divorciaram ano passado, lembra?

Seus olhos verde-claros estão molhados. Não são lágrimas. É só umidade. Ele parece zozzo por um momento e estala os lábios, passando a língua seca na boca.

— Quer um pouco d'água? — pergunto, e estico o braço para a longa mesa com rodinhas que foi afastada da cama. Uma jarra d'água cor-de-rosa e uma caneca grossa de plástico com tampa e um canudo no meio estão em cima dela.

Meu pai faz que não com a cabeça.

— Você ajeitou a sra. Nina? — ele pergunta.

Balanço a cabeça de novo.

— Sim, ela tá linda. Pintura e rodas especiais novas.

— Que bom, que bom — ele aprova, assentindo um pouco com a cabeça também.

A situação é meio constrangedora, e sei que isso está escrito na minha testa e na minha postura. Não sei o que dizer, se devia tentar forçá-lo a beber um pouco d'água ou apenas me sentar e esperar Aidan e Asher voltarem. Prefiro que eles cuidem dele. Não sou bom nessas coisas.

— Quem é aquela coisinha linda? — ele pergunta, olhando para a parede.

Eu me pergunto como meu pai consegue ver Camryn lá longe, e então noto que ele a vê pelo espelho alto do outro lado, que reflete aquela parte do quarto. Camryn fica imóvel por um instante, mas aquele sorriso lindo dela lhe ilumina o rosto. Ela levanta a mão e acena para ele pelo espelho.

Mesmo com todo o inchaço, vejo um sorriso nos lábios do meu pai.

— Aquela é a tua Eurídice? — ele pergunta, e eu arregalo os olhos. Espero que Camryn não tenha ouvido isso, mas não sei como ela poderia não ouvir. Meu pai levanta fracamente uma mão e acena para Camryn.

Ela se levanta e vem ficar ao meu lado. Sorri com tanta ternura para ele que fico até impressionado. Parece que ela nasceu pra isso. Sei que está nervosa e talvez se sinta menos à vontade do que nunca, neste quarto com este moribundo que ela nem

conhece, mas segura a onda.

— Olá, sr. Parrish — ela diz — Sou Camryn Bennett, amiga de Andrew.

Ele olha para mim. Conheço essa cara; está comparando a resposta dela com a minha expressão, tentando decifrar o significado de “amiga”.

E então, de repente, meu pai faz algo que nunca o vi fazer: ele estica a mão... para mim.

O gesto me deixa atordoado.

Só quando noto Camryn disfarçadamente me alertando com os olhos para aceitar a mão dele é que caio em mim e a seguro, nervoso. Eu a seguro por um momento longo e embaraçoso e meu pai fecha os olhos e volta a dormir. Solto a mão dele quando sinto seu fraco aperto perder completamente a força.

A porta se abre e meus irmãos entram, junto com a esposa de Aidan, Michelle.

Me afasto do meu pai na hora, levando Camryn comigo, sem perceber que estou segurando a mão dela de novo até que os olhos de Aidan descem para nossos dedos entrelaçados.

— Que bom que você chegou — Aidan comenta, mas com uma pitada de desprezo na voz, sem dúvida.

Ainda está puto comigo por não ter tomado um avião e chegado mais rápido. Ele vai ter que se conformar; cada um lamenta à sua maneira.

Apesar disso, ele me puxa num abraço, apertando uma das mãos entre nós e batendo nas minhas costas com a outra.

— Esta é Camryn — apresento, olhando para ela.

Ela sorri para os três, já da poltrona perto da parede.

— Estes são meu irmão mais velho, Aidan, e sua esposa, Michelle. — Aponto delicadamente para eles. — E aquele é o mais pirralho, Asher.

— Babaca — Asher responde.

— Eu sei — concordo.

Aidan e Michelle se sentam nas outras duas cadeiras, perto de uma mesa, e começam a distribuir os hambúrgueres e fritas que acabaram de comprar.

— O velho ainda não acordou — Aidan diz, enfiando algumas batatas fritas na boca. — Detesto dizer isso, mas acho que nem vai.

Camryn olha para mim. Nós dois falamos com meu pai agora há pouco e sei que ela espera que eu conte isso.

— Provavelmente não — digo, e vejo Camryn apertando os olhos, confusa.

— Quanto tempo você vai ficar? — Aidan pergunta.

— Não muito.

— Por que isso não me surpreende? — Ele dá uma mordida no seu hambúrguer.

— Não começa com essa merda, Aidan, não tô a fim disso, e aqui não é a hora nem o lugar, porra.

— Você que sabe — Aidan diz, balançando a cabeça e mastigando a comida. Ele mergulha algumas batatas fritas num montinho de ketchup que Michelle fez num guardanapo no meio da mesa. — Faz o que você quiser, mas esteja aqui pro enterro.

Não há emoção no seu rosto. Ele simplesmente continua a comer.

Eu fico completamente paralisado.

— Porra, Aidan — Asher diz atrás de mim. — Dá um tempo, cara! Fala sério, mano, o Andrew tem razão.

Asher sempre foi o mediador entre mim e Aidan. Sempre foi o mais equilibrado. Eu e Aidan pensamos melhor com os punhos. Meu irmão mais velho sempre ganhou de mim quando éramos mais novos, mas mal sabia ele que sempre que me enchia de porrada estava me treinando.

Agora estamos no mesmo nível. Evitamos as vias de fato a todo custo, mas sou o primeiro a admitir que não sei segurar minha onda tão bem quanto ele. E Aidan sabe disso. Por isso está ficando na dele, agora, e usando Michelle como uma distração. Ele limpa um pouco de ketchup da boca da esposa. Ela dá uma risadinha.

O olhar de Camryn cruza o meu; provavelmente ela está tentando chamar minha atenção há alguns minutos, e por um momento penso que quer me avisar que é hora de ir embora, mas ela só balança a cabeça, pedindo que eu me acalme.

Obedeço na hora.

— Então — Asher diz, para aliviar a tensão no ambiente —, há quanto tempo vocês estão saindo? — Ele se apoia na parede perto do aparelho de TV, cruzando os braços no peito.

Somos quase idênticos, com o mesmo cabelo castanho e as porras das covinhas. Aidan é o esquisito do trio; seu cabelo é bem mais escuro, e em vez de covinhas, ele tem uma pinta na bochecha esquerda.

— Oh, não, somos só amigos — digo.

Acho que Camryn ficou vermelha, mas não tenho certeza.

— Deve ser uma boa amiga, pra vir até o Wyoming com você — Aidan diz.

Por sorte, ele não está sendo babaca. Se decidisse descontar nela a raiva que sente de mim, eu ia ter que quebrar a cara dele.

— Pois é — Camryn diz, e sou instantaneamente absorvido pela doçura da sua voz —, eu moro perto de Galveston; achei que alguém devia viajar com o Andrew, já que ele vinha de ônibus.

Fico surpreso por ela lembrar a cidade onde falei que morava.

Aidan faz que sim com a cabeça para ela com simpatia; suas bochechas se movem enquanto ele mastiga.

— Maior gata, mano — ouço Asher cochichar atrás de mim.

Eu me viro e o silêncio com o olhar. Ele sorri, mas cala a boca.

O velho se mexe quase imperceptivelmente e Asher se aproxima do lado da cama. Ele dá um soquinho amigável no nariz de papai.

— Acorda. A gente trouxe hambúrguer.

Aidan levanta seu sanduíche como se nosso pai pudesse vê-lo.

— Tá bem gostoso. Melhor acordar logo, senão a gente come tudo.

Papai continua imóvel.

Ele treinou muito bem os três filhos. A gente jamais pensaria em ficar em volta da cama dele, deprimidos e essas merdas todas. E, quando ele morrer, Aidan e Asher provavelmente vão pedir uma pizza e uma caixa de cerveja e ficar falando merda até amanhecer.

Eu não estarei aqui para participar disso.

Aliás, quanto mais tempo eu ficar, maior a chance de ele morrer antes que eu vá embora.

Falo com meus irmãos e com Michelle mais alguns minutos, e então me aproximo de Camryn.

— Você tá pronta?

Ela pega minha mão e fica de pé.

— Já vão embora? — Aidan diz.

Camryn fala antes de mim, dizendo com um sorriso: — Ele volta; a gente só vai comer alguma coisa.

Ela está tentando desarmar a discussão antes que comece. Olha para mim e eu, concordando em fazer o mesmo, viro para Asher e digo: — Me liga se alguma coisa mudar.

Asher concorda com a cabeça, mas não diz mais nada.

— Tchau, Andrew — Michelle diz. — Foi bom te ver de novo.

— Você também.

Asher nos acompanha até o corredor.

— Você não vai voltar, vai? — ele diz.

Camryn se afasta de nós e anda pelo corredor para nos deixar conversar.

Balanço a cabeça.

— Desculpa, Ash, mas não consigo lidar com isso. Não consigo.

— Eu sei, mano. — Ele faz que sim com a cabeça. — Papai não ia nem ligar, você sabe. Ia preferir que você fosse transar ou encher a cara em vez de ficar olhando pra ele naquela cama.

Meu irmão está dizendo a verdade, por mais estranha que ela seja.

Ele também olha de relance para Camryn, depois de dizer isso.

— Só amigos? Mesmo? — cochicha para mim com um sorriso malicioso.

— Sim, a gente é só amigo, então cala essa boca, porra.

Ele ri silenciosamente e bate no meu braço.

— Te ligo quando for preciso, tá?

Balanço a cabeça, concordando. Quando “for preciso” significa quando papai morrer.

Asher levanta a mão para acenar para Camryn.

— Prazer.

Ela sorri e ele volta para dentro do quarto.

— Acho que você devia ficar aqui, Andrew. Acho mesmo.

Começo a andar mais rapidamente pelo corredor e ela me acompanha. Enfio as mãos nos bolsos. Sempre faço isso quando estou nervoso.

— Sei que você deve me achar um babaca egoísta por estar indo embora, mas você não entende.

— Então me explica — ela insiste, me segurando pelo cotovelo enquanto continuamos andando. — Não acho que esteja sendo egoísta, só acho que você não sabe como lidar com esse tipo de dor.

Ela está tentando me olhar nos olhos, mas não consigo olhar para ela. Só quero sair de dentro desta sentença de morte feita de tijolos vermelhos.

Chegamos ao elevador e Camryn para de falar porque há duas outras pessoas dentro dele, mas assim que chegamos ao térreo e as portas de metal se abrem, ela continua.

— Andrew. Para. Por favor!

Paro ao ouvir a voz dela e ela me faz virar. Ela me olha com uma expressão tão atormentada que meu coração dói. Aquela longa trança loura continua sobre o ombro direito dela.

— Fala comigo — ela diz mais baixinho, agora que chamou minha atenção. — Falar não faz mal.

— Do mesmo jeito que não faz mal me contar por que o Texas?

Isso a atinge.

CAMRYN

AS PALAVRAS DELE me calam por uns cinco segundos. Minha mão solta o seu cotovelo.

— Acho que a sua situação é um pouco mais importante que a minha, agora — argumento.

— É mesmo? — ele diz — E você quer viajar sozinha de ônibus por aí, sem saber aonde tá indo e correndo perigo; isso você não acha nem um pouco importante?

Ele parece furioso. Posso perceber que ele está, mas a maior parte da raiva, se não toda ela, é porque o pai dele está morrendo lá em cima, e Andrew não consegue aceitar isso. Eu lamento por ele, por ter sido criado acreditando que não se pode demonstrar o tipo de emoção necessária numa situação como essa sem se tornar menos homem por isso.

Também não consigo demonstrar emoção, mas não fui criada assim, fui forçada a isso.

— Você nunca chora? — pergunto. — Nem por outros motivos? Alguma vez você já chorou?

Ele bufá.

— Claro. Todo mundo chora, até caras fortões como eu.

— Tá, me diz uma vez.

Ele responde com facilidade:

— Um... um filme me fez chorar, uma vez — mas de repente parece constrangido, e talvez arrependido da resposta.

— Qual filme?

Ele não consegue me olhar nos olhos. Sinto o clima pesando menos entre nós, apesar do motivo por trás do peso.

— Que importa isso? — Andrew desconversa.

Sorriso e chego mais perto dele.

— Ah, conta logo, vai, que foi, acha que vou rir de você e te chamar de mulherzinha?

Ele abre um tênue sorriso por baixo do rubor constrangido do seu rosto.

— Diário de uma Paixão — ele diz, tão baixo que não consigo entender direito.

— Você disse Diário de uma Paixão?

— É! Chorei vendo Diário de uma Paixão, tá?

Andrew me dá as costas e eu uso todas as minhas forças para não cair na risada. Não acho nada engraçado ele ter chorado vendo Diário de uma Paixão; o que é engraçado é ele ficar tão humilhado por admitir.

Eu rio. Não consigo segurar, o riso simplesmente escapa.

Andrew se vira, com os olhos maiores do que pratos, e me fuzila com o olhar por um segundo. Dou um gritinho quando ele me agarra e me joga sobre o ombro, me carregando para fora do hospital.

Estou rindo tanto que meus olhos enchem de lágrimas. Lágrimas de alegria, não aquelas que parei de derramar depois que Ian morreu.

— Me bota no chão! — Eu bato os punhos nas costas dele.

— Você falou que não ia rir!

Dizendo isso, ele só me faz rir mais. Eu gargalho e faço uns barulhos estranhos que nem sabia que era capaz de fazer.

— Por favor, Andrew! Me bota no chão! — Meus dedos se enterram nas suas costas através do tecido da camisa.

Finalmente, sinto meus sapatos tocarem o chão. Olho para ele e paro de rir, porque quero que ele converse comigo. Não posso deixar que abandone o pai.

Mas ele fala primeiro:

— Só não posso ficar chorando por ele, como já te falei.

Toco o braço dele delicadamente.

— Bom, então não chora, mas pelo menos fica.

— Não vou ficar, Camryn. — Ele me olha intensamente nos olhos, e eu sei, só pelo modo como está me olhando, que não vou conseguir fazê-lo mudar de ideia. — Agradeço você tentar ajudar, mas isso é algo que não posso fazer.

Com relutância, balanço a cabeça.

— Talvez, em algum momento desta viagem com a qual você concordou, vamos conseguir contar um pro outro as coisas que não queremos contar — ele concede, e meu coração, por algum motivo, reage à sua voz.

Há uma palpitação no meu peito, por baixo dos meus seios, atrás das costelas.

Andrew sorri luminosamente, seus olhos verdes perfeitos como o centro de seu rosto esculpido.

Ele é lindo mesmo...

— Então, o que você decidiu? — ele pergunta, cruzando os braços e parecendo curioso.

— Vou te comprar uma passagem de avião pra casa ou quer mesmo ir pra Lugar Nenhum, Texas?

— Você quer mesmo ir comigo? — Simplesmente não consigo acreditar nisso, e ao mesmo tempo, quero mais do que tudo que seja verdade.

Prendo a respiração esperando a resposta.

Ele sorri.

— Sim, quero mesmo.

A palpação se transforma num calor e eu abro um sorriso tão grande que por um longo momento pareço não conseguir relaxar o rosto.

— Mas só tenho uma queixa sobre essa ideia — ele diz, levantando um dedo.

— Qual?

— Viajar naqueles ônibus — ele diz. — Odeio aquela porra.

Rio baixinho e sou obrigada a concordar com ele.

— E de que outro jeito podemos viajar?

Ele ergue um lado da boca num sorriso esperto.

— A gente pode ir de carro — sugere. — Eu dirijo.

Eu não hesito.

— Tá.

— Tá? — ele exclama, fazendo uma pausa. — Fácil assim? Vai entrar no carro de um cara que você mal conhece, e confiar que ele não vai te estuprar em alguma estrada deserta? A gente já não conversou sobre isso?

Eu inclino a cabeça para um lado, cruzando os braços.

— Faria alguma diferença se eu tivesse te conhecido numa biblioteca, e depois saísse com você, sozinha no seu carro? — Inclino a cabeça para o outro lado. — Todo mundo é desconhecido no começo, Andrew, mas nem toda mulher encontra um desconhecido que a salva de um estuprador e a leva pra conhecer o pai, que está morrendo, praticamente na mesma noite. Eu diria que você já passou no teste da confiança faz algum tempo.

O lado esquerdo de sua boca se ergue num sorriso, perturbando a seriedade das minhas palavras sinceras.

— Então esta viagem é um encontro?

— Hein? — Eu rio. — Não! Foi só uma analogia.

Sei que ele sabe disso, mas preciso dizer alguma coisa para que ele não note

minhas bochechas, que estão ficando vermelhas.

— Você entendeu.

Ele sorri.

— É, entendi, mas você me deve um jantar “amigável” na companhia de um filé. — Ele faz aspas com os dedos quando diz “amigável”. O sorriso nunca deixa o seu rosto.

— Devo, sim, não nego.

— Então tá combinado — ele decide, me dando o braço e me levando para o táxi que espera perto do estacionamento. — Vamos buscar o carro do meu pai na rodoviária, passar pela casa dele pra pegar umas coisas e depois cair na estrada.

Ele abre a porta de trás do táxi para que eu entre primeiro e a fecha depois de se sentar ao meu lado.

O táxi começa a rodar.

— Ah, acho que preciso estabelecer algumas regras básicas antes de a gente fazer isso.

— Ah, é? — Me viro e olho para ele, curiosa. — Que tipo de regras básicas?

Ele sorri.

— Bom, primeira: meu carro, meu som; sei que não preciso explicar mais.

Eu reviro os olhos.

— Então você tá me dizendo, basicamente, que vou ser obrigada a ouvir só rock clássico nessa viagem?

— Ah, você vai acabar gostando.

— Não acabei gostando nem quando era criança e tinha que aguentar meus pais ouvindo o dia todo.

— Segunda — ele continua, erguendo dois dedos e ignorando completamente o meu protesto —, você tem que fazer tudo que eu mandar.

Viro a cabeça bruscamente e franzo a testa.

— Hã? Que história é essa?

Seu sorriso fica ainda maior, maquiavélico até.

— Você disse que confia em mim, então confie nisso também.

— Bom, vai ter que me explicar melhor. Sério, sem brincadeira.

Ele afunda no banco e cruza os dedos entre suas longas pernas abertas.

— Prometo que não vou te pedir pra fazer nada doloroso, degradante, perigoso ou

inaceitável.

— Então, basicamente, não vai me pedir pra chupar teu pau por quinhentos dólares, nem nada do tipo?

Andrew joga a cabeça para trás e ri alto. O taxista se mexe no banco da frente. Noto que seus olhos desviam do retrovisor quando olho para ele.

— Não, nada disso, com certeza, juro. — Ele ainda está rindo um pouco.

— Tá, mas o que vai me pedir pra fazer, então?

Estou completamente desconfiada dessa conversa. Ainda confio nele, admito, mas também estou um pouco apavorada agora, temendo algo como acordar com um bigode desenhado com canetinha.

Ele dá uns tapinhas na minha coxa.

— Se isso te faz sentir melhor, você pode me mandar catar coquinho se não quiser fazer alguma coisa, mas espero que não faça isso, porque quero muito te mostrar como viver a vida.

Uau, isso me pega completamente desprevenida. Ele está falando sério; não há nada de engraçado nessas palavras, e mais uma vez fico fascinada por ele.

— Como viver a vida?

— Você faz perguntas demais. — Ele dá mais um tapinha na minha coxa e põe a mão novamente no próprio colo.

— Bom, se você estivesse sentado deste lado do carro, também faria um monte de perguntas.

— Talvez.

Meus lábios se abrem um pouco.

— Você é uma pessoa muito estranha, Andrew Parrish, mas tá, confio em você.

Seu sorriso fica mais terno quando ele apoia a cabeça no banco, olhando para mim.

— Mais alguma regra básica? — pergunto.

Ele olha para cima, pensativo, e morde a bochecha por dentro por um momento.

— Não. — Sua cabeça cai para o lado. — Só isso.

É a minha vez.

— Bom, também tenho algumas regras básicas.

Ele levanta a cabeça, curioso, mas deixa as mãos sobre a barriga, com os dedos fortes cruzados.

— Tá, manda — ele responde, sorrindo, com certeza preparado para qualquer coisa que eu inventar.

— Número um: em nenhuma circunstância você vai me comer. Só porque sou simpática com você e tô concordando com... bem, com a coisa mais doida que já fiz, tô te avisando logo que não vou ser sua próxima transa, nem vou me apaixonar por você (ele está sorrindo de orelha a orelha agora, e isso tira a minha concentração), nem qualquer coisa do tipo. Entendido? — Estou tentando falar bem sério. Estou mesmo. E acredito no que falei. Mas aquele sorriso idiota dele está meio que me forçando a sorrir, e eu o odeio por isso.

Ele faz um bico, pensativo.

— Completamente entendido — concorda, embora eu ache que exista um significado oculto nas suas palavras.

Eu concordo com a cabeça.

— Ótimo. — Me sinto melhor por ter deixado isso claro.

— O que mais? — ele pergunta.

Por um segundo, esqueci a outra regra básica.

— Tá, a número dois é: nada de Bad Company.

Ele parece levemente arrasado.

— Que raio de regra é essa?

— É minha regra e pronto — digo com um sorrisinho. — Algum problema? Você pode ouvir todas as outras bandas de rock clássico e eu não posso ouvir nada que eu quero, então não vejo nada de errado na minha condiçãozinha minúscula. — Abro meu polegar e indicador um centímetro para mostrar quão minúscula.

— Bom, não gostei dessa regra — ele resmunga. — Bad Company é uma ótima banda, por que tanto ódio?

Ele parece magoado. Acho isso bonitinho.

Estufo os lábios.

— Sinceridade? — Acho que vou me arrepender disto.

— Sinceridade, claro — ele diz, cruzando os braços. — Desembucha.

— Eles cantam demais sobre o amor. É piegas.

Andrew ri alto de novo e eu começo a achar que o taxista está ficando com os ouvidos cheios, com a gente no carro.

— Parece que alguém aqui está amarrga — Andrew diz, e um sorriso se espalha pelos seus lábios.

É, me arrependi.

Desvio o olhar porque não posso deixar que ele perceba nada em meu rosto que confirme que ele acertou na mosca sua avaliação a meu respeito. Ao menos no tocante ao meu ex infiel, Christian. Com ele, é amargura. Com Ian, é uma dor cruel e inalterada.

— Bom, a gente vai consertar isso também — ele comenta casualmente.

Volto a olhar para ele.

— Hãã, obrigada, dr. Phil, mas não preciso de ajuda com isso.

Peraí, cacete! Quem foi que falou que eu preciso ser “consertada”?

— É? — ele vira o queixo, parecendo curioso.

— É — digo. — Sem falar que isso meio que infringiria minha regra básica número um.

Ele pisca e sorri.

— Ah, você automaticamente presumiu que eu ia me oferecer como cobaia? — Seus ombros se agitam com uma risada discreta.

Ai!

Tento não parecer ofendida. Não sei se está funcionando, então uso outra tática.

— Bom, espero que não — comento, piscando. — Você não faz meu tipo.

Ah, sim, roubei a bola; acho que ele se assustou agora!

— E o que eu tenho de errado? — Andrew pergunta, mas já não acredito nem um pouco que meu comentário tenha sido ofensivo. Normalmente, as pessoas não sorriem quando estão chateadas.

Viro o corpo completamente, apoiando as costas na porta do táxi, e o olho de alto a baixo. Estaria mentindo descaradamente se dissesse que não gosto do que vejo. Ainda não encontrei nada nele que não faça meu tipo. Aliás, se não fosse pelo fato de que não tô a fim de nada dessas coisas de sexo, de sair, de namorar nem de amor, Andrew Parrish seria o tipo de cara no qual com certeza eu investiria, e pelo qual Natalie babaria descaradamente.

Ela iria colocá-lo no meio dos peitos.

— Não tem nada de “errado” em você — admito. — Mas é que eu acabo ficando com...

caras mais mansos.

Pela terceira vez, Andrew joga a cabeça para trás e ri.

— Mansos? — Andrew repete, ainda rindo. Ele balança a cabeça algumas vezes

e acrescenta: — É, acho que você tem razão em dizer que não sou lá do tipo mais manso.

— Ele levanta um dedo, como se fosse apresentar um argumento. — Mas a coisa mais interessante é você dizer que “acaba ficando” com eles. O que você acha que isso significa?

Como é que ele roubou a bola de mim? Eu nem vi.

Espero que Andrew dê a resposta, mesmo a pergunta tendo partido dele. Ele ainda está sorrindo, mas há algo muito mais meigo e perspicaz em seu sorriso agora, em vez da zombaria de sempre.

Ele não diz nada.

— Eu-eu não sei — digo distraidamente, e então olho para ele. — Por que isso precisa ter algum significado, afinal?

Ele balança a cabeça de leve, mas se limita a olhar para a frente enquanto o táxi entra no estacionamento perto da rodoviária. O Chevy Chevelle 1969 do pai de Andrew é o único carro no pátio. Acho que eles curtem mesmo carros antigos.

Andrew paga a corrida e nós saímos.

— Boa noite pra você, cara — ele diz, acenando, quando o taxista vai embora.

Acabo caindo num silêncio pensativo depois que partimos no Chevelle, pensando no que ele disse, mas esqueço o assunto quando paramos na frente da casa imaculada do pai dele.

— Uau — exclamo, boquiaberta, enquanto saio do carro. — É muita casa.

Ele fecha a porta do seu lado.

— É, meu pai tem uma empresa grande de construção e projetos — ele explica casualmente. — Vem, não quero ficar muito tempo aqui, Aidan pode aparecer.

Ando com ele pelo caminho paisagístico cheio de curvas que leva para a porta da casa de três andares. É um lugar tão luxuoso e impecável que não posso imaginar o pai dele morando ali. O pai de Andrew parece um homem simples, não alguém tão materialista quanto a minha mãe.

Mamãe desmaiaria numa casa assim.

Andrew procura uma chave e a enfia na fechadura.

Ela estala e se abre.

— Não quero ser enxada, mas por que teu pai ia querer morar numa casa desse tamanho?

O saguão cheira a potpourri de canela.

— Que nada, isso é coisa da ex-mulher, não foi lance dele não. — Eu o sigo até a escadaria forrada de carpete branco. — Ela é legal; Linda, aquela que ele mencionou no hospital; mas não conseguiu conviver com o meu pai, e eu não posso culpá-la.

— Achei que você ia dizer que ela casou com o seu pai por dinheiro.

Andrew balança a cabeça enquanto subimos a escada.

— Não, não foi assim. Simplesmente é difícil conviver com o meu pai. — Ele enfia o chaveiro no bolso direito da frente do jeans.

Dou uma olhadinha na bunda de Andrew naquele jeans enquanto ele sobe a escada na minha frente. Mordo o lábio inferior e em seguida me estapeio mentalmente.

— Este é o meu quarto. — Entramos no primeiro quarto à esquerda. Está bem vazio; parece mais um depósito com algumas caixas bem empilhadas contra uma parede bege, alguns equipamentos de musculação e uma estátua indígena esquisita no canto, parcialmente embrulhada em plástico. Andrew vai até o amplo closet e aperta o interruptor da luz. Fico no meio do quarto, de braços cruzados, olhando ao redor e tentando não parecer curiosa demais.

— Você disse que “é” o teu quarto?

— É — ele diz de dentro do closet —, pra quando venho visitar, ou se um dia eu quiser vir morar aqui.

Chego mais perto do closet e o vejo mexendo em roupas penduradas como penduro as minhas.

— Vejo que você também tem TOC.

Ele me olha interrogativamente.

Aponto para as roupas organizadas por cor em cabides iguais de plástico preto.

— Ah, não, não mesmo — ele explica. — A faxineira do papai entra aqui e faz essa porra. Eu tô me lixando se minha roupa tá no cabide, muito menos arrumada pela cor, é muita... perai... — Ele se afasta das camisas e me olha de lado. — Você faz isso com a tua roupa? — Ele corre o dedo horizontalmente pelas camisas.

— Faça — confesso, mas me sinto esquisita admitindo isso para ele —, gosto das minhas coisas organizadinhas, e tudo tem que ter um lugar.

Andrew ri e volta a mexer nas camisas. Sem olhar muito para elas, puxa algumas e alguns jeans dos cabides e joga tudo sobre o braço.

— Não é estressante? — ele indaga.

— O quê? Deixar minha roupa organizadinha?

Andrew sorri e joga o pequeno monte de roupas nos meus braços.

Olho para elas, sem graça, e novamente para ele.

— Deixa pra lá — ele desconversa, e aponta para trás de mim. — Pode guardar isso na mochila pendurada no banco de exercícios?

— Claro — digo, e as levo para lá.

Primeiro ponho tudo sobre um banco de vinil preto, depois pego a mochila que está pendurada no apoio dos halteres.

— Então, pra onde a gente vai primeiro? — pergunto, dobrando a primeira camisa da pilha.

Ele ainda está fuçando no closet.

— Não, não — ele diz lá de dentro; sua voz chega meio abafada —, nada de planejamento, Camryn. Vamos só pegar o carro e rodar. Nada de mapas, nem planos, nem... — Ele pôs a cabeça para fora do closet e sua voz está mais clara. — O que você tá fazendo?

Ergo o olhar, com a segunda camisa da pilha já meio dobrada.

— Dobrando suas camisas.

Ouçoo um tum-tum quando ele deixa cair um par de tênis pretos e vem do closet na minha direção. Quando chega, me olha como se eu tivesse feito algo errado e tira a camisa dobrada das minhas mãos.

— Não seja tão perfeitinha, gata; só enfia tudo na mochila.

Ele faz isso para mim, como se quisesse me mostrar como é fácil.

Não sei o que chama mais minha atenção: sua aula de desorganização ou o frio na minha barriga quando ele me chamou de “gata”.

Dou de ombros e deixo que ele guarde as roupas do jeito dele.

— A roupa que você usa não importa muito, na verdade — ele continua, voltando para o closet. — Só o que importa é aonde você vai e o que está fazendo enquanto a usa.

Ele joga o par de tênis preto para mim, um de cada vez, e eu pego.

— Enfia isso também, se não se importa.

Faço exatamente o que ele diz, literalmente socando o tênis na mochila, e fico horrorizada ao fazê-lo. Ainda bem que, pelo estado das solas, o tênis não parecia ter sido usado, senão eu ia ser obrigada a protestar.

— Sabe o que eu acho sexy numa garota?

Ele está de pé, com um braço musculoso bem acima da cabeça, mexendo numas

caixas na prateleira mais alta do closet. Consigo ver a parte de baixo daquela tatuagem do lado esquerdo do corpo dele, saindo da barra da camisa.

— Hum, não sei — digo. — Garotas que vestem roupas amarrotadas? — Torço o nariz.

— Garotas que acordam e vestem qualquer coisa — ele responde, pegando uma caixa de sapatos.

Ele sai do closet carregando a caixa na palma da mão.

— Aquele look acabei-de-acordar-e-tô-pouco-me-lixando é sexy.

— Entendi — digo. — Você é um desses caras que desprezam maquiagem, perfume, todas essas coisas que fazem as garotas serem garotas.

Ele me entrega a caixa de sapatos e, como fiz com as roupas, olho para ela com ar de interrogação.

Andrew sorri.

— Não, não odeio, só acho que o simples é sexy.

— O que você quer que eu faça com isso?

Bato na tampa da caixa com o dedo.

— Abra.

Olho para a caixa, indecisa, depois para ele. Ele balança a cabeça para me motivar.

Levanto a tampa vermelha e vejo um monte de CDs nas capas originais de plástico.

— Meu pai era preguiçoso demais pra instalar um MP3 no carro — ele começa — e na estrada nem sempre o rádio pega bem; às vezes não dá pra achar nenhuma estação decente.

Ele tira a caixa de sapatos das minhas mãos.

— Esta vai ser nossa playlist oficial. — Ele abre um sorriso, revelando todos os seus dentes perfeitos e brancos.

Eu, nem tanto. Faço uma careta e torço um canto da boca amargamente.

Está tudo lá, todas as bandas que ele mencionou quando o conheci no ônibus, e várias outras de que nunca ouvi falar. Tenho quase certeza de que ouvi 99% daquelas músicas vez ou outra por causa dos meus pais. Mas se alguém me perguntasse o nome desta ou daquela canção, ou de que disco é, ou que banda está cantando, eu provavelmente não saberia.

— Que legal — comento sarcasticamente, sorrindo e enrugando o nariz para ele.

Seu sorriso só aumenta. Acho que ele adora me torturar.

ANDREW

CAMRYN FICA LINDINHA quando a torturo. Porque ela gosta.

Não sei como me meti nisto, mas o que sei é que por mais que minha consciência berre nos meus ouvidos, dizendo para deixá-la em paz, não consigo. Não quero.

Já fomos longe demais.

Eu sei que eu deveria ter terminado tudo na rodoviária, comprado uma passagem aérea de primeira classe para que ela se sentisse obrigada a usar, já que custou tão caro, depois chamado um táxi e mandado ela para o aeroporto.

Jamais deveria ter permitido que Cam sáisse de lá comigo, porque agora sei que não vou conseguir abandoná-la. Preciso mostrar a ela primeiro. Agora é obrigatório. Preciso mostrar tudo. Cam pode sofrer no final, depois que tudo for dito e feito, mas ao menos vai poder voltar para a Carolina do Norte esperando algo mais de sua vida.

Pego a caixa de sapatos das suas mãos, fecho a tampa e a coloco em cima da mochila aberta. Ela me observa abrir a primeira gaveta da cômoda, pescar algumas cuecas boxer e meias limpas e também jogá-las dentro da mochila. Todos os meus itens básicos de higiene pessoal estão na mochila que ficou no carro, aquela que eu trouxe no ônibus.

Jogo a alça da mochila sobre o ombro e olho para ela.

— Você tá pronta?

— Acho que sim — Camryn responde.

— Peraí, você acha? — pergunto, indo até ela. — Ou você tá pronta ou você não tá.

Ela sorri para mim com aqueles lindos olhos azuis cristalinos.

— Sim, tô pronta com certeza.

— Tá, mas por que a hesitação?

Ela balança a cabeça de leve para dizer que estou errado.

— Não foi hesitação — ela responde. — É que tudo isso é... estranho, sabe? Mas de um jeito bom.

Cam parece estar tentando desembaraçar alguma coisa em sua mente. Obviamente, deve estar com a cabeça bem cheia.

— Tem razão — concordo. — É meio estranho, sim... Tudo bem, é muito estranho porque não é natural expandir as próprias fronteiras. — Olho para ela, obrigando-a a olhar nos meus olhos. — Mas a ideia é essa mesmo.

Seu sorriso se ilumina como se minhas palavras tivessem despertado alguma lembrança em sua mente.

Ela balança a cabeça e diz, com ar divertido e ansioso: — Bom, então, o que a gente tá esperando?

Saimos para o corredor, e antes que começássemos a descer a escada, eu paro.

— Um momento.

Ela espera ali, no alto da escada, e eu volto, passo pelo meu quarto e vou até o de Aidan. O dele é tão patético quanto o meu. Vejo o violão dele encostado na parede do outro lado, vou até lá, pego o instrumento pelo braço e trago comigo.

— Você toca violão? — Camryn pergunta, enquanto desço a escada.

— É, eu toco um pouco.

CAMRYN

ANDREW JOGA A MOCHILA no banco de trás, junto com a outra, menor, minha mala e minha bolsa. Mas ele toma um pouco mais de cuidado com o violão, deitando-o sobre o assento. Entramos no carro preto antigo (com duas faixas brancas no meio do capô) e fechamos as portas ao mesmo tempo.

Ele olha para mim.

Eu olho para ele.

Andrew enfia a chave na ignição e o motor do Chevelle ruge.

Não acredito que vou fazer isso. Não que eu tenha medo, esteja preocupada ou sinta que deveria parar agora mesmo e voltar para casa. Sinto que estou fazendo tudo certo; pela primeira vez em muito tempo, sinto que minha vida está voltando aos eixos, só que seguindo um rumo bem diferente, cujo destino eu desconheço. Não sei explicar... só que, bem, como eu disse: sinto que está certo.

Andrew pisa no acelerador quando chegamos à rampa de acesso e pegamos a 87, sentido sul.

Até que gosto de vê-lo dirigir, o modo como Andrew é tranquilo até para ultrapassar motoristas mais lentos. Não parece estar tentando se mostrar quando ziguezagueia entre os carros; é como se fosse uma atitude natural. Me surpreendo tentando olhar de relance, de vez em quando, para o braço direito musculoso que segura o volante. E

quando meus olhos correm cuidadosamente pelo resto do seu corpo, imediatamente volto a pensar naquela tatuagem escondida sob a camiseta azul-marinho que cai tão bem nele.

Falamos sobre isto e aquilo por algum tempo; sobre como o violão é de Aidan, e que ele provavelmente vai explodir se descobrir que Andrew o levou. Andrew não se importa.

— Ele roubou minhas meias uma vez — Andrew revelou.

— Suas meias? — repito, fazendo uma careta. E ele me olhou com uma expressão que dizia: “Ei! Meias, violão, desodorante — um pertence é um pertence.”

Eu só ri, ainda achando aquilo ridículo, mas deixei passar sem discutir.

Também tivemos uma conversa bem profunda sobre o mistério dos sapatos solitários jogados nas estradas por todos os Estados Unidos.

— A namorada ficou puta e tacou as coisas do namorado pela janela — Andrew sugeriu.

— É uma possibilidade — argumentei —, mas acho que muitos são de caroneiros, porque a maioria tá bem detonada.

Andrew me olha sem jeito, como que esperando o resto.

— Caroneiros?

Balancei a cabeça.

— Pois é, eles andam muito, então imagino que os sapatos deles gastem rápido. O cara tá lá andando, com os pés doendo, daí vê um sapato, provavelmente jogado pela namorada puta da vida (aponto para ele, incorporando sua teoria), e como aquele tá em melhor estado, ele troca um dos que tá usando.

— Que teoria idiota — Andrew diz.

Minha boca se abre e expiro bruscamente, ofendida.

— Pode acontecer sim, tá! — Rio e dou um soco no seu braço. Ele só sorri.

Ficamos falando disso um tempão, bolando teorias cada vez mais idiotas.

Nem lembro quando foi a última vez que ri tanto.

Finalmente, chegamos a Denver quase duas horas depois. É uma cidade tão linda, com as montanhas enormes ao fundo, cujos picos parecem nuvens brancas espalhadas pelo horizonte azul e luminoso. Ainda é bem cedo, e o sol está brilhando com toda a força.

Quando chegamos ao centro da cidade, Andrew diminui a velocidade para 60 km/h.

— Você tem que me dizer pra que lado ir — ele afirma, quando nos aproximamos de mais uma rampa de acesso.

Ele olha para três direções, depois para mim.

Pega de surpresa, olho para cada rota, e quanto mais perto chegamos de ter que tomar uma decisão, mais ele diminui a velocidade.

Cinquenta e cinco quilômetros por hora.

— O que vai ser? — Andrew insiste, com uma pitada de provocação nos olhos verdes brilhantes.

Estou tão nervosa! É como se estivessem me pedindo para escolher o fio a ser cortado para desarmar uma bomba.

— Não sei! — grito, mas meus lábios estão abertos num sorriso largo e nervoso.

Trinta quilômetros por hora. As pessoas estão buzinando para nós, e um cara num carro vermelho ultrapassa e faz um gesto obsceno.

Vinte e cinco quilômetros por hora.

Ahhh! Não aguento essa expectativa! Sinto que quero cair na risada, mas o riso está preso na minha garganta.

Biii! Biii! Vai se foder! Sai da frente, babaca!

Andrew não está nem aí para os insultos e não para de sorrir.

— Pra lá! — grito finalmente, levantando a mão e apontando a saída leste. Solto uma risada estridente e a fundo mais no banco para que ninguém me veja, de tão constrangida.

Andrew liga a seta esquerda e vai para essa faixa com facilidade, entrando entre dois outros carros. Passamos pelo sinal amarelo pouco antes de mudar para vermelho e em segundos estamos em outra estrada, e Andrew está pisando no acelerador. Não faço ideia de que direção vamos, só sei que estamos indo para o leste, mas aonde isso vai dar ainda é um mistério.

— Não foi tão difícil, foi? — ele pergunta, me olhando com um sorrisão.

— Até que foi estimulante — admito, e em seguida dou uma risada aguda. — Você deixou todo mundo puto.

Andrew dá de ombros.

— As pessoas estão sempre com pressa demais. Se você respeita o limite de velocidade, corre o risco de ser linchado.

— Verdade — concordo, e olho para a frente através do para-brisa. — Mas preciso confessar: normalmente, sou uma dessas pessoas. — Fico envergonhada em admitir.

— É, eu também, às vezes.

Tudo fica quieto de repente, e é o primeiro momento de silêncio que ambos notamos.

Me pergunto se ele está pensando a mesma coisa que eu, curioso a meu respeito e querendo fazer perguntas, como estou curiosa sobre muitas coisas nele. É um

daqueles momentos que são inevitáveis, e que quase sempre marcam a fase em que duas pessoas começam a se conhecer de verdade.

É muito diferente de quando estávamos juntos no ônibus. Então achávamos que nosso tempo era limitado, e que, como nunca mais nos veríamos, não havia motivo para falar muito do lado pessoal.

Mas as coisas mudaram, e agora só sobrou o pessoal.

— Me fala mais da sua melhor amiga, essa Natalie.

Mantenho os olhos na estrada por alguns longos segundos e respondo devagar, pois não sei ao certo de que parte devo falar.

— Bem, se é que ela ainda é sua melhor amiga — Andrew acrescenta, de alguma forma percebendo a animosidade.

Olho para ele.

— Não é mais. Ela é meio capacho do namorado, por falta de uma explicação melhor.

— Você tem uma explicação melhor, tenho certeza — ele argumenta, voltando a olhar para a estrada. — Talvez apenas não queira explicar.

Tomo uma decisão.

— Não, quero explicar sim, na verdade.

Ele parece feliz com isso, mas mantém uma postura respeitosa.

— A gente se conhece desde o primário — começo —, e eu achava que nada poderia destruir nossa amizade, mas tava tão enganada... — Balanço a cabeça, revoltada só de pensar nisso.

— Bem, o que aconteceu?

— Ela escolheu o namorado em vez de mim.

Acho que ele esperava uma explicação mais detalhada, e eu pretendia explicar melhor, mas foi assim que saiu.

— Você que a obrigou a escolher? — ele pergunta, erguendo um pouco a sobrancelha.

Eu me viro para olhar para ele.

— Não, não foi nada disso. — Dou um suspiro longo e profundo. — Damon, o namorado dela, ficou sozinho comigo uma noite e tentou me beijar e disse que tava a fim de mim. Quando dei por mim, Natalie tava me chamando de vaca mentirosa e dizendo que nunca mais queria me ver.

Andrew balança a cabeça com vigor, mostrando que entende completamente,

agora.

— Uma garota insegura — ele comenta. — Deve estar com ele faz tempo, né?

— É, uns cinco anos.

— Essa sua melhor amiga acredita em você, sabia?

Olho para ele, confusa.

Ele balança a cabeça.

— Acredita, sim; pensa bem, ela te conhece praticamente há uma vida. Você acha que ela ia jogar fora uma amizade como essa por não acreditar em você?

Continuo confusa.

— Mas ela fez isso — digo simplesmente. — Foi exatamente o que ela fez.

— Não — Andrew discorda —, isso é só uma reação, Camryn. Ela não quer acreditar em você, mas nem tão no fundo sabe que é verdade. Só precisa de tempo pra pensar a respeito e ver o que realmente aconteceu. A ficha dela vai cair.

— Bom, quando cair, posso não querer mais nada com ela.

— Talvez — ele diz, dando seta para a direita e mudando de faixa —, mas você não me parece ser esse tipo de pessoa.

— Que não perdoa? — digo.

Ele concorda com a cabeça.

Ultrapassamos uma carreta lenta e entramos na frente dela.

— Sei lá — digo, já sem saber o que pensar —, não sou mais como eu era.

— Como você era?

Também não sei. Levo um segundo para encontrar uma maneira de não falar de Ian.

— Eu era divertida, extrovertida e... — rio de repente, quando a lembrança faz cócegas na minha mente — ... e pulava pelada num lago gelado todo inverno.

O rosto lindo de Andrew se distorce por inteiro num sorriso curioso e cheio de energia.

— Uau — ele diz —, tô até vendo isso...

Dou outro soquinho no braço dele. Sempre sorrindo. Ele finge que doeu, mas eu sei que não.

— Era um evento beneficente pro hospital da minha cidade — explico —, eles faziam todo ano.

— Pelada? — Ele parece totalmente confuso, à parte estar com o maior sorriso

só de pensar nisso.

— Bem, não totalmente pelada — digo —, mas só de top e shortinho naquela água gelada, é como estar pelada.

— Cacete, preciso começar a participar de eventos beneficentes quando eu voltar — ele diz, batendo com a mão no volante. — Não sabia o que eu tava perdendo.

Ele controla o sorriso um pouco e olha para mim de novo.

— E por que isso é uma coisa que você fazia?

Porque foi Ian que me convenceu a fazer, e fiz junto com ele por dois anos.

— Parei mais ou menos um ano atrás, é só uma dessas coisas que você para de fazer.

Tenho a sensação de que ele não acredita que esse seja o único motivo, por isso mudo de assunto para distraí-lo.

— E você? — pergunto, virando o corpo para lhe dar toda a minha atenção. — Que tipo de loucura você já fez?

Andrew franze os lábios, pensativo, olhando para a estrada. Ultrapassamos mais uma carreta e entramos na frente dela também. O trânsito está diminuindo à medida que nos afastamos da cidade.

— Já surfei em cima do capô de um carro. Não foi bem uma loucura, foi mais idiotice mesmo.

— É, muita idiotice.

Ele estica o braço esquerdo e mostra a parte interna do pulso.

— Cai daquela porra e abri um corte no pulso sei lá como. — Olho para a cicatriz de 5

centímetros que segue da parte de baixo do polegar para o braço. — Rolei na estrada.

Rachei a cabeça. — Ele aponta para o lado direito da nuca. — Levei nove pontos aqui e mais 16 no pulso. Nunca mais faço isso.

— Bom, espero que não — digo severamente, ainda tentando ver a cicatriz através do seu cabelo castanho.

Andrew segura o volante com a outra mão e pega a minha, pondo seu dedo indicador sobre o meu para me guiar.

Chego mais perto, deixando que ele mova a minha mão.

— Foi bem... aqui — ele diz, ao encontrar a cicatriz. — Tá sentindo?

Sua mão solta a minha, mas eu a olho por um momento.

Voltando a prestar atenção na cabeça dele, olho e corro o dedo por uma linha claramente irregular no couro cabeludo, e separo seu cabelo curto com os dedos. A cicatriz tem uns 2 centímetros e meio. Passo o dedo nela mais uma vez e tiro a mão relutantemente.

— Você deve ter muitas cicatrizes — digo.

Ele sorri.

— Não muitas; tenho uma nas costas onde Aidan me bateu com uma corrente de bicicleta, girando como se fosse um chicote (faço uma careta e cerro os dentes). E quando eu tinha 12 anos, tava levando Asher no guidão da minha bicicleta. Bati numa pedra. A bicicleta virou pra frente e jogou nós dois no concreto. — Ele aponta para o nariz. — Quebrei o nariz, mas Asher quebrou um braço e levou 14 pontos no cotovelo.

Mamãe achou que a gente tinha batido num carro e tava mentindo só pra livrar a nossa cara.

Continuo olhando para o seu nariz perfeito; não vejo nenhum sinal de que já tenha sido quebrado.

— Tenho uma cicatriz esquisita em forma de L no lado de dentro da coxa — Andrew continua, apontando o lugar. — Mas essa eu não vou te mostrar. — Ele sorri e segura o volante com as duas mãos.

Fico vermelha, porque bastaram mesmo dois segundos para começar a imaginá-lo tirando a calça para me mostrar.

— Ainda bem. — Rio, e me apoio no painel para levantar um pouco minha camiseta da Smurfette. Vejo que ele está me olhando e isso me dá uma sensação estranha na barriga, mas eu a ignoro. — Fui acampar uma vez — digo —, pulei de umas rochas na água e bati numa pedra, quase me afoguei.

Andrew franze a testa e estica o braço, roçando os contornos da pequena cicatriz na minha anca. Um arrepio sobe pela minha espinha até a nuca, como se algo gelado estivesse correndo no meu sangue.

Ignoro isso também, o melhor que posso.

Deixo a camiseta cair no lugar e me encosto no banco.

— Bom, ainda bem que você não se afogou. — Seus olhos se enchem de ternura.

Sorrio para ele.

— É, ia ser péssimo.

— Com certeza.

ACORDO DEPOIS QUE ESCURECE, quando Andrew diminui a velocidade para passar por um pedágio. Não sei quanto tempo dormi, mas sinto que tive uma noite inteira de sono, apesar de estar encolhida no canto do banco do passageiro, com a cabeça encostada na porta. Eu deveria estar massageando alguns músculos entevados, como fazia no ônibus, mas me sinto bem.

— Onde a gente tá? — pergunto, cobrindo um bocejão com a mão.

— No meio do nada, em Wellington, Kansas — Andrew responde. — Você dormiu bastante.

Termino de erguer o corpo e deixo meus olhos e o resto se acostumarem a estar acordados de novo. Andrew pega outra estrada.

— Acho que sim, melhor do que dormi no ônibus em toda a viagem da Carolina do Norte até o Wyoming.

Olho para o display azul do som do carro: 22h14. Uma canção soa nos alto-falantes.

Me faz pensar em quando conheci Andrew no ônibus. Sorrio comigo mesma, notando que ele fez questão de deixar a música baixinha no carro enquanto eu dormia.

— E você? — pergunto, me virando para ver seu rosto parcialmente escondido pela escuridão. — Acho esquisito oferecer, porque o carro é do teu pai, mas posso dirigir, se precisar.

— Não, não precisa achar esquisito — ele diz. — É só um carro. É uma antiguidade preciosa e meu pai te enforcaria se soubesse que você pegou no volante dele, mas eu deixo você dirigir, com certeza. — Mesmo nas sombras, vejo o lado direito da boca dele formando um sorriso maldoso.

— Bom, agora não sei mais se eu quero.

— Meu pai tá morrendo, lembra? O que ele pode fazer?

— Isso não tem graça, Andrew.

Ele sabe que não. Tenho plena consciência do jogo que Andrew está jogando consigo mesmo, sempre procurando qualquer coisa que o ajude a lidar com o que está acontecendo, mas em vão. Só me pergunto por quanto tempo mais vai conseguir continuar assim. As piadinhas fora de hora vão acabar se esgotando, e ele não vai mais saber o que fazer.

— Vamos parar no próximo motel — ele diz, pegando outra estrada. — Aí eu vou dormir um pouco.

Então ele me olha de relance.

— Em quartos separados, claro.

Fico feliz por ele ter pensado nisso tão rápido. A gente até pode estar viajando constrangedoramente sozinhos pelos EUA, mas acho que não conseguiria dormir no mesmo quarto que ele.

— Ótimo — digo, esticando os braços à minha frente com os dedos cruzados. — Preciso tomar um banho e escovar os dentes por mais ou menos uma hora.

— Não vou discordar disso — ele brinca.

— Ei, teu hálito também não tá essa maravilha toda.

— Eu sei — Andrew admite, cobrindo a boca com a mão e expirando nela. — Parece até que comi aquela caçarola de merda que a minha tia faz todo ano no Dia de Ação de Graças.

Rio alto.

— Péssima escolha de palavras — digo. — Caçarola de merda? É de merda mesmo? — Sinto vontade de vomitar.

Andrew também ri.

— Olha, podia até ser. Amo a tia Deana de paixão, mas a mulher não foi abençoada com dotes culinários.

— Parece a minha mãe.

— Deve ser ruivão — ele comenta, olhando para mim. — Ser criada na base do macarrão instantâneo e Hot Pockets.

Balanço a cabeça.

— Não, eu aprendi a cozinhar. Não como porcaria, lembra?

O rosto sorridente de Andrew é iluminado pela luz suave dos postes ao longo da rua.

— Ah, é — ele diz —, a srta. Bolinhos de Arroz não quer saber de hambúrgueres sangrentos, nem de fritas gordurosas.

Faço cara de nojo, rejeitando sua teoria dos bolinhos de arroz.

Minutos depois, entramos no estacionamento de um pequeno motel de dois andares; do tipo com quartos que dão para uma área aberta, e não para um corredor. Saímos e esticamos as pernas — Andrew alonga pernas, braços, pescoço, praticamente o corpo todo — e pegamos as malas no banco de trás. Ele deixa o violão.

— Tranca a porta — ele pede, apontando.

Entramos no saguão que cheira a sacos de aspirador de pó e café.

— Dois quartos de solteiro adjacentes, se tiver — Andrew diz, tirando a carteira do bolso de trás.

Ponho a bolsa na frente do corpo e pego minha carteira de zíper.

— Eu pago o meu quarto.

— Não, pode deixar.

— É sério, me deixa pagar.

— Já falei que não, tá? Guarda essa carteira.

Obedeço relutantemente.

A mulher de meia-idade com o cabelo grisalho preso num coque malfeito nos olha com expressão neutra. Ela volta a tamborilar no teclado para ver quais os quartos disponíveis.

— Fumantes ou não fumantes? — ela pergunta, olhando para Andrew.

Noto que os olhos dela descem pelos braços musculosos de Andrew enquanto ele pega o cartão de crédito.

— Não fumantes.

Tap, tap, tap. Clic, clic, clic. Mexe no teclado, mexe no mouse.

— Os únicos quartos de solteiro adjacentes que tenho são um de fumante e outro de não fumante.

— Podem ser esses — ele diz, entregando o cartão.

Ela o pega dos dedos dele, e o tempo todo observa cada movimento que a mão de Andrew faz até sumir de vista atrás do balcão.

Vadia.

Depois que pagamos e recebemos as chaves, saímos de novo e Andrew pega o violão no carro.

— Eu devia ter perguntado antes de a gente chegar aqui — ele comenta enquanto o siga —, mas se você tá com fome, posso sair e trazer alguma coisa.

— Não, tô legal. Obrigada.

— Tem certeza? — Ele olha para mim.

— Tenho, tô sem fome nenhuma, mas se depois eu ficar, posso comprar alguma coisa na máquina.

Andrew enfia o cartão na fechadura da primeira porta e uma luz verde aparece. Ele abre a porta em seguida.

— Mas tudo o que tem naquele negócio é puro açúcar e gordura — diz,

lembrando nossas conversas anteriores sobre comer porcarias.

Entramos no quarto de decoração monótona, com uma cama de solteiro encostada numa cabeceira de madeira presa à parede. A colcha é marrom, feia e me deixa apavorada. O quarto cheira a limpeza e parece decente, mas nunca dormi num motel sem antes tirar a colcha da cama. Não há como saber o que vive nela, ou quando foi lavada pela última vez.

Andrew inspira profundamente, sentindo o cheiro do quarto.

— Este é o de não fumantes — decide, olhando ao redor, como se o estivesse inspecionando. — Você fica com ele. — Ele apoia o violão na parede e entra no pequeno banheiro, acende a luz, testa o exaustor, depois vai para a janela do outro lado da cama e testa o ar-condicionado, afinal, estamos no meio de julho. Em seguida, vai até a cama, puxa cuidadosamente o edredom e examina os lençóis e travesseiros.

— O que você tá procurando?

Ele diz, sem me olhar:

— Quero ver se tá limpo; não quero você dormindo em cima de nenhuma nojeira.

Fico bem vermelha e me viro antes que ele perceba.

— Meio cedo pra dormir — ele diz, se afastando da cama e pegando o violão de novo.

— Mas a viagem me cansou bastante.

— Bom, tecnicamente, você não dorme desde que a gente desceu do ônibus em Cheyenne.

Deixo minha bolsa e a mala no pé da cama.

— Verdade — Andrew diz — Isso significa que tô acordado há umas 18 horas.

Caramba, eu nem tinha percebido.

— Culpa do cansaço.

Ele vai até a porta e põe a mão na maçaneta prateada, abrindo-a de novo. Fico ali, ao pé da cama. É um momento embaraçoso, mas não dura muito.

— Bom, a gente se vê de manhã — ele diz da entrada. — Tô aqui do lado, no 110; pode ligar, bater na porta ou na parede se precisar de mim. — No seu rosto há só gentileza e sinceridade.

Concordo com a cabeça, sorrindo em resposta.

— Então boa noite — ele se despede.

— Noite.

E Andrew sai, fechando devagar a porta atrás de si.

Depois de pensar nele distraidamente por um segundo, caio em mim e mexo dentro da minha mala. Vai ser meu primeiro banho em alguns longos dias. Estou babando só de pensar. Tiro da mala uma calcinha limpa, meu short branco de algodão favorito e uma camisetinha do time da universidade com listras rosa e azuis nas mangas. Depois acho minha escova de dentes, a pasta e o Listerine e entro no banheiro levando tudo. Fico nua, arrancando alegremente as roupas sujas e jogando-as numa pilha no chão. Me olho no espelho. Ai meu Deus, tô horrórosa! Minha maquiagem saiu quase toda; mal sobrou um pouco de rímel. Mais fios de cabelo louro se soltaram da trança e estão embolados num ninho de rato do lado da minha cabeça.

Não acredito que eu estava viajando com Andrew nesse estado.

Puxo o elástico da trança para soltar o resto do cabelo e passo os dedos através dele, desembaraçando-o. Escovo os dentes primeiro e fico com a boca cheia de Listerine de menta até bem depois de parar de arder.

O chuveiro parece o paraíso. Fico debaixo do jato por uma eternidade, deixando a água quase pelando bater no meu corpo até que eu não aguente mais, e o calor começa a me fazer adormecer de pé mesmo. Lavo tudo. Duas vezes. Só porque posso e porque já faz um tempão. Por fim, me depilo, feliz em me livrar dos pelos nojentos que estavam começando a crescer nas minhas pernas. E, finalmente, fecho as torneiras que rangem e pego a toalha branca do motel, dobrada obsessivamente sobre o suporte atrás da privada.

Ouçó o chuveiro funcionando no quarto ao lado e me surpreendo prestando atenção no barulho. Imagino Andrew lá, só tomando banho, nada sexual nem pervertido, embora pensar em algo assim não seria nada difícil. Penso só nele de maneira geral, no que estamos fazendo e por quê. Penso no seu pai e meu coração dói de novo só de lembrar o quanto Andrew está sofrendo, e como me sinto impotente na hora de ajudá-lo.

Finalmente, me obrigo a pensar de novo em mim, na minha vida e nos meus problemas, que na verdade perdem de longe para os de Andrew.

Espero que eu nunca seja obrigada a lhe contar sobre minhas dificuldades e todas as coisas que me levaram a fazer aquela viagem de ônibus, porque vou me sentir tão ridícula e egoísta. Meus problemas não são nada, comparados com os dele.

Deito na cama com o cabelo molhado, penteando com os dedos. Ligo a TV — não estou nada cansada, já que dormi a maior parte do caminho desde Denver — e vou mudando de canal, finalmente deixando num filme qualquer com Jet Li. Mas é mais para servir de ruído de fundo do que para qualquer outra coisa.

Mamãe ligou quatro vezes e deixou quatro recados.

Ainda nada de Natalie.

— Como vão as coisas na Virgínia? — Minha mãe diz no meu ouvido. — Espero que esteja se divertindo muito.

— Tô, tá tudo ótimo. Como você tá?

Ela ri do outro lado da linha e aquilo instintivamente me causa repulsa. Tem um homem com ela. Que nojo, espero que ela não esteja falando comigo na cama, pelada, com um cara lambendo o seu pescoço.

— Estou bem, querida — ela responde. — Continuo saindo com Roger, vamos fazer aquele cruzeiro no fim de semana que vem.

— Que bom, mãe.

Ela dá outra risadinha.

Eu torço o nariz.

— Bom, querida, preciso desligar (Para, Roger). — Ela ri de novo. Desse jeito vou vomitar. — Só queria saber como você estava. Por favor, me ligue amanhã a qualquer hora, e me mantenha informada, certo?

— Tá, mãe, eu ligo. Te amo.

Desligamos e eu deixo o celular cair na cama na minha frente. Depois me jogo nos travesseiros, imediatamente pensando em Andrew no quarto ao lado. Ele pode estar com a cabeça encostada nesta mesma parede. Mexo nos canais da TV mais um pouco até passar por todos pelo menos umas cinco vezes, e aí desisto.

Me afundo mais e olho para o quarto.

O som de Andrew tocando violão me deixa alerta, e me levanto devagar dos travesseiros para ouvir melhor. É uma melodia suave, uma coisa entre vaga e lamentosa.

E então, quando vem o refrão, o ritmo acelera só um pouco, mas volta a ser um lamento no compasso seguinte. É absolutamente linda.

Ouçoo tocar pelos 15 minutos seguintes, e depois vem o silêncio. Desliguei a TV quando o ouvi, e agora o único som é o do pinga-pinga da pia do banheiro e ocasionalmente algum carro no estacionamento do motel.

Pego no sono e o sonho volta:

Naquela manhã, não recebi a costumeira sequência de mensagens de texto de Ian antes de levantar. Tentei ligar para o celular dele, mas só tocou e tocou e a caixa postal não atendeu. E Ian não estava na escola quando cheguei.

Todos estavam me encarando enquanto eu andava pelos corredores. Alguns não conseguiam me olhar nos olhos. Jennifer Parsons caiu no choro quando passei por ela perto dos armários, e outro grupo de garotas, líderes de torcida, empinaram o nariz e me olharam como se eu tivesse alguma doença contagiosa. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas parecia ter entrado num universo alternativo esquisito. Ninguém me dirigia a palavra, mas era bem óbvio que todos naquela escola sabiam de algo que eu não sabia. E era algo ruim. Nunca tive nenhum inimigo, a não ser algumas líderes de torcida que de vez em quando sentiam inveja de mim porque Ian me amava e não dava bola para elas. Fazer o quê? Ian Walsh era mais gato que o astro do time de futebol, e ninguém se importava, nem mesmo Emily Derting, a garota mais rica do Colégio Millbrook, com o fato de ele não ter muita grana e ainda ir para a escola de carona com os pais.

Ela o queria mesmo assim.

Todas queriam.

Fui até meu armário, esperando ver Natalie logo, pois talvez ela pudesse me contar o que estava acontecendo. Fiquei perto do meu armário mais tempo do que de costume, esperando algum sinal dela. Foi Damon que me encontrou e me contou o que havia acontecido. Ele me levou para um canto, ao lado do átrio onde ficavam os bebedouros.

Meu coração martelava dentro do peito. Eu sabia que algo estava errado desde que acordei, antes mesmo de me dar conta de que não tinha recebido nenhuma mensagem de texto de Ian. Eu me sentia... deslocada. Era como se eu já soubesse...

— Camryn — Damon começou, e entendi na hora a gravidade do que ele ia me contar, porque ele e Natalie só me chamam de “Cam”. — Ian sofreu um acidente de carro ontem à noite...

Senti meu fôlego faltar e levei as duas mãos à boca. Lágrimas estavam ardendo na minha garganta e correndo dos meus olhos.

— Ele morreu hoje de manhã no hospital. — Damon estava se esforçando tanto para me contar, mas a dor no seu rosto era inconfundível.

Fiquei olhando para Damon pelo que pareceu uma eternidade antes de não conseguir mais ficar de pé sozinha e desabar nos braços dele.

Chorei e chorei até passar mal, e finalmente Natalie nos encontrou e os dois me levaram para a enfermaria.

Acordo do pesadelo suando, meu coração batendo feito louco. Jogo o lençol para longe e me sento no meio da cama com os joelhos dobrados, passando as mãos na cabeça e soltando um longo suspiro. Eu tinha parado de ter esse sonho há muito tempo. Aliás, é o último sonho de que me lembro. Por que ele voltou?

Batidas fortes na porta do meu quarto me fazem acordar sobressaltada.

— LEVANTE E SORRIA, FLOR DO DIA! — Andrew diz harmoniosamente do outro lado.

Nem lembro quando peguei no sono de novo depois do sonho. O sol está brilhando por uma fresta das cortinas, banhando o carpete marrom logo abaixo da janela. Eu me levanto da cama e jogo o cabelo despenteado para trás, tirando-o do rosto, e vou abrir a porta antes que Andrew acorde o motel inteiro.

Ele arregala os olhos quando abro a porta.

— Porra, garota — exclama, me olhando de alto a baixo —, o que você tá tentando fazer comigo?

Olho para mim mesma, ainda tentando terminar de acordar, e me dou conta de que estou usando só o microshortinho branco de algodão e a camiseta do time da escola sem sutiã. Meu Deus, meus mamilos parecem dois faróis acesos por baixo da camiseta!

Cruzo os braços no peito e tento não olhar nos olhos de Andrew quando ele entra no quarto.

— Eu ia falar pra você se vestir — ele continua, sorrindo de orelha a orelha e carregando suas mochilas e o violão —, mas, tipo, pode ir assim mesmo, se quiser.

Balanço a cabeça, escondendo o sorriso que está se abrindo no meu rosto.

Ele se joga na poltrona perto da janela e deixa suas coisas no chão. Está usando bermuda cargo marrom, camiseta cinza-escuro e aqueles tênis baixos de corrida com meias sem cano, ou sem meia nenhuma. Olho para a tatuagem no seu tornozelo; parece algum tipo de desenho celta redondo, bem em cima do osso. E ele tem mesmo pernas de corredor; suas panturrilhas têm músculos grossos e rijos.

— Peraí que eu vou me aprontar — digo, indo até minha mala, que está sobre o gaveteiro longo onde fica a TV, no outro canto.

— Quanto tempo vai levar? — ele pergunta, e detecto um tom inquisidor em sua voz.

Lembrando o que ele disse na casa do pai, penso antes de responder e pondero minhas opções: demoro meus costumeiros trinta minutos ou entrego os pontos e visto qualquer coisa?

Ele me ajuda com o dilema:

— Você tem dois minutos.

— Dois minutos? — protesto.

Andrew balança a cabeça, sorrindo.

— Você ouviu. Dois minutos. — Ele ergue e mexe dois dedos. — Topou fazer tudo que eu mandar, lembra?

— É, mas achei que ia ser alguma doideira, tipo mostrar a bunda pra alguém na estrada ou comer baratas.

Ele ergue uma sobrancelha e encolhe o queixo, como se eu tivesse acabado de jogar duas ideias no seu colo.

— Na hora certa, você vai mostrar a bunda pra alguém na estrada e comer uma barata, a gente faz isso depois.

O que foi que eu fiz, cacete?

Jogo a cabeça para trás, contrariada e mortificada, e ponho as mãos na cintura.

— Hã, de jeito nenhum... — Noto que seu sorriso está mais para “adolescente malandro” agora e, olhando para baixo, percebo que meus braços não estão mais cobrindo meus mamilos, que erguem orgulhosamente o tecido fino da minha camiseta.

Eu bufo e fico de boca aberta. — Andrew!

Ele baixa a cabeça fingindo vergonha, mas só fica parecendo mais safado, me olhando cabisbaixo assim.

Ele é tão gostoso, porra...

— Ei, é você que prefere ficar reclamando das minhas regras básicas em vez de proteger tuas crianças... Já vou avisando, meus olhos têm vontade própria.

— Ah, tá. Aposto que não são a única parte do teu corpo que tem vontade própria. — Dou um sorrisinho e pego minha mala, ando descalça até o banheiro e fecho a porta.

Estou sorrindo como uma daquelas fotos bregas de book dos anos 80 quando me olho no espelho.

Tá, dois minutos. Literalmente mergulho no sutiã e no jeans apertado, dando pulinhos para fazê-lo deslizar sobre a minha bunda. Zíper. Botão. Escovar bem os dentes. Um gole rápido de Listerine. Bochecha. Gargareja. Cospe. Pentear o cabelo embolado e jogá-lo numa trança desarrumada sobre o ombro direito. Um pouco de base e uma camadinha de pó. Rímel preto, porque o rímel é a peça mais importante do arsenal de maquiagem.

Batonzi...

BAM! BAM! BAM!

— Teus dois minutos acabaram!

Passo o batom assim mesmo e tiro o excesso com um pedaço de papel higiênico.

Posso sentir que ele está sorrindo do outro lado da porta do banheiro, e quando a abro, um segundo depois, vejo que acertei. Ele está com os dois braços erguidos, apoiados no batente. Seu tanquinho rijo está parcialmente à mostra com a camiseta assim, bem levantada. Uma trilha de pelos começa logo abaixo do seu umbigo e desce até a cintura da bermuda.

— Viu só? Olha pra você! — Ele assobia, bloqueando a passagem, mas com certeza não é para mim que estou olhando. — O simples é sexy.

Abro caminho empurrando-o, encontrando a oportunidade perfeita para pôr as mãos no seu peito, e ele me deixa passar.

— Não sabia que eu tava tentando ficar sexy pra você — digo de costas, jogando minhas roupas de dormir na mala.

— Uau, olha isso — ele continua —, simples, sexy e desorganizada. Tô orgulhoso!

Nem tinha percebido. Enfiei as roupas na mala sem nem pensar em tentar arrumá-las.

Não sou um “caso clínico” de TOC; sou só uma dessas pessoas que usam o termo por causa de alguns hábitos metódicos. Mas dobrar minhas roupas e tentar ser organizada é algo que faço desde que tinha 11 anos.

ANDREW

ISSO QUE EU chamo de frustração sexual matutina. Tudo bem, vou ter que pegar leve, senão ela vai começar a achar que eu estou aqui de bobeira para tentar me dar bem. Se fosse em outra época, com outra garota qualquer, eu já estaria levantando da cama para jogar a camisinha na privada, mas com Camryn é diferente. É duro (com trocadilho), mas vou ter que tentar parar de paquerá-la. Esta é uma viagem importante para nós dois. Só tenho uma chance de fazer isso certo, e não quero fazer merda nem fodendo.

— Então, o que vem a seguir na nossa viagem espontânea? — ela pergunta.

— Primeiro o café da manhã — explico, pegando minhas mochilas do chão —, mas acho que não seria espontânea se eu tivesse um plano.

Ela pega o celular da mesa ao lado da cama, verifica se tem novas mensagens de texto e ligações e depois o joga na bolsa.

Sáimos.

Eis que surge a Camryn teimosa e reclamona: — Por favor, Andrew; não consigo comer nesses lugares — ela diz do banco do passageiro.

A cidade é pequena, e quase todos os restaurantes são de fast-food ou ainda estão fechados.

— Tô falando sério — ela insiste, fazendo um bico tão bonitinho que quero segurar seu rosto com as duas mãos e lambê-lo, só para ela gritar e fingir que é a coisa mais nojenta do mundo. — A menos que você queira uma companheira de viagem irritante, com uma hora de enjoo, dor de estômago e gemidos, não me faça comer esses troços, especialmente de manhã tão cedo.

Jogo a cabeça para trás e aperto os lábios, olhando para ela.

— Você tá exagerando, vai.

Começo a achar que ela não está.

Camryn balança a cabeça, apoia o cotovelo na porta do carro e o polegar nos dentes da frente.

— Não, é sério; toda vez que como fast-food, eu passo mal. Não tô tentando dificultar tua vida, pode acreditar; é um problema sempre que vou pra qualquer lugar com a minha mãe ou com a Natalie. Elas precisam ficar dando voltas pra achar um lugar pra comer que não vai me deixar na pior.

Bom, então ela está dizendo a verdade.

— Tudo bem, com certeza não quero que você passe mal — rio baixinho —, então vamos rodar um pouco mais e procurar outra coisa no caminho. Vão ter mais lugares abertos daqui a umas horas.

— Obrigada. — Ela sorri com doçura.

Disponha sempre...

Duas horas e meia depois, estamos em Owasso, Oklahoma.

Camryn olha para o grande logotipo amarelo e preto da Waffle House, tão conhecido por todos os americanos, e acho que ela está decidindo se quer comer ali ou não.

— Na verdade, só tem um lugar bom mesmo pra tomar café da manhã — explico, parando numa vaga —, especialmente no Sul. Tem uma Waffle House em cada esquina por aqui, que nem a Starbucks lá no Norte.

Ela faz que sim.

— Acho que eu consigo encarar... Tem salada lá?

— Olha só, eu concordei em não te obrigar a comer uma porcaria gordurosa — inclino a cabeça para o lado e viro o corpo no assento —, mas salada já é demais.

Ela faz um bico, morde a bochecha por dentro e finalmente diz, balançando a cabeça: — Tá, não vou comer salada, mas saiba que uma salada pode ter frango e um monte de coisas gostosas, que alguém como você provavelmente nem considerou.

— Não. Portanto, desista — afirmo resolutamente, e depois jogo a cabeça para trás, devagar. — Vamos lá, já esperei demais pra comer. Tô morrendo de fome. E fico mal-humorado quando tô com fome.

— Você já é mal-humorado — ela resmunga.

Eu a seguro pelo braço e a puxo para perto de mim. Ela tenta esconder o rosto, que está ficando vermelho.

Adoro o cheiro da Waffle House; é o cheiro da liberdade, de estar na estrada e saber que 90% das pessoas comendo ao seu redor também estão. Motoristas de caminhão, mochileiros, bebuns — aqueles que não levam a vida monótona e escravizada da sociedade.

O restaurante está quase cheio. Camryn e eu conseguimos uma mesa perto do grill e o mais longe possível das altas vidraças. Há uma jukebox obrigatória — um símbolo da cultura das Waffle Houses — perto de uma daquelas janelas.

A garçonete nos recebe com um sorriso, um bloco de anotações numa mão e uma caneta pronta para escrever, com a ponta apoiada no papel.

— Posso trazer café pra vocês?

Olho para Camryn, que já está correndo os olhos pelo cardápio sobre a mesa.

— Vou tomar um chá doce — ela diz.

A garçonete anota e olha de novo para mim.

— Café.

Ela balança a cabeça e vai preparar nossas bebidas.

— Parece que tem umas coisas boas aqui — Camryn comenta, olhando o cardápio com uma bochecha apoiada na mão fechada. Seu dedo indicador corre pelo plástico e para na pequena seção das saladas. — Viu? Olha só — ela olha para mim —, tem salada de frango grelhado e salada de frango com maçã e noz-pecã.

Não resisto a esse olhar esperançoso dela.

Eu entrego os pontos. Totalmente.

— Pode pedir o que quiser — autorizo, com uma expressão de ternura. — Sério, não vou reclamar.

Camryn pisca duas vezes, um pouco atordoada por eu ter cedido tão facilmente, e então seus olhos parecem sorrir para mim. Ela fecha o cardápio e o coloca no suporte sobre a mesa enquanto a garçonete volta com nossas bebidas.

— Vão pedir agora? — ela pergunta, depois de deixar as bebidas na nossa frente. A ponta de sua caneta, como se nunca saísse do lugar, ainda está encostada no bloco, pronta para ser usada.

— Vou querer a omelete fiesta — Camryn diz, e vejo um sorrisinho em seu rosto quando ela me olha.

— Com torradas ou pão? — a garçonete pergunta.

— Pão.

— Com creme de milho, batata ou tomate?

— Batata.

A garçonete termina de anotar o pedido de Camryn e se vira para mim.

Penso por um segundo e então digo:

— Vou querer a salada de frango com maçã e noz-pecã.

O sorriso de Camryn desaparece imediatamente e seu rosto fica imóvel. Pisco para ela e guardo o cardápio no mesmo suporte.

— Tá vivendo perigosamente, hein? — a garçonete brinca.

Ela arranca a primeira folha do bloquinho.

— Só por hoje — respondo, e ela balança a cabeça e vai embora.

— Que porra...? — Camryn diz, estendendo as mãos com as palmas para cima. Ela não consegue decidir se deve sorrir ou me olhar, sem graça, então acaba fazendo

um pouco dos dois.

— Acho que se você tá disposta a comer uma coisa só por minha causa, posso fazer o mesmo por você.

— Ah, é? Mas acho que essa salada não vai ser suficiente pra você.

— E eu acho que você tá certa — concordo —, mas o que é justo é justo.

Ela faz uma cara levemente incrédula e se recosta no banco.

— Não vai ser tão justo se eu tiver que ficar ouvindo você reclamar que tá com fome quando a gente voltar pra estrada. Você mesmo disse que a fome te deixa de mau humor.

Não consigo realmente ficar de mau humor com Camryn, mas ela tem razão: a salada não vai bastar para mim. E alface me dá gases — com certeza ela vai odiar viajar comigo se eu comer essa porra. Mas eu consigo. Só espero conseguir comer tudo sem me entregar, deixando escapar alguma das mil reclamações que já estão na ponta da minha língua.

Isso vai ser interessante.

Alguns minutos depois, a garçonete traz a comida de Camryn e põe meu prato de blasfêmia diante de mim. Ela reabastece nossas bebidas, pergunta se precisamos de mais alguma coisa e volta a atender os outros clientes.

Camryn já está me examinando.

Ela olha para o seu prato, põe o pão do lado oposto das batatas e gira o prato, segurando a borda, para deixar a omelete ao seu alcance. Eu pego o garfo e mexo um pouco na salada, fingindo, como Camryn, que a estou preparando.

Nós nos entreolhamos e ficamos em silêncio, cada um esperando que o outro diga alguma coisa. Ela franze os lábios. Eu também.

— Quer trocar? — ela pergunta.

— Quero — aceito sem hesitação, e deslizamos os pratos sobre a mesa um para o outro.

O alívio se espalha nos nossos rostos.

Não é o prato que eu pediria, mas é melhor que alface.

Na metade da refeição — bem, na metade para ela; eu já terminei a minha — peço uma fatia de torta de chocolate e mais café. E ficamos falando da ex-melhor amiga dela, Natalie, e de como essa Natalie é uma bissexual espalhafatosa com peitões. Ao menos é isso que estou entendendo, pela descrição que Camryn faz dela.

— E o que aconteceu depois do incidente no banheiro? — pergunto, mordendo minha torta.

— Nunca mais entrei num banheiro público com ela depois disso — Camryn conclui. — Aquela garota não tem vergonha na cara.

— Ela parece divertida — comento.

Camryn parece pensativa.

— Ela era.

Eu a estudo discretamente. Está perdida em alguma lembrança, cutucando o último pedaço de frango de sua salada com o garfo. Meu garfo tilinta contra o prato quando tomo uma decisão e o solto. Limpo a boca com o guardanapo e me levanto.

— Aonde você vai? — Ela olha para mim.

Apenas sorrio e vou até a jukebox perto da janela. Enfio uma moeda e corro os olhos pelos títulos, finalmente escolhendo uma canção e apertando os botões. Raisins In My Toast, um dos clássicos presentes em todas as jukeboxes de todas as Waffle Houses, começa a tocar enquanto estou voltando.

As três garçonetes e o cozinheiro me fuzilam com olhares implacáveis. Eu simplesmente sorrio.

O corpo todo de Camryn está travado no lugar. Suas costas estão rígidas, o branco dos seus olhos brilha para mim, e quando começo a mexer a boca formando a letra da canção estilo anos 50, ela afunda muito no assento, com o rosto vermelho como nunca vi.

Volto para o meu lugar, mexendo os quadris enquanto me sento.

— Ai meu Deus, Andrew, por favor, não canta isso também!

Estou me esforçando ao máximo para não rir, mas canto a letra da música com um sorriso gigante grudado na cara. Camryn cobre o rosto com as mãos, e seus ombrinhos, cobertos pela fina blusa branca, sobem e descem enquanto ela reprime as gargalhadas.

Estalo os dedos no ritmo da música como se eu estivesse usando brilhantina, e quando começa a voz aguda, eu a imito, com a cara toda contorcida por uma emoção exagerada.

E canto as notas mais graves também, apoiando o queixo no peito com a expressão bem séria. Não paro de estalar os dedos. Quanto mais a canção avança, com mais emoção eu canto. No meio dela, Camryn não consegue mais se segurar. Ri tanto sem abrir a boca que seus olhos ficam cheios d'água.

Ela já afundou tanto no assento, a essa altura, que seu queixo está quase encostando na mesa.

Quando a canção termina — para alívio dos funcionários — recebo as palmas solitárias da senhora sentada à mesa atrás de Camryn. Ninguém mais liga, mas, pela

expressão de Camryn, é como se todos no restaurante estivessem olhando e rindo de nós. Hilariante. E

ela fica tão lindinha quando está constrangida.

Apoio os cotovelos na mesa e estendo os braços por cima do tampo, juntando as mãos.

— Ah, até que não foi tão ruim, foi? — provoco com um sorrisinho.

Camryn passa a ponta do dedo sob os dois olhos para limpar o borrão preto que ela sabe instintivamente que se formou. Mais algumas risadas ainda agitam seu peito antes que se acalme.

— Você também não tem vergonha na cara — ela diz, rindo mais uma vez.

— Foi constrangedor, mas acho que eu tava precisando disso. — Camryn tira os sapatos e põe os pés sobre o banco da frente do carro.

Estamos na estrada de novo, seguindo apenas a orientação do dedo de Camryn.

Seguimos para o leste na 44; pelo jeito, vamos atravessar a parte de baixo do Missouri.

— Fico feliz em poder ajudar.

Estico o braço e ligo o som.

— Ah, não — ela provoca. — Pra que momento distante dos anos 70 será que vamos voltar desta vez?

Inclino a cabeça e sorrio para ela.

— Esta música é legal — defendo, aumentando um pouco o volume e tamborilando com os polegares no volante.

— É, já conheço — ela admite, apoiando a cabeça no encosto. — Wayward Son.

— Quase isso — digo —, Carry On Wayward Son.

— Se tava quase certo, não precisava me corrigir. — Ela finge estar ofendida, mas não convence muito.

— E de que banda é? — pergunto para testá-la.

Ela faz uma careta para mim.

— Não sei!

— Kansas — eu conto, com uma sobrancelha intelectualmente levantada. — Uma das minhas favoritas.

— Você diz isso de todas. — Ela franze os lábios e pisca algumas vezes.

— Pode ser — confesso —, mas, na real, as músicas do Kansas têm muita

emoção.

Dust in the Wind, por exemplo; não consigo pensar numa música mais adequada pra morte. Porque de algum jeito, ela me faz parar de ter medo de morrer.

— Parar de ter medo de morrer? — Cam exclama, incrédula.

— É, acho que sim. É como se Steve Walsh fosse o Ceifador, e estivesse te dizendo que não há o que temer. Cacete, se eu pudesse escolher uma música pra ouvir na hora da morte, essa seria a primeira da play list.

Camryn parece desanimada.

— Isso é um pouco mórbido demais pra mim.

— Se você encarar desse jeito, acho que é.

Ela está virada para mim, agora, com as duas pernas sobre o assento, os joelhos dobrados, e o ombro e a cabeça encostados no banco. Com aquela trança dourada que a faz parecer tão mais suave sempre jogada sobre o ombro direito.

— Hotel California — diz — Eagles.

Olho para ela. Estou impressionado.

— Esse é um clássico que eu gosto.

Isso me faz sorrir.

— É mesmo? Essa canção é ótima; de arrepiar... Me faz meio que sentir que tô num daqueles velhos filmes de terror em preto e branco. Boa escolha.

Estou muito impressionado, na verdade.

Tamborilo com os polegares mais um pouco no volante acompanhando Carry On Wayward Son, e então ouço um pou! alto e um flap-flap-flap-flop-flap-flop constante, até que eu desvio lentamente para o lado e paro no acostamento.

Camryn já apoiou novamente os pés descalços no assoalho do carro e está olhando em volta, tentando descobrir de onde veio o barulho.

— O pneu furou? — ela pergunta, mas é mais como se dissesse: “Que legal, o pneu furou!”

— Furou — respondo, pondo o câmbio em park e desligando o motor. — Ainda bem que tem um estepe no porta-malas.

— É um daqueles minipneus feios?

Eu rio.

— Não, tenho um pneu em tamanho natural lá dentro, com roda e tudo, e te garanto que vai ficar igualzinho aos outros três.

Ela parece um pouco aliviada, até que percebe que estou gozando com a sua cara, e então mostra a língua e fica vesga para mim. Não sei por que isso me dá vontade de transar com ela no banco de trás, mas cada louco com suas manias, acho.

Ponho a mão na maçaneta e ela volta a dobrar as pernas sobre o banco.

— Por que você tá ficando toda confortável aí?

Ela pisca.

— Como assim?

— Calça os sapatos — digo, acenando para eles no assoalho do carro —, levanta essa bunda daí e vem me ajudar.

Ela arregala os olhos e fica parada, como que esperando que eu ria e diga que estou só brincando.

— Eu-eu não sei trocar pneu — ela diz, ao perceber que não é brincadeira.

— Você sabe trocar pneu — corrijo, e isso a deixa ainda mais atordoada. — Já viu como se faz milhares de vezes ao vivo e nos filmes; pode acreditar, você sabe; todo mundo sabe.

— Nunca troquei um pneu na minha vida. — Ela só falta fazer beicinho.

— Bom, hoje você vai trocar — digo sorrindo, abrindo minha porta só alguns centímetros para que uma carreta que se aproxima não a arranque.

Depois de mais alguns segundos de incredulidade, Camryn enfia os pés nos tênis e fecha a porta do carro atrás de si.

— Vem cá. — Faço um gesto para ela, que me acompanha até a traseira do carro.

Aponto para o pneu furado, o traseiro direito. — Se fosse um dos pneus do lado da estrada, você ia se livrar dessa.

— Vai mesmo me fazer trocar um pneu?

Achei que já tivéssemos resolvido isso.

— Sim, gata, vou mesmo fazer você trocar um pneu.

— Mas no carro você disse que eu ia ajudar, não fazer todo o trabalho.

Balanço a cabeça.

— Bom, tecnicamente, você vai me ajudar, mas... vem cá de uma vez.

Ela dá a volta no porta-malas, eu tiro o estepe de dentro e apoio no asfalto.

— Agora pega o macaco e a chave de roda no porta-malas e traz aqui.

Camryn faz o que eu mando, resmungando baixinho alguma coisa sobre sujar as

mãos com a “nhaca preta”. Controlo minha intensa vontade de rir dela enquanto rolo o pneu para perto do furado e o deito ao lado. Mais uma carreta passa velozmente; o vento balança um pouco o carro.

— Isto é perigoso — ela reclama, largando o macaco e a chave de roda aos meus pés.

— E se um carro sair da estrada e atropelar a gente? Você não vê os Vídeos Incríveis?

Putá merda! Ela também assiste?

— Na verdade, vejo, sim — digo —, agora vem cá e vamos fazer isso logo. Se for você que estiver agachada, escondida do trânsito pelo carro, vai ser menos provável que alguém atropela a gente.

— Por que menos provável!? — Ela franze as sobrancelhas.

— Bom, se você estivesse de pé, toda sexy e tal, acho que eu também ia ficar olhando pra você e sair da estrada.

Camryn revira os olhos exageradamente e se curva para pegar a chave de roda.

— Ui! — ela grunhe, tentando afrouxar as porcas. — Tá apertado demais, cacete!

Afrouxo para ela, mas deixo que termine de desatarraxar as porcas, mantendo os olhos no trânsito sem deixar transparecer que estou ficando nervoso. Se eu estiver vigiando, fica mais fácil agarrá-la e sairmos do caminho do que se fosse ela de olho nos carros.

A seguir vem o macaco; eu a ajudo, mostrando como girar para abri-lo e qual o melhor lugar para fixá-lo, mas até que isso ela já parecia saber sem minha ajuda. A princípio ela se atrapalha com a manivela, mas pega o jeito rapidamente e levanta um pouco o carro.

Dou uma manjada na bunda dela porque eu seria um idiota, ou gay, se não fizesse isso.

E então, do nada, sem nem sombra de um relâmpago para avisar, começa a chover como se alguém tivesse aberto uma torneira no céu.

Camryn grita que está ficando encharcada e isso a distrai do pneu completamente. Ela se levanta num salto e começa a correr para a porta do carro, mas para quando se dá conta de que não deve entrar no carro levantado pelo macaco.

— Andrew! — Ela está completamente encharcada, com as mãos na cabeça, como se isso realmente fosse ajudá-la a se proteger da chuva.

Eu estou rolando de rir.

— Andrew!

Ela está ridiculamente furiosa.

Eu a seguro pelos ombros e digo, com a chuva batendo no meu rosto: — Eu termino de trocar o pneu. — É difícil ficar sério. E eu não fico.

Em poucos minutos, o estepe está aparafusado e eu jogo o pneu furado, junto com o macaco e a chave de roda, no porta-malas.

— Peraí! — digo, quando Camryn faz menção de entrar no carro, agora que é seguro.

Ela para. Está tremendo na chuva, seu corpo todo encharcado. Bato a tampa do porta-malas e me aproximo dela, sentindo meus pés chafurdando na água dentro dos tênis porque não estou usando meias, e sorrio para ela, esperando que ela sorrisse também.

— É só chuva.

Ela cede um pouquinho, sem dúvida buscando mais brincadeiras de encorajamento da minha parte.

— Vem cá. — Estendo a mão e ela a segura.

— Que é? — pergunta timidamente.

Sua trança está pesada com a água; os poucos fios macios sempre ao redor do seu rosto estão grudados na testa e de um lado do pescoço. Eu a levo para o porta-malas e subo nele. Ela fica ali, com a chuva escorrendo continuamente pelo seu corpo. Estendo a mão de novo, e com hesitação Camryn a toma e eu a puxo para cima da traseira do carro. Ela sobe no teto comigo, o tempo todo me olhando como se eu fosse um louco irresistível.

— Deita — digo por cima do barulho alto da chuva torrencial, deitando de costas no teto, com os pés em cima do para-brisa.

Sem questionar ou protestar — embora ambas as coisas estejam meio que escritas no seu semblante — ela se deita ao meu lado.

— Isto é loucura! — grita. — Você é louco.

Ela deve gostar de loucos, porque começo a sentir que quer estar ali em cima comigo.

Descartando aquele meu plano inicial, que diz que preciso me controlar quando estou perto dela, estendo meu braço esquerdo, e ela instintivamente deita a cabeça nele.

Engulo em seco. Não esperava mesmo isso. Mas fico feliz que ela tenha feito.

— Agora abre os olhos e olha pra cima — falo, eu mesmo já olhando para o céu.

Um caminhão menor passa rapidamente, seguido por alguns carros, mas nós nem notamos. Mais uma carreta passa e o vento balança um pouco o carro, mas também não damos importância a isso.

De início, ela faz caretas quando a chuva entra em seus olhos, mas obedece, de vez em quando piscando e tentando esconder o rosto no meu peito para protegê-lo da chuva, o tempo todo rindo baixinho. Ela se obriga a olhar diretamente para cima, mas desta vez fecha os olhos e deixa a boca entreaberta. Olho para seus lábios, para a chuva que escorre em fios sobre eles, para seus sorrisos e sobressaltos quando os pingos entram na sua garganta. Para seus ombros que se erguem quando ela tenta esconder o rosto, sorrindo e gargalhando, ensopada.

Olho tanto para ela que esqueço completamente que está chovendo.

CAMRYN

QUANDO EU CONSEGUIA manter os olhos abertos por tempo suficiente, olhava para a chuva martelando meu rosto. Nunca tinha visto a chuva daquele jeito, olhando direto para o céu, e mesmo me encolhendo mais do que realmente olhando, quando eu conseguia, era absolutamente lindo. Como se cada pingo se precipitando na minha direção fosse separado dos milhares de outros e, por um momento suspenso no tempo, eu pudesse vislumbrar todas as suas delicadas facetas. Eu via as nuvens cinzentas se movendo acima de mim e sentia o carro balançar quando o vento dos veículos o atingia.

Eu tremia, embora estivesse quente o bastante para nadar. Mas nada do que eu via, sentia ou ouvia era mais quente e fascinante do que a proximidade de Andrew.

Grito e rio quando voltamos para dentro do carro, minutos depois.

Bato a porta, e ele bate a dele em seguida.

— Tô congelando! — Rio e tremo, apertando os braços erguidos entre os seios, cruzando os dedos com força e apoiando o queixo neles.

Andrew, com um sorriso tão largo que cobre todo o seu rosto, estremece e liga a calefação.

Instintivamente, tento esquecer que fiquei deitada sobre o braço dele, ou que ele o estendeu para que eu deitasse. Acho que ele também tenta esquecer, ou ao menos não deixar isso óbvio.

Ele esfrega as mãos, tentando se aquecer com o calor que sai dos respiros de ventilação. Meus dentes estão batendo.

— Usar roupa molhada é um saco — digo, com o queixo tremendo.

— É, tô contigo nisso — ele diz, puxando o cinto de segurança e afivelando-o.

Faço o mesmo, embora, como sempre, depois de ficar no carro por muito tempo, vou acabar me desvencilhando dele para encontrar alguma outra posição confortável.

— Meus dedos dos pés estão enlameados — ele comenta, olhando para os tênis.

Meu rosto todo desmorona. Ele ri e depois tira os tênis, jogando-os no assoalho do banco de trás.

Decido fazer o mesmo porque, mesmo eu não querendo admitir, meus pés também estão enlameados.

— A gente precisa encontrar um lugar pra trocar de roupa — declaro.

Andrew põe o câmbio em drive e olha para mim.

— Tem o banco de trás — diz, sorrindo. — Não vou espiar, juro. — Ele levanta

as mãos para enfatizar isso e depois segura o volante de novo, voltando para a estrada quando aparece uma brecha no trânsito.

Rio com desdém.

— Não, acho que vou esperar até a gente encontrar um lugar.

— Como quiser.

Eu sei que ele iria olhar, com certeza. E, bem, isso nem iria me incomodar muito...

Os limpadores do para-brisa deslizam de um lado para o outro na velocidade máxima, e está chovendo tanto que mesmo assim é difícil enxergar a estrada adiante. Andrew deixa a calefação ligada até que o carro começa a parecer uma sauna, e antes de desligá-la, verifica se já estou aquecida.

— Então, Hotel California, é? — pergunta, sorrindo para mim com covinhas bem fundas. Ele aperta o botão de seleção de CDs até encontrar a canção. — Vamos ver o quanto você sabe.

Sua mão volta para o volante.

A canção começa como sempre lembrei, com aquela guitarra lamuriosa, lenta e perturbadora. Olhamos um para o outro, deixando a música se mover entre nós dois e nos atravessar, esperando a letra começar. Então, ao mesmo tempo, levantamos as mãos como que marcando no ar um, dois, três no ritmo e começamos a cantar com Don Henley.

Cantamos com afinco, verso após verso, e às vezes revezamos, ele me deixa cantar um verso e canta o seguinte. E quando o primeiro refrão começa, cantamos juntos a plenos pulmões, praticamente gritando a letra para o para-brisa. Semicerramos os olhos, inclinamos a cabeça e eu finjo que não estou morta de vergonha com meu jeito de cantar. Então vem a segunda estrofe e nosso revezamento começa a ficar um pouco embolado, mas nos divertimos muito e só nos atrapalhamos algumas vezes. E gritamos 1969! bem alto juntos. Então perdemos um pouco do entusiasmo pela cantoria e só deixamos a música encher o carro. Mas quando o famoso segundo refrão chega e a música fica mais lenta e perturbadora, ficamos sérios de novo e cantamos cada palavra juntos, olhando um para o outro. Andrew canta “alibis!” com tanta perfeição que meus braços ficam arpejados. E ambos “apunhalamos a fera” juntos, dando socos no ar e entrando no clima da música.

E foi assim a viagem sei lá para onde pelas horas seguintes.

Cantei tanto com ele que minha garganta começou a doer.

Naturalmente, era tudo rock clássico, ocasionalmente com algum som do início dos anos 90: sobretudo Alice in Chains e Aerosmith, e não me incomodei nem um

pouco com isso. Na verdade, adorei tudo, e adorei as lembranças que estavam se formando na minha mente. Lembranças com Andrew.

Encontramos uma área de descanso à beira da estrada em Jackson, Tennessee, e tiramos o máximo proveito dela. Usamos os banheiros para trocar as roupas molhadas, que vestíamos há mais tempo do que tínhamos percebido. Acho que nos divertimos tanto no carro, com minha cantoria não exatamente espetacular, e ele fingindo que adorava, que nos distraímos de todo o resto.

Andrew termina de se vestir antes de mim e já está esperando dentro do carro quando saio usando as únicas roupas limpas que sobraram na minha mala: o shortinho branco e a camiseta do time do colégio que gosto de usar para dormir. Só trouxe um sutiã, o que estava usando quando choveu, por isso ele ainda está completamente úmido. Mas eu o uso da mesma forma, porque de jeito nenhum vou entrar naquele carro com Andrew sem sutiã.

— Eu não tô usando este shortinho pra te agradecer — digo, apontando severamente para ele ao entrar no carro. — Entendeu?

O canto de seus lábios se ergue num sorriso.

— Recado recebido — ele diz, escrevendo numa prancheta imaginária.

Levanto a bunda do assento e agarro o fundilho do meu short, puxando-o só um pouco para que não fique enfiado na minha virilha e cubra um pouco mais de pele das minhas coxas. Começo a tirar meus chinelos pretos, mas vejo como o tapetinho do carro está enlameado e decido ficar com eles. Ainda bem que os bancos são de couro.

— Vou ter que procurar mais roupas — comento.

Andrew está usando jeans de novo, suas botas Dr. Martens pretas e outra camiseta cinza lisa, mais clara do que a anterior. Como tudo o mais, fica ótima nele, mas meio que sinto falta de suas panturrilhas musculosas e da tatuagem celta preta e cinza no tornozelo.

— Por que você só trouxe isso? — ele pergunta, conservando os olhos na estrada. — Não que eu esteja reclamando, claro.

Sorriso para ele.

— Como eu não sabia pra onde tava indo, achei que não ia querer ficar carregando um monte de tralhas.

— Faz sentido.

O sol brilha no Tennessee, e agora rumamos para o sul. O outro lado da estrada está congestionado por causa de obras, e ambos expressamos o quanto estamos contentes de não estar “daquele lado da estrada”. Por fim, a luz do dia desaparece por trás do horizonte e o crepúsculo banha as plantações de arroz e algodão com uma

névoa violeta; há sempre algum tipo de plantação gigantesca dos dois lados da estrada, a perder de vista.

Chegamos em Birmingham, Alabama, pouco depois das 19h.

— Onde você quer comprar roupas? — Andrew pergunta, rodando devagar por uma rua cheia de sinais de trânsito e postos de gasolina.

Ergo o corpo do assento e olho ao redor, tentando encontrar entre os letreiros luminosos algum lugar aceitável.

Andrew aponta para a frente.

— Tem um Walmart ali.

— Acho que serve — respondo, e ele vira à esquerda no semáforo e entramos no estacionamento.

Saímos do carro, e a primeira coisa que faço é puxar minha calcinha de dentro da bunda.

— Precisa de ajuda?

— Não! — respondo rindo.

Andamos juntos no meio do mar de carros do estacionamento, meus chinelos batendo nos calcanhares. Me encolho na hora, sabendo que devo estar ridícula com uma trança suja e empaçocada sobre o ombro e usando este shortinho minúsculo que fica entrando na minha bunda. Nada mais de maquiagem depois que a cerimônia de comunhão com a chuva lavou tudo. Mantenho os olhos no chão branco reluzente enquanto andamos pela loja e evito cruzar olhares com os outros.

Vamos primeiro para a seção de roupa feminina e eu pego algumas coisas simples: outro short de algodão, curtinho também, mas não enfiado na bunda como o que estou usando, e algumas camisetas fofas com gola em V e estampas aleatórias. Contenho o meu desejo de visitar a parte de roupas íntimas. Acho que por enquanto vou me virar com o que tenho.

Depois sigo Andrew para a área perto da farmácia, onde ficam as vitaminas, remédios para resfriado, pastas de dente, essas coisas.

Vamos direto para a gôndola dos aparelhos e cremes de barbear.

— Não faço a barba há uma semana — Andrew diz, esfregando o princípio de barba que está crescendo em seu rosto há alguns dias.

Acho sexy, mas ele fica sexy com ou sem barba, por isso não reclamo.

E por que eu reclamaria?

Pego uma embalagem de aparelhos de barbear também, e um tubo dourado de creme de depilação. Na gôndola seguinte, pego um vidro pequeno de enxaguante

bucal, porque enxaguante bucal nunca é demais. Ajeito minha bolsa no outro ombro quando os itens começam a lotar o meu braço. Passamos por mais uma gôndola e eu pego xampu e condicionador da prateleira, tentando equilibrá-los junto com as outras coisas, mas Andrew tira os frascos da minha mão e os carrega. Ele pega o enxaguante bucal também.

Vamos para a parte dos medicamentos, onde um casal de meia-idade está parado na frente dos xaropes para tosse, lendo os rótulos.

Andrew diz casualmente, sem baixar a voz: — Amor, você achou o remédio pra candidíase?

Arregalo os olhos e fico imóvel na frente do Tylenol.

Andrew pega uma caixinha de Advil da prateleira.

O casal finge que não ouviu o que ele disse, mas sei que eles escutaram.

— Mas você tem certeza que tá coçando por causa disso? — ele continua, e o calor no meu rosto está literalmente me derretendo.

Desta vez, o casal olha discretamente.

Andrew sorri feito um babaca do outro lado, fingindo ler os rótulos.

Quero esmurrá-lo, mas em vez disso, entro na brincadeira.

— Achei sim, querido — respondo tão casualmente quanto ele. — E você? Perguntou se eles têm camisinha tamanho PP?

A mulher vira a cabeça e olha diretamente para ele, de alto a baixo, e depois para mim, antes de voltar a ler o rótulo.

Andrew não se abala; por alguma razão, eu sabia que ele não se abalaria. Apenas sorri para mim, adorando cada segundo.

— É tudo um tamanho só, amor — retruca. — Já falei que vai servir melhor quando você conseguir deixá-lo duro de verdade.

Um barulho de cuspir escapa dos meus lábios, seguido por uma gargalhada.

O casal se afasta da gôndola.

— Você é tão mau! — sussurro para ele entre os dentes, ainda rindo. O tubo de creme de depilação cai ruidosamente do meu braço e me abaixo para pegar.

— Você também não é tão inocente.

Andrew pega uma bisnaga de pomada antibiótica com a mesma mão do Advil e vamos para o caixa. Ele joga dois pacotes de stick de carne-seca e uma caixinha de Tic Tac sobre a esteira da caixa registradora. Pego um frasco de antisséptico para as mãos, um tubinho de manteiga de cacau e um pacote de stick de carne para mim.

— Tá ficando corajosa, hein? — Andrew diz sobre o stick

Sorrio para ele e ponho o separador de compras de plástico cinza entre as coisas dele e as minhas.

— Não — respondo. — Adoro stick de carne-seca. Se fosse radioativa, eu comeria mesmo assim.

Ele apenas sorri, mas depois tenta dizer à caixa que as coisas dele e as minhas estão “juntas”, ao tirar o cartão de crédito da carteira.

— Não, de novo não — discuto, apoiando o braço na esteira perto do separador de compras. Olho para a caixa e balanço a cabeça, desafiando-a a somar minhas compras com as dele. — Eu pago as minhas. — Seus olhos vêm e vão entre mim e Andrew rapidamente, como se ela estivesse esperando uma réplica.

Quando ele começa a discutir, viro o queixo com expressão séria e digo: — Eu pago minhas coisas e acabou. Conforme-se.

Ele meio que revira os olhos e desiste, passando o cartão na maquininha.

Quando voltamos para o carro, Andrew abre um dos seus pacotes de stick de carne-seca e põe um pedaço na boca.

— Tem certeza que não quer que eu dirija um pouco? — pergunto.

Ele balança a cabeça, mastigando com força o stick.

— Vamos parar em outro motel e pernoitar.

Ele engole, põe mais um pedaço na boca, engata a marcha e vamos embora.

Encontramos um motel a alguns quilômetros da cidade, pegamos as compras e levamos para nossos quartos lado a lado. Este tem um carpete xadrez verde com cortinas pesadas combinando, no mesmo tom verde-escuro, e uma colcha floral da mesma cor.

Ligo a televisão imediatamente, só para dar um pouco de luz e animação à atmosfera sombria e melancólica.

Andrew pagou os quartos de novo, usando como desculpa o fato de eu ter “ganhado a parada” com minhas compras no Walmart.

Ele verifica o quarto primeiro, como da última vez, e depois desaba na espreguiçadeira perto da janela.

Largo minhas coisas no chão, arranco a colcha da cama e a jogo num canto, perto da parede.

— Tem alguma coisa nela? — Andrew pergunta, se refestelando na espreguiçadeira e esticando as pernas.

Ele parece exausto.

— Não, é que eu tenho medo dessas coisas. — Me sento na cama e jogo longe meus chinelos, erguendo as pernas e cruzando-as, como na ioga. Coloco as mãos no colo porque ainda estou usando o shortinho branco e me sinto um pouco exposta demais assim, de joelhos abertos.

— Você falou como você não sabia pra onde tava indo — Andrew diz.

Olho para cima e levo um segundo para entender do que ele está falando, do motivo que dei no carro para não ter trazido muita roupa. Ele junta os dedos, apoiando as mãos abertas na barriga.

Levo um momento para responder, embora a resposta seja vaga: — É, eu não sabia.

Andrew ergue as costas da poltrona e se curva para a frente, apoiando os braços nas coxas, com as mãos abaixo dos joelhos. Ele inclina a cabeça, me olhando de lado. Sei que vamos ter uma daquelas conversas em que não consigo prever se vou aceitar ou me esquivar de suas perguntas. Tudo depende do quanto ele for bom em tirar as respostas de mim.

— Não sou especialista nessas coisas — ele começa —, mas não vejo você partindo sozinha desse jeito, de ônibus, ainda por cima, com uma bolsa, uma malinha e nenhuma ideia do seu destino, só porque sua melhor amiga te apunhalou pelas costas.

Ele tem razão. Não fui embora por causa de Natalie, nem de Damon; eles só faziam parte do contexto.

— Não, não foi por causa dela.

— Por que foi, então?

Não quero falar disso; pelo menos acho que não quero. Parte de mim sente que posso contar qualquer coisa para Andrew, e eu meio que quero contar, mas outra parte está me mandando tomar cuidado. Não esqueci que os problemas de Andrew são mais graves que os meus, e me sentiria idiota, chorona e egoísta contando qualquer coisa para ele.

Olho para a TV em vez de olhar para Andrew, e finjo estar levemente interessada.

Ele fica de pé.

— Deve ter sido alguma coisa bem grave — insiste, se aproximando —, e quero que você me conte.

Bem grave? Que legal, agora ele complicou a situação; mesmo se eu contasse, pelo menos antes não achava que ele esperava ouvir algo terrível. Agora que sei que ele espera, sinto que deveria inventar alguma coisa.

Não invento, é claro.

Sinto a cama se mexer quando Andrew se senta ao meu lado. Ainda não consigo olhar para ele; meus olhos continuam grudados na TV. Meu estômago está revirado pela culpa e também por alguma outra coisa, um formigamento, quando penso no quanto ele está próximo. Mas sobretudo pela culpa.

— Já deixei você ficar sem me contar nada faz um bom tempo — Andrew argumenta.

Ele apoia os cotovelos nas coxas de novo e se senta como havia se sentado na espreguiçadeira, com as mãos unidas no meio das pernas. — Uma hora você precisa me contar.

Olho para ele e digo:

— Não é nada comparado com o que você tá passando. — E paro por aí, me virando para a TV de novo.

Por favor, não pergunta mais nada, Andrew. Contar é o que eu mais quero, porque de alguma forma sei que você vai conseguir entender tudo, que você pode resolver tudo — o que é que eu tô dizendo? — Por favor, não me pergunta mais nada...

— Você tá comparando? — ele diz, despertando minha curiosidade. — Então você acha que, como meu pai tá morrendo, os motivos que levaram você a fazer o que fez não são importantes? — ele fala como se essa simples ideia já fosse absurda.

— Isso mesmo — digo —, é exatamente o que eu acho.

Suas sobrancelhas se juntam e ele olha um pouco para a TV antes de se virar para mim.

— Bom, isso é uma puta babaquice — afirma com convicção.

Viro a cabeça bruscamente.

Ele continua:

— Sabe, sempre detestei esta frase: Tem gente em situação pior que a sua ; se você encarar como uma competição, claro, é sempre melhor viver de seguro-desemprego do que ficar cego, mas não é um concurso, caralho. Certo?

Ele está me perguntando porque quer saber o que eu acho? Ou é o jeito dele de me dizer como as coisas são, esperando que eu entenda?

Apenas balanço a cabeça.

— Dor é dor, gata. — Cada vez que Andrew me chama de “gata”, presto mais atenção nisso do que em qualquer outra coisa que ele diz. — Só porque o problema de uma pessoa é menos traumático que o de outra, não significa que deva doer

menos.

Acho que é um bom argumento, mas me sinto egoísta mesmo assim.

Andrew toca o meu pulso e eu olho para ele, para o modo como seus dedos másculos se fecham sobre o osso na base da minha mão. Quero beijá-lo; a vontade dentro de mim chegou à superfície, mas engulo em seco e a força para o fundo do meu estômago, que está tremendo por conta própria há vários segundos.

Tiro minha mão e me levanto da cama.

— Camryn, olha, eu não quis dizer nada com isso. Só tava tentando...

— Eu sei — murmuro, cruzando os braços e ficando de costas para ele. Com certeza é um daqueles momentos “não é você, sou eu”, mas não vou jogar esse chavão no colo dele.

Sinto que ele fica de pé, e então me viro devagar e o vejo pegando suas mochilas e o violão encostado na parede.

Ele vai até a porta.

Quero segurá-lo aqui, mas não consigo.

— Vou te deixar dormir um pouco — ele diz baixinho.

Balanço a cabeça, mas não digo nada, porque temo que, se eu falar, minha mente vai trair minha boca e vou me afundar mais ainda nesta situação perigosa com Andrew, que está ficando mais evidente a cada dia que passamos juntos.

EU ME ODEIO por ter deixado Andrew sair por aquela porta, mas era necessário. Não posso fazer isso. Não posso me deixar cair no mundo que é Andrew Parrish, embora tudo no meu coração e nos meus desejos me peça isso. Não é só questão de ter medo de sofrer de novo; todos passam por essa fase, e talvez eu ainda não a tenha superado completamente, mas são tantas outras coisas.

Eu não me conheço.

Não sei o que quero, como me sinto ou como deveria me sentir, e acho que nunca soube, na verdade. Seria uma vaca egoísta se deixasse Andrew entrar na minha vida. E

se ele se apaixonar, ou quiser algo de mim que não posso dar? E se eu acrescentar um coração partido à morte do pai dele? Não quero a dor dele na minha consciência.

Me viro de repente e olho para a porta outra vez, lembrando a expressão de Andrew antes que saísse.

Talvez essa nem seja a questão. Quanta pretensão minha até considerar a ideia de ele se apaixonar por mim. Talvez ele queira apenas uma amizade colorida ou uma simples transa.

Minha cabeça está rodando com um turbilhão caótico de pensamentos, nenhum dos quais acho certo, e sei que todos são possíveis. Ando até o espelho e me olho nele, olho nos olhos de uma garota que sinto que conheço, mas da qual nunca me tornei verdadeiramente íntima. Me sinto realmente separada de mim mesma, de tudo.

Foda-se!

Cerro os dentes e bato com as mãos abertas na mesinha da TV. Depois pego o novo short preto, minha nova camiseta branca com je t'aime escrito em letra cursiva ao redor da Torre Eiffel, e vou para o chuveiro. Fico uma eternidade debaixo do jato d'água, não porque me sinto suja, mas porque me sinto uma merda. Só consigo pensar em Andrew. E

em Ian. E em por quê, afinal, sinto essa necessidade estranha e provocante de pensar nos dois ao mesmo tempo.

Depois que a água quente parece ter arrancado minha primeira camada de pele, saio e me enxugo, ensopando a toalha com meu cabelo. Uso o secador nua, na frente do espelho, e depois volto para o quarto para me vestir, porque não levei uma calcinha limpa para o banheiro. Finalmente, penteio meu cabelo ainda úmido e o deixo terminar de secar naturalmente, passando-o atrás das orelhas para que não caia no rosto.

Ouçõ Andrew tocando violão através da parede de novo. A TV continua

tagarelando e aquilo me irrita, por isso me levanto, pisando duro, e desligo o aparelho para ouvir Andrew melhor.

Fico ali por alguns segundos, absorvendo as notas que atravessam a parede e chegam dolorosamente aos meus ouvidos. Não é uma música triste, mas por algum motivo acho doloroso mesmo assim.

Finalmente, pego minha chave, enfio os pés nos chinelos e saio do quarto.

Passando nervosamente a língua nos lábios ressecados, respiro fundo, engulo em seco e levanto a mão para bater de leve em sua porta.

O som do violão se interrompe, e alguns segundos depois a porta se abre com um estalo.

Ele também tomou banho. Seu cabelo castanho ainda está molhado; tem uns fios bagunçados na testa. Ele me olha, sem camisa e usando apenas um short de lona preta.

Tento não olhar para sua barriga de tanquinho levemente bronzeada, nem para as veias que correm por seus braços e de certa forma parecem mais pronunciadas, com o resto de sua pele à mostra.

Oh... meu Deus. Talvez seja melhor eu voltar...

Não, eu vim pra conversar com ele e é isso que vou fazer.

Vejo pela primeira vez a tatuagem do lado esquerdo do seu corpo e quero perguntar sobre ela, mas vou deixar para depois.

Ele sorri delicadamente para mim.

— Tudo começou mais ou menos há um ano e meio — começo a contar sem rodeios —, uma semana antes da formatura. Meu namorado morreu num acidente de carro.

Seu sorriso suave desaparece e seus olhos ficam mais meigos, só o suficiente para mostrar que ele lamenta por mim, sem que isso pareça falso ou exagerado.

Andrew termina de abrir a porta e eu entro. A primeira coisa que ele faz, mesmo antes que eu me sente no pé da cama, é vestir uma camiseta. Talvez não queira que eu pense que está tentando me distrair ou me paquerar, especialmente quando fui lá para contar algo obviamente doloroso. Eu o respeito ainda mais por isso. Esse gesto pequeno e aparentemente insignificante vale por mil palavras, e por mais que seja uma pena vê-lo esconder aquele corpo, eu aceito. Não foi para isso que vim.

Eu acho...

Há uma espécie de tristeza genuína em seus olhos verdes, misturada com algo de consideração. Andrew desliga a TV e se senta ao meu lado, do mesmo jeito que se sentou na minha cama, e me olha, esperando pacientemente que eu continue.

— A gente se apaixonou com 16 anos — continuo, olhando para a frente —, mas Ian esperou dois anos... dois anos — olho para ele para enfatizar —, até que eu dormisse com ele. Não sei de nenhum adolescente que esperaria tanto tempo pra transar com uma garota.

Andrew faz cara de quem concorda.

— Tive uns namoros curtos antes de Ian, mas os garotos eram tão... — olho para cima, procurando a palavra certa — ... mundanos. Pra dizer a verdade, com 12 anos eu já tinha começado a achar que um monte de gente era mundana.

Andrew parece refletir, com o cenho levemente franzido.

— Mas Ian era diferente. A primeira coisa que ele me disse, depois que a gente se conheceu e conversou de verdade, foi: “Eu queria saber se o oceano tem um cheiro diferente do outro lado do mundo.” Primeiro eu ri, porque achei que era uma coisa esquisita pra se falar, mas depois percebi que aquela simples frase o diferenciava de todo mundo que eu conhecia. Ian era um cara que estava do lado de fora, olhando pra todos nós correndo pra lá e pra cá, fazendo as mesmas coisas todo dia, seguindo os mesmos caminhos, feito formigas num formigueiro de vidro.

“E eu sempre soube que queria algo mais da vida, algo diferente, mas foi quando conheci Ian que as coisas começaram a ficar claras pra mim.”

Andrew sorri com ternura e diz:

— Resolvida e madura antes dos 20 anos... isso é raro.

— É, acho que sim — concordo, sorrindo para ele, e continuo, soltando uma risadinha: — você nem acreditaria o quanto Damon, Natalie ou até minha mãe e meu irmão, Cole, ficavam me enchendo por eu ser tão “cabeça”. — Faço aspas com os dedos ao dizer “cabeça” e reviro os olhos.

— Ser cabeça é bom — Andrew afirma, e olho disfarçadamente, porque detecto a atração, embora ele a esteja domando muito bem, em nome da conversa. Mas então seu sorriso desaparece e sua voz fica um pouco mais baixa. — Então, quando você perdeu Ian, perdeu seu parceiro no crime.

Meu sorriso também desaparece e eu apoio as mãos na beirada da cama, deixando meu corpo afundar entre os ombros.

— Sim. A gente ia mochilar pelo mundo depois da formatura, ou talvez só pela Europa, mas tava decidido; isso já tava planejado, pelo menos. — Olho diretamente para Andrew, agora. — A gente sabia que não queria fazer uma faculdade e acabar trabalhando 40

anos no mesmo emprego, a gente queria trabalhar em todo lugar, tentar tudo, botar o pé na estrada!

Andrew ri.

— Na verdade, é uma ideia muito legal — ele observa. — Uma semana você tá de garçõnete num bar, juntando gorjetas, e na seguinte, em outra cidade, fazendo dança do ventre numa esquina e os turistas passando e jogando moedas num pote.

Meus ombros caídos balançam um pouco com o riso e fico vermelha, olhando para ele.

— Garçõnete, tudo bem, mas dança do ventre? — Balanço a cabeça. — Menos.

Ele abre um sorriso e protesta:

— Ah, você conseguiria.

Ainda com o rosto quente e vermelho, olho para a frente e espero voltar ao normal.

— Seis meses depois que Ian morreu — continuo —, meu irmão, Cole, matou um sujeito num acidente ao dirigir bêbado, e agora tá na prisão. E depois disso, meu pai traiu minha mãe e eles se divorciaram. Meu novo namorado, Christian, me traiu. E, claro, você já sabe o que aconteceu com Natalie.

Isso é tudo. Conteí todas as coisas que, juntas, me fizeram querer fugir. Mas não consigo olhar para ele porque sinto que não deveria ser só isso, como se ele estivesse pensando: Tá, e cadê o resto?

— É muita coisa caindo no colo de uma pessoa só — Andrew diz, e volto a erguer o olhar quando sinto que ele está se ajeitando na cama perto de mim. Sinto seu hálito de hortelã, agora que ele virou o corpo completamente para o meu lado. — Você tem todo o direito de estar magoada, Camryn.

Não digo nada, mas agradeço com os olhos.

— Acho que agora entendi por que não foi difícil te convencer a fazer esta viagem comigo — ele continua.

Seu rosto é indecifrável. Espero que ele não pense que o estou usando para fazer uma imitação daquela parte da minha vida que planejei com Ian. Toda a situação de cair na estrada é parecida, até para mim, agora que penso a respeito, mas o que me levou a partir com ele não poderia ser mais diferente. Estou com Andrew agora porque quero estar.

É nesse momento que me dou conta de que não penso tanto em Ian e Andrew por estar tentando achar Ian em Andrew... acho que é a culpa... talvez eu esteja tentando substituir Ian completamente.

Levanto da cama e tiro essas ideias da cabeça.

— E o que você vai fazer? — Andrew pergunta atrás de mim. — Depois que esta viagem acabar, o que planeja fazer da vida?

Meu coração endurece no peito. Nem uma vez durante a viagem com Andrew,

ou mesmo antes de conhecê-lo, depois que saí da Carolina do Norte, pensei além do presente. Não foi nem questão de tentar não pensar no que viria; simplesmente não pensei e pronto. A pergunta de Andrew me acorda e agora me sinto em pânico. Nunca quis uma dose dessa realidade; estava satisfeita com minha ilusão.

Eu me viro, com os braços cruzados sobre o peito. Os lindos olhos de Andrew me fitam intensamente.

— Eu... na verdade, não sei.

Ele parece um pouco surpreso, seu olhar se torna mais contemplativo e seus olhos vagam.

— Você ainda pode fazer faculdade — ele sugere, oferecendo ideias para que eu me sinta melhor, acho —, e isso não significa que você vai precisar arranjar um emprego em seguida e trabalhar nele até morrer. Caramba, você ainda pode mochilar pela Europa, se quiser.

Andrew se levanta comigo. Posso ver que as engrenagens estão girando na sua cabeça enquanto ele anda um pouco pelo carpete verde-escuro.

— Você é linda — diz, e meu coração palpita —, é inteligente, e obviamente mais determinada do que a média das garotas; acho que poderia fazer o que você quisesse; porra, sei que parece um lugar-comum, mas não pode ser mais verdadeiro no teu caso.

Dou de ombros.

— Acho que sim — reflito —, mas não tenho a menor ideia do que eu quero, a não ser que não quero voltar pra casa pra ficar pensando nisso. Acho que meu medo de voltar pra lá é me afundar na mesma bosta da qual saí quando subi no ônibus naquele dia.

— Me diz uma coisa — Andrew pergunta de repente, e meus olhos voltam para ele —, qual é a coisa mais frustrante pra você na convivência com o resto do mundo?

Mais frustrante?

Penso nisso por um segundo, meu olhar fixo no abajur de cobre preso à parede ao lado da cama.

— Eu... não tenho certeza.

Andrew se aproxima de mim e apoia dois dedos no meu braço, me guiando para sentar novamente com ele, e eu obedeco.

— Pensa um pouco — ele continua —, baseada no que você já me contou, qual a diferença entre você e eles?

Odeio saber que estou demorando para entender alguma coisa que ele parece já ter pensado. Olho para minhas mãos no meu colo e penso muito, profundamente, até

que me vem a única resposta que sinto que pode ser a certa, mas ainda não estou totalmente convencida.

— Expectativas?

— Isso é uma pergunta ou a sua resposta?

Desisto.

— Não sei direito; tipo, me sinto... limitada perto de qualquer pessoa, a não ser de Ian, claro.

Ele balança a cabeça e me ouve, me deixando falar sem interromper enquanto a resposta está se formando na minha mente.

E então, do nada, as respostas vêm:

— Ninguém quer fazer as mesmas coisas que eu — começo, e minha explicação sai mais rapidamente, agora que tenho mais confiança na resposta. — Como esse lance de viver livre e não seguir o caminho normal, sabe? Ninguém quer sair da sua zona de conforto pra fazer isso comigo, porque não é o que a maioria das pessoas faz. Eu tinha medo de contar pros meus pais que não queria ir pra faculdade, porque era isso que eles esperavam que eu fizesse. Aceitei um emprego numa loja de departamentos porque minha mãe esperava que ele fosse me realizar de alguma forma. Ia com a minha mãe todo sábado visitar meu irmão na prisão porque ela esperava que eu fosse, porque ele é meu irmão e eu deveria querer vê-lo, embora não quisesse. Natalie tentava incansavelmente me arrumar um cara porque achava anormal eu não ter ninguém.

“Acho que tive medo de ser eu mesma a maior parte da minha vida.”

Viro a cabeça na direção de Andrew.

— De certa forma, era assim até com Ian.

Desvio o olhar rapidamente porque essa última parte não era algo que eu realmente esperava dizer em voz alta. Escapou enquanto a revelação se formava tão rápido na minha mente.

Andrew parece curioso, mas ao mesmo tempo sem saber se deve perguntar mais.

Não sei bem se devo entrar em detalhes.

Ele assente com a cabeça.

Pelo jeito, decidi que não tem o direito de avançar nesse assunto específico.

Andrew morde a bochecha por dentro. Eu o observo por um momento, sempre tentando aplacar a atração óbvia que sinto, mas está ficando mais difícil. Olho para seus lábios e me pergunto que sabor teriam. E então me obrigo a desviar os olhos —

estou fazendo isso de novo. Agora mesmo. Estou com medo de lhe dizer o que quero. Ou ao menos o que acho que quero.

— Andrew — digo, e seu rosto reage silenciosamente à minha voz pronunciando o seu nome.

Pensa nisso, Cam, digo a mim mesma. Tem certeza que é isso que você quer?

— O que é? — ele pergunta.

— Você já teve uma transa de uma noite só?

É como se eu deixasse escapar o maior segredo que já me contaram, diante de um microfone, numa sala cheia de gente. Mas agora já foi. Ainda nem tenho certeza absoluta de que é o que quero, mas está na minha cabeça já há algum tempo. Lembro vagamente que pensei nisso enquanto estava naquele teto com Blake.

O rosto de Andrew perde toda a emoção e ele parece não conseguir encontrar palavras para dizer. Instantaneamente, meu coração para e chego a sentir náuseas.

Sabia que não devia ter dito isso! Ele vai achar que sou uma vadia ou algo assim.

Me levanto da cama num pulo.

— Desculpa; meu Deus, você deve me achar uma...

Ele estende a mão e me segura pelo pulso.

— Senta aí.

Relutantemente, me sento, mas não consigo olhar para ele. Estou com uma puta vergonha.

— Qual o teu problema? — Andrew pergunta.

— Hã?

Olho para ele.

— Você tá fazendo isso agora mesmo. — Ele mexe as mãos para enfatizar o “agora mesmo”; seu cenho está franzido.

— Fazendo o quê?

Ele passa a língua nos lábios, suspira como se estivesse decepcionado e finalmente explica:

— Camryn, você começou a me contar algo que deve ter considerado uma ou duas vezes, e quando enfim tomou coragem pra dizer o que tinha em mente, deu meia-volta e se arrependeu. — Andrew me olha fundo nos olhos, os dele cheios de intensidade e conhecimento e mais alguma coisa que ainda não consigo decifrar. — Faz a pergunta de novo e, desta vez, espera a minha resposta.

Fico em silêncio, analisando aquela expressão incerta em seu rosto, me sentindo

insegura por causa dela. Ou talvez esteja apenas insegura comigo mesma.

Engulo em seco e digo:

— Você já teve uma transa de uma noite só?

Sua expressão não muda nem desanima.

— Sim, já tive algumas.

Ele está esperando por mim, agora, embora eu ainda não saiba ao certo como ficar à vontade nessa conversa cada vez mais embaraçosa. É como se Andrew soubesse que estou me retorcendo por dentro, mas, para me ensinar uma lição, vai me obrigar a falar, em vez de bancar meu analista, como fez desde que entrei no quarto dele.

Suas sobranceiras se erguem um pouco, como que para dizer: E então?

— Bom, eu só tava querendo saber... porque nunca fiz nada assim.

— Por que não? — ele pergunta, tão casualmente.

Olho para baixo, depois levanto os olhos novamente para que ele não me repreenda por isso.

— Bom, acho que é meio coisa de vadia, só isso.

Andrew ri e isso me surpreende.

Finalmente, ele alivia um pouco minha tortura.

— Se uma garota faz muito isso — ele encomprida a palavra “muito”, com um sorriso enojado —, aí vira coisa de vadia, claro. Uma vez ou outra, não sei... — ele mexe as mãos na altura dos ombros, como que pensando em números, indeciso — não tem nada de errado.

Por que ele não se aproveita disso totalmente agora mesmo? Começo a sentir um pouco de pânico, me perguntando por que ele ainda está bancando o analista em vez de partir para a sedução e ir logo ao que interessa.

— Tá, então...

Não consigo dizer. Simplesmente não é minha cara conseguir falar casualmente sobre qualquer coisa sexual minha. Só consigo vagamente com Natalie.

Andrew suspira e seus ombros afundam.

— Você quer dormir comigo, quer ter uma transa de uma noite só comigo? — Ele sabia que eu não ia ter coragem de falar, então cedeu e falou por mim.

A pergunta, embora óbvia para ambos, tira meu fôlego. Partindo dele, é tão embaraçosa e constrangedora quanto se tivesse partido de mim, ou mais até.

— Talvez...

Ele se levanta, olha para mim e diz:

— Desculpa, mas não tô interessado em você dessa forma.

O maior soco do mundo acaba de me atingir em cheio no estômago. Minhas mãos ficam rígidas, agarrando a borda do colchão, deixando meus braços completamente imóveis até os ombros. Tudo o que quero agora é sair correndo por aquela porta, me trancar no meu quarto e nunca mais ver Andrew. Não porque não queira vê-lo, mas porque não quero que ele me veja.

Nunca fiquei tão envergonhada em toda a minha vida.

E é isso que eu ganho por dizer o que penso!

Não sei se devo aceitar como uma lição ou odiar Andrew por ter me colocado nessa posição.

NUMA FRAÇÃO DE SEGUNDO, pulo da cama e vou o mais rápido possível até a porta.

— Camryn, para.

Continuo andando, até mais rápido quando sinto que Andrew está vindo atrás de mim, viro a maçaneta e desabalo pelo corredor.

— Por favor, espera um momento, porra! — ele diz, me seguindo, e posso sentir a ofensa aumentando em sua voz.

Eu o ignoro, ponho a mão no bolsinho de trás do short e tiro minha chave-cartão, enfiando-a na minha porta. Entro e me viro para fechar a porta, mas Andrew já entrou atrás de mim.

A porta se fecha atrás dele.

— Quer me escutar? — ele tenta mais uma vez, exasperado.

Não quero olhar para ele, mas olho mesmo assim.

Seus olhos estão arregalados, ferozes e sinceros quando finalmente me viro.

Ele se aproxima de mim e me segura delicadamente pelos braços. E então se curva e aperta suavemente seus lábios contra os meus. Me derreto toda, mas ainda estou confusa demais para reagir adequadamente. Confusa, atordoada e com o coração disparado.

Ele se afasta e olha para mim, com o rosto totalmente sincero, e inclina a cabeça para o lado... sorrindo.

— Qual é a graça? — pergunto com voz áspera, e tento me desvencilhar dele.

Andrew me segura pelos braços e me força a lhe dirigir meu olhar humilhado, que está começando a refletir ressentimento.

— Falei que não tô interessado em você dessa forma, Camryn, porque... — ele faz uma pausa, observando meu rosto, olhando para os meus lábios por um momento, como se estivesse tentando decidir se deve ou não beijá-los de novo — ... porque você não é uma garota com a qual eu conseguiria dormir só uma vez.

Suas palavras arrancam os pensamentos de mim, e meu coração disparado treme dentro do peito. Não consigo entender o que ele acabou de falar e, em vez de tentar decifrar exatamente o que ele quis dizer, organizo minha mente o melhor que posso e

tento recuperar um pouco da compostura que perdi ao me precipitar para fora do quarto.

— Olha — ele diz, indo para o meu lado e passando a mão na minha cintura por

trás.

Só sentir seus dedos roçando minha pele causa arrepios naquele lado do meu corpo. Que diabos está acontecendo comigo? Eu quero Andrew... isto é, no momento sinto que não tem mais volta, que eu me obrigaria a ser uma vadia só esta noite para mantê-lo no quarto. Mas o que não entendo é por que sinto que quero dele mais do que sexo... — Camryn? — Sua voz me faz voltar ao que ele estava tentando dizer momentos atrás. Me fazendo sentar na cama, Andrew agacha na minha frente no chão. Ele me olha nos olhos.

— Não vou ter uma transa de uma noite só com você, mas vou te fazer gozar, se você deixar.

Um pequeno impulso elétrico acaba de atravessar o meu ventre, indo até o meio das minhas pernas.

— ... Quê? — Não consigo dizer mais nada, na verdade.

Ele sorri delicadamente, fazendo suas covinhas ficarem só um pouco mais fundas, e encosta os braços dos lados das minhas coxas nuas, segurando minhas ancas com as mãos.

— Sem compromisso — diz. — Te faço gozar e, amanhã de manhã, quando a gente acordar, estarei no meu quarto aqui ao lado, me preparando pra ir com você pro nosso próximo destino. Nada vai mudar entre a gente, não vou falar do que aconteceu, nem por brincadeira. Vai ser como se nunca tivesse acontecido.

Mal consigo respirar. Ele acaba de fazer o ponto mais sensível no meio das minhas pernas latejar, só com algumas palavras.

— Mas... e você? — consigo balbuciar.

— Eu o quê?

Ele aperta minhas ancas um pouco mais com as pontas dos dedos. Finjo não notar.

— Isso não... parece justo.

Nem sei mais o que estou dizendo. Ainda estou em choque só por isso estar acontecendo.

Andrew apenas sorri para mim, nem um pouco abalado pelo meu comentário, e então, de repente, fica de pé e entra no meio das minhas pernas, me fazendo deslizar um pouco para trás na cama. Ele se senta na minha frente e me puxa para o seu colo, com uma perna de cada lado da sua cintura. Meus olhos estão arregalados e estou praticamente mordendo meu lábio inferior. Ele está agindo tão casualmente que só a surpresa de tudo isso me deixa mais molhada.

Ele passa os braços firmes nas minhas costas e se curva, roçando o meu queixo

com a boca. Calafrios tomam conta de mim, dos pés à cabeça. Então ele me puxa para mais perto do seu corpo e sussurra perto da minha boca: — É justo. Eu quero te fazer gozar e, pode acreditar, com certeza também vou ganhar alguma coisa com isso. — Sinto o sorriso em sua voz, olho nos seus olhos e não consigo resistir. Se Andrew me mandasse virar e ficar de quatro para ele, eu obedeceria sem hesitação.

Ele roça o outro lado do meu rosto com os lábios.

— Então por que você não dorme comigo e pronto? — pergunto baixinho, mas depois tento escolher melhor as palavras. — Tipo, se você quiser fazer... mais alguma coisa comigo...

Ele afasta o rosto e põe três dedos sobre meus lábios para me calar.

— Vou dizer isto só uma vez — ele começa, e seus olhos parecem abismos agitados pela intensidade. — Mas não quero que você faça nenhum comentário quando eu disser, tá?

Balanço a cabeça nervosamente.

Ele para, molha os lábios com a língua e então diz — Se você me deixasse transar com você, teria que me deixar possuí-la de corpo e alma.

Uma onda de prazer irrestrito estremece meu corpo todo. O choque de suas palavras me põe em submissão na hora. Meu coração está mandando dizer uma coisa. Minha mente está mandando dizer outra. Mas eu não consigo ouvir porra nenhuma que os dois estão dizendo por causa dessa sensação no meio das minhas pernas que está ficando cada vez mais impossível de ignorar.

Engulo com força, procurando desesperadamente alguma saliva. Parece que toda parte do meu corpo que normalmente produz líquidos parou de funcionar, porque todo o líquido foi redirecionado para aquele lugar no meio do meu corpo.

Ainda não consigo respirar.

Meu Deus, ele ainda nem me tocou e eu já me sinto assim?

Estou sonhando?

— Mas e se eu bater uma punheta pra você ou algo assim?

Admito; essa ideia está fazendo com que eu me sinta culpada.

Ele inclina a cabeça para um lado, sorrindo, e fico com vontade de beijá-lo sofregamente.

— Eu falei pra você não comentar.

— Eu-eu... bom, não comentei o que você falou, na verdade, só... — Ele enfia os dedos por baixo do tecido fino da minha calcinha e me toca. Gemo e esqueço o que tinha começado a dizer.

— Quieta — Andrew ordena delicadamente, embora esteja falando completamente a sério. Meus lábios ficam selados e eu gemo de novo quando ele enfia dois dedos dentro de mim e os mantém lá, com o polegar apertando meu osso da pélvis por fora. — Vai ficar quieta, Camryn?

Eu balbucio a palavra s-sim e mordo o lábio inferior.

Então seus dedos saem de dentro de mim. Quero implorar para que não os tire, mas ele me mandou ficar quieta de uma maneira que me deixa totalmente louca por ele e igualmente submissa, por isso não digo nada. Abro os olhos cuidadosamente quando ele passa os dedos molhados nos meus lábios, e instintivamente os lambo, só um pouco, até que ele os aproxima de seus próprios lábios e sorve o resto de mim com sua língua. Eu me curvo para ele, tocando sua boca com a minha, fechando os olhos devagar, só querendo sentir seu sabor e o meu nele. Sua língua serpenteia para tocar a minha, mas então ele me empurra delicadamente de volta para a cama, em vez de ceder ao beijo afoito que quero tão desesperadamente.

Andrew enfia as duas mãos no tecido ao redor da minha cintura e tira meu short e minha calcinha, largando-os em algum lugar no chão.

Depois sobe na cama e se deita ao meu lado, passando um braço sobre o meu corpo e enfiando a mão por baixo da minha camiseta. Não pus o sutiã mais cedo. Ele aperta suavemente um mamilo, depois o outro, e beija o meu queixo de novo. Cada pelinho da minha nuca fica de pé quando sua língua contorna a curva da minha orelha.

— Quer que eu toque nela? — Seu hálito é quente no lado do meu rosto.

— Sim — gemo.

Ele prende o lóbulo da minha orelha entre os dentes e sua mão começa a descer pela minha barriga, mas para na altura do meu umbigo.

— Me diz que você quer que eu toque — Andrew suspira no meu ouvido.

Mal consigo abrir os olhos.

— Eu quero que você toque...

Ele desliza mais a mão e meu coração começa a pular ferozmente no peito, mas quando acho que ele vai me tocar, sua mão vai para a parte de dentro da minha coxa.

— Abre as pernas pra mim. — Deixo minhas pernas caírem devagar, mas ele as abre mais com a mão, seus dedos forçando minha carne até me deixar completamente exposta.

Ele se ergue do meu lado e se curva sobre meu corpo, puxando minha camiseta para expor meus seios, e então prende meus mamilos entre os dentes, um depois do outro.

Depois passa a ponta da língua úmida sobre os dois e põe a boca neles, beijando sofregamente um de cada vez. Enfia os dedos no seu cabelo, querendo agarrá-lo e puxá-

lo, mas não faço isso. Andrew segue pelo meu tórax, descendo pelas costelas, traçando cada uma com a língua antes de chegar ao umbigo.

Ele olha para mim com olhos semicerrados e dominantes e diz, com os lábios pressionados de leve contra a minha barriga: — Você precisa me dizer o que quer, Camryn. — Ele lambe minha barriga uma vez, tão lentamente que minha pele fica ondulada com os tremores. — Não vai ganhar nada se não me disser e não me fizer acreditar em você.

Inspiro sem forças, sentindo meu peito literalmente chocalhar.

— Por favor, por favor, me toca...

— Não acredito em você — Andrew diz provocativamente, e lambe meu clitóris uma vez. Só uma vez. Ele para e me olha por cima da paisagem do meu corpo, esperando por mim.

Como tenho medo de dizer a palavra, sussurro tão baixinho: — Por favor... quero que você chupe minha boceta — que Andrew finge que não ouviu.

— Como é? — ele pergunta e lambe meu clitóris de novo, desta vez demorando um pouco mais, e sinto uma onda de calafrios lá embaixo. — Não ouvi direito.

Digo de novo, levantando a voz só um pouco, ainda constrangida em dizer aquela palavra proibida, que sempre achei suja, errada e digna só dos filmes pornôs.

Andrew enfia a mão entre minhas pernas e abre meus lábios com dois dedos. Ele me lambe uma vez. Só uma vez. Minhas coxas estão começando a tremer mais.

Não sei quanto tempo mais posso esperar.

— Uma mulher que sabe o que quer no sexo — ele me lambe de novo, sempre me olhando com os olhos semicerrados —, e não tem medo de dizer, dá um puta tesão, Camryn... Diz. O. Que. Você. Quer. Senão eu não dou. — Ele me lambe de novo e eu não aguento mais.

Estendo as mãos e o seguro pelo cabelo, empurrando seu rosto para o meio das minhas pernas, o quanto ele me permite, e digo, olhando nos seus olhos: — Chupa a minha boceta, Andrew; puta que pariu, chupa a porra da minha boceta!

Percebo o sorriso mais sinistro que já vi em seu rosto, pouco antes que minhas pálpebras se fechem e minha cabeça vá para trás quando ele começa a me lambe, sem parar desta vez. Ele chupa com força o meu clitóris e tira e põe os dedos em mim ao mesmo tempo, e penso que vou desmaiar. Não consigo abrir os olhos; parecem ébrios de prazer. Levanto os quadris na direção dele e quase arranco seu cabelo, mas ele não perde o ritmo. Me lambe com força e rápido e de vez em

quando diminui a velocidade para me chupar e passar o polegar no meu clitóris intumescido, antes de mergulhar a língua novamente. E quando começo a sentir que não vou aguentar mais e tento deslizar para longe do seu rosto, ele agarra minhas coxas e me força a ficar parada até que eu gozo com violência, minhas pernas tremendo incontrolavelmente, minhas mãos segurando sua cabeça com todas as forças. Um gemido escapa dos meus lábios e eu ergo os dois braços acima da cabeça, agarrando a cabeceira da cama com as pontas dos dedos, tentando me apoiar para fugir da língua implacável de Andrew. Mas ele me segura com mais força, com as mãos fechadas em volta das minhas coxas, acima dos quadris; faz tanta pressão que dói, crava as pontas dos dedos na minha pele, mas eu gosto.

E quando meu corpo trêmulo principia a se acalmar e minha respiração ofegante vai ficando mais lenta, embora ainda irregular, Andrew também começa a me lambe mais suavemente. Quando meu corpo para de se mexer, ele beija o lado de dentro das minhas coxas e a região logo abaixo do meu umbigo, antes de se esgueirar para cima rumo à minha boca, apoiando os braços rijos e musculosos no colchão de cada lado do meu corpo. Seus lábios macios e úmidos pousam no meu pescoço e nos dois lados do meu maxilar primeiro, depois na minha testa. Por último, ele me olha nos olhos por um longo momento e depois se curva e beija meus lábios de leve.

E então ele se levanta da cama.

Não consigo me mexer.

Quero esticar os braços, agarrá-lo e puxá-lo para cima de mim, mas não consigo me mexer. Não só ainda estou atordoada pelo orgasmo que ele acaba de provocar, mas minha mente ainda está atordoada por toda a experiência.

Fico só olhando para ele, mal erguendo a cabeça do travesseiro, vendo-o ir até a porta. Ele me olha uma vez depois de pôr a mão na maçaneta.

Mas sou eu que falo primeiro:

— Aonde você vai?

Sei aonde ele está indo, mas foi a única coisa em que consegui pensar para segurá-lo mais um pouco.

Ele sorri delicadamente.

— Pro meu quarto — responde, como se eu já devesse saber.

A porta se abre e a luz do corredor inunda o espaço ao redor dele, iluminando sua silhueta nas sombras. Quero dizer alguma coisa, mas não sei bem o quê. Ergo as costas da cama e me sento; meus dedos mexem no lençol no meu colo, nervosos.

— Bom, a gente se vê de manhã — Andrew diz, e dá um último sorriso significativo antes de fechar a porta atrás de si, fazendo a luz do corredor desaparecer. Mas meu quarto está bem iluminado; deixei o abajur ao lado da cama

aceso. Olho para o lado, pensando na lâmpada. Estava acesa o tempo todo. Sempre fui meio tímida na cama, e mesmo com Ian, o máximo de luz com a qual fiz sexo foi de uma tela de TV, mas nunca uma luz forte. Nem pensei nisso, desta vez.

E as palavras que saíram da minha boca... nunca falei nada parecido antes. Aquela palavra que começa com B não. Não consigo dizer nem agora. Claro que já falei para Ian “me fode” ou “me fode mais forte”, mas essa era toda a extensão do meu vocabulário pornográfico.

O que Andrew Parrish está fazendo comigo?

Seja o que for... acho que não quero que pare.

Me levanto da cama, visto a calcinha e o short e ando até a porta, determinada a ir até lá e... não sei o que mais.

Paro na porta antes de abri-la e olho para meus pés descalços sobre o carpete verde.

Não sei o que eu ia dizer se fosse lá, porque não sei nem o que quero ou o que não quero. Então deixo meus braços caírem dos lados do corpo, e um suspiro profundo me escapa dos lábios.

— Como se nunca tivesse acontecido — digo secamente, imitando-o. — Sei. Você não é bom o bastante pra conseguir isso.

ANDREW

ESTOU ACORDADO DESDE AS oito horas. Meu irmão Asher ligou, e fiquei com medo de atender porque achei que seriam “notícias” do meu pai. Mas ele só ligou para avisar que Aidan está puto porque peguei o violão dele. Caguei; o que ele vai fazer, vir de carro até Birmingham pra brigar comigo? Sei que isso não tem nada a ver com o violão; Aidan só está puto porque fui embora de Wyoming com o nosso pai ainda vivo.

E Asher queria saber como eu estava.

— Tá tudo bem, mano? — ele perguntou.

— Tá perfeito, na verdade.

— Isso é sarcasmo?

— Não — falei ao telefone —, é papo reto, Ash, tô vivendo o melhor momento da minha vida agora.

— Por causa daquela garota, certo? Camryn? É esse o nome dela?

— É, é o nome dela, e é por causa dela, sim.

Eu ri por dentro, distraído pela imagem muito vívida na minha mente do que aconteceu ontem, mas depois apenas sorri, pensando em Camryn de maneira geral.

— Bom, você sabe onde eu tô, se precisar de mim — Asher disse, e ouvi em sua voz a mensagem silenciosa que ele queria comunicar, mesmo sabendo que não devia dizer abertamente. Falei pra ele nunca mais tocar no assunto, senão eu ia enchê-lo de porrada.

— Eu sei, valeu, mano. Ei, como tá o papai?

— Do mesmo jeito que tava quando você foi embora.

— Melhor assim do que pior, acho.

— É.

Desligamos, e liguei para minha mãe para avisar que estou bem. Mais um dia e ela iria pôr a policia atrás de mim.

Me levanto e guardo minhas coisas na mochila. Ao passar pela TV, bato na parede com a mão aberta no lugar onde a cabeça de Camryn deve estar, sobre o travesseiro, do outro lado. Se ela já não estava acordada, agora acordou. Bom, talvez não, porque ela tem sono pesado — menos pra música, pelo jeito. Tomo um banho rápido, escovo os dentes, penso nela na minha boca ontem e acho uma pena ter que escovar os dentes.

Tudo bem, talvez eu faça isso de novo depois. Se ela quiser, é claro. Porra, não tenho absolutamente nenhum problema com isso, a não ser o fato de que depois

preciso cuidar de mim, mas isso também não me incomoda. Prefiro fazer isso a correr o risco de ela me tocar. Sei que quando isso acontecer, vai estar tudo acabado. Pra mim, pelo menos. Sinto um tesão do caralho por ela, mas só vou transar com ela se for recíproco. E no momento, posso ver que ela não sabe o que quer.

Eu me visto e enfio os pés sem meias nos tênis pretos, que por sorte já secaram, depois daquela chuva. Jogo as duas mochilas nos ombros, pego o violão de Aidan pelo braço, vou para o corredor e para o quarto de Camryn.

Ouço a TV lá dentro, então sei que ela deve estar acordada.

Quería saber quanto tempo ela vai levar pra desmoronar.

CAMRYN

OUÇO ANDREW BATER à porta. Inspiro abruptamente, seguro o ar por um minuto longo e tenso e então expiro de uma vez, soprando uma mecha de cabelo que se soltou da minha trança — me preparando para não desmoronar.

Como se nunca tivesse acontecido, o cacete.

Finalmente abro a porta, e quando o vejo parado ali, tão casual — e tão comestível —, eu desmorono. Bom, é mais como um rubor bem intenso, tão quente que meu rosto parece estar literalmente pegando fogo. Olho para o chão porque, se eu enfrentar seu olhar sorridente por mais um segundo, minha cabeça pode derreter.

Consgo olhar de novo para ele instantes depois.

Seu sorriso de lábios apertados está maior agora, e muito mais revelador.

Ei! Acho que fazer essa cara é o mesmo que falar a respeito!

Ele me olha de cima a baixo, vendo que já estou vestida e pronta para partir, e então joga a cabeça um pouco para trás e diz com um sorriso: — Bora.

Pego minha bolsa e minha mala e saio com ele.

Entramos no carro e faço o que posso para não pensar no melhor sexo oral que já recebi, procurando algum assunto aleatório para conversar. Andrew está com um cheiro maravilhoso hoje: seu cheiro natural misturado com um pouco de sabonete e algum tipo de xampu. Isso também não me ajuda em nada.

— Então, a gente vai só ficar indo pra vários motéis sem parar em nenhum lugar, a não ser em Waffle Houses?

Não que isso me incomode um pouco que seja, mas estou me esforçando pra encontrar assunto.

Andrew afivela o cinto de segurança e dá a partida.

— Não, na verdade, tenho uma coisa em mente. — Ele olha para mim.

— É? — pergunto, com minha curiosidade aguçada. — Vai mesmo quebrar a

regra da espontaneidade da nossa viagem e seguir um plano?

— Ei, tecnicamente, isso nem é uma regra — ele argumenta, reforçando o fato.

Saímos do estacionamento e o Chevelle ronrona para a estrada.

Ele está usando o mesmo short preto de lona de ontem, e eu olho de soslaio para suas panturrilhas duras feito rochas, um pé apertando de leve o pedal do acelerador. Uma camiseta azul-marinho se ajusta perfeitamente ao seu peito e braços, o tecido mais apertado ao redor dos bíceps.

— Bom, qual é o plano, então?

— Nova Orleans — ele responde, sorrindo para mim. — Fica só a umas cinco horas e meia daqui.

Meu rosto se ilumina.

— Nunca estive em Nova Orleans.

Ele sorri por dentro, como se ficasse empolgado por poder me levar lá pela primeira vez. Estou tão empolgada quanto ele. Mas na verdade não me importa para onde iremos, mesmo se forem os pântanos infestados de mosquitos do Mississippi, contanto que Andrew esteja comigo.

Duas horas depois, quando já esgotamos os assuntos aleatórios que foram só uma distração para não falar do que aconteceu noite passada, decido que sou eu que vou tocar no assunto. Estico o braço e aperto o botão que abaixa o volume. Andrew me olha com curiosidade.

— Aquelas palavras nunca saíram da minha boca antes, só pra você saber — desabafo.

Andrew sorri e corre a mão pelo volante, virando-o casualmente com os dedos. Ele parece mais relaxado, com o braço esquerdo apoiado na porta do outro lado, o joelho esquerdo um pouco dobrado e o pé direito sobre o acelerador.

— Mas você gostou... — ele diz — de falar aquelas coisas, quero dizer.

Hum, não aconteceu nada ontem à noite de que eu não tenha gostado.

Meu rosto está só um pouco vermelho.

— É, na verdade gostei — admito.

— Não me diga que nunca pensou em falar coisas assim durante o sexo.

Eu hesito.

— Na verdade, já pensei. — Olho para ele, séria. — Mas não fico sonhando com isso toda hora, só pensei a respeito.

— E por que nunca falou, se tinha vontade? — Ele está fazendo essas perguntas,

mas tenho certeza de que já sabe as respostas.

Dou de ombros.

— Acho que eu era muito cagona.

Andrew ri um pouco e corre os dedos novamente pelo volante, segurando-o com mais firmeza ao passarmos por uma parte da estrada com mais curvas.

— Acho que sempre pensei que só Dominique Starla ou Cinnamon Dreams falavam coisas assim, em Lesbicamente Loura ou Se Beber, Não Trepe.

— Você viu esses filmes?

Viro a cabeça bruscamente e quase grito.

— Não! Eu... eu nem sabia que existiam, só inventei os...

O sorriso de Andrew fica mais brincalhão.

— Também não sei se existem — ele admite antes que eu morra de vergonha —, mas não duvido. E entendi o que você quis dizer.

Meu rosto relaxa.

— Bom, dá tesão — ele diz —, só pra você saber.

Fico um pouco mais vermelha. Eu podia já deixar o vermelho do meu rosto ligado o tempo todo quando ele está por perto, porque a cada dia que passa, fico vermelha com mais frequência.

— Então atrizes pornô te dão tesão? — Faço cara de repulsa mentalmente, torcendo para que ele diga que não.

Andrew estufa um pouco os lábios e diz:

— Não muito... bom, quando são elas que fazem, é outro tipo de tesão.

Franzo o cenho.

— Como assim, outro tipo?

— Bom, quando... Dominique Starla — ele pega o nome no ar — faz isso, é pra um cara qualquer que tá a fim de gozar na frente do computador. — Seus olhos verdes pousam em mim. — Esse cara não sonha em ter nada além da cabeça dela no meio das suas pernas. — Então ele volta a olhar para a estrada. — Mas quando alguém... sei lá...

como uma garota doce, sexy, completamente não vadia faz isso, o cara tá pensando em muito mais do que ter a cabeça dela no meio das pernas. Provavelmente não tá nem pensando nisso, pelo menos num nível mais profundo.

Entendi completamente o significado secreto das suas palavras, e ele deve saber disso.

— Me deixou louco — ele diz, me olhando tempo suficiente para cruzar olhares comigo —, só pra você saber. — Mas então ele se vira completamente e finge se concentrar mais na estrada. Talvez não queira que eu o acuse de “falar a respeito”, mesmo tendo sido eu quem começou a conversa. Assumo totalmente a culpa e não me arrependo.

— E você? — pergunto, quebrando o breve silêncio. — Já teve medo de tentar alguma coisa, sexualmente, que você tinha vontade?

Andrew pensa por um momento e responde:

— Tive, quando era mais novo, tipo uns 17 anos, mas só tinha medo de tentar coisas com as garotas porque sabia que elas eram...

— Eram o quê?

Ele sorri suavemente, apertando os lábios, e tenho a sensação de que está para acontecer algum tipo de comparação.

— As garotas mais novas, pelo menos as que eu conhecia, tinham “nojinho” de qualquer coisa fora do convencional. Acho que eram como você, de certa forma, sentiam tesão secretamente com alguma coisa diferente da posição papai e mamãe, mas eram tímidas demais pra admitir. E naquela idade era arriscado dizer: “Ei, me deixa comer teu cu”, porque provavelmente ela ia surtar e te achar um maníaco sexual.

Uma risada escapa dos meus lábios.

— É, acho que você tem razão — concordo. — Quando eu era adolescente, ficava com nojo quando Natalie me contava o que ela deixava Damon fazer. Só comecei a sentir tesão por essas coisas quando perdi a virgindade, com 18 anos, mas... — minha voz começa a sumir quando penso em Ian — ... mas até então eu ainda ficava nervosa. Eu queria... hã...

Fico nervosa de admitir isto mesmo agora.

— Vai, fala de uma vez — ele me incentiva, mas sem nenhum tom brincalhão. — Você já deve ter entendido que não vai conseguir me espantar.

Isso me pega desprevenida (e faz meu coração palpitar). Será que a verdade está escrita na minha testa, que temo que ele fique com uma má impressão de mim? Andrew sorri delicadamente, como que para me dar muito mais segurança de que nada que eu possa dizer vai deixá-lo com uma má impressão.

— Tá, mas, se eu te contar, promete que não vai achar que é um convite? — Talvez seja, embora eu mesma ainda não tenha certeza disso, mas não quero de jeito nenhum que ele pense isso. Agora não, talvez nunca. Não sei...

— Juro — ele responde, com olhar sério e nem um pouco ofendido —, não vou achar mesmo.

Respiro fundo.

Ai! Não acredito que vou contar isso a ele. Nunca contei para ninguém; bem, a não ser para Natalie, de forma indireta.

— Agressão. — Fico em silêncio, ainda constringida em continuar. — A maior parte das vezes, quando fico fantasiando o sexo, eu...

Seus olhos estão sorrindo! Quando falei “agressão”, algo mudou na sua expressão.

Parece quase que... não, não pode ser isso, com certeza.

Andrew suaviza seu olhar quando se dá conta.

— Continua — ele encoraja, com o mesmo sorriso suave novamente.

E eu continuo, porque, por algum motivo, sinto menos medo de concluir o raciocínio do que eu sentia há alguns segundos:

— Geralmente eu sonho que tô sendo... manipulada.

— Sexo bruto te dá tesão — ele diz num tom neutro.

Balanço a cabeça.

— A ideia me dá tesão, mas nunca fiz de verdade, não do jeito que eu imagino, pelo menos.

Ele parece um pouco surpreso, ou será contente?

— Acho que foi isso que eu quis dizer quando falei que sempre acabo ficando com caras mansos.

Agora caiu a ficha: Andrew sabia antes de mim o que eu realmente queria dizer em Wyoming quando falei que “acabo ficando” com caras mansos. Sem perceber, basicamente comuniquei que ficar com eles era falta de sorte, algo que eu não preferia.

Ele podia não saber qual era a minha definição de “mansos” até agora, mas entendeu antes de mim que era algo que eu não queria.

Mas eu amava Ian, e agora me sinto péssima por pensar desse jeito. Ian era manso sexualmente, e a ideia de pensar qualquer coisa ruim a respeito dele faz com que eu me sinta culpada.

— Então você gosta de puxões de cabelo e... — ele começa a perguntar, inquisitivamente, mas sua voz some quando ele nota minha expressão beligerante.

— É, só que mais agressivo — digo sugestivamente, tentando fazê-lo dizer, para que não precise ser eu. Estou ficando nervosa de novo.

Ele vira o queixo de lado e suas sobrancelhas se erguem um pouco.

— O que, tipo... peraí, agressivo quanto?

Engulo em seco e desvio o olhar.

— Forçado, acho. Não tipo um estupro mesmo, nada tão extremo, mas acho que tenho uma personalidade muito submissa sexualmente.

Agora Andrew também não consegue me olhar.

Viro o suficiente para ver que seus olhos estão um pouco mais arregalados do que há segundos, e cheios de uma intensidade velada. Seu pomo de adão se move discretamente quando ele engole. Suas duas mãos estão no volante, agora.

Mudo de assunto.

— Tecnicamente, você não me contou o que você teve medo de pedir pra garota fazer.

— Sorrio, esperando recuperar a atmosfera descontraída de antes.

Ele relaxa e abre um sorriso, me olhando.

— Conte, sim — responde, e depois de uma pausa estranha, acrescenta —, sexo anal.

Algo me diz que não foi disso que ele teve medo, na verdade. Não consigo definir, mas acho que esse negócio de falar do sexo anal é só um disfarce. Mas por que Andrew, de nós dois, seria quem teme admitir a verdade? É ele que praticamente está me ajudando a ficar mais à vontade com minha sexualidade. Pensei que ele não tivesse medo de admitir nada, mas agora não tenho tanta certeza.

Eu queria poder ler sua mente.

— Bom, acredite se quiser — digo, olhando de soslaio para ele —, Ian e eu tentamos isso uma vez, mas doeu pra caramba, e nem preciso dizer que foi literalmente “uma vez”

mesmo.

Andrew ri discretamente.

Depois ele olha para as placas e parece estar tomando uma decisão mental rápida sobre o itinerário. Saímos da rodovia e pegamos outra. Mais plantações se espriam de ambos os lados da estrada. Algodão, arroz e milho e sabe-se lá o que mais; na verdade, não sei diferenciar a maioria das plantas, a não ser as óbvias: o algodão é branco e o milho é alto. Viajamos por horas e horas até que o sol começa a se pôr e Andrew vai para o acostamento. Os pneus param na brita.

— A gente tá perdido? — pergunto.

Ele se debruça na minha direção e alcança o porta-luvas. Seu cotovelo e a parte de baixo do antebraço roçam na minha perna quando ele abre a tampa e pega um

mapa rodoviário meio surrado. Está amarrutado, como se depois de aberto nunca mais tivesse sido dobrado do jeito original. Andrew desdobra o mapa e o abre sobre o volante, examinando-o de perto e correndo o dedo sobre o papel. Ele morde o canto direito da boca e estala os lábios de forma interrogativa.

— A gente tá perdido, não tá? — Quero rir, não dele, mas da situação.

— A culpa é tua — ele diz, tentando ficar sério, mas fracassando totalmente, a julgar pelo sorriso em seus olhos.

Eu bufo.

— Como, minha culpa? — protesto. — É você que tá dirigindo.

— Bom, se você não me “distraísse” tanto falando de sexo, desejos secretos, pornografia e da vadia da Dominique Starla, eu ia notar que peguei a 20 em vez de continuar na 59, como devia. — Ele bate no meio do mapa com os nós dos dedos e balança a cabeça. — A gente viajou duas horas na direção errada.

— Duas horas? — Rio desta vez, e dou uma palmada no painel. — E só agora você percebeu?

Espero não estar ferindo seu ego. Além disso, não é que eu esteja brava ou decepcionada; poderíamos viajar dez horas na direção errada e eu não ligaria.

Ele parece magoado. Tenho certeza que é fingimento, mas aproveito a oportunidade para fazer uma coisa que estou querendo fazer desde que tomamos chuva no teto do carro, no Tennessee. Solto meu cinto de segurança e deslizo sobre o banco para perto dele. Andrew parece discretamente surpreso, mas receptivo, ao levantar o braço para que eu possa me enroscar debaixo dele.

— Tô só brincando sobre a gente estar perdido — digo, encostando a cabeça no ombro dele. Sinto um pouco de relutância antes que seu braço me envolva.

Parece tão certo estar aqui, assim. Certo demais...

Finjo não notar como nos sentimos à vontade agora, e tento ficar despreocupada como antes. Olho o mapa com ele, correndo o dedo por uma nova rota.

— A gente pode ir por aqui — sugiro, apontando para o sul — e pegar a 55 até Nova Orleans. Certo? — Inclino a cabeça para ver seus olhos e meu coração dá um pulo quando noto o quanto seu rosto está perto do meu, agora. Mas apenas sorrio, esperando sua resposta.

Ele sorri também, mas tenho a sensação de que não ouviu quase nada do que eu disse.

— É, vamos pegar a 55. — Seus olhos correm pelo meu rosto e param brevemente nos meus lábios.

Começo a dobrar o mapa novamente, e em seguida aumento o volume. Andrew

afasta o braço de mim para mexer no câmbio.

Quando pegamos a estrada, ele apoia a mão na minha coxa, que está apertada contra a sua, e viajamos assim por muito tempo; ele só tira a mão para controlar melhor o volante em alguma curva ou mexer no som, mas sempre a coloca de novo ali.

E eu quero que ele sempre a coloque.

— TEM CERTEZA QUE a gente ainda tá na 55? — pergunto bem mais tarde, depois que escurece e parece que não vejo nenhum carro indo nem vindo há uma eternidade.

Só campos, árvores e uma vaca aqui e ali.

— Sim, gata, esta ainda é a 55, eu verifiquei.

Quando ele diz isso, passamos por mais uma placa que realmente diz: 55.

Me levanto do braço de Andrew, sobre o qual minha cabeça esteve encostada por uma hora, e começo a espreguiçar os braços, as pernas e as costas. Me curvo e massageio as panturrilhas, em seguida; acho que cada músculo do meu corpo endureceu feito cimento em volta dos ossos.

— Precisa sair e esticar um pouco as pernas? — Andrew pergunta.

Olho para o rosto dele nas sombras; um tom levemente azulado tinge sua pele. Seu maxilar esculpido parece mais pronunciado no escuro.

— Preciso — respondo, e me debruço sobre o painel para ver melhor pelo para-brisa como é a paisagem. Claro. Campos e árvores e (lá vai outra vaca) eu já devia saber. Mas então noto o céu. Me espremo mais contra o painel e olho para cima, para as estrelas envelopadas na escuridão infinita, notando como é fácil enxergá-las e quantas são, sem nenhuma luz artificial num raio de quilômetros.

— Quer sair e andar um pouco? — ele pergunta, ainda esperando o resto da minha resposta.

Tenho uma ideia, sorrio amplamente para ele e balanço a cabeça.

— Acho uma ótima ideia. Tem um cobertor no porta-malas?

Ele me olha por um momento, curioso.

— Tenho, sim, naquela caixa com coisas pra emergências na estrada. Por quê?

— Sei que pode parecer clichê — começo —, mas é uma coisa que eu sempre quis fazer... Você já dormiu sob as estrelas? — Me sinto meio boba perguntando, porque acho que é meio clichê, e nada em Andrew, até agora, chegou perto de ser clichê.

Seu rosto se abre num sorriso terno.

— Na verdade, não, nunca dormi sob as estrelas; tá ficando romântica de repente, Camryn Bennett? — Ele me olha com uma expressão brincalhona.

— Não! — Eu rio. — Vai, falando sério; acho que é a oportunidade perfeita. — Gesticulo na direção do para-brisa. — Olha o tamanho desses campos.

— É, mas a gente não pode estender um cobertor numa plantação de algodão ou

de milho — ele diz —, e a maior parte do tempo esses campos têm água pelo tornozelo.

— Mas nos pastos só tem grama e bosta de vaca — retruco.

— Você quer dormir no lugar onde as vacas cagam? — ele diz casualmente, mas com o mesmo humor.

Dou uma risadinha.

— Não, só na grama. Ah, vai... — Então lhe endereço um olhar provocador. — Que foi, tá com medo de um pouco de bosta de vaca?

— Ha-ha! — Andrew balança a cabeça. — Camryn, não existe “um pouco” de bosta de vaca.

Volto para perto dele, deito a cabeça no seu colo e olho para cima fazendo bico.

— Por favor? — Eu pisco várias vezes.

E tento sem sucesso não pensar no que a minha cabeça está apoiada.

ANDREW

DERRETO COMPLETAMENTE QUANDO ELA me olha desse jeito. Como posso dizer não pra ela? Pode ser perto de um monte de bosta de vaca ou debaixo de uma ponte, junto com um sem-teto bêbado — eu dormiria em qualquer lugar com ela.

Mas esse é o problema.

Acho que se tornou um problema assim que ela decidiu se sentar perto de mim no carro. Porque foi aí que ela mudou, que acho que começou a acreditar que quer mais de mim do que sexo oral. Até fiz isso por ela em Birmingham, mas não posso deixar que ela queira mais. Não posso deixar que me toque e não posso dormir com ela.

Eu quero Camryn, quero de todas as formas imagináveis, mas não consigo nem pensar em partir seu coração — aquele corpinho dela é outra história; eu adoraria judiar dele.

Mas, se ela se entregar pra mim, é o que vai acontecer no final: vou partir o coração dela (e o meu).

Ficou mais difícil depois que ela me falou do ex...

— Por favor — Camryn diz mais uma vez.

Apesar de esbravejar comigo mesmo mentalmente, passo o dedo no contorno do seu rosto e digo bem baixinho:

— Tá.

Nunca fui o tipo de cara que ouve a voz da razão quando quero alguma coisa, mas com Camryn estou mandando a razão se foder muito mais do que de costume.

Mais dez minutos dirigindo e encontro um pasto que parece um mar de grama infinito e plano, e paro o carro na beira da estrada. Estamos literalmente no meio do nada.

Saímos e eu tranco as portas, deixando tudo dentro do carro. Abro o porta-malas e mexo na caixa de emergência, procurando o cobertor enrolado, que cheira a carro velho e um pouco também a gasolina.

— Tá fedendo — digo, dando uma fungada.

Camryn se curva e inspira, torcendo o nariz.

— Tudo bem, eu não ligo.

Nem eu. Sei que ela vai deixar um cheiro melhor nele.

Sem nem pensar a respeito, dou a mão para ela, descemos uma pequena encosta para uma vala e subimos pelo outro lado até uma cerca baixa que nos separa do pasto.

Começo a procurar a maneira mais fácil de Camryn passar pela cerca. Quando dou por mim, ela soltou minha mão e está escalando aquela porra.

— Rápido! — ela diz, pousando agachada do outro lado.

Não consigo parar de sorrir.

Salto por cima da cerca, pouso ao lado dela e saímos correndo pelo campo; ela como uma gazela graciosa, eu como um leão que a persegue. Ouço os chinelos de dedo de Camryn batendo em seus pés quando ela corre, e vejo mechas de cabelo louro se iluminando ao redor da sua cabeça quando a brisa os agita. Seguro o cobertor com uma mão enquanto corro atrás dela, deixando-a ficar alguns passos à minha frente; assim, se ela cair, vou poder primeiro rir de sua cara e depois ajudá-la a levantar. Está tão escuro, só com o luar iluminando a paisagem. Mas há luz suficiente para enxergarmos onde estamos pisando sem cair em alguma vala ou tropeçar numa árvore.

E não vejo nenhuma vaca, o que significa que pode ser um campo sem bosta, o que é uma vantagem.

Nos afastamos tanto do carro que a única parte dele que consigo ver é o brilho refletido pelas rodas cromadas.

— Acho que aqui tá bom — Camryn diz, parando, sem fôlego.

As árvores mais próximas ficam a uns 30 ou 35 metros em qualquer direção.

Ela ergue os braços bem acima da cabeça e levanta o queixo, deixando a brisa

acariciar seu corpo. Está sorrindo tanto, de olhos fechados, que não quero dizer nada para não perturbar seu momento com a natureza.

Desenrolo e estendo o cobertor no chão.

— Fala a verdade — ela diz, segurando meu pulso e me fazendo sentar no cobertor ao lado dela —, nunca passou mesmo a noite sob as estrelas com uma garota?

Balanço a cabeça.

— É verdade.

Ela parece gostar de saber disso. Eu a observo sorrir para mim enquanto um vento leve passa entre nós e espalha fios de cabelo sobre o seu rosto. Ela tira algumas mechas de cima dos lábios, passando os dedos com cuidado.

— Não sou o tipo de cara que espalha pétalas de rosa na cama.

— Não? — ela diz, um pouco surpresa. — Na verdade, acho que você deve ser um cara bem romântico.

Dou de ombros. Ela está jogando um verde? Acho que está.

— Bom, depende da tua definição de romântico — respondo. — Se uma garota espera um jantar à luz de velas com Michael Bolton tocando ao fundo, com certeza escolheu o cara errado.

Camryn ri.

— Bom, isso é um pouco romântico demais — ela diz —, mas aposto que você já foi capaz de gestos românticos.

— Acho que sim — respondo, sinceramente não me lembrando de nenhum, no momento.

Ela me olha com a cabeça inclinada para um lado.

— Você é um daqueles — diz.

— Um daqueles o quê?

— Caras que não gostam de falar das suas ex.

— Você quer saber das minhas ex?

— Claro.

Camryn se deita de costas, com os joelhos nus levantados, e bate a mão no lugar ao seu lado no cobertor.

Deito ao lado dela na mesma posição.

— Me fala do teu primeiro amor — ela pede, e eu já sinto que não deveríamos

ter essa conversa, mas se é disso que Camryn quer falar, vou fazer o melhor que posso para contar o que ela quer saber.

Acho que é justo, já que ela me falou do seu.

— Bom — digo, olhando para o céu estrelado —, ela se chamava Danielle.

— E você a amava? — Camryn olha para mim, deitando a cabeça de lado.

Continuo olhando as estrelas.

— Amava, sim, mas não era pra ser.

— Quanto tempo vocês ficaram juntos?

Me pergunto por que ela quer saber; a maioria das garotas que conheço entra naquele modo de ciúme mercurial que me faz querer proteger minhas bolas sempre que começo a falar das minhas ex.

— Dois anos — respondo. — O fim foi mútuo; a gente começou a se interessar por outras pessoas, e acho que chegamos à conclusão de que o amor não era tão grande assim.

— Ou então o amor simplesmente acabou.

— Não, a gente nunca chegou a se apaixonar mesmo.

Só olho para ela, desta vez.

— Como você sabe a diferença? — ela pergunta.

Penso nisso por um momento, examinando seus olhos, que estão a uns 30 centímetros dos meus. Posso sentir o cheiro de canela da sua pasta de dentes quando ela respira.

— Acho que o amor nunca acaba de verdade quando a gente ama alguém — digo, e vejo um pensamento passar por seus olhos. — Acho que quando você se apaixona, quando ama de verdade, é amor pra vida inteira. Todo o resto são só experiências e ilusões.

— Não sabia que você era tão filosófico. — Ela sorri. — Preciso te avisar que isso também é romântico.

Normalmente é Camryn quem fica vermelha, mas desta vez a danada me pegou.

Tento não olhar para ela, mas não é fácil.

— Então quem você amou de verdade? — ela pergunta.

Estico as pernas à minha frente, pondo um tornozelo sobre o outro e cruzando os dedos na barriga. Olho para o céu, e com o canto do olho, vejo Camryn fazer o mesmo.

— Sinceramente?

— Sim — ela diz —, tô curiosa, só isso.

Olho para um grupo brilhante de estrelas no céu e digo: — Bom, ninguém.

Ela solta ar pelos lábios, bufando um pouco.

— Ah, por favor, Andrew; você não disse que ia ser sincero?

— Eu tô sendo sincero — digo, olhando para ela —, algumas vezes achei que tava apaixonado, mas... por que a gente tá falando disso, afinal?

Camryn deita a cabeça de novo e não está mais sorrindo. Parece um pouco triste.

— Acho que eu tava te usando como meu analista de novo.

Meus olhos se aproximam.

— Como assim?

Ela desvia o olhar; sua linda trança loura cai do ombro sobre o cobertor.

— Porque tô começando a achar que talvez eu não estivesse... Não, não posso dizer uma coisa dessas. — Ela não é mais a Camryn feliz e sorridente que correu para cá comigo.

Ergo as costas do cobertor e me apoio nos cotovelos. Olho para ela, curioso.

— Você pode dizer tudo o que sente, sempre que precisar. Talvez dizer seja exatamente o que você precisa.

Ela nem me olha.

— Mas me sinto culpada só de pensar nisso.

— Bom, sentimento de culpa é foda, mas, se você tá pensando nisso, não acha que pode ser verdade?

Ela deita a cabeça de novo.

— Diz e pronto. Se depois de dizer você achar que não foi certo, aí pode trabalhar isso, mas se ficar segurando essas coisas, a incerteza vai ser ainda mais foda do que a culpa.

Camryn olha para as estrelas de novo. Também olho, só para lhe dar tempo de pensar.

— Talvez eu nunca tenha sido apaixonada pelo Ian — ela confessa. — Eu o amava, muito, mas se estivesse apaixonada por ele... acho que talvez ainda estaria.

— É uma boa observação — digo, e sorrio discretamente, esperando que ela também possa sorrir de novo. Odeio vê-la de testa franzida.

Seu rosto está neutro, contemplativo.

— E o que faz você achar que nunca foi apaixonada por ele?

Ela me olha de frente, analisando meu rosto, e depois responde: — Porque quando tô com você, já não penso mais tanto nele.

Me deito de novo imediatamente e dirijo o olhar para o céu negro. Provavelmente conseguiria contar todas aquelas estrelas se tentasse, só para me distrair, mas tem uma distração muito maior do que todas as estrelas do universo deitada ao meu lado.

Preciso dar um fim nisso, e logo.

— Bom, eu sou ótima companhia — digo, com um sorriso na voz. — E fiz você arrastar essa bundinha pra todo lado na cama naquela noite, então acho normal que esteja mais inclinada a pensar na minha cabeça no meio das tuas pernas do que em qualquer outra coisa. — Só estou tentando fazê-la voltar ao seu humor brincalhão, ainda que isso signifique que ela vai me dar um soco e me acusar de quebrar a promessa do “como se nunca tivesse acontecido”.

E eu levo mesmo um soco, depois que Camryn se apoia nos cotovelos, como fiz.

Ela ri.

— Seu babaca!

Rio mais alto; eu jogaria a cabeça para trás, se já não estivesse encostada no chão.

Então ela chega mais perto de mim, apoiada num cotovelo e me olhando. Sinto a maciez do seu cabelo roçando o meu braço.

— Por que você não me beija? — ela pergunta, e isso me surpreende. — Quando você me chupou ontem, não me beijou nenhuma vez. Por quê?

— Beijeii você sim.

— Não beijou-beijou — ela discorda, e está tão perto dos meus lábios que quero beijá-

la agora, mas não faço isso. — Não sei o que achar disso; não gosto do que acho, mas não tenho certeza do que deveria achar.

— Bem, você não devia achar ruim, isso eu sei — respondo, sendo tão vago quanto possível.

— Mas por quê? — ela sonda, e sua expressão começa a ficar mais dura.

Capitulo e confesso:

— Porque beijar é muito íntimo.

Ela inclina a cabeça.

— Então você não me beija pelo mesmo motivo que não me come?

Fico de pau duro na hora. Torço muito para que ela não perceba.

— Sim — respondo, e antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ela sobe no meu colo. Porra, se ela ainda não sabia que meu pau está duro como um ferro, agora com certeza sabe. Seus joelhos nus estão apoiados no cobertor dos dois lados do meu corpo e ela se abaixa, sustentando seu peso com os braços, e praticamente morro quando seus lábios roçam os meus.

Ela me olha nos olhos e diz:

— Não vou tentar te forçar a dormir comigo, mas quero que me beije. Só um beijo.

— Por quê? — pergunto.

Ela precisa mesmo sair do meu colo. Puta merda... não tá ajudando nada saber que meu pau tá encaixado bem no meio da bunda dela, agora. Se ela deslizar 2 centímetros pra baixo...

— Porque quero saber como é o teu beijo — ela suspira na minha boca.

Minhas mãos sobem pelas pernas e pela cintura dela, e eu cravo os dedos no seu corpo. Seu cheiro é bom pra caramba. A sensação é incrível, e ela só está sentada em cima de mim. Não consigo nem começar a imaginar como ela é por dentro; a ideia me deixa louco.

Então sinto que ela se aperta contra mim por cima das roupas, sua bundinha se mexendo suavemente, só uma vez para me convencer, e aí ela para e fica imóvel no lugar. Estou latejando tanto que dói. Seus olhos vasculham meu rosto e meus lábios, e tudo o que quero é arrancar suas roupas e enterrar meu pau nela.

Camryn se curva e encosta os lábios nos meus, enfiando a língua quente na minha boca relutante. Minha língua se move devagar sobre a dela, saboreando-a primeiro, sentindo sua umidade quente quando começa a se enroscar na minha. Respiramos fundo um dentro da boca do outro e, incapaz de resistir ou negar aquele beijo, seguro seu rosto com as duas mãos e a pressiono com força contra mim, fechando meus lábios sobre os dela com um ímpeto selvagem.

Ela geme na minha boca e eu a beijo com mais força, passando um braço em suas costas e puxando o resto do seu corpo mais para perto.

E então o beijo se interrompe. Nossos lábios ficam próximos por um longo momento, até que Camryn se afasta e me olha com uma expressão enigmática que nunca vi, que faz algo com meu coração que nunca senti.

E então seu rosto fica triste e seu semblante murcha na escuridão, substituído por algo confuso e magoado, que ela tenta esconder sorrindo para mim.

— Beijando assim — ela diz, com um sorriso brinçalhão que parece mascarar algo mais profundo —, acho que você nem precisa dormir comigo.

Não posso deixar de rir; é meio ridículo, mas vou deixar que ela acredite no que quiser.

Ela desce do meu colo e se deita ao meu lado de novo, apoiando a nuca sobre seus dedos cruzados.

— São lindas, não são?

Sigo seu olhar para as estrelas, mas não as vejo, na verdade; só consigo pensar nela e naquele beijo.

— É, são lindas.

E você também...

— Andrew?

— Sim?

Continuamos a olhar para o céu.

— Eu queria te agradecer.

— Por quê?

Camryn responde depois de uma pausa.

— Por tudo: por me fazer socar tuas roupas na mochila em vez de dobrá-las, por abaixar o volume no carro pra não me acordar e por cantar alto na Waffle House. — Ela deita sua cabeça e eu também. Me olhando nos olhos, diz: — E por me fazer sentir que estou viva.

Um sorriso aquece meu rosto, desvio o olhar e digo: — Bom, todo mundo precisa de ajuda pra se sentir vivo de novo, de vez em quando.

— Não — Camryn corrige, séria, e meu olhar volta para ela —, eu não disse de novo, Andrew; por me fazer sentir que estou viva pela primeira vez.

Meu coração reage às palavras dela, e não consigo responder. Mas também não consigo desviar o olhar. A razão está gritando comigo de novo, me mandando parar com isso antes que seja tarde demais, mas não consigo. Sou egoísta demais.

Camryn sorri delicadamente, retribuo o sorriso e voltamos a olhar para as estrelas. A noite quente de julho está perfeita, com a brisa leve soprando pelo espaço aberto e nenhuma nuvem no céu. Milhares de grilos, sapos e alguns bem-te-vis cantam pela noite.

Sempre gostei de ouvir esses pássaros.

A calma é destruída de repente pela voz estridente de Camryn, e ela salta de pé

do cobertor mais depressa do que um gato de dentro de uma banheira.

— Uma cobra! — Ela está apontando com uma mão, e a outra cobre sua boca.
— Andrew! Tá ali! Mata ela!

Eu pulo de pé quando vejo uma coisa preta rastejando sobre o pé do cobertor. Salto para trás para manter a distância, e então me preparo para pisoteá-la.

— Não, não, não, não! — Camryn grita, agitando as mãos à sua frente. — Não mata ela!

Eu pisco, confuso.

— Mas você falou pra matar.

— Bom, eu não quis dizer literalmente!

Ela ainda está descontrolada, com as costas levemente encurvadas para frente, como se estivesse protegendo o resto do corpo da cobra, o que é uma comédia.

Levanto as mãos com as palmas para cima.

— O que você quer que eu faça? Quer que eu finja que tô matando? — Eu rio, balançando a cabeça ao vê-la tão engraçada.

— Não, é que... agora não vou conseguir dormir aqui de jeito nenhum. — Ela segura o meu braço. — Vamos embora. — Ela está literalmente tremendo, e tentando não rir e chorar ao mesmo tempo.

— Tá — digo, e me abaixo para recolher o cobertor, agora que a cobra foi embora. Eu o agito só com uma das mãos, já que Camryn está segurando a outra como se sua vida dependesse disso. Depois, começamos a voltar para o carro.

— Odeio cobras, Andrew!

— Percebi, gata.

Estou fazendo uma força danada para não rir.

Enquanto andamos pelo campo, Camryn começa a me puxar um pouco, apertando o passo. Ela dá um gritinho quando seu pé quase descalço pisa num inofensivo torrão de terra macia, e percebo que talvez não consigamos voltar para o carro antes que ela desmaie.

— Vem cá — digo, parando sua marcha. Eu a puxo para trás de mim e a ajudo a subir nas minhas costas, segurando-a de cavalinho na minha cintura pelas coxas.

CAMRYN ME ACORDA NA manhã seguinte ao ajeitar sua cabeça no meu colo, no banco da frente do carro.

— Onde a gente tá? — pergunta, se levantando; o sol brilha pelas janelas do carro e bate na parte de dentro da porta do seu lado.

— Mais ou menos a meia hora de Nova Orleans — digo, estendendo a mão para trás e esfregando um músculo embolado nas minhas costas.

Voltamos para a estrada ontem à noite depois de sair do campo, e queríamos terminar de chegar a Nova Orleans, mas eu estava tão exausto que quase dormi ao volante. Ela pegou no sono primeiro. Aí parei no acostamento, apoiei a cabeça no encosto e praticamente desmaiei. Poderia ter dormido mais confortavelmente no banco de trás, sozinho, mas preferi acordar todo duro de manhã, contanto que fosse ao lado dela.

Por falar em duro...

Esfrego os olhos e me mexo um pouco para espreguiçar os músculos. E para deixar a parte da frente do meu short folgada o bastante para que minha ereção espalhafatosa não vire um tema óbvio da nossa conversa.

Camryn se espreguiça, boceja, levanta as pernas e apoia os pés descalços no painel, fazendo seu shortinho subir bem acima das coxas.

Não é uma boa ideia logo de manhã.

— Você devia estar cansado mesmo — ela diz, correndo os dedos pelo cabelo para desfazer a trança.

— É, se eu tentasse continuar dirigindo, a gente ia acabar abraçando uma árvore.

— Precisa começar a me deixar dirigir um pouco, Andrew, senão...

— Senão o quê? — Dou um sorrisinho. — Você vai choramingar, deitar a cabeça no meu colo e dizer por favor?

— Funcionou ontem à noite, não funcionou?

Ela tem razão.

— Olha, não me incomode de você dirigir. — Olho para ela e dou a partida. — Prometo que depois de Nova Orleans, pra onde quer que a gente vá, vou te deixar pegar um pouco na direção, tá?

Um sorriso doce de perdão ilumina o seu rosto.

Volto para a estrada depois que uma van passa, e Camryn continua passando os dedos pelo cabelo. Então ela joga o cabelo para trás e começa a fazer uma trança mais organizada sem precisar olhar, tão rápido que não entendo como consegue

fazer aquilo.

Mas meus olhos continuam voltando para suas pernas nuas.

Preciso mesmo parar de fazer isso.

Me viro e olho pela janela do meu lado, e meu olhar vai e volta entre a janela e o para-brisa.

— A gente precisa achar uma lavanderia automática logo, também — ela diz, prendendo o elástico na ponta de sua trança. — Minha roupa limpa acabou.

Eu estava esperando uma oportunidade para “me ajeitar”, e quando ela começa a mexer na bolsa, aproveito.

— É verdade? — ela pergunta, me olhando com uma mão dentro da bolsa.

Afasto a mão da minha virilha, achando que consegui fazer parecer apenas que estava ajeitando o short para ficar mais confortável, quando ela continua: — Que todo homem tem uma ereção monstro de manhã?

Meus olhos ficam arregalados. Continuo olhando para a frente.

— Não toda manhã — respondo, ainda tentando não olhar para ela.

— Quando, então, tipo só terça e sexta, alguma coisa assim?

Sei que ela está sorrindo, mas me recuso a confirmar isso.

— Hoje é terça ou sexta? — Camryn insiste, se divertindo comigo.

Finalmente, olho para ela.

— É sexta — digo simplesmente.

Ela solta um suspiro perturbado.

— Não sou vadia nem nada — ela comenta, tirando as pernas do painel —, e sei que você também não acha isso, já que foi você que meio que me forçou a ser mais aberta com a minha sexualidade e com as coisas que eu quero... — Sua voz some. É como se ela estivesse esperando que eu confirme o que acaba de dizer, como se ainda estivesse preocupada com o que vou pensar dela.

Eu a olho nos olhos.

— Não, eu jamais te acharia uma vadia, a menos que você saísse dando pra um monte de caras, mas aí eu iria pra cadeia, porque ia ter que encher todos eles de porrada...

mas, não, por que você tá dizendo isso?

Camryn fica vermelha, e juro que levanta os ombros quase até as bochechas.

— Bom, eu só tava pensando... — Ela ainda não tem certeza de que quer contar,

seja o que for.

— O que foi que eu te falei, gata? Diz o que tá pensando.

Ela vira o queixo para o lado e me olha com ternura.

— Bom, já que você fez uma coisa por mim, achei que talvez eu pudesse fazer uma coisa por você. — Ela muda de tom rapidamente a seguir, como se ainda estivesse preocupada com o que eu poderia pensar. — Tipo, sem compromisso, claro. Vai ser como se nunca tivesse acontecido.

Ah, merda! Como é que não antecipei isso?

— Não — nego instantaneamente.

Ela parece se encolher.

Suavizo meu rosto e minha voz.

— Não posso te deixar fazer nada assim pra mim, tá?

— Por que não, cacete?

— Não posso e pronto... Meu Deus, você nem faz ideia do quanto eu quero, mas não posso.

— Isso é ridículo.

Ela está ficando seriamente ofendida.

— Peraí... — ela me olha inquisidoramente, virando o rosto de lado — você tem algum “problema” lá embaixo?

Meu queixo cai.

— Hum, não? — respondo, de olhos arregalados. — Puta que pariu, vou parar o carro e te mostrar.

Ela joga a cabeça para trás, ri e depois fica séria de novo.

— Bom, é que você se recusa a transar comigo, não me deixa tocar uma pra você, e tive que te forçar a me beijar.

— Você não me forçou.

— Tem razão — ela retruca —, eu te seduzi.

— Eu te beijei porque quis — digo. — Quero fazer tudo com você, Camryn. Acredite!

Nestes poucos dias, já imaginei a gente fazendo todas as posições do Kama Sutra. Eu queria... — Noto que estou apertando tanto o volante que os nós dos meus dedos estão brancos.

Ela parece magoada, mas desta vez eu não cedo.

— Te falei — digo cuidadosamente. — Não posso fazer nada disso com você, senão...

— Senão vou ter que deixar você me possuir — ela termina minha frase, irritada —, tá, eu lembro, mas o que isso significa, exatamente: deixar você me possuir de corpo e alma?

Acho que Camryn sabe exatamente o que significa, mas quer se certificar por si mesma.

Peraí... ela está jogando comigo; ou isso, ou então ainda não sabe o que quer, sexualmente ou sob outros aspectos, e está tão confusa e relutante quanto eu.

CAMRYN

ELE PASSOU NO MEU teste. Eu seria mentirosa se dissesse que não quero transar com ele, ou lhe dar prazer de outras formas, como ele fez comigo — quero muito fazer tudo isso com ele. Mas, na verdade, queria ver se Andrew ia morder a isca. Não mordeu.

E agora estou morrendo de medo dele.

Morro de medo por causa do que sinto por ele. Não deveria sentir, e me odeio por isso.

Eu disse que nunca mais faria isso. Prometi a mim mesma que não...

Tentando recuperar um pouco da leveza normal da nossa conversa, sorrio delicadamente para ele. Tudo o que quero é cancelar a oferta que fiz e voltar como estávamos antes que eu tocasse nesse assunto, só que com o conhecimento que tenho agora: Andrew Parrish me respeita e me quer de maneiras que acho que não posso ser sua.

Encolho os joelhos, apoiando os pés no banco de couro. Não quero que ele responda à minha última pergunta: o que significa deixar que ele me possua de corpo e alma?

Espero que esqueça que perguntei. Já sei o que significa, ou pelo menos acho que sei: me possuir é estar com ele da forma como eu estava com Ian. Só que com Andrew, acredito sinceramente que eu poderia me apaixonar, me apaixonar de verdade. Seria tão fácil. Já não aguento a ideia de ficar longe dele. Todos os rostos nas minhas fantasias já foram substituídos pelo de Andrew. E já temo o dia que nossa viagem terminar, quando ele tiver que voltar para Galveston ou Wyoming e me deixar para trás.

Por que isso me apavora? E de onde veio de repente essa sensação revoltante no fundo do meu estômago?

— Desculpa, gata, desculpa mesmo. Não queria te magoar. De jeito nenhum.

Olho para ele e balanço a cabeça com veemência.

— Não me magoou. Por favor, não pense que me magoou.

Continuo:

— Andrew, a verdade é... — Respiro fundo. Agora ele tem dificuldade em manter os olhos na estrada. — ... A verdade é que eu... bom, pra começar, não vou mentir e dizer que te dar prazer não é algo que eu faria. Eu faria, sim. Mas quero que saiba que fico feliz por você ter recusado.

Acho que ele entende. Posso ver no seu rosto.

Andrew sorri delicadamente e estende a mão para mim. Eu a pego, me aproximo e ele passa o braço sobre meu ombro. Viro o queixo para cima para olhá-lo e seguro sua coxa.

Ele é tão lindo para mim...

— Você me dá medo — digo finalmente.

Minha confissão desencadeia uma tênue reação em seus olhos.

— Eu falei que nunca faria isto; você precisa entender. Prometi a mim mesma que nunca mais ia me aproximar de alguém.

Sinto o braço dele enrijecendo ao redor do meu, e seu coração acelera; ele bate rápido perto do meu pescoço.

Então um sorriso se espalha por sua boca e ele diz: — Tá apaixonada por mim, Camryn Bennett?

Fico supervermelha e comprimo os lábios numa linha dura, apertando mais meu rosto em seu peito rijo.

— Ainda não — digo com um sorriso na voz —, mas tô chegando lá.

— Você é uma bela duma mentirosa — ele diz, apertando um pouco mais meu braço.

Ele beija o meu cabelo.

— É, eu sei — digo, com o mesmo tom de troça na minha voz que ele usou na sua, e então minha voz some. — Eu sei...

Tenho o meu primeiro vislumbre de Nova Orleans ao longe: o lago Pontchartrain e depois a paisagem espaiada de chalés, sobrados e bangalôs. Estou assombrada com tudo: do estádio Superdome, que sempre vou ser capaz de reconhecer depois de vê-lo tanto no noticiário na época do furacão Katrina, aos carvalhos gigantes e frondosos que são apavorantes, lindos e velhos, até as pessoas passeando pelas ruas do Bairro Francês, embora eu ache que a maioria é turista.

E enquanto rodamos, fico hipnotizada pelos terraços tão familiares que se

estendem por toda a fachada de muitos dos sobrados. São exatamente como aparecem na TV, só que não estamos no Mardi Gras, e ninguém está mostrando os peitos, nem jogando colares de contas dos terraços.

Andrew sorri para mim, vendo o quanto estou empolgada por estar ali.

— Já tô adorando — digo, me enroscando nele depois de praticamente apertar a bochecha no vidro, admirando tudo por vários minutos.

— É uma cidade ótima. — Ele sorri, orgulhoso; me pergunto quão bem ele conhece o lugar.

— Tento vir pra cá todo ano — ele diz —, em geral no Mardi Gras, mas é bom em qualquer época do ano, acho.

— Ah, então costuma vir pra cá quando tem peitinhos. — Eu pisco para ele.

— Culpado! — Andrew diz, tirando as duas mãos do volante e levantando-as num gesto de confissão.

Ocupamos dois quartos no Holiday Inn, de onde dá para ir a pé até a famosa Bourbon Street. Quase sugeri que ele pedisse um quarto só com duas camas, desta vez, mas me controlei. Não, Camryn, você só está alimentando o desejo. Não durma no mesmo quarto que ele. Pare com isso enquanto pode.

E por um momento, enquanto estávamos lado a lado no balcão da recepção, quando o recepcionista perguntou em que podia “nos ajudar”, Andrew ficou parado e tive uma sensação bem estranha com isso. Mas acabamos pegando quartos adjacentes, como sempre.

Vou para o meu e ele para o seu. Olhamos um para o outro no corredor, com os cartões-chave na mão.

— Vou pro chuveiro — ele diz, com o violão numa mão —, mas quando você estiver pronta, vem e me avisa.

Balanço a cabeça e sorrimos um para o outro antes de desaparecermos em nossos respectivos quartos.

Nem cinco minutos depois, ouço meu celular vibrando dentro da bolsa. Certa de que é minha mãe, eu o pego e estou pronta para atender e dizer que ainda estou viva e me divertindo, mas vejo que não é ela.

É Natalie.

Minha mão fica paralisada ao redor do telefone enquanto olho para a tela brilhante.

Devo atender ou não? Bom, melhor decidir logo.

— Alô?

— Cam? — Natalie diz cuidadosamente do outro lado.

Ainda não consigo dizer uma palavra. Não sei se passou tempo suficiente para que eu finja que não vou perdoar, ou se devo ser legal.

— Você tá aí? — ela pergunta, quando não digo mais nada.

— Tô, Nat, tô aqui.

Ela suspira e solta aquele gemido esquisito, choramingoso, como sempre faz quando está nervosa com algo que vai dizer ou fazer.

— Sou uma puta numa vaca — ela diz. — Sei disso, e sou péssima amiga e deveria estar rastejando aos teus pés pra pedir perdão, mas eu... Bom, o plano era esse, mas tua mãe disse que você tá na... Virgínia? O que você tá fazendo na Virgínia?

Caio na cama e tiro os chinelos.

— Não tô na Virgínia — respondo —, mas não conta pra minha mãe, nem pra ninguém.

— Então onde você tá? Onde pode ter passado mais de uma semana?

Uau, só passou uma semana? Parece que já estou na estrada com Andrew pelo menos há um mês.

— Tô em Nova Orleans, mas é uma longa história.

— Hum, alô, amiga? — ela diz sarcasticamente. — Eu tenho muito tempo.

Me irritando rapidamente com ela, suspiro e digo: — Natalie, foi você que me ligou. E se bem me lembro, foi você que me chamou de vaca mentirosa e não acreditou em mim quando contei o que Damon fez. Desculpa, mas acho que voltarmos a ser melhores amigas e fingir que nada aconteceu não é o melhor, neste momento.

— Eu sei, você tem razão, desculpa. — Natalie fica em silêncio para organizar as ideias e ouço uma lata de refrigerante sendo aberta. Ela toma um gole. — Não duvidei de você, Cam, só tava muito magoada. Damon é um babaca. Terminei com ele.

— Por quê? Porque flagrou o cara te chifrando, em vez de acreditar na tua melhor amiga desde o primário quando ela te falou que ele era um cachorro?

— Mereço ouvir isso — ela diz —, mas não, não houve flagrante. Só percebi que tava sentindo falta da minha melhor amiga e que cometi o pior crime contra o Código das Melhores Amigas. Acabei dando uma prensa em Damon, e claro que ele mentiu, mas fiquei insistindo porque queria que ele admitisse. Não porque precisasse de confirmação, mas só... Cam, eu só queria que ele me contasse a verdade. Queria que partisse dele.

Ouço a dor na voz dela. Sei que está falando sério e pretendo perdôá-la completamente, mas não estou preparada para dizer a ela que a perdoo o suficiente para contar sobre Andrew. Não sei o que está acontecendo, mas é como se a única pessoa que existisse neste momento no meu mundo fosse Andrew. Amo Natalie de paixão, mas não estou preparada para contar a ela ainda. Não estou preparada para compartilhá-lo com Natalie. Ela tem uma mania de... vulgarizar uma experiência, se é que se pode dizer isso.

— Olha, Nat — digo —, não te odeio e quero te perdoar, mas vai levar um tempo; você me magoou de verdade.

— Entendo — ela responde, mas detecto a decepção em sua voz também. Natalie sempre foi uma garota impaciente, gosta de recompensas instantâneas.

— Bom, como você tá? — ela pergunta. — Não consigo imaginar por que você fugiria logo pra Nova Orleans... Não tem furacões nesta época do ano?

Ouço o chuveiro no quarto de Andrew.

— Tô ótima — digo, pensando em Andrew. — Pra dizer a verdade, Nat, nunca me senti tão viva e feliz quanto nesta última semana.

— Ai, meu Deus... tem gato na jogada! Você tá com um cara, não tá? Camryn Marybeth Bennett, sua vaca dos infernos, é melhor não esconder nada de mim!

É exatamente isso que quero dizer quando falo de vulgarizar a experiência.

— Como é o nome dele? — Natalie faz um som alto de surpresa, como se a resposta para os mistérios do mundo tivesse acabado de cair no colo dela. — Vocês transaram! Ele é gostoso?

— Natalie, por favor. — Fecho os olhos e finjo que ela é uma mulher madura de 20

anos, não alguém que ainda não saiu do colégio. — Não vou falar dessas coisas com você agora, tá? Me dá só alguns dias que eu ligo e conto como estão as coisas, mas por favor...

— Combinado! — ela diz, concordando, mas não tem desconfiômetro para perceber que precisa controlar um pouco seu entusiasmo. — Desde que você esteja bem e não me odeie, eu aceito.

— Obrigada.

Finalmente, ela se recupera do delírio fofoqueiro libidinoso.

— Desculpa mesmo, Cam. Nunca vou pedir isso o suficiente.

— Eu sei. Acredito em você. E, quando eu ligar, você também vai poder me contar o que aconteceu com Damon. Se quiser.

— Tá — ela diz —, ótimo.

— A gente se fala... ah, Nat?

— Sim?

— Que bom que você ligou. Senti muito tua falta.

— Eu também.

Desligamos e fico olhando para o telefone por um minuto, até que paro de pensar em Natalie e volto a pensar em Andrew.

É como eu disse: todos os rostos nas minhas fantasias se tornaram o de Andrew.

Tomo banho e visto um jeans que, apesar de ainda não ter sido lavado, não está fedendo, então acho que serve, por enquanto. Mas se eu não lavar minhas roupas logo, vou acabar entrando em outra loja de departamentos e comprando outras. Ainda bem que eu trouxe uma dúzia de calcinhas limpas na mochila.

Começo a aplicar a maquiagem e fazer as coisas de sempre, mas aí apoio os dedos na pia do banheiro e me olho no espelho, tentando ver o que Andrew vê. Ele já me viu quase no pior estado possível: sem maquiagem, com olheiras depois de ficar acordada tanto tempo na estrada, com mau hálito, descabelada — sorrio pensando nisso, e então o imagino de pé atrás de mim, agora mesmo, no espelho. Vejo sua boca enterrada na curva do meu pescoço e seus braços rijos me abraçando por trás, seus dedos apertando minhas costelas.

Uma batida na porta me acorda da fantasia.

— Tá pronta? — Andrew pergunta quando abro a porta.

Ele entra no quarto.

— Aonde a gente vai, afinal? — pergunto, voltando para o banheiro, onde está minha maquiagem. — E eu preciso de roupas limpas. É sério.

Ele entra atrás de mim, e isso me choca um pouco, porque é quase igual à fantasia que tive um momento atrás. Começo a passar o rímel, me debruçando sobre a pia para perto do espelho. Aperto o olho esquerdo enquanto aplico o rímel no direito e Andrew fica olhando minha bunda. Não está sendo nada discreto. Ele quer que eu o veja sendo mau. Reviro os olhos para ele e continuo aplicando o rímel, agora no outro olho.

— Tem uma lavanderia no 12º andar — ele diz.

Andrew passa os braços na minha cintura e me olha no espelho com um sorriso diabólico e o lábio inferior preso entre os dentes.

Eu me viro.

— Então a gente vai lá primeiro — digo.

— Quê? — Ele parece decepcionado. — Não, eu quero sair, andar pela cidade, tomar cerveja, ver umas bandas tocar. Não quero lavar roupa.

— Ah, para de choramingar — respondo, me virando para o espelho e tirando o batom da mala. — Não são nem duas da tarde, não me diga que você é daqueles caras que tomam cerveja no café da manhã.

Ele faz uma careta e aperta a palma da mão no coração, fingindo estar magoado.

— De jeito nenhum! Eu espero pelo menos até o almoço.

Balanço a cabeça e o empurro para fora do banheiro, mesmo com o sorriso cheio de dentes e as covinhas, e fecho a porta, deixando-o do outro lado.

— Pra que você fez isso? — ele pergunta através da porta.

— Preciso fazer xixi!

— Mas eu não ia olhar!

— Vai pegar sua roupa suja, Andrew!

— Mas...

— Agora, Andrew! Se não, nada de sair hoje!

Posso imaginá-lo fazendo beicinho, embora, naturalmente, ele não esteja fazendo isso. O filho da mãe está sorrindo tanto que quase abre um buraco na porta.

— Tá bom! — Ele se rende, e em seguida ouço a porta do quarto abrindo e fechando atrás dele.

Quando termino no banheiro, junto toda a minha roupa suja, enfio na mala e calço os chinelos.

VAMOS PARA A lavanderia primeiro, e lá eu dobro, sim, toda a roupa depois de tirá-la da secadora, em vez de socá-la de volta nas malas. Ele tenta protestar, mas eu ganho a parada desta vez. Depois vamos para a cidade e ele me leva para todo lugar, até para o cemitério St. Louis, onde os túmulos ficam acima do chão, nunca vi nada parecido.

Andamos juntos até a Canal Street, rumo ao World Trade Center New Orleans e ao oceano, onde encontramos um Starbucks, tão necessário. Ficamos conversando uma eternidade tomando café e eu conto que Natalie ligou. Falamos e falamos sobre ela e Damon, que Andrew aprendeu rapidamente a detestar.

Mais tarde, passamos por uma churrascaria, e Andrew tenta me fazer entrar, jogando na minha cara o acordo que fizemos no ônibus. Mas eu estou sem um pingo de fome, e tento explicar para um Andrew faminto e em síndrome de abstinência carnívora que preciso me preparar para comer muito, se ele quiser que eu aprecie um filé.

E encontramos um shopping: The Shops, em Canal Place, e fico empolgada de verdade para entrar, depois de tanto tempo usando as mesmas roupas chatas a semana toda.

— Mas a gente acabou de lavar tudo — Andrew protesta, enquanto entramos. — Pra que você precisa de mais roupa?

Passo a alça da bolsa no outro ombro e o puxo pelo cotovelo.

— Se a gente vai sair à noite — digo, arrastando-o —, então quero procurar alguma coisa linda e no mínimo decente.

— Mas o que você tá usando agora tá lindo pra caramba — ele discute.

— Só quero um jeans novo e um top — argumento, depois paro e olho para ele. — Você pode me ajudar a escolher.

Agora ele está interessado.

— Tá — diz, sorrindo.

Eu o puxo de novo.

— Mas não fica muito esperançoso — saliento, puxando o braço dele para enfatizar —, falei que você pode ajudar, não escolher.

— Você tá ganhando demais as paradas hoje — Andrew retruca. — Já vou avisando, gata, só vou te deixar ganhar até certo ponto, antes de tirar minhas cartas da manga.

— Que cartas, exatamente, você acha que tem na manga? — pergunto confiante, pois acho que ele está blefando.

Ele franze os lábios quando o olho, e começo a perder minha confiança.

— Devo lembrar — ele comenta sofisticadamente — que você ainda está sob o voto do fazer-tudo-que-eu-mandar.

Lá se foi a confiança.

Ele abre um sorriso, e é sua vez de me puxar pelo braço para perto de si.

— E como você já me deixou te chupar uma vez — acrescenta, arregalando os olhos —, acho que se eu mandar deitar e abrir as pernas, você ia ter que obedecer, certo?

Mal consigo olhar em volta para ver se alguém que estava passando ouviu. Andrew não disse aquilo exatamente num sussurro, mas eu nem esperaria isso.

Então ele diminui o passo, se aproxima do meu ouvido e diz baixinho: — Se não me deixar levar a melhor com alguma coisa simples logo, posso ter que te torturar de novo com minha língua no meio das tuas pernas. — Seu hálito no meu ouvido, combinado com suas palavras que me deixam molhada, faz arrepios subirem pelo lado do meu pescoço. — Sua vez de jogar, gata.

Andrew se afasta e eu quero tirar aquele sorriso de seu rosto a tapas, mas provavelmente ele iria gostar.

Dilema: deixá-lo levar a melhor com alguma coisa simples ou continuar levando a melhor para ele me “torturar” mais tarde? Hum. Acho que sou mais masoquista do que eu imaginava.

Anoitece e estou pronta para sair. Estou usando um jeans apertado novo, um top sexy tomara que caia colado na cintura e as sandálias pretas de salto alto mais lindas que já encontrei em qualquer shopping.

Andrew, parado na porta, me devora com os olhos.

— Eu devia dar minha cartada agora mesmo — ele diz, entrando no quarto.

Fiz duas tranças folgadas no cabelo desta vez, uma sobre cada ombro, que vão quase até meus seios. E sempre deixo alguns fios de cabelo louro soltos em volta do rosto, porque sempre achei bonitinho em outras garotas, então por que não ficariam em mim?

Andrew parece gostar. Ele passa os dedos em cada mecha.

Fico vermelha por dentro.

— Gata, fora de brincadeira, você tá um tesão.

— Obrigada... — Meu Deus, será que eu... rio.

Eu o olho de alto a baixo também, e embora ele esteja usando jeans, uma camiseta simples e suas Doc Martens pretas de novo, é a coisa mais sexy que já vi

usando qualquer roupa.

Saímos, e eu faço alguns velhos virarem a cabeça no elevador e pelo corredor. Andrew está adorando tudo isso, posso perceber. Sorri de orelha a orelha ao meu lado, e isso me deixa vermelha como uma beterraba.

Primeiro vamos para o d.b.a. e vemos uma banda tocar por mais ou menos uma hora.

Mas quando pedem minha identidade e parece que não vou conseguir beber ali, Andrew me leva para outro bar na mesma rua.

— É tentativa e erro — ele diz, enquanto andamos até o bar de mãos dadas. — A maioria vai pedir a identidade, mas de vez em quando você dá sorte e eles não se dão ao trabalho, se você tiver cara de maior de 21 anos.

— Bom, vou fazer 21 daqui a cinco meses — digo, apertando sua mão quando atravessamos um cruzamento movimentado.

— Fiquei com medo de você ter 17 quando a gente se conheceu no ônibus.

— Dezesete?! — Espero sinceramente não parecer tão nova.

— Ei — ele diz, me olhando de relance —, já vi garotas de 15 anos que pareciam ter 20, hoje em dia é difícil saber.

— Então você acha que pareço ter 17 anos?

— Não, você parece ter uns 20 — ele admite —, só tô falando.

Que alívio.

Este bar é um pouco menor que o outro, e os frequentadores são um misto de universitários recém-formados e gente de uns 30 e poucos anos. Algumas mesas de bilhar estão dispostas lado a lado perto dos fundos, e a iluminação é reduzida, localizada sobretudo nas mesas de bilhar e no corredor à minha direita, que leva para os banheiros.

A fumaça de cigarro é espessa, diferente do bar anterior, onde ela não existia, mas isso não me incomoda muito. Não gosto de cigarro, mas há algo natural na fumaça de cigarro num bar. Sem ela, o lugar pareceria quase nu.

Algum tipo de rock familiar sai dos alto-falantes no forro. Há um pequeno palco à esquerda onde as bandas costumam se apresentar, mas ninguém está tocando hoje. Mas isso não diminui o clima de festa no ambiente, porque mal consigo ouvir Andrew falando comigo por cima da música e das vozes que gritam ao meu redor.

— Sabe jogar bilhar? — Ele se curva para gritar perto do meu ouvido.

Grito em resposta:

— Já joguei algumas vezes! Mas sou muito ruim!

Ele me puxa pela mão e vamos para as mesas e as luzes mais fortes, abrindo caminho cuidadosamente através das pessoas que ocupam praticamente todos os espaços disponíveis.

— Senta aqui — ele fala, conseguindo baixar um pouco a voz com os alto-falantes na nossa frente. — Esta vai ser a nossa mesa.

Eu me sento a uma mesinha redonda encostada numa parede, e logo acima da minha cabeça à esquerda há uma escada para um segundo andar do outro lado. Empurro o cinzeiro lotado para longe de mim com a ponta do dedo, quando uma garçonete chega.

Andrew está falando com um cara a alguns metros dali, perto das mesas, provavelmente para entrar num jogo em andamento.

— Desculpa — diz a garçonete, tirando o cinzeiro e substituindo-o por outro limpo, colocando-o de cabeça para baixo na mesa. Depois ela limpa o tampo com um pano úmido, levantando o cinzeiro para limpar embaixo.

Sorriso para ela. É uma garota bonita de cabelo preto, deve ter acabado de fazer seus 21 anos, e está levando uma bandeja na outra mão.

— Vai querer alguma coisa?

Só tenho uma chance de fingir que me fazem muito essa pergunta sem pedirem minha identidade, então respondo quase imediatamente: — Uma Heineken.

— Duas — Andrew diz, reaparecendo com um taco de bilhar na mão.

A garçonete fica surpresa ao notá-lo e, como Andrew quando estávamos no elevador, eu adoro. Ela balança a cabeça e me olha de novo, fazendo aquela cara de “tu é muito sortuda, cachorra” antes de se afastar.

— Aquele cara vai jogar mais uma partida, depois a mesa é nossa — Andrew diz, sentando-se na cadeira vazia.

A garçonete volta trazendo duas Heinekens e as coloca à nossa frente.

— Se precisarem de alguma coisa, é só chamar — diz, antes de se afastar de novo.

— Ela não pediu sua identidade — Andrew diz, se debruçando por cima da mesa para que ninguém mais escute.

— Não, mas isso não significa que não vão mais pedir; aconteceu uma vez num bar em Charlotte, Natalie e eu já estávamos quase bêbadas quando pediram nossa identidade e nos expulsaram.

— Bom, então aproveite enquanto pode. — Ele sorri, levando a cerveja aos lábios e tomando um pequeno gole.

Faço o mesmo.

Começo a me arrepender de ter trazido a bolsa, porque agora preciso ficar de olho nela, mas quando chega a nossa vez de jogar, eu a coloco no chão, debaixo da mesa.

Estamos num cantinho do salão, então não me preocupo muito.

Andrew me leva até a estante dos tacos.

— Qual você prefere? — pergunta, agitando as mãos na frente da estante. — Precisa escolher aquele que você sente que é o certo.

Ah, isso vai ser divertido; ele acha mesmo que vai me ensinar alguma coisa.

Banco a tímida e desorientada, correndo os olhos pelos tacos como se fossem livros numa prateleira, e finalmente pego um. Corro as mãos por ele e o seguro como se fosse bater numa bola, para senti-lo. Sei que pareço uma loura burra fazendo isso, mas é exatamente a impressão que quero causar.

— Acho que este serve — digo, dando de ombros.

Andrew organiza as bolas com o triângulo, trocando lisas por listradas até conseguir a sequência certa, e depois as desliza sobre a mesa, colocando-as na posição.

Cuidadosamente, tira o triângulo e o guarda num compartimento debaixo da mesa.

Ele balança a cabeça.

— Quer espalhar?

— Não, espalha você.

Só quero vê-lo todo sexy, concentrado e debruçado sobre a mesa.

— Tá. — Andrew posiciona a bola branca. Ele demora alguns segundos passando giz na ponta do taco, e em seguida deixa o giz na borda da mesa. — Se você já jogou — diz, voltando para a posição da bola branca —, com certeza conhece o básico. — Ele aponta com o taco para a bola branca. — Obviamente, você só bate na branca.

Isso vai ser engraçado, mas ele está merecendo.

Balanço a cabeça.

— Se você joga com as listradas, só pode encaçapar as listradas. Se você derrubar alguma lisa, só vai me ajudar a ganhar.

— E a bola preta? — Aponto para a bola 8, perto do meio.

— Se derrubar essa antes de todas as listradas — ele diz com ar sombrio —, você perde. E se derrubar a bola branca, perde a vez.

— Só isso? — pergunto, passando giz na ponta do meu taco.

— Por enquanto, sim — ele responde; acho que está me poupando das outras regras básicas.

Andrew dá uns passos para trás e se debruça sobre a mesa, arqueando os dedos sobre o feltro azul e apoiando o taco estrategicamente na curva do indicador. Ele desliza o taco para trás e para a frente algumas vezes, firmando a mira antes de parar e bater com força na bola branca, espalhando as outras por toda a mesa.

Bela tacada, amor, digo a mim mesma.

Ele encaçapa duas bolas: uma listrada, outra lisa.

— O que vai ser? — pergunta.

— O que vai ser o quê? — Continuo bancando a burra.

— Lisas ou listradas? Te deixo escolher.

— Oh — digo, como se tivesse acabado de entender —, tanto faz; acho que vou querer as bolas com listras.

Estamos fugindo um pouco do jeito certo de jogar Bola 8, mas tenho certeza que ele está fazendo isso para me facilitar.

Chega a minha vez e eu ando ao redor da mesa, procurando a tacada perfeita.

— A gente vai cantar as jogadas ou não?

Andrew me olha intrigado — talvez eu devesse ter dito algo como: posso bater em qualquer bola das minhas? Com certeza ele ainda não sacou a farsa.

— Escolhe qualquer bola listrada que você acha que consegue derrubar e manda ver.

Certo, pelo jeito ainda estou enrolando esse trouxinha.

— Peraí, a gente não vai apostar alguma coisa? — pergunto.

Ele parece surpreso, mas aí a surpresa se transforma em maldade.

— Claro, o que você quer apostar?

— Minha liberdade de volta.

Andrew franze o cenho. Mas então seus lábios deliciosos se abrem num sorriso quando ele se dá conta de que, aparentemente, não sei jogar bilhar.

— Bom, fico meio magoado por você a querer de volta — ele diz, jogando o taco de um lado para outro entre as mãos, com o cabo apoiado no chão —, mas, claro, eu topo.

Quando penso que o acordo está feito, ele acrescenta, erguendo um dedo: — Só

que, se eu ganhar, vou poder elevar esse negócio de fazer-tudo-que-eu-mandar para um novo nível.

É minha vez de erguer uma sobrancelha.

— Como assim, um novo nível? — pergunto, olhando para o lado, desconfiada.

Andrew apoia o taco na mesa e as mãos na borda, debruçando-se para a luz. Seu sorriso intenso, só a intenção por trás dele, faz um calafrio percorrer minhas costas.

— Vai apostar ou não vai? — ele pergunta.

Consigo ganhar, tenho certeza, mas agora ele meio que me deixou apavorada. E se ele for melhor no bilhar e eu perder, e acabar tendo que comer baratas ou botar a bunda pelada pra fora da janela do carro? Era esse tipo de coisa que eu queria evitar que ele me obrigasse a fazer — nunca esqueci o que ele disse: a gente faz isso depois. Claro que posso me recusar a obedecer qualquer ordem; Andrew me garantiu isso antes que partíssemos do Wyoming, mas tudo o que quero é evitar essa situação desde o princípio.

Ou... perai... e se for alguma coisa sexual?

Ah, agora já topei... quase espero que ele ganhe.

— Fechado.

Ele dá um sorriso malicioso e se afasta da mesa, levando o taco.

Um grupinho de caras e duas garotas acabaram o jogo na mesa ao lado, e alguns começaram a acompanhar o nosso.

Me debruço sobre a mesa, posiciono o taco praticamente da mesma forma que Andrew, deslizo-o para a frente e para trás através dos dedos algumas vezes e bato bem no meio da bola branca. A 11 bate na 15, e a 15 bate na 10, derrubando as duas na caçapa do canto.

Andrew fica me olhando, com o taco apoiado verticalmente entre os dedos à sua frente.

Ele ergue a sobrancelha.

— Isso foi sorte de principiante ou você tá me enrolando?

Sorriso e vou para o outro lado da mesa calcular minha próxima tacada. Não respondo.

Dou só um sorrisinho e mantenho os olhos na mesa. Escolhendo de propósito o ângulo mais próximo de Andrew, me curvo sobre a mesa na frente dele (discretamente olhando para baixo para verificar se meus peitos não estão aparecendo para os caras que estão bem na minha frente) e avalio a tacada, antes de meter a 9 com força na caçapa do meio.

— Você tá me enrolando — Andrew diz atrás de mim — e me provocando.

Eu me endireito e passo o olhar sorridente por ele enquanto vou para o outro lado da mesa.

Erro a tacada de propósito. A disposição das bolas está quase perfeita e eu poderia até ganhar facilmente, mas não quero que seja fácil.

— Ah, não, gata — ele reclama, se aproximando —, nada dessa bobagem de ficar com peninha; você podia ter derrubado a 13 fácil.

— Meu dedo escorregou. — Olho para ele timidamente.

Ele balança sua cabeça linda para mim e estreita os olhos, sabendo muito bem que estou mentindo.

Finalmente, jogamos a sério: ele encaçapa três bolas impecavelmente, uma tacada atrás da outra, antes de errar a 7. Eu enfio mais uma. Ai ele derruba outra. Nos revezamos assim, estudando com cuidado cada jogada, mas ambos errando de vez em quando para prolongar o jogo.

Agora é pra valer. É minha vez de jogar, e as únicas bolas na mesa são a 4 dele, a branca e a 8. A 8 está uns 15 centímetros longe demais para uma tacada perfeita em qualquer uma das duas caçapas de canto, mas sei que posso fazê-la bater na borda do outro lado e voltar para cair na caçapa central da esquerda.

Mais dois caras começaram a assistir, sem dúvida por causa do modo como estou vestida (eu os ouvi comentando sobre meus “peitos e bunda” o tempo todo, especialmente quando me abaixo para jogar), mas não permito que eles me distraiam.

Porém, já notei que Andrew olha muito para eles, e me excita saber que ele está com ciúme.

Aponto a mesa com o taco e canto a jogada: — Caçapa da esquerda.

Dou a volta e me agacho ao nível da mesa para ver se o ângulo está certo. Me endireito e verifico o ângulo da branca e da 8 de novo por outra perspectiva, e então me debruço sobre a mesa. Um. Dois. Três. No quarto vaivém do taco, bato suavemente na branca e ela bate na 8 no ângulo certinho, mandando-a para a borda direita, onde ela bate e corre alguns centímetros, caindo impecavelmente na caçapa esquerda.

Os poucos caras assistindo do outro lado fazem vários sons de empolgação contida, como se eu não pudesse ouvi-los.

Andrew está na outra ponta da mesa, sorrindo largamente para mim.

— Você é boa, gata — diz, organizando as bolas de novo. — Acho que você tá livre agora.

Não posso deixar de notar que ele parece um pouco triste com isso. Seu rosto pode estar sorrindo, mas ele não consegue esconder a decepção dos olhos.

— Não, não — digo —, só quero ficar livre de comer baratas ou botar a bunda na janela do carro... Até que gosto de você no controle do resto.

Andrew sorri.

JOGAMOS OUTRA PARTIDA, que ele ganha honestamente, e em seguida decido me sentar à nossa mesa antes que estas sandálias novas comecem a fazer bolhas nos meus pés. Estou na minha segunda Heineken, e ainda sinto o efeito só nos dedos dos pés e no fundo do estômago. Vou tomar mais uma pra dar uma onda legal.

— Quer jogar, cara? — Um sujeito pergunta para Andrew quando ele está voltando para a nossa mesa.

Andrew me olha e eu o libero com um gesto.

— Pode ir, tô legal. Vou ver minhas mensagens de texto e descansar um pouco os pés.

— Tudo bem, gata — ele diz —, só me avisa se quiser ir embora antes de eu acabar, que a gente vai.

— Tô de boa — digo, incentivando-o —, pode ir jogar.

Ele sorri para mim e volta para a mesa, a menos de cinco metros dali. Pego minha bolsa debaixo da mesa e a coloco na minha frente para procurar o celular.

Como eu suspeitava: Natalie encheu meu telefone de mensagens de texto, 16 ao todo, mas pelo menos não tentou me ligar. Minha mãe também não ligou, mas lembro que ela ia fazer aquele cruzeiro com o novo namorado neste fim de semana. Espero que esteja se divertindo. Espero que esteja se divertindo tanto quanto eu.

Uma nova canção começa a sair dos alto-falantes no teto, e noto que a quantidade de pessoas no bar triplicou desde que chegamos. Embora Andrew não esteja tão longe, só consigo ver seus lábios se movendo quando diz alguma coisa para o cara que está jogando com ele. A garçonete volta, peço mais uma cerveja e ela vai pegar, me deixando com a Rainha das Mensagens de Texto. Natalie e eu trocamos algumas sobre o que ela fez hoje e aonde irá esta noite, mas sei que é só encheção de linguiça, porque ela está morrendo de vontade de saber mais sobre mim em Nova Orleans com esse “cara misterioso”, com quem ele se parece (não “como ele é”, porque ela sempre compara os caras com algum famoso), e se eu já “fiquei de quatro pra ele”. Dou só respostas vagas para torturá-la. Ela continua merecendo, afinal. Além disso, ainda não estou pronta para falar de Andrew com ela. Com ninguém, na verdade. É como se, falando dele, ainda que apenas para confirmar que ele existe e que estamos juntos, toda esta experiência vá virar fumaça. Parece que vou quebrar o encanto. Ou acordar e descobrir que Blake pôs alguma coisa num dos drinques que me serviu naquela noite antes de subirmos no telhado, e que toda esta viagem com Andrew foi apenas uma alucinação.

— Meu nome é Mitchell — uma voz acima de mim diz, acompanhada de um cheiro forte de uísque e colônia barata.

O cara tem físico médio, tipo sarado-mas-não-sarado-demais. Seus olhos estão vermelhos, como os do cara louro ao lado dele.

Sorrio encabulada e olho de relance para Andrew, que já está vindo.

— Tô acompanhada — digo delicadamente.

O cara sarado olha para a cadeira vazia e depois para mim, como que para ressaltar o quanto ela está vazia.

— Camryn? — Andrew indaga, parando ao lado deles. — Tá tudo bem?

— Tá, sim — digo.

O cara sarado se vira para olhar Andrew.

— Ela falou que tá tudo bem — argumenta, e posso ouvir o desafio em sua voz.

Eu não quis dizer “tá tudo bem, me deixa em paz, Andrew”, e ele sabe disso, mas esses caras, pelo visto, não sabem.

— Ela tá comigo — Andrew diz, tentando permanecer calmo, embora provavelmente só por minha causa; ele já está com aquela agressividade inconfundível no olhar.

O outro cara, o louro, ri.

O cara sarado olha para mim de novo, com uma garrafa de Budweiser na mão.

— Ele é teu namorado ou algo assim?

— Não, mas a gente tá...

O cara sarado sorri provocativamente e olha de novo para Andrew, me interrompendo.

— Você não é namorado dela, então fica na sua, cara.

A agressividade acaba de se transformar em fúria assassina. Andrew não vai conseguir se segurar por muito tempo mais.

Eu fico de pé.

— Vai ver que ela quer falar com a gente — o cara sarado provoca, e toma mais um gole de cerveja. Ele não parece bêbado, só um pouco alto.

Andrew chega mais perto e inclina a cabeça para um lado, encarando o cara. Depois olha para mim:

— Camryn, você quer falar com eles?

Ele sabe que eu não quero, mas esse é o jeito de pôr sal na ferida que ele já vai abrir nesse cara.

— Não, não quero.

Andrew coça o queixo e vejo suas narinas se abrindo quando ele chega perto do cara sarado e diz:

— Fica na sua você, senão tu vai engolir os dentes.

A pequena multidão que estava jogando sinuca está se reunindo a distância.

O cara louro, o mais esperto dos dois, põe a mão no ombro do outro.

— Vem, cara, vamos voltar pra lá. — Ele acena para o lugar onde estavam antes.

O cara sarado afasta a mão dele e chega mais perto de Andrew.

Bastou isso.

Andrew levanta o taco de sinuca e bate com ele no peito do cara, derrubando-o e deixando-o sem fôlego. O cara cambaleia para trás, por pouco não derrubando minha mesa, mas estende a mão para se segurar na borda e manter o equilíbrio. Dou um grito e pego minha bolsa pouco antes de a mesa se estatelar no chão junto com ele.

Minha cerveja se espatifa. Antes que o cara possa levantar, Andrew já está em cima dele, de pé, fazendo chover socos em seu rosto.

Me afasto mais, fico mais perto da escada, mas outras pessoas já estão chegando para ver e criam uma barreira atrás de mim.

O cara louro pula em cima de Andrew por trás, segurando-o pelo pescoço para tirá-lo de cima do amigo. Aí eu pulo nele, batendo no seu rosto pelo lado com meus punhos ridículos e a bolsa no ombro atrapalhando meus golpes, balançando atrás de mim. Mas Andrew se desvencilha do cara louro facilmente, fica atrás dele e lhe dá um pontapé nas costas, jogando-o no chão.

Andrew segura o meu pulso.

— Sai da frente, garota! — Ele me empurra contra a multidão atrás de mim e volta para os dois caras numa fração de segundo.

O cara sarado finalmente se levantou, mas não por muito tempo, pois Andrew encaixa dois golpes nos dois lados de seu maxilar e um uppercut sanguinolento no queixo. Vejo um dente ensanguentado caindo no chão. Me encolho toda. O cara cai para trás sobre outra mesinha, derrubando-a também. E quando o louro ataca Andrew de novo, o cara com quem Andrew estava jogando entra na briga e o enfrenta, deixando Andrew com o cara sarado.

Quando os seguranças conseguem passar pela multidão para apartar a briga, Andrew já deixou o cara sarado com os dois olhos roxos e as narinas jorrando sangue. O cara sarado cambaleia, com a mão sobre o nariz, enquanto o segurança o puxa pelo ombro na direção da multidão.

Andrew afasta a mão do outro segurança que veio atrás dele.

— Tô legal — ele ameaça, erguendo uma mão e mandando o segurança se afastar enquanto limpa um rastro de sangue do nariz com a outra. — Tô saindo, não precisa me levar até a porta.

Eu me aproximo e ele pega a minha mão.

— Camryn, você tá bem? Se machucou? — Ele está me olhando de alto a baixo com um olhar feroz e descontrolado.

— Não, tô bem. Vamos embora.

Andrew aperta minha mão e me puxa para o seu lado, atravessando a multidão, que se abre para ele.

Quando saímos para o ar noturno, a música que emana do bar desaparece com a porta se fechando. Os dois idiotas da briga já estão do lado de fora, andando pela rua, o cara sarado ainda com a mão no rosto ensanguentado. Andrew quebrou o nariz dele, tenho certeza.

Ele me para na calçada e segura meus antebraços.

— Não mente pra mim, amor, você tá machucada? Juro por Deus que se estiver vou atrás deles.

Ele está derretendo meu coração me chamando de “amor”. E aquele seu olhar preocupado, feroz... só quero beijá-lo.

— É sério — insisto —, tô bem. Na verdade, até bati um pouco naquele cara quando ele te pegou por trás.

Ele tira as mãos dos meus braços e segura meu rosto com as duas mãos, me examinando como se ainda não acreditasse.

— Não tô machucada — digo uma última vez.

Ele aperta os lábios com força contra a minha testa.

Depois segura a minha mão.

— Vamos voltar pro hotel.

— Não — discordo —, vamos nos divertir, e, que porra, fiquei sóbria por causa disso.

Ele inclina a cabeça para o lado e suaviza o olhar.

— Aonde você quer ir, então?

— Vamos pra outro clube — sugiro. — Sei lá, talvez algum mais sossegado?

Andrew suspira profundamente e aperta minha mão. Depois me olha de alto a baixo de novo: primeiro meus pés, com as unhas pintadas despontando das sandálias,

e depois o meu corpo, até o top tomara que caia, que precisa de uns ajustes.

Solto a mão dele, pego o tecido em cima dos meus peitos e puxo o top para que fique um pouco melhor.

— Adorei tua roupa — ele diz —, mas vamos combinar que é uma distração pros babacas.

— Bom, não quero andar até o hotel só pra trocar de blusa.

— Não, não precisa fazer isso — ele diz, pegando minha mão de novo. — Mas, se quiser ir pra outro clube, vai ter que fazer uma coisa pra mim, tá?

— O quê?

— Só fingir que você é minha namorada — ele diz, e um sorrisinho aparece em meus lábios. — Pelo menos assim ninguém vai falar bosta pra você ou isso vai se sentir menos encorajado.

Ele para, me olha e diz:

— A não ser que você queira ser paquerada?

Imediatamente começo a balançar a cabeça.

— Não. Não quero nenhum cara me paquerando. Um flerte inocente, tudo bem; é uma maravilha pra minha autoconfiança; mas nada de babacas.

— Que bom, combinado, então. Você é minha namorada sexy por esta noite, o que significa que posso te levar pro quarto mais tarde e te fazer gemer um pouco. — Lá está novamente aquele sorriso maroto dele que adoro tanto.

Agora estou formigando no meio das pernas. Engulo em seco e disfarço, apertando os olhos para ele, brincalhona.

Fico feliz só de ver suas covinhas de novo, em vez daquela expressão irada — embora incrivelmente sexy — que tomava o seu semblante agora há pouco.

— Por mais que eu goste; bom, “gostar” é uma palavra bem leve; não vou mais te deixar fazer isso.

Ele parece magoado e um pouco chocado.

— Por que não?

— Porque, Andrew, eu... bom, não vou deixar e pronto. Agora vem cá. — Seguro seu pescoço com as duas mãos e o puxo na minha direção.

E então eu o beijo suavemente, deixando meus lábios colados aos dele depois.

— O que você tá fazendo? — ele pergunta, me olhando nos olhos.

Sorriso docemente para ele.

— Entrando na personagem.

Um sorriso puxa os cantos de sua boca. Ele me vira e passa o braço na minha cintura enquanto seguimos para a Bourbon Street.

ANDREW

TALVEZ POSSA DAR CERTO com Camryn. Por que preciso me torturar e me privar do que mais quero, quando este deveria ser o momento em que conquisei o direito de ter tudo o que desejar? Talvez as coisas mudem e ela não sofra. Posso procurar Marsters de novo.

E se eu abrir mão dela e nunca mais a vir, e aí Marsters perceber que fez merda?

Porra! Meras desculpas.

Camryn e eu vamos a mais dois bares no Bairro Francês e ela consegue passar por maior de 21 anos nos dois. Só em um pediram a identidade, e acho que como o aniversário dela é em dezembro, a garçonele resolveu deixar quieto.

Mas agora ela está bêbada e não sei se vai conseguir andar até o hotel.

— Vou chamar um táxi — decido, sustentando-a ao meu lado na calçada.

Casais e grupos de pessoas entram e saem do bar atrás de nós, alguns cambaleando da porta.

Estou com o braço firme ao redor da cintura de Camryn. Ela levanta a mão e segura meu ombro pela frente; mal consegue manter a cabeça erguida.

— Acho que um táxi é boa ideia — ela concorda, com olhos pesados.

Ela vai desmaiar ou vomitar logo. Só torço para que consiga esperar até voltarmos para o hotel.

O táxi nos deixa na frente do hotel e eu a ajudo a se levantar do banco de trás, e acabo carregando-a, porque ela mal consegue andar sozinha mais. Eu a levo até o elevador com as pernas por cima de um braço e a cabeça encostada no meu peito. As pessoas estão olhando.

— Noite divertida? — Um homem pergunta no elevador.

— É — respondo, balançando a cabeça —, nem todo mundo aguenta beber.

A sineta do elevador toca e o homem sai depois que as portas se abrem. Mais dois andares e eu a carrego para os nossos quartos.

— Cadê a tua chave, gata?

— Na minha bolsa — ela diz fracamente.

Pelo menos está falando coisa com coisa.

Sem colocá-la no chão, puxo a bolsa do braço dela e a abro. Normalmente, eu faria uma piadinha sobre as tranqueiras que ela carrega e perguntaria se alguma coisa ali dentro vai me morder, mas sei que Camryn não está para brincadeiras. Está péssima.

A noite vai ser longa.

A porta se fecha atrás de nós e eu a carrego até a cama e a deito ali.

— Tô me sentindo uma merda — ela geme.

— Eu sei, gata. Precisa dormir pra passar.

Tiro suas sandálias e deixo no chão.

— Acho que eu vou... — Ela põe a cabeça para fora da beirada da cama e começa a vomitar.

Estico o braço, pego a lata de lixo encostada no criado-mudo e consigo aparar a maior parte, mas pelo jeito a arrumadeira vai ficar puta amanhã. Camryn vomita tudo o que tinha no estômago, o que me surpreende, porque comi pouco hoje. Ela para e deita a cabeça no travesseiro. Lágrimas causadas pela regurgitação escorrem dos cantos dos seus olhos. Ela tenta olhar para mim, mas sei que está zozna demais para enxergar.

— Tá tão quente aqui — balbucia.

— Tá — digo, e me levanto para ligar o ar-condicionado no máximo. Depois vou para o banheiro, molho um pano na água fria e torço. Volto para o quarto e me sento ao lado dela na cama, passando o pano em seu rosto.

— Desculpa — ela murmura. — Eu devia ter parado depois daquela vodca. Agora você tá limpando meu vômito.

Limpo um pouco mais suas bochechas e a testa, afastando os fios soltos de cabelo grudados em seu rosto, e depois passo o pano úmido na sua boca.

— Nada de desculpas — digo —, você se divertiu, e só isso importa. — Sorrindo, acrescento: — Além disso, agora posso me aproveitar completamente de você.

Camryn tenta sorrir e bater no meu braço, mas está fraca demais até para isso. Seu quase sorriso se transforma numa careta de angústia, e o suor aparece instantaneamente em sua testa.

— Oh, não. — Ela levanta o corpo da cama. — Preciso ir pro banheiro — diz, segurando em mim para tentar se levantar, por isso a ajudo.

Eu a levo até o banheiro, onde ela praticamente se joga sobre a privada, segurando a porcelana com as duas mãos. Suas costas se arqueiam para cima e para baixo e ela começa a regurgitar a seco e chorar mais.

— Você devia ter comido aquele filé comigo, gata. — Fico de pé atrás dela, segurando suas tranças para que não sejam atingidas pelo bombardeio, e mantenho o pano úmido apertado contra a sua nuca. Sofro por ela, vendo seu corpo se agitar violentamente assim, sem botar para fora quase nada. Sei que a garganta, peito e estômago dela vão doer depois disso.

Quando termina, Camryn se deita no piso frio.

Tento ajudá-la a levantar, mas ela protesta fracamente.

— Não, por favor... quero ficar deitada aqui; o chão tá fresquinho.

Seu fôlego está curto, e sua pele levemente bronzeada está pálida e doentia como a de um paciente de pneumonia. Pego um pano limpo, molho e continuo limpando seu rosto, pescoço e ombros nus. Depois abro sua calça e a tiro cuidadosamente, aliviando a barriga e as pernas da pressão do jeans apertado.

— Calma, não vou te molestar — digo em tom de brincadeira, mas desta vez ela não responde.

Ela praticamente desmaia deitada de lado, com o rosto encostado no chão.

Sei que se eu a carregar agora, ela provavelmente vai acordar e ter ânsia de novo, mas não quero deixá-la assim, deitada perto da privada. Por isso me deito ao lado dela e passo o pano em sua testa, braços e ombros por horas, até que finalmente adormeço com ela.

Nunca pensei que um dia eu dormiria intencionalmente no chão de um banheiro ao lado de uma privada, sóbrio, mas falei sério quando disse que dormiria com ela em qualquer lugar.

CAMRYN

A PORTA DO MEU quarto se abre. A luz do sol brilha através de uma fina abertura na cortina, do outro lado da cama. Me encolho como uma vampira, apertando os olhos e virando o rosto. Levo um segundo para perceber que estou deitada na cama usando o top sem alças da noite passada e minha calcinha violeta. A cama foi despida de tudo, a não ser o lençol no qual estou deitada e o lençol de cima, que parece ter sido lavado recentemente. Acho que vomitei no outro; Andrew deve ter pegado este com a arrumadeira.

— Tá se sentindo melhor? — Andrew pergunta, entrando no quarto com um balde de gelo numa mão e uma pilha de copos descartáveis e uma garrafa de Sprite na outra.

Ele se senta ao meu lado e deixa as coisas sobre o criado-mudo, abrindo a Sprite.

Minha cabeça está latejando e ainda sinto que posso vomitar a qualquer momento.

Odeio ficar de ressaca. Prefiro cair de bêbada e quebrar o nariz ou algo do tipo a enfrentar uma ressaca desta magnitude. Já tive uma assim; é tão ruim que não é muito diferente de intoxicação por álcool. Ao menos de acordo com Natalie, que já teve uma vez e a descreveu como “Satanás em pessoa cagando na tua cabeça na manhã seguinte”.

— Nem um pouco — respondo finalmente, e minhas palavras desencadeiam uma dor na nuca e atrás das orelhas. Fecho os olhos com força quando começo a ver tudo dobrado.

— Você tá péssima, gata — Andrew diz, e então sinto um pano fresco passando no meu pescoço.

— Pode fechar aquela cortina? Por favor?

Ele se levanta imediatamente e o ouço andando, e depois o som do tecido grosso sendo puxado para fechar a abertura. Encolho as pernas nuas até o peito, puxando também o lençol para ficar parcialmente coberta, e me deito em posição fetal sobre a maciez do travesseiro.

Andrew tira um copo descartável da embalagem e ouço o gelo estalando nele em seguida. Ele derrama Sprite sobre o gelo e aí o ouço abrindo um frasco de comprimidos.

— Toma — ele diz, e sinto a cama se mover quando ele se senta de novo e apoia o braço na minha perna.

Abro os olhos lentamente. Um canudo já está no copo, para que eu não precise levantar demais a cabeça para tomar um gole. Pego três comprimidos de Advil da palma da mão de Andrew e os coloco na boca, tomando só Sprite suficiente para engoli-los.

— Por favor, me diz que não fiz nem falei nada totalmente humilhante nos bares ontem.

Só consigo olhar para ele com os olhos semicerrados.

Percebo que ele sorri.

— Na verdade você fez, sim — Andrew diz, e meu coração fica apertado. — Falou pra um cara que era casada comigo e feliz, e que a gente ia ter quatro filhos, ou talvez cinco, não lembro; e depois uma menina começou a me paquerar e você levantou e começou a falar um monte, armou o maior barraco. Foi engraçadão.

Agora acho que vou vomitar mesmo.

— Andrew, é melhor que você esteja mentindo; que vergonha!

Minha dor de cabeça piora. Eu não achava que pudesse piorar.

Eu o ouço rindo baixinho e abro um pouco mais os olhos para ver seu rosto mais claramente.

— Tô mentindo, sim, gata. — Ele põe o pano úmido na minha testa. — Na verdade, até que você se comportou bem, mesmo no caminho pra cá. — Noto que ele olha para o meu corpo. — Desculpa, precisei tirar tua roupa; bom, pessoalmente, gostei da oportunidade, mas foi senso de dever. Era necessário, sabe. — Ele finge

estar sério agora, e não consigo deixar de sorrir.

Fecho os olhos e durmo mais algumas horas, até que a arrumadeira bate à porta.

Eu queria saber se Andrew saiu de perto de mim por muito tempo.

— Pode entrar, vou levá-la pro meu quarto aqui ao lado pra senhora poder limpar.

Uma senhora com cabelo mal tingido de ruivo entra no quarto, usando uniforme de arrumadeira. Andrew se aproxima da cama.

— Vem, gata — diz, me pegando no colo com o lençol ainda enrolado nas pernas —, vamos deixar a moça limpar.

Acho que eu conseguiria andar sozinha, mas não vou reclamar. Até que gosto de onde estou, no momento.

Quando passamos pela minha bolsa, estendo a mão para pegá-la e Andrew para, pega a bolsa para mim e a leva junto. Encosto a cabeça no peito dele e passo os braços ao redor do seu pescoço.

Ele para na porta e olha para a arrumadeira.

— Desculpa pela sujeira perto da cama. — Ele acena com a cabeça naquela direção, com um sorriso constrangido. — Vai ganhar uma boa gorjeta por isso.

Ele sai comigo e me leva para o seu quarto.

A primeira coisa que Andrew faz é fechar as cortinas, depois de me deitar sobre o seu travesseiro.

— Espero que você esteja melhor até à noite — diz, andando pelo quarto como se estivesse procurando alguma coisa.

— O que tem à noite?

— Mais um bar — ele responde.

Ele acha o MP3 perto da espreguiçadeira ao lado da janela e o coloca na mesinha da TV, ao lado da sua mochila.

Solto um gemido de protesto.

— Ah, não, Andrew, me recuso a ir pra outro bar hoje. Nunca mais vou beber enquanto eu viver.

Vejo seu sorriso do outro lado do quarto.

— Todo mundo diz isso — ele declara. — E eu não te deixaria beber hoje, nem se você quisesse. Precisa pelo menos de uma noite entre ressacas, senão já pode fazer sua inscrição nos Alcoólicos Anônimos.

— Bom, tomara que eu me sinta bem o suficiente pra fazer qualquer coisa além

de ficar na cama o dia todo, mas as perspectivas não parecem muito boas, no momento.

— Tá, você precisa comer, isso é obrigatório. Por mais que agora você provavelmente fique enjoada só de pensar em comida, se não comer nada, vai se sentir uma merda o dia todo.

— Tem razão — digo, sentindo náuseas —, eu fico enjoada só de pensar.

— Ovos mexidos com torradas — ele diz, voltando para perto de mim —, alguma coisa leve, você já sabe como é.

— É, eu já sei como é — respondo com voz neutra, desejando poder simplesmente estalar os dedos e me sentir melhor.

LÁ PELO FIM da tarde, me sinto melhor; não 100%, mas bem o suficiente para passear por Nova Orleans com Andrew num bonde, indo a alguns lugares que não conseguimos visitar ontem. Depois que consegui engolir uns ovos e duas torradas, pegamos o Bonde Riverfront até o Aquário das Américas Audubon e andamos por um túnel de 9 metros com água e peixes ao nosso redor. Periquitos comeram na nossa mão e visitamos mostras da Floresta Amazônica. Alimentamos arraias e tiramos fotos com nossos celulares, daquelas bem bestas, com o braço esticado à frente, segurando o aparelho. Mais tarde olhei com mais atenção as fotos que tiramos, como nossas bochechas estavam apertadas juntas e o modo como sorriamos para a câmera, como se fôssemos qualquer outro casal vivendo seu melhor momento.

Qualquer outro casal... mas não somos um casal e me dou conta de que precisei me lembrar disso.

A realidade é uma bosta.

Mas não saber o que você quer também é. Não, a verdade é que eu sei o que quero.

Não posso mais me forçar a duvidar disso, mas ainda tenho medo. Tenho medo de Andrew e do tipo de dor que ele poderia causar se um dia me magoasse, pois tenho a sensação que não seria do tipo que consigo aguentar. Já é insuportável e ele ainda nem me magoou.

Desta vez enfiei o pé na jaca mesmo, sem dúvida.

Quando a noite cai novamente sobre Nova Orleans e os baladeiros já saíram de suas tocas, Andrew me faz atravessar o Mississippi num ferry e andar até um lugar chamado Old Point Bar. Fico feliz por ter decidido voltar a calçar meus chinelos de dedo pretos, em vez das sandálias de salto novas. Andrew meio que insistiu nisso, especialmente porque teríamos que andar.

— Nunca vou embora de Nova Orleans sem dar uma passada aqui — ele diz, andando ao meu lado, segurando minha mão.

— O que, então você é um frequentador assíduo?

— É, pode-se dizer que sim; mas minha assiduidade se resume a uma ou duas vezes por ano. Já me apresentei lá algumas vezes.

— Tocando violão? — presumo, olhando-o curiosa.

Um grupo de quatro pessoas vem da direção oposta e eu chego mais perto de Andrew para dar passagem na calçada.

Ele tira sua mão da minha e a passa na minha cintura por trás.

— Toco violão desde os 6 anos de idade. — Ele sorri para mim. — Com 6 anos, não era muito bom, mas precisava começar de algum jeito. Não toquei nada que valesse a pena ouvir até fazer uns 10 anos.

Solto um suspiro, impressionada.

— Jovem o suficiente pra ser um talento musical, eu diria.

— Acho que sim; eu era o “músico”, quando a gente era criança, e Aidan era o “arquiteto” (ele olha para mim) porque costumava construir coisas... uma vez construiu uma casa enorme numa árvore na floresta. E Asher era o “jogador de hóquei”. Meu pai adorava hóquei, quase mais do que boxe (ele olha para mim de novo), mas não mais.

Asher desistiu do hóquei depois de um ano... tinha só 13 anos (ele ri baixinho); papai queria que ele jogasse mais do que ele próprio. Asher só queria saber de mexer com eletrônica... tentou fazer contato com ETs com uma traquitana que montou com tranqueiras que achou pela casa depois de ver o filme Contato.

Nós dois rimos.

— E o seu irmão? — Andrew pergunta. — Você me contou que ele tá na prisão, mas como era o relacionamento de vocês antes disso?

Meu rosto fica discretamente amargo.

— Cole era um irmão mais velho maravilhoso até o fim do ginásio, quando começou a andar com o marginal do bairro: Braxton Hixley, sempre detestei esse cara. Bom, Cole e Braxton começaram a usar drogas e fazer todo tipo de doideira. Meu pai tentou interná-lo num lar pra jovens problemáticos pra ajudá-lo, mas Cole fugiu e se meteu em mais encrenca ainda. Daí pra frente só piorou. — Olho para a frente quando mais gente vem na nossa direção pela calçada. — E agora ele tá no lugar que merece.

— Talvez ele volte a ser o irmão mais velho que você lembrava quando sair de lá.

— Talvez. — Dou de ombros, duvidando muito.

Chegamos ao final da calçada e viramos a esquina da Patterson com a Olivier, e lá está o Old Point Bar, que de fora parece mais um sobrado histórico com um anexo construído ao lado. Passamos por baixo do letreiro antigo e alongado, onde há algumas mesas e cadeiras de plástico do lado de fora, com várias pessoas fumando e falando bem alto.

Ouçõ uma banda tocando lá dentro.

Depois que um casal sai, Andrew segura a porta aberta e pega na minha mão. O lugar não é grande, mas é aconchegante. Olho para o pé-direito alto, notando as muitas fotografias, placas de carro, luminosos de cerveja, faixas coloridas e anúncios

antigos pendurados em cada centímetro das paredes. Vários ventiladores de teto baixos pendem do forro de madeira. E à minha direita está o bar, que, como todo bar, tem uma TV na parede do fundo. Mesmo em meio à pequena multidão de pessoas, uma mulher que está trabalhando atrás do balcão levanta a mão e parece acenar para Andrew.

Andrew sorri para ela e acena com dois dedos em resposta, como para dizer “daqui a pouco falo com você”.

Parece que todas as mesas estão ocupadas, e tem muita gente dançando na pista. A banda que está tocando do outro lado do salão é muito boa; blues rock ou algo do tipo.

Eu gosto. Um cara negro sentado num banquinho dedilha uma guitarra prateada e um branco canta com um violão preso ao ombro com uma alça. Um cara corpulento está na bateria, e há um teclado no palco, mas ninguém está tocando.

Fico surpresa quando olho para o chão e vejo um cachorro preto e descabelado me olhando e abanando o rabo. Estendo a mão e coço a orelha dele. Satisfeito, ele vai até o dono, que está sentado à mesa ao lado, e deita aos seus pés.

Depois de esperar alguns minutos, Andrew nota três pessoas se levantando de uma mesa não muito longe de onde a banda está tocando; ele me puxa, vamos até lá e a ocupamos.

Ainda não me recuperei totalmente da ressaca e minha cabeça não está completamente sem dor, mas, surpreendentemente, apesar do ambiente ser barulhento, não está piorando minha dor de cabeça.

— Ela não vai beber — Andrew diz gentilmente para a mulher que estava atrás do balcão, apontando para mim.

Ela abriu caminho entre as pessoas e já tinha chegado à nossa mesa quando me sentei.

A mulher, com o cabelo castanho macio preso atrás das orelhas, parece ter 40 e poucos anos e está tão sorridente ao dar um abraço de urso em Andrew que começo a me perguntar se é tia ou prima dele.

— Já faz dez meses, Parrish — a mulher diz, batendo nas costas dele com as duas mãos. — Onde você se meteu?

Depois sorri, olhando para mim.

— E quem é essa? — Ela olha para Andrew com ar brincalhão, mas detecto mais alguma coisa em seu sorriso: está tirando conclusões, talvez.

Andrew pega a minha mão, e eu me levanto para ser apresentada adequadamente.

— Esta é Camryn — ele diz. — Camryn, esta é Carla; ela trabalha aqui há pelo menos seis das minhas lamentáveis apresentações.

Carla empurra o peito de Andrew, rindo, e olha de novo para mim.

— Não acredite nas mentiras dele — diz, apontando-o e erguendo as sobrancelhas —, esse garoto sabe cantar. — Ela pisca para mim e aperta a minha mão. — Prazer em te conhecer.

Também sorrio para ela.

Cantar? Eu achava que ele só tocava aqui; não sabia que também cantava. Acho que isso não me surpreende. Ele já provou que sabe cantar em Birmingham, quando acertou aquela nota do “alibis” em Hotel California. E de vez em quando, no carro, ele esquecia que eu estava lá — ou não ligava — e soltava a voz em várias canções de rock clássico que saíam dos alto-falantes.

Mas eu não esperava que Andrew tocasse de verdade em algum lugar. Pena que ele não trouxe o violão; adoraria vê-lo se apresentar hoje.

— É bom ver você de novo — Carla diz, e aponta para o cara negro no palco. — Eddie vai ficar contente que você está aqui.

Andrew balança a cabeça e sorri enquanto Carla atravessa novamente a pequena multidão e volta para o bar.

— Quer tomar um refrigerante, alguma coisa?

Recuso com um gesto.

— Não, tô legal.

Ele permanece de pé, e quando a banda para de tocar, entendo por quê. O cara da guitarra prateada nota Andrew e sorri, encosta a guitarra na cadeira e se aproxima. Eles se abraçam da mesma forma que Carla o abraçou e eu me levanto novamente para ser apresentada, apertando a mão de “Eddie”.

— Parrish! Você sumiu um tempão — Eddie diz, com um forte sotaque cajun da região.

— Quanto tempo faz, um ano?

Carla também tem um pouco de sotaque, mas não tanto quanto Eddie.

— Quase — Andrew diz, com um sorriso.

Andrew parece muito feliz de estar ali, como se aquelas pessoas fossem parentes que ele não vê há muito tempo, e com os quais nunca se desentendeu. Até seu sorriso está mais gentil e acolhedor. Aliás, quando ele me apresentou Carla e Eddie, seu sorriso iluminou o salão. Me senti a garota que ele finalmente decidiu trazer para casa e apresentar à família, e pelos olhares dos dois quando Andrew me apresentou,

eles também acharam isso.

— Vai tocar hoje?

Me sento de novo e olho para Andrew, tão curiosa com a sua resposta quanto Eddie parece estar. Eddie tem aquela expressão de “não aceito ‘não’ como resposta” em seu rosto sorridente, e as rugas ao redor dos seus olhos e boca aprofundam.

— Bom, eu não trouxe o violão desta vez.

— Ah — Eddie balança a cabeça —, você sabe que não tem problema, tá querendo me fazer de bobo? — Ele aponta para o palco. — Tá cheio de guitarra lá.

— Quero te ouvir tocar — digo atrás dele.

Andrew olha para mim, indeciso.

— É sério. Tô pedindo. — Inclino a cabeça para um lado, sorrindo para ele.

— Hã-hã, essa garota tem aquele olhar, tem, sim. — Eddie sorri ao lado de Andrew.

Andrew entrega os pontos.

— Tá, mas só uma música.

— Só uma, né? — Eddie segura o queixo enrugado e diz: — Se vai ser só uma, eu que vou escolher. — Ele aponta para si, logo acima de sua camisa branca. Um maço de cigarros desponta do bolso esquerdo no peito.

Andrew balança a cabeça, concordando.

— Tá, você escolhe.

O sorriso de Eddie se alarga e ele me olha com uma expressão suspeita.

— Uma pra derreter o coração das damas, que nem você cantou da última vez.

— Rolling Stones? — Andrew pergunta.

— Hã-hã — Eddie diz — Aquela mesmo, garoto.

— Qual aquela? — pergunto, apoiando o queixo na mão fechada.

— Laugh, I Nearly Died — Andrew responde. — Acho que você não conhece.

E ele está certo. Balanço a cabeça devagar.

— Não conheço mesmo.

Eddie acena para Andrew, pedindo que ele o siga até o palco. Andrew se abaixa, me surpreende com um selinho e se afasta da mesa.

Fico sentada, nervosa, mas empolgada, com os cotovelos apoiados na mesa. Tantas conversas acontecem ao meu redor que tudo parece um zumbido contínuo fluuando no ambiente. De vez em quando, ouço um copo ou uma garrafa de cerveja

tilintando ao bater em outra ou numa mesa. O salão todo está na penumbra, iluminado apenas pela luz dos numerosos luminosos de marcas de cerveja e das partes superiores das janelas, que deixam entrar o luar e a luz de fora. De vez em quando, um clarão amarelo surge atrás do palco, à direita, quando pessoas entram e saem do que presumo serem os banheiros.

Andrew e Eddie chegam ao palco e começam a se preparar: Andrew pega outro banquinho de algum lugar atrás da bateria e o coloca no meio do palco, bem na frente do microfone no pedestal. Eddie diz alguma coisa para o baterista — provavelmente qual a canção que vão tocar — e o baterista assente com a cabeça. Outro homem surge das sombras atrás do palco com mais uma guitarra, ou talvez seja um baixo; nunca prestei muita atenção na diferença. Eddie entrega a Andrew uma guitarra preta, já plugada num amplificador próximo, e eles trocam palavras que não consigo ouvir. E então Andrew se senta no banquinho, apoiando uma bota na parte de baixo. Eddie se senta no dele depois.

Eles começam a ajustar isto e afinar aquilo, e o baterista bate algumas vezes ao acaso nos pratos. Ouço estalos e apitos quando outro amplificador é ligado ou calibrado, e depois um tum-tum-tum quando Andrew bate com o polegar no microfone algumas vezes.

Meu estômago já está cheio de borboletas, estou nervosa como se fosse eu que estivesse prestes a cantar na frente de um monte de desconhecidos. Mas as borboletas são principalmente porque é Andrew. Ele me olha de relance do palco, nossos olhares se cruzam e então o baterista começa a tocar, batendo algumas vezes de leve nos pratos, no ritmo. E então Eddie começa a tocar guitarra; uma melodia lenta e contagiante que faz facilmente a maioria das pessoas em volta virarem a cabeça e notar que uma nova canção está começando — obviamente, uma que todos já ouviram e da qual nunca se cansam. Andrew toca alguns acordes junto com Eddie, e já sinto meu corpo balançando suavemente no ritmo da música.

Quando Andrew começa a cantar, parece que tenho uma mola no pescoço. Paro de me balançar e jogo a cabeça para trás, sem conseguir acreditar no que estou ouvindo; um blues tão cativante. Ele fica de olhos fechados enquanto canta, sua cabeça balançando no ritmo quente e cheio de alma da canção.

E quando começa o refrão, Andrew tira o meu fôlego...

Sinto minhas costas pressionando um pouco o encosto da cadeira e meus olhos se arregalando quando a música sobe e a alma de Andrew acompanha cada palavra. Sua expressão muda a cada nota intensa, se acalmamdo quando as notas se acalmam.

Ninguém mais está conversando no bar. Não consigo desviar os olhos de Andrew para ver, mas posso sentir que a atmosfera mudou assim que ele começou aquele refrão tão forte, com um timbre sexy que eu nem imaginava que ele tinha.

Na segunda estrofe, quando o ritmo diminui novamente, ele já tem a atenção

total de todas as pessoas no salão. Todos estão dançando e balançando ao meu redor, casais aproximando seus quadris e lábios, porque não há outra coisa a fazer com essa canção.

Mas eu... só olho, sem ar, a distância, deixando a voz de Andrew percorrer cada canal e osso do meu corpo. É como um veneno irresistível: estou hipnotizada pelo que ele me faz sentir, embora possa destruir minha alma, mas eu o bebo assim mesmo.

E Andrew mantém os olhos fechados como se precisasse bloquear a luz ao seu redor para sentir a música. E quando vem o segundo refrão, ele se entrega ainda mais, quase a ponto de se levantar do banquinho, mas fica ali, com o pescoço esticado para o microfone e cada emoção passional marcando-lhe o rosto enquanto canta e toca a guitarra em seu colo.

Eddie, o baterista e o baixista começam a cantar dois versos com Andrew, e a plateia também canta baixinho.

Na terceira estrofe, quero chorar, mas não consigo. É como se o choro estivesse ali, dormente, no fundo do meu estômago, mas quisesse me torturar.

Laugh, I Nearly Died...

Andrew canta e canta, tão apaixonadamente que eu quase morro, meu coração batendo cada vez mais rápido. E então a banda começa a cantar de novo e a música fica mais lenta, só com a bateria; batidas profundas e ásperas do bumbo que sinto sob meus pés, vindo do chão. E a plateia bate os pés junto com o bumbo e começa a cantar o refrão repetitivo. Todos batem palmas uma vez ao mesmo tempo, rasgando o ar quando suas mãos se juntam. Mais uma vez. E Andrew canta: — Yeah-Yeah! — E a canção termina abruptamente.

Surgem gritos, assobios, muitos “af” e alguns “puta merda”. Calafrios percorrem minha espinha e se espalham pelo resto do meu corpo.

Laugh, I Nearly Died... Nunca mais vou esquecer essa música, enquanto eu viver.

Como ele pode ser real?

Estou esperando o azar entrar em ação a qualquer momento, ou acordar no banco de trás do carro de Damon, com Natalie debruçada em cima de mim, dizendo que Blake me dopou no Underground.

Andrew apoia a guitarra emprestada no banquinho, vai apertar a mão de Eddie, depois a do baterista, e por último a do baixista. Eddie o acompanha até o meio do caminho da nossa mesa, mas se detém, pisca para mim e volta ao palco. Gosto muito de Eddie. Há algo de honesto, bom e espiritual nesse homem.

Andrew não consegue andar até a nossa mesa sem que algumas pessoas da plateia o parem para apertar sua mão e provavelmente lhe dizer o quanto gostaram

da apresentação. Ele agradece e, lenta mas resolutamente, continua a se aproximar de mim.

Vejo algumas mulheres olhando para ele com um pouco mais do que admiração.

— Quem é você? — pergunto, meio que para provocá-lo.

Andrew fica um pouco vermelho e puxa uma cadeira vazia para se sentar na minha frente.

— Você é demais, Andrew. Eu nem imaginava.

— Obrigado, gata.

Ele é muito modesto. Eu achava que ele fosse brincar comigo, me chamando de sua tieta e me pedindo para acompanhá-lo até os fundos do prédio ou algo assim. Mas Andrew parece realmente não querer falar do seu talento, como se isso não o deixasse à vontade. Ou será que elogios de verdade o deixam pouco à vontade?

— É sério — digo —, eu queria saber cantar assim.

Isso o faz reagir, mas só um pouco.

— Claro que você sabe — ele diz.

Jogo a cabeça para trás e balanço numa negativa exagerada.

— Não-não-não-não — respondo, para desencorajar quaisquer ideias dele. — Não sei cantar muito bem. Acho que não sou um lixo total, mas com certeza não fui feita pra cantar em cima de um palco.

— Por que não? — Carla traz uma cerveja para ele, sorri para mim e volta a atender os outros clientes. — Tem medo do palco?

Ele encosta o gargalo nos lábios e joga a cabeça para trás.

— Bom, nunca pensei em cantar, a não ser ouvindo som no carro, Andrew. — Eu me encosto na cadeira. — Nunca alimentei a ideia o suficiente pra descobrir se tenho medo do palco.

Andrew dá de ombros e toma outro gole antes de deixar a cerveja na mesa.

— Bom, só pra você saber, eu acho tua voz bonita. Te ouvi cantando no carro.

Eu reviro os olhos e cruzo os braços.

— Obrigada, mas é fácil dar a impressão de cantar bem quando a gente tá cantando junto com outra voz. Se você me ouvir só com a música, provavelmente vai querer tapar os ouvidos.

Me debruçando para a frente, acrescento:

— Como é que eu virei o assunto da conversa, afinal? — Aperto os olhos de brincadeira para ele. — É de você que a gente deveria falar, como aprendeu a

cantar assim?

— Influências, acho — ele diz — Mas ninguém canta como Jagger.

— Ah, eu discordo — digo, erguendo o queixo. — Por que, Jagger é teu ídolo musical ou algo assim? — pergunto, meio de brincadeira, e ele sorri calorosamente.

— Ele tá ali, entre as minhas influências, mas, não, meu ídolo musical é um pouco mais velho do que ele.

Há algo secreto e profundo se escondendo nos olhos dele.

— Quem? — pergunto, completamente absorta.

Sem avisar, Andrew salta para a frente e me segura pela cintura, me pondo no seu colo, de frente para ele. Fico um pouco chocada, mas sem repelir o gesto. Ele me olha nos olhos, sentada ali no seu colo.

— Camryn?

Sorrio para ele, só imaginando por que está fazendo isso.

— Que é? — Inclino a cabeça para um lado devagar; minhas mãos estão sobre o peito dele.

Um pensamento parece relampear pelo seu rosto e ele não responde.

— Que foi? — pergunto, mais curiosa agora.

Sinto suas mãos na minha cintura, e então ele se curva e roça os lábios nos meus.

Meus olhos se fecham, absorvendo o seu toque. Sinto que poderia beijá-lo, mas não sei ao certo se devo.

Meus olhos se abrem de novo quando ele afasta os lábios.

— O que você tem, Andrew?

Ele sorri, e isso literalmente me aquece por dentro.

— Nada — diz, batendo delicadamente com as mãos abertas nas minhas coxas, e voltando num instante a ser o Andrew brincalhão e não tão sério. — Só queria te pôr no meu colo. — Ele sorri maliciosamente.

Começo a rebolar para me desvencilhar — não de verdade — e ele passa os braços na minha cintura e me segura ali. A única vez que me tira do colo o resto da noite é quando preciso ir ao banheiro, e ele fica de pé na porta, esperando por mim. Ficamos no Old Point ouvindo Eddie e a banda tocar blues e blues rocke e até algumas canções de jazz antigo antes de voltar para o hotel, depois das 23h.

DE VOLTA AO HOTEL, Andrew fica no meu quarto tempo suficiente para assistir a um filme. Conversamos por muito tempo e pude sentir a relutância entre nós dois: ele queria me dizer algo, tanto quanto eu queria lhe dizer coisas.

Acho que somos parecidos demais, e por isso, nenhum dos dois cruzou essa fronteira.

O que nos impede? Talvez seja eu; talvez o que existe entre nós não possa seguir adiante até que ele se dê conta de que eu sei que é isso que quero. Ou pode ser apenas que ele também não tenha certeza de nada.

Mas como duas pessoas que sentem inegavelmente mais do que atração uma pela outra podem não ceder? Estamos juntos na estrada há quase duas semanas.

Compartilhamos segredos íntimos e ficamos íntimos, sob certos aspectos. Dormimos lado a lado e nos tocamos, no entanto, aqui estamos, de lados opostos de uma grossa parede de vidro. Estendemos as mãos e encostamos os dedos no vidro, olhamos nos olhos um do outro e sabemos o que queremos, mas a porra do vidro não cede. Ou isso é uma disciplina inviolável, ou é tortura autoimposta, pura e simples.

— Não que eu esteja com pressa de ir embora — digo quando Andrew se prepara para voltar ao seu quarto —, mas quanto tempo a gente vai ficar em Nova Orleans?

Ele pega o celular do criado-mudo e olha rapidamente para a tela, antes de fechar a mão sobre ele.

— Os quartos estão pagos até quinta — ele diz —, mas você que sabe; a gente pode ir embora amanhã ou ficar mais, se você quiser.

Estufo os lábios, sorrindo, fingindo ponderar profundamente a decisão, batendo o indicador na bochecha.

— Não sei — declaro, me levantando da cama. — Até que gosto daqui, mas a gente ainda precisa ir pro Texas.

Andrew me olha, curioso.

— É? Então ainda tá a fim de ir pro Texas, hein?

Balanço a cabeça devagar, ponderando de verdade, desta vez.

— É — respondo, distante —, acho que tô. Comecei querendo ir pro Texas... — E então as palavras talvez tudo vá terminar no Texas entram na minha mente e meu rosto fica triste de repente.

Andrew beija minha testa e sorri.

— A gente se vê de manhã.

E eu o deixo ir, porque aquela parede de vidro é grossa e me intimida demais para que eu o alcance e o segure.

Horas depois, nas trevas da alta madrugada, quando a maioria das pessoas está dormindo, acordo de repente e me sento no meio da cama. Não sei bem o que me acordou, mas parece ter sido um barulho alto. Quando minha mente clareia, corro os olhos pelo quarto escuro como breu, esperando meus olhos se ajustarem à escuridão e verificando se alguma coisa caiu no chão. Me levanto e ando pelo quarto, abrindo só uma fresta das cortinas para deixar entrar mais luz. Olho para o banheiro, a TV e finalmente a parede. Andrew. Agora começo a entender: acho que o barulho que ouvi veio do quarto dele, bem atrás da minha cabeça.

Visto meu short branco de algodão por cima da calcinha, pego minha chave-cartão e a cópia que ele me deu, do seu quarto, e ando descalça pelo corredor iluminado.

Levanto a mão fechada e bato à porta, primeiro de leve.

— Andrew?

Nenhuma resposta.

Bato novamente com um pouco mais de força e o chamo, mas não chega nenhuma resposta. Depois de uma pausa, passo a cópia da chave na porta e a abro silenciosamente, para o caso de ele estar dormindo.

Andrew está sentado na beira da cama com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos juntas, no meio das pernas. Suas costas estão curvadas para a frente em arco, e sua cabeça, tão baixa que ele só pode estar olhando para o chão acarpetado.

Olho para a minha direita e vejo seu celular no chão, com o vidro quebrado. Entendo imediatamente que ele deve tê-lo jogado contra a parede.

— Andrew? O que foi? — pergunto, me aproximando devagar, não porque tenha medo dele, mas porque tenho medo por ele.

As cortinas estão totalmente abertas, deixando o luar entrar e inundar o quarto todo e o corpo seminu de Andrew com um brilho cinza-azulado. Ele está usando só uma cueca boxer. Me aproximo dele e corro as mãos pelos seus braços até as mãos, fechando delicadamente meus dedos sobre elas.

— Pode me contar — digo, mas já sei o que é.

Ele não me olha, mas fecha as mãos sobre meus dedos.

Meu coração está se partindo...

Me aproximo mais, ficando no meio de suas pernas, e ele não hesita em abraçar apertado o meu corpo. Sentindo meu peito tremer quando absorvo a dor dele, passo os braços ao redor de sua cabeça e a puxo para a minha barriga.

— Eu sinto muito, amor — digo com voz trêmula; lágrimas correm pelo meu rosto, mas tento manter a compostura como posso. Seguro sua cabeça delicadamente e ele aperta mais a testa contra o meu ventre. — Tô aqui, Andrew — digo com cuidado.

E ele chora baixinho encostado em mim. Não emite um som, mas sinto seu corpo tremendo suavemente contra o meu. Seu pai morreu e ele está se permitindo lamentar, como deveria. Andrew me segura assim por um tempo enorme, seus braços me apertando com força quando as piores ondas de dor o atravessam, e eu o abraço mais, com as mãos mergulhadas no seu cabelo.

Finalmente, ele levanta a cabeça e olha para mim. Tudo o que quero é tirar aquela dor do seu rosto. No momento, é a única coisa que me importa no mundo. Só quero fazer essa dor passar.

Andrew me puxa para a cama com ele pela cintura e me abraça ali, com seus braços rijos e toda a extensão da parte de trás do meu corpo apertada contra a frente do dele.

Mais uma hora passa e vejo a lua ir de um lugar a outro no céu. Andrew não diz uma palavra, e não quero puxar assunto porque sei que ele precisa deste momento, e se nenhum dos dois nunca mais falar, posso aceitar, contanto que fiquemos assim.

Duas pessoas incapazes de chorar finalmente choram juntas, e se o mundo acabasse hoje, estaríamos realizados.

O primeiro sol da manhã começa a afugentar o luar, e, por algum tempo, os dois estão escondidos na mesma grande extensão do céu, de forma que nenhum dos dois domina o outro. A atmosfera está banhada em violeta-escuro e cinza com manchas rosa, até que o sol finalmente prevalece e acorda o nosso lado do mundo.

Rolo para o outro lado, ficando de frente para Andrew. Ele também ainda está acordado. Sorrio suavemente, e ele é receptivo quando me curvo para beijar seus lábios com delicadeza. Ele roça minha face com as costas da mão e então toca a minha boca, seu polegar mal encostando no meio do meu lábio inferior antes de se afastar. Me aproximo e ele aperta a minha mão, segurando-a no meio de nossos corpos colados.

Seus lindos olhos verdes sorriem para mim com ternura, e então ele solta a minha mão e passa o braço na minha cintura, me puxando tão para perto que posso sentir o calor do seu hálito no meu queixo quando ele respira.

Sei que ele não quer falar do pai, e mencioná-lo pode estragar este momento, por isso evito. Por mais que eu queira e por mais que eu ache que ele precisa falar a respeito para ajudar no seu luto, vou esperar. Ele precisa de tempo.

Levanto minha mão livre e passo o dedo pelo contorno da tatuagem no seu braço direito. E então meus dedos correm delicadamente para suas costelas.

— Posso ver? — sussurro.

Ele sabe que estou falando da tatuagem de Eurídice no lado esquerdo do seu corpo, que ainda está por baixo, encostado na cama.

Andrew me olha, mas seu rosto é indecifrável. Seus olhos vagam por um longo momento antes que ele se levante da cama e se vire para o outro lado, deixando a tatuagem visível. Ele se deita de lado, como antes, e me puxa um pouco mais para perto, tirando depois o braço de cima das costelas. Ergo o corpo para ver melhor e corro os dedos pelo desenho intrincado, que é tão bonito e realístico. A cabeça da mulher começa uns 5 centímetros abaixo do braço de Andrew, e seus pés descalços chegam ao meio da anca escultural, alguns centímetros sobre a barriga dele. Ela está vestindo uma túnica branca longa, esvoaçante e translúcida, colada ao corpo como se um vento forte estivesse soprando. Ondas do tecido esvoaçam para trás e ao redor dela no vento invisível.

Ela está de pé num rochedo, olhando para baixo com um braço erguido delicadamente para trás.

Mas aí o desenho fica esquisito.

Eurídice está com o outro braço esticado, mas a tinta termina no seu cotovelo. Outro braço foi acrescentado do outro lado, mas não é dela; parece ser de outra pessoa, é mais másculo. Partes do tecido também aparecem fora de lugar na imagem, sopradas pelo vento, como a roupa dela. E logo abaixo, apoiado no mesmo rochedo, está um pé com uma panturrilha musculosa, mas a tinta acaba logo abaixo do joelho.

Corro os dedos sobre cada centímetro da tatuagem, hipnotizada por sua beleza, mas ao mesmo tempo tentando entender sua complexidade, e por que estão faltando partes.

Olho para Andrew e ele diz:

— Você me perguntou ontem quem é meu ídolo musical, e a resposta é Orfeu; meio esquisito, eu sei, mas sempre adorei a história de Orfeu e Eurídice, especialmente a versão contada por Apolônio de Rodes, e ela meio que ficou dentro de mim.

Sorrio suavemente e olho mais uma vez para a tatuagem; meus dedos ainda estão sobre suas costelas.

— Já ouvi falar de Orfeu, mas não de Eurídice. — Sinto um pouco de vergonha por não conhecer a história deles, especialmente porque ela parece ser tão importante para Andrew.

Ele começa a explicar:

— A habilidade musical de Orfeu era incomparável, por ele ser filho de uma

musa, e quando ele tocava sua lira ou cantava, todo ser vivo parava para ouvir. Não havia músico melhor do que ele, mas seu amor por Eurídice era até mais forte do que seu talento; Orfeu faria qualquer coisa por ela. Eles se casaram, mas logo depois do casamento, Eurídice foi picada por uma víbora e morreu. Arrasado pela dor, Orfeu desceu ao inferno, determinado a trazê-la de volta.

Enquanto Andrew conta essa história, não consigo deixar de ser egoísta e me imaginar no lugar de Eurídice. Com Andrew no lugar de Orfeu. Até comparo com aquele momento bobinho no pasto, naquela noite com Andrew, quando a cobra subiu no nosso cobertor.

Tão egoísta e idiota da minha parte pensar assim, mas não consigo evitar...

— No inferno, Orfeu tocou sua lira e cantou, e todos ali ficaram encantados com ele e se ajoelharam de tanta emoção. E assim, deixaram Eurídice aos cuidados de Orfeu, mas somente com uma condição: Orfeu não podia olhar para trás para Eurídice nem por um momento enquanto voltavam para a superfície do mundo. — Andrew faz uma pausa. — Mas a caminho da superfície, ele não conseguiu vencer esse desejo, essa necessidade de se virar para se certificar de que Eurídice ainda estava atrás dele.

— Ele olhou pra trás — digo.

Andrew balança a cabeça tristemente.

— Sim, olhou um momento antes do que deveria e viu Eurídice na luz fraca do alto da caverna. Eles estenderam as mãos um para o outro, e antes que pudessem se tocar, ela desapareceu na escuridão do inferno e ele nunca mais a viu.

Engulo minhas emoções e fico olhando para o rosto de Andrew, arrebatada. Ele não está me olhando, mas parece perdido em pensamentos, olhando além de mim.

E então ele sai do transe.

— Muita gente faz tatuagens profundas, cheias de significado — ele diz, me olhando de novo. — Esta é só a minha.

Olho para a tatuagem de novo e depois para os seus olhos, lembrando uma coisa que seu pai disse naquela noite em Wyoming.

— Andrew, o que teu pai quis dizer quando falou aquilo no hospital?

Seus olhos se abrandam e ele desvia o olhar por um instante. Depois abaixa o braço e segura a minha mão, passando o polegar pelos meus dedos.

— Você escutou? — pergunta, sorrindo tranquilamente.

— É, escutei.

Andrew beija meus dedos e solta a minha mão.

— Ele ficava me enchendo com isso — diz. — Fiz a tatuagem, contei pro Aidan o que ela significava e por que não tava tecnicamente completa, e aí ele contou pro papai. — Andrew revira os olhos. — Nunca mais me deixaram em paz, pode ter certeza. Nos últimos dois anos, meu pai tirou muito sarro de mim, mas eu sei que ele só tava sendo ele mesmo: o cara fortão que não chora e não acredita em emoções. Mas uma vez ele me falou, quando Aidan e Asher não tavam perto, que por mais “florzinha” que fosse o significado da minha tatuagem, ele entendia. Papai me falou assim (Andrew gira harmoniosamente os dedos no ar): “Filho, espero que você ache sua Eurídice um dia.

Contanto que ela não te faça virar um maricas, espero que você ache.”

Tento conter um sorrisinho, mas ele vê e sorri também.

— Mas por que tá incompleta? — pergunto, olhando-a de novo, tirando seu braço de cima. — E o que ela significa exatamente?

Andrew suspira, embora soubesse o tempo todo que eu ia fazer essas perguntas. Fico com a sensação de que ele estava torcendo para que eu deixasse passar batido.

Sem chance.

De repente, Andrew se levanta da cama e me faz sentar com ele. Fecha os dedos na barra do meu top e começa a tirá-lo do meu corpo. Sem questionar, ergo os braços enquanto ele tira minha camiseta, e fico nua da cintura para cima diante dele. Só uma pequena parte de mim se sente constrangida, e instintivamente meu ombro se encolhe, como que para cobrir minha nudez com sua sombra.

Andrew me faz deitar de novo e me puxa tão para perto que meus seios nus ficam esmagados entre nossos corpos. Guiando meus braços ao redor de si como os seus estão ao meu redor, ele me abraça mais apertado, enroscando nossas pernas nuas. Nossas costelas estão se tocando, meu corpo encaixado no dele como duas peças de um quebra-cabeça.

E de repente começo a entender...

— Minha Eurídice é só metade da tatuagem — ele diz, e seus olhos descem para o lugar da tatuagem em relação ao meu corpo ao seu lado. — Pensei que um dia, se me casasse, minha garota podia fazer a outra metade e unir os dois.

Meu coração está na garganta. Tento engoli-lo de volta, mas está preso ali, inchado e quente.

— Mas é loucura, eu sei — ele diz, e sinto seus braços começando a me soltar.

Eu o aperto mais forte, segurando-o ali.

— Não é loucura — digo, minha voz grave e séria. — E não é coisa de florzinha; Andrew, é lindo. Você é lindo...

Uma emoção solitária que não consigo identificar cruza o seu rosto.

Então ele se levanta, e relutantemente eu permito.

Ele pega a bermuda de lona marrom-escuro do chão perto da cama e a veste.

Ainda um pouco atordoada pela rapidez com que ele se levantou e por que, levo um momento mais antes de vestir meu top de novo.

— Bom, acho que talvez meu pai é que tava certo — ele diz, de pé diante da janela, olhando para a cidade de Nova Orleans lá embaixo. — Ele sabia das coisas e usava aquele papo furado de homem-não-chora pra disfarçar.

— Pra disfarçar o quê?

Chego perto dele por trás, mas desta vez não o toco. Andrew está inatingível, no sentido de que estou começando a achar que ele não me quer aqui. Não é desinteresse nem diminuição da atração, mas alguma outra coisa...

Ele responde sem se virar:

— Que nada dura pra sempre. — Ele hesita, ainda olhando pela janela, com os braços cruzados sobre o peito. — É melhor evitar a emoção do que cair na conversa dela e virar escravo dela, e como nada dura pra sempre, no fim, tudo o que um dia foi bom sempre acaba doendo pra cacete.

Suas palavras me cortam como facas.

Toda parte de mim que foi mudada durante meu tempo com Andrew e todas as muralhas que derrubei por ele acabam de se erguer de novo ao meu redor.

Porque ele está certo e eu sei que ele está certo, porra.

Foi essa lógica que me impediu de entrar totalmente no mundo dele todo esse tempo.

E em questão de segundos, a verdade de suas palavras me deixou novamente submissa a essa lógica.

Decido não pensar nisso. Há um problema bem mais importante que o meu, agora, então me esforço para não tratá-lo diferente.

— Você... precisa ir ao enterro do seu pai, então...

Andrew vira o corpo, com os olhos cheios de determinação.

— Não, eu não vou pro enterro.

Ele veste uma camiseta limpa sobre seus músculos abdominais.

— Mas, Andrew... você tem que ir. — Minhas sobranceiras se juntam na minha testa.

— Você nunca vai se perdoar se perder o enterro.

Vejo seu maxilar se movendo como se ele estivesse rangendo os dentes. Ele desvia o olhar e se senta no pé da cama, se curvando e enfiando os pés sem meias em suas sapatilhas baixas de corrida, sem se dar ao trabalho de soltar o cadarço.

Ele fica de pé.

Só posso ficar ali no meio do quarto, incrédula. Sinto que deveria saber o que dizer para fazê-lo mudar de ideia sobre o funeral, mas meu coração me diz que essa é uma discussão que não vou ganhar.

— Preciso fazer uma coisa — ele diz, enfiando a chave do carro no bolso da bermuda.

— Volto logo, tá?

Antes que eu possa responder, ele se aproxima, segura minha cabeça com as duas mãos e se curva, encostando a testa na minha. Eu só o olho nos olhos, vendo tanta dor, conflito e indecisão no meio de uma tempestade de outras coisas que não consigo nem começar a identificar.

— Você vai ficar bem? — ele pergunta baixinho, com o rosto a centímetros do meu.

Eu me afasto, olho para ele e balanço a cabeça.

— Vou, sim — digo.

Mas é só o que consigo dizer. Estou tão dividida e indecisa quanto ele parece estar.

Mas também estou sofrendo. Sinto que algo está acontecendo entre nós, mas está nos afastando, não nos aproximando, como toda a viagem nos aproximou até agora. E isso me assusta.

Eu entendo a lógica. Minhas muralhas estão erguidas de novo. Mas isso me assusta mais do que qualquer coisa que já vivi.

Andrew me deixa parada ali, olhando-o sair do quarto.

É a primeira vez, desde que voltou para me salvar naquela rodoviária, que ele me deixa. Estivemos juntos, praticamente inseparáveis, todo esse tempo, e agora... assim que ele saiu por aquela porta, senti que nunca mais vou vê-lo.

ANDREW

— TÁ COMEÇANDO CEDO, NÃO? — diz o garçom, ao deslizar a bebida pelo balcão até minha mão.

— Se vocês estão abertos e servindo bebidas já, então não é cedo.

Já são três da tarde. Deixei Camryn sozinha hoje logo de manhã, bem antes das oito horas. Meio estranho estarmos nesta viagem juntos há tanto tempo e nenhum dos dois ter pensado ou querido trocar números de telefone. Acho que não importava muito, já que estávamos sempre juntos. Tenho certeza de que a esta altura ela já deve ter se perguntado se vou voltar, talvez lamentando não ter meu telefone para descobrir se estou bem — o vidro do celular está quebrado, mas o aparelho ainda funciona. Mas começo a desejar que não estivesse funcionando, porque Asher e minha mãe já tentaram ligar dezenas de vezes.

Pretendo voltar para o hotel, mas decidi que vai ser só para pegar o violão de Aidan no quarto e deixar uma passagem de avião para Camryn sobre a minha cama. O quarto está pago por mais dois dias, portanto, ela vai ficar bem. Vou deixar dinheiro para o táxi até o aeroporto também. É o mínimo que posso fazer. Fui eu que a convenci a entrar nessa comigo. Sou eu que vou garantir que sua volta para casa esteja totalmente paga, e que não vai ser de ônibus, desta vez.

Isto acaba hoje.

Eu nunca deveria ter deixado chegar tão longe, mas estava iludido e cego por meus sentimentos dolorosamente proibidos por ela. Mas acho que ela vai ficar bem; não dormimos juntos e ninguém disse aquelas três palavras malditas que com certeza tornariam as coisas mais complicadas, então, sim... acho que ela vai ficar bem.

Afinal, ela nunca cedeu para mim. Basicamente, deixei a opção clara para ela: Se você me deixasse transar com você, teria que me deixar possuí-la de corpo e alma.. Se isso não é um convite descarado, então não sei o que é. Não muito romântico, mas é o que é.

Pago minha bebida e saio do bar. Eu só precisava de alguma coisa pra me acalmar um pouco. Se bem que pra me acalmar o quanto preciso no momento, só se eu tomasse a porra da garrafa toda. Enfio as mãos nos bolsos e ando toda a Bourbon Street, depois a Canal Street, e acabo indo parar em ruas das quais nem lembro o nome, ao passar pelas placas. Ando uma eternidade, pra todo lado, de forma bem parecida com a da minha viagem esporádica com Camryn, sem direção nem propósito. Eu simplesmente vou.

Acho que não estou tentando matar o tempo para que a noite caia e eu possa sair de fininho enquanto ela dorme, mas sim matando tempo na esperança de que ela mude de ideia. Não quero deixar Camryn, mas sei que preciso.

Acabo indo parar no Woldenberg Riverfront Park e fico sentado à margem do

Mississippi, olhando os navios e o ferry indo e voltando de Algiers. A noite cai. E por um tempo enorme, minha única companhia é uma estátua de Malcolm Woldenberg, até que duas garotas, obviamente turistas, a julgar pelas camisetas que dizem “Eu Amo Nova Orleans”, se aproximam.

A loura sorri timidamente pra mim, enquanto a de cabelos castanhos parte pro ataque.

— Vai pra alguma balada hoje? — Ela inclina a cabeça para um lado, olhando para mim. — Eu sou Leah, esta é Amy.

A loura, “Amy”, sorri para mim de um jeito que sei que eu só precisaria pedir pra ela dar pra mim, e ela daria.

Faço um gesto com a cabeça, tentando ser educado, mas não digo o meu nome.

— E então? Vai pra balada hoje à noite ou não vai? — A de cabelo castanho insiste, sentando ao meu lado na calçada.

Já esqueci os nomes das duas.

— Não, não vou — digo, e deixo por isso mesmo.

A loura se senta do meu outro lado, encolhendo as pernas e fazendo seu short subir muito por suas coxas nuas.

Camryn fica melhor num short assim.

Só balanço a cabeça e volto a olhar para o Mississippi.

— Você devia vir com a gente — diz a de cabelo castanho. — Vai rolar muita coisa legal lá no d.b.a., e você parece bem entediado.

Olho de relance para ela. É bem gostosa, como a loura, mas quanto mais ela fala, mais broxante eu acho. Só consigo pensar em Camryn. Aquela garota feriu minha alma.

Nunca mais vai cicatrizar.

Olho para as pernas da garota de cabelo castanho e depois para os seus lábios se movendo quando ela diz:

— A gente quer muito que você vá, vai ser divertido.

Eu poderia... se estou indo embora e pretendo nunca mais ver Camryn, talvez devesse sair com estas duas, arranjar um quarto e comê-las. Tenho certeza, pelo jeito que as coisas estão evoluindo, que as duas transariam na minha frente. Já passei por isso algumas vezes, e é algo que não cansa nunca.

— Sei lá — digo. — Eu tava esperando alguém.

Não faço ideia do que estou dizendo, nem por que estou dizendo.

A garota de cabelo castanho se inclina e coloca a mão na minha coxa.

— A gente é companhia melhor — ela diz num sussurro tórrido, com todas as nuances óbvias de uma garota que teve muitas e muitas transas de uma noite só.

Tiro a mão dela de cima de mim e fico de pé, enfio novamente as mãos nos bolsos e vou embora. Em qualquer outro momento, eu poderia topar, mas hoje não.

É, provavelmente minha alma está ferida de forma incurável. Preciso sair desta cidade.

Enquanto me afasto das duas garotas sem dizer nada, ouço suas vozes fluando no ar atrás de mim. Estou pouco me fodendo pro que elas dizem ou o quanto se sentiram rejeitadas.

Daqui a uma hora estarão sentadas no pau de outro cara e vão esquecer que falaram comigo.

Já passa da meia-noite, agora. Parei num café com acesso à internet e comprei a passagem de avião de Camryn para a Carolina do Norte, depois passei num caixa eletrônico e saquei dinheiro mais do que suficiente para pagar a corrida de táxi dela até o aeroporto, e do aeroporto para sua casa na Carolina do Norte.

A caminho do saguão do nosso hotel, peço um envelope, uma folha de papel e algo para escrever para a recepcionista, me sento num sofá no saguão e escrevo um bilhete para Camryn:

Camryn,

desculpa ter ido embora desse jeito, mas sei que eu não ia conseguir dizer adeus cara a cara. Espero que você se lembre de mim, mas se me esquecer for mais fácil, aceito isso também.

Nunca se limite, Camryn Bennett; tenha certeza do que quer na vida, diga o que sente e nunca tenha medo de ser você mesma. Foda-se o que os outros pensam. Você está vivendo pra você, não pra eles.

O código abaixo é o que você precisa informar no aeroporto pra pegar seu avião pra casa. Você só precisa da identidade. O avião parte amanhã de manhã. O dinheiro é pro táxi.

Obrigado pelas melhores duas semanas da minha vida e por estar ao meu lado quando mais precisei de você.

-Andrew Parrish

KYYBPR

Leio o bilhete cinco vezes antes de me dar por satisfeito, e finalmente dobro o papel e coloco junto com o dinheiro, dentro do envelope.

Vou até o elevador. O último obstáculo é sair de fininho sem que Camryn fique sabendo. Espero que ela ainda esteja dormindo. Por favor, faça Camryn estar dormindo.

Consgo ir embora se não precisar vê-la, mas se ela me vir... Não. Tenho que ser capaz de fazer isso de qualquer jeito.

E vou fazer.

Saio do elevador no nosso andar e ando por um corredor longo e iluminado, passando por vários quartos. Ver os nossos logo à frente revira o meu estômago de nervoso. Passo em silêncio; temo que o barulho dos meus passos possa ser o suficiente para avisá-la de que estou aqui. Tem um aviso de NÃO PERTURBE na maçaneta do quarto dela, e não sei por que, mas vê-lo faz meu estômago se embrulhar todo. Talvez porque a única vez que pendurei um aviso desses na maçaneta de um quarto de hotel foi quando eu estava lá dentro, transando. A ideia de Camryn sendo comida por outro cara...

Cerro os dentes e passo pela sua porta. Dá pra ser mais neuroticamente patético? Ela nem é minha e eu acabo de ser estuprado por uma reação de ciúme louco.

Quanto antes eu for embora de Nova Orleans, melhor.

Passo minha chave-cartão na porta e entro no quarto. Está exatamente do jeito que eu deixei: as roupas jogadas perto das mochilas e o violão de Aidan apoiado na parede, sob o abajur. Ando pelo quarto recolhendo as coisas e tenho um momento ah, é quando percebo que ia esquecer meus carregadores plugados na parede se não os tivesse visto ao passar. Tiro todos da tomada e os enfio junto com minhas roupas na mochila. Por último, corro para o banheiro para pegar minha escova de dentes na pia.

Camryn está parada na porta quando volto.

CAMRYN

— ANDREW, VOCÊ TÁ BEM? — Olho para ele de lado, cruzando os braços, enquanto a porta se fecha suavemente atrás de mim com um estalo.

Estava tão preocupada com ele... preocupada porque temia que ele fosse embora sem se despedir, mas mais preocupada por causa do seu estado psicológico quando saiu.

Porque seu pai tinha acabado de morrer.

Prendo o fôlego em silêncio e Andrew passa por mim, indo até suas mochilas no pé da cama.

Por que ele não quer falar comigo?

Olho para as mochilas de novo e entendo na hora o que ele está fazendo. Descruzo os braços e me aproximo dele.

— Por favor, fala comigo — digo delicadamente. — Andrew, você me deu um baita susto. — Ele enfia a escova de dentes na mochila, ainda de costas para mim. — Se você precisa ir pro enterro, tudo bem. Posso voltar pra casa. Talvez a gente possa se falar...

Andrew se vira.

— A questão não é o enterro nem meu pai, Camryn — ele diz, e suas palavras me ferem, mesmo sem saber o significado por trás delas.

— O que é, então?

Ele me dá as costas de novo, fingindo mexer numa das mochilas, embora eu saiba que é só para despistar. Vejo um envelope no bolso de trás de sua calça. Está escrito RYN na frente; imagino que seja meu nome parcialmente encoberto pela aba do bolso.

Estendo a mão e pego o envelope.

Andrew se vira e seu semblante murcha.

— Camryn... — Ele dá um suspiro triste e olha rapidamente para o chão.

— O que é isto? — pergunto, olhando para o meu nome.

Já estou abrindo a aba do envelope com o dedo.

Andrew não responde; fica parado ali, esperando que eu leia o bilhete, porque sabe que vou ler mesmo.

Ele quer que eu leia.

Vejo o dinheiro e o deixo no envelope, sem tocá-lo, e ponho o envelope no pé da cama. Só me importa o bilhete que tenho nas mãos e que já está esmagando meu

coração, e ainda nem o li. Olho para Andrew e para o bilhete algumas vezes antes de desdobrá-lo.

Minhas mãos estão tremendo.

Por que minhas mãos estão tremendo?

E quando leio, um nó quente se aloja no meio da minha garganta. Meus olhos estão ardendo de raiva, mágoa e lágrimas.

— Gata, você sabia que uma hora esta viagem ia terminar.

— Não me chama de gata — digo bruscamente, apertando o bilhete, agora com a mão junto ao corpo. — Se você vai embora, não tem mais esse direito.

— Tudo bem.

Olho para ele intensamente de novo, com o meu semblante cheio de dor, perguntas e confusão. Por que estou tão furiosa, tão magoada? Andrew está certo: uma hora tinha que terminar, mas por que estou permitindo que isso me afete tanto?

Lágrimas começam a correr dos meus olhos. Não consigo mais contê-las, mas quero morrer seca se vou chorar feito um bebê. Só olho para ele, meu rosto duro e consumido pela dor e ira. Minhas mãos estão fechadas com força ao lado do corpo, e a parte de cima do bilhete de Andrew está esmagada no meu punho.

— Se você estivesse indo embora desse jeito por causa do teu pai, porque precisa ficar sozinho, e fosse o teu telefone no fim do bilhete, em vez de um código de passagem, eu poderia entender. — Levanto o bilhete amassado diante do meu rosto e deixo o braço cair novamente. — Mas ir embora por minha causa e fingir que nada aconteceu entre a gente... Andrew, isso magoa. Magoa, porra.

Vejo o maxilar dele tremer.

— Quem foi que disse que consigo fingir que nada aconteceu? — Ele lança as palavras como setas, claramente irritado pelas minhas. Largando a alça da mochila, se afasta da cama e vem até mim. — Eu nunca vou conseguir esquecer nada, Camryn! Por isso não consegui encarar você! — Andrew corta o ar entre nós com as mãos.

Dou um passo para trás, me afastando dele. Não consigo aceitar isso. Meu coração dói demais. E estou puta da vida por não conseguir parar de chorar. Olho para o bilhete na minha mão, depois de novo para Andrew e finalmente dou a volta nele e deixo o bilhete em cima da cama, ao lado do envelope e do dinheiro.

— Tá. Vai embora, então. Mas eu vou pagar minha viagem.

Enxugo os olhos e ando até a porta.

— Continua com medo — ele diz alto atrás de mim.

Eu me viro.

— Você não sabe porra nenhuma! — E em seguida abro a porta com um empurrão, jogo a cópia da chave dele no chão e volto para o meu quarto.

Eu ando pra lá. E pra cá. E pra lá. Quero esmurrar a parede ou rasgar alguma coisa, mas acabo me contentando em chorar feito um bebê.

Andrew irrompe no meu quarto, jogando a porta com força contra a parede ao entrar.

Ele me segura pelos braços, afundando os dedos nos meus músculos.

— Por que ainda tá com medo?! — Lágrimas enchem seus olhos: lágrimas furiosas de dor. Ele me sacode. — DIZ O QUE VOCÊ TÁ SENTINDO!

Sua voz tonitruante enrijece meu corpo por um momento, mas me desvencilho dele.

Estou tão confusa. Sei o que quero dizer. Não quero que Andrew vá embora, mas...

— Camryn! — Seu rosto está cheio de ira e desespero. — Diz o que você tá sentindo, seja o que for! Não me importa se é perigoso, idiota, doloroso ou ridículo. ME CONTA O

QUE VOCÊ TÁ SENTINDO! — Sua voz me apunhala.

Ele não para:

— Seja honesta comigo. Seja honesta com você mesma! — Suas mãos gesticulam na minha direção. — CAMR...

— Eu quero você, porra! — grito para ele. — A ideia de você ir embora e nunca mais te ver me-rasga-por-dentro! — Minha garganta arde como se estivesse em chamas. — Não consigo respirar sem você, caralho!

— FALA! Putaquepariu — ele diz, exasperado —, fala de uma vez!

— Eu quero que você me possua de corpo e alma! — Mal consigo ficar de pé, a essa altura. Soluços agitam meu corpo todo. Meus olhos ardem e meu coração dói como jamais doeu antes.

Andrew me agarra, juntando meus pulsos nas minhas costas com uma das mãos. Ele puxa minhas costas com força para o seu peito.

— Repete, Camryn — ele ordena, o calor do seu hálito banhando o lado do meu pescoço, fazendo calafrios correrem por meus membros. Sinto seus dentes roçarem a pele logo abaixo da minha orelha. — Repete, porra. — Sua mão aperta dolorosamente meus pulsos.

— Eu te pertence, Andrew Parrish... quero ser sua propriedade...

Andrew fecha os dedos da outra mão com força ao redor do meu cabelo, puxando meu pescoço para trás e expondo minha garganta. Ele morde meu queixo e segue descendo pelo meu pescoço. Sinto seu pau fazendo pressão em mim por trás, através da barreira das nossas roupas.

— Por favor... — murmuro —, não me solta...

Com minhas costas ainda apertadas contra seu corpo rijo e segurando meus pulsos com uma mão, ele enfia os dedos dentro do meu short e da calcinha e arranca tudo. Ele me força a ir até a cama, onde meus joelhos pressionam o colchão, e ergue meus braços acima da cabeça, tirando meu top.

Não olho para trás quando percebo que ele está tirando os sapatos e a roupa. Só vou me mexer quando ele permitir.

Seus músculos abdominais duros como pedra pressionam com força minhas costas.

Sinto suas mãos quentes deslizando por minha cintura nua; uma mão subindo para apertar completamente um seio, a outra entrando no meio das minhas pernas. Meu pescoço cai para trás de novo contra o peito de Andrew quando ele enfia um dedo nos meus lábios latejantes lá embaixo e me dedilha com ele. Gemo, jogando a cabeça mais para trás, para alcançar sua boca. Sua língua serpenteia em direção à minha; o calor carnudo e úmido dela me enlouquece. Ele esmaga seus lábios contra os meus e me beija vorazmente, a ponto de nenhum dos dois conseguir respirar. E então ele me força para a frente, para cima da cama. Minhas mãos afundam nos lençóis, meus dedos se fechando sobre o tecido, até que ele joga todo o seu corpo nas minhas costas e meus braços já não conseguem segurar meu corpo. Ele agarra meus pulsos de novo e os puxa para as minhas costas, se apertando contra mim.

— Porra, por favor, me fode, Andrew... por favor — imploro, minha voz tremendo com meu hálito. Digo o que sinto desta vez, sem que ele precise pedir.

E parece tão certo.

Andrew se apoia totalmente em mim; sinto sua ereção forte e persistente. Quero-o tanto dentro de mim, mas ele, propositalmente, não me concede isso, me fazendo sentir que a qualquer momento vai meter em mim, mas sem nunca meter.

Calafrios atacam meu corpo novamente quando sinto a ponta de sua língua traçando uma linha na minha nuca. Um lado do meu rosto está comprimido contra o colchão, o peso duro do seu corpo em cima de mim, impedindo meus movimentos. Mordo o lábio quando os dentes aguçados se fecham nas minhas costas, o suficiente para causar dor, mas sem rasgar a pele. E depois que me morde, ele beija e lambe cada lugar para aliviar a dor residual.

Como se meu peso não fosse nada para ele, Andrew vira meu corpo com uma mão nas minhas costas e me arrasta para o meio da cama. Ele engatinha para o

meio das minhas pernas, abrindo-as com seus joelhos para que eu fique totalmente exposta. Aperta as palmas das mãos na parte de dentro das coxas, forçando minhas pernas a ficarem abertas.

Seus olhos verdes se voltam de relance para o meu rosto e depois para baixo, para o que está aberto diante dele. Andrew me sonda provocativamente, passando o comprimento de um dedo entre meus lábios e em volta do meu clitóris. Gemo e estremeço, me sentindo retorcer por dentro a cada toque. Ele ergue a cabeça de novo, com olhos perigosos e semicerrados, e mete os dedos tão fundo. Minha mão se junta à sua e ele deixa que eu me toque por um momento, antes de se recusar a me dar mais.

Ele me masturba furiosamente agora, tocando cada ponto sensível ao toque que existe, e começo a me contorcer suavemente, minha cabeça fazendo pressão sobre o travesseiro.

E, como se soubesse que vou gozar logo, Andrew retira a mão para me impedir.

Ele engatinha para cima de mim, beijando e lambendo minha pele, das coxas até o pescoço, e segura meus braços acima da cabeça, para que eu não possa alcançá-lo. Seus olhos ferozes estudam a minha boca e então encontram os meus, e ele diz: — Vou te foder com tanta força... Meu Deus, você não faz nem ideia. — Suas palavras abrem um caminho de prazer do meu ouvido até a umidade latejante entre as minhas pernas. Ele morde minha língua e me beija com violência, e respiramos, ofegantes, um na boca do outro, nossos lábios gemendo encostados.

Sua mão direita vai para baixo sem interromper o beijo e ele pega o pau com a mão e o guia até mim, mal colocando a ponta, para me enlouquecer. Jogo os quadris contra ele, tentando forçá-lo a meter mais, beijando-o com mais força e finalmente conseguindo pôr uma mão em sua nuca. Agarro seu cabelo tão forte que sinto que vou arrancá-lo. Ele não liga. Eu também não. Ele gosta de dor tanto quanto eu.

E então, bem lentamente, para que eu possa perceber cada sensação dolorosamente ardente atravessar meu corpo, ele mete tudo dentro de mim. Meu pescoço se dobra para trás sobre o travesseiro, meus lábios se abrem. Eu grito, gemo e choramingo. Meus olhos estão formigando tanto que ficam pesados, e mal consigo abrir as pálpebras. Seu pau parece estar inchando dentro de mim, e minhas coxas tremem contra o seu corpo.

Andrew me fode devagar de início, me forçando a abrir os olhos para ver os seus. Ele prende meu lábio inferior entre os dentes e o puxa, e então contorna todo o seu comprimento com a ponta da língua.

Esmago minha boca contra a dele, empurrando-o com meus quadris e forçando-o a meter mais fundo.

Minhas pernas estão tremendo, agora. Não consigo controlá-las. Ele começa a

me foder mais forte e não consigo mais continuar o beijo. Meu pescoço se ergue do travesseiro de novo, minhas costas começam a se arquear, empurrando meus seios contra ele, que lambe vorazmente meus mamilos. Fecho meus braços e pernas ao redor do seu corpo, enterrando as unhas nas suas costas, sentindo seu suor se formando embaixo delas. Rasgo sua pele. Isso só faz com que ele me foda com mais força.

— Goza comigo — ele sussurra torridamente no meu ouvido e me beija de novo.

Segundos depois, eu gozo. Meu corpo treme e se agita quando sinto minha carne apertando o seu membro.

— Não tira — murmuro, enquanto gozamos juntos. E ele não tira. Um gemido profundo e estremeecedor atravessa o seu peito, e sinto o seu calor jorrando dentro de mim. Aperto minhas pernas na cintura dele até não poder mais, e lentamente deixo que elas se abram. Ele não para de arremeter para dentro de mim, até que seu corpo começa a relaxar.

Ele se deita ao meu lado; seu rosto sobre meu coração, minha perna dobrada sobre sua cintura. E ficamos assim por um tempo, enroscados um no outro, deixando nossa respiração se normalizar e nossos corpos se acalmarem. Mas vinte minutos depois, recomeçamos. E antes que a noite termine e adormecemos nos braços um do outro, ele transou comigo de mais maneiras que todas as que já experimentei.

Na manhã seguinte, enquanto o sol brilha através das cortinas, ele me mostra que não é sempre brutal e agressivo, me acordando com doces beijos. Ele beija cada uma das minhas costelas, e massageia minhas costas e coxas antes de fazer amor comigo suavemente.

Eu poderia morrer nesta cama com ele agora, envolta em seus braços, e nem perceberia que morri.

Andrew me aperta contra o seu corpo em seus braços e beija meu queixo.

— Agora você não pode ir a lugar nenhum — sussurro.

— Eu não queria ir mesmo.

Me viro de frente para ele, enroscando minhas pernas nuas nas suas. Ele encosta sua testa na minha.

— Mas você ia — digo baixinho.

Ele faz que sim.

— É, eu ia porque... — Seus pensamentos se perdem.

— Por quê? — pergunto. — Porque eu tinha medo demais do óbvio?

Sei que deve ser por isso. Eu acho. Eu espero...

Os olhos de Andrew vagam para baixo. Com a ponta do dedo, aliso toda a sua sobrancelha e depois o nariz. Me curvo para a frente só um pouco e beijo seus lábios suavemente.

— Andrew? É por isso?

Meu coração me diz que não é.

Seus olhos começam a sorrir e ele me puxa mais para perto, me apertando mais nos braços e me beijando com força.

— Tem certeza que você quer isso? — ele pergunta, como se não acreditasse que eu poderia desejá-lo dessa forma, o que é totalmente absurdo para mim.

Me esforço para encontrar o significado por trás dos seus pensamentos, mas em vão.

— Por que eu não iria querer? — pergunto. — Andrew, falei a sério: não consigo respirar sem você. Ontem à noite, depois que você ficou o dia todo longe, me sentei na beirada desta cama e fiquei literalmente sem ar. Achei que você já tivesse ido embora e comecei a pensar em como não tinha nem teu telefone e que nunca iria te encontrar...

Ele toca meus lábios com o dedo, me acalmando.

— Tô aqui agora e não vou a lugar algum.

Sorrio languidamente e deito a cabeça no seu peito. Seu queixo está apoiado na minha cabeça. Ouço seu coração batendo e o barulho da respiração que sai do seu nariz num movimento regular e calmo acima de mim. Ficamos assim por horas, mal dizendo uma palavra. Percebo que esse é exatamente o lugar onde eu queria estar desde que falei com ele no ônibus naquele dia.

Infringi todas as regras... Cada. Uma. Delas.

ANDREW

O CORAÇÃO SEMPRE vence a razão. O coração, embora seja imprudente, suicida e masoquista de um jeito só seu, sempre ganha a parada. A razão pode ser a melhor opção, mas agora tô cagando para o que a voz da razão tá me dizendo. Agora só quero viver para o momento.

— Acorda, amor — digo, dando uma palmadinha na bunda de Camryn.

Ela adormeceu nos meus braços de novo depois que acordamos juntos, mais cedo nesta manhã. Acho que talvez eu também tenha adormecido em algum momento, mas desde ontem à noite só penso nela, e se em algum momento cheguei a dormir, nunca vou saber.

Ela geme em protesto e rola na cama para o meu lado, seu corpo enroscado no lençol branco, seu cabelo louro todo embolado, mas mesmo assim sexy pra caramba.

— Ah, vai, amor — ela resmunga, e meu coração bate forte algumas vezes ao ouvi-la me chamando assim —, vamos dormir o dia todo.

Visto minha camiseta, minha bermuda e me sento na cama ao lado dela, me apoiando num braço do outro lado do seu corpo.

Eu me curvo e aperto os lábios na sua testa.

— Quero fazer tudo com você — digo, com um sorriso tão grande que me dou conta de que é constrangedor, mas não me importo. — A gente pode ir pra todo lugar, fazer tudo o que a gente imaginar.

Nunca me senti tão feliz. Não sabia que existia uma felicidade como essa.

Camryn sorri tão docemente para mim, seus olhos azuis brilhando ainda com aquela inocência de quem acaba de acordar. É como se ela estivesse me estudando, tentando me entender, mas gostando de fazer isso.

Camryn estica os dois braços.

— Infelizmente, você vai ter que me carregar pra todo lugar — ela diz.

Eu seguro seus braços e ela ergue o corpo para ficar sentada na cama.

— Bom, pra mim não tem problema — rio. — Eu te carrego numa boa, porra! As pessoas vão olhar, mas e daí... Mas por que preciso te carregar?

Ela me beija no nariz.

— Porque acho que não consigo andar.

A compreensão transforma meu sorriso numa careta diabólica.

Ela começa a se levantar da cama, jogando as pernas para fora, e vejo o desconforto em seu rosto.

— Porra, amor, desculpa mesmo. — Estou sendo sincero, mas não consigo parar de sorrir.

Ela também não, na verdade.

— Não tô dizendo isto pra massagear esse teu ego sexual — Camryn diz —, mas eu nunca tinha sido fodida assim.

Eu rio alto, jogando a cabeça para trás.

— Olha só as coisas que você fala! — digo.

— Ei — ela aponta para mim —, a culpa é toda tua. Foi você que me transformou numa ninfomaniaca boca-suja e pervertida que pelo jeito vai andar torta por uns dias. — Ela mexe a cabeça uma vez para sublinhar esses fatos.

Cuidadosamente, eu a pego em meus braços, as duas pernas por cima de um braço, em vez de levá-la de cavalinho na sua “condição”.

— Desculpa, amor, mas você já era meio boca-suja quando te conheci — digo, sorrindo para o bico que ela está fazendo. — Pervertida? Talvez. Mas isso já tava em você, eu só ajudei a trazer à tona. Agora, ninfomaniaca? Isso significa que você quer meter o tempo todo, mesmo andando torta por uns dias.

Ela arregala os olhos cada vez mais.

— Não, eu tô definitivamente fora de combate, pelo menos até amanhã de manhã.

Beijo a testa dela e a carrego para o banheiro.

— Tudo bem — digo, trocando as brincadeiras por uma expressão mais suave. — Eu não deixaria mesmo. Hoje, Camryn Bennett, você vai ser mimada. E o primeiro item do programa é um banho quente e demorado.

— De espuma? — ela pergunta, fazendo bico e um olhar de Bambi.

Sorriso para ela.

— Sim, de espuma.

Abro as torneiras enquanto ela fica sentada no balcão da pia onde a deixei, nua, ainda por cima.

— Acho que vou ficar te devendo a espuma, gata — aviso, espremendo o que sobrou do frasquinho de amostra de xampu fornecido pelo hotel.

— Quer saber? — Camryn diz, balançando as pernas, com as mãos apoiadas na borda do balcão. — Quase todas as minhas coisas acabaram... minha pasta de dente tá no fim e eu queria sabonete líquido para banho, ou alguma coisa do tipo. — Ela apalpa as pernas nuas. — Tô praticamente com escamas. — Ela faz uma careta.

Mastigando a bochecha por dentro, digo:

— Vou comprar. — Deixando a banheira enchendo de água atrás de mim, me viro para ela e verifico o que ela tem sobre o balcão. Depois vou para o quarto e volto com um lápis minúsculo do hotel e um bloquinho de notas quadrado. — Do que você precisa?

Enquanto Camryn está pensando, escrevo o que ela já falou.

— Pasta de dente, sabonete líquido para banho... — Olho para ela. — É aquele que tem nos banheiros de restaurante, certo?

— Bem, não exatamente — ela diz, e fico tentando não olhar para os peitos dela. — Não é sabonete pra lavar a mão, é... bom, você vai descobrir.

Eu anoto: não é pra lavar a mão.

Olho novamente para ela.

— Tá, o que mais você lembra?

Ela estufa os lábios contemplativamente.

— Xampu e condicionador, de preferência da L'Oréal; vêm em tubos cor-de-rosa, não tem tanta importância, mas nada de xampu+condicionador; deixei os frascos que comprei no último motel. Ah! Me traz também uma garrafinha de óleo Johnson's.

Ergo a sobrancelha, muito interessado.

— Óleo Johnson's? Tá pensando em alguma coisa?

— Não! — Ela bate de leve no meu braço com os nós dos dedos, mas só consigo notar como o peito dela balançou quando ela fez isso. — De jeito nenhum! Gosto de usar no banho, só isso.

Eu anoto: uma garrafa grande de óleo Johnson's (nunca se sabe).

— E talvez uns salgadinhos e umas garrafas de água ou chá gelado sem limão, alguma coisa que não seja refrigerante, e, ah! — Ela ergue o dedo. — Stick de carne-seca!

Sorrio e anoto isso também.

— Só?

— Só, não consigo me lembrar de mais nada.

— Bom, se você lembrar — digo, tirando o celular do bolso da perna da minha bermuda —, me liga e pede. Qual o teu telefone?

Ela sorri e me diz o número alegremente, e eu ligo para ela. A caixa postal atende e eu digo: Ei, gata, sou eu. Volto já; no momento tô um pouco ocupado olhando pra uma loura absurdamente gostosa, sentada nua num balcão.

Camryn sorri, fica vermelha, me puxa entre suas pernas e me beija com força.

— Cacete! A água! — ela diz, notando a banheira quase transbordando.

Fecho as torneiras rapidamente.

Deixo o telefone e a lista de compras sobre o balcão e a ergo em meus braços.

— Andrew, não tô aleijada. — Mas ela também não está exatamente brigando comigo.

Eu a ponho na banheira e ela se deita na água quente, deixando o seu cabelo cair em volta dos ombros e na água também.

— Volto já — digo ao sair.

— Promete desta vez?

Isso me faz parar. Me viro para olhar Camryn, e desta vez ela não está brincando. Me sinto mal por ela ter que perguntar uma coisa dessas, não porque isso me ofenda, mas porque fui eu que lhe dei motivos para perguntar.

Olho para ela bem sério.

— Prometo, gata. Você não vai mais se livrar de mim, sabe disso, não sabe?

Ela sorri docemente, mas seu sorriso tem uma pitada de malícia.

— É cada uma em que eu me meto.

Pisco para ela e saio.

CAMRYN

O SEXO SEMPRE muda tudo. É como se você estivesse vivendo dentro de uma bolha onde tudo é seguro, só paquera, e muitas vezes previsível. Uma atração pelo tipo certo de pessoa pode durar para sempre quando o mistério da intimidade é mantido intacto, mas assim que você dorme com alguém, a segurança, a paquera e a previsibilidade costumam se transformar nos seus opostos. A atração vai acabar, agora? Ainda vamos nos desejar tanto quanto nos desejávamos antes de fazer sexo? E será que um de nós não está pensando secretamente que cometemos um grande erro e deveríamos ter deixado tudo como estava? Não. Sim. E não. Sei disso porque sinto. Não é excesso de confiança nem o sonho iludido de uma jovem inexperiente e insegura. É um fato óbvio: Andrew Parrish e eu tínhamos que nos encontrar naquele ônibus no Kansas.

Coincidência é só o nome que os conformistas dão ao destino.

Fico de molho na banheira por algum tempo, mas decido sair antes de virar uma ameixa seca. Está doendo lá embaixo, mas sou perfeitamente capaz de andar. Só acho meigo o modo como ele pensa que precisa cuidar de mim.

Visto o short cinza de algodão que comprei na estrada e um top preto. Faço a

cama e arrumo um pouco o quarto antes de pegar o celular para ver minhas mensagens: as mesmas doideiras aleatórias de Natalie. Nada ainda da minha mãe. Eu sempre deixo o celular no modo vibrar. Não suporto ouvir telefone tocando. Não adianta a gente poder colocar o toque que quiser; para mim um telefone tocando é como arranhar as unhas num quadro-negro. Vou até a janela, abro bem as cortinas para deixar que a luz do sol inunde o quarto e me apoio na sacada, olhando para Nova Orleans. Nunca vou esquecer este lugar.

Penso em Andrew e no pai dele rapidamente, mas tiro isso da cabeça. Vou lhe dar mais alguns dias antes de tentar tocar no assunto de novo. Ele vai sofrer por um tempo, mas não gostaria que, sem querer, me usasse como uma barreira. Andrew vai precisar enfrentar isso em algum momento.

Ponho meu telefone sobre a sacada e olho minhas músicas. Faz um bom tempo que não ouço nada meu; o que me surpreende é que isso não me fez muita falta. Não me acostumei, apenas, com o rock clássico de Andrew; ele me fez meio que adorá-lo.

Barton Hollow. The Civil Wars. Paro nessa — minha favorita nos últimos dois meses — e ligo o alto-falante, deixando a música invadir o quarto com aquele estilo country-folk que é meu prazer secreto. Não curto muito música country, mas essa banda é uma exceção. Canto junto com John e Joy, me soltando, já que estou na privacidade do meu quarto, e cantando a plenos pulmões. Danço um pouco de pé na frente da janela. E

quando começa o solo de Joy, canto junto com ela como sempre faço, tentando tornar minha voz amadora tão aveludada quanto a dela. Nunca vou conseguir cantar como ela, mas me sinto bem cantando junto.

Meus lábios se fecham e meu corpo dançante fica imóvel quando noto Andrew encostado na parede, perto da porta, me observando. Sorrindo de orelha a orelha, naturalmente.

Literalmente derreto com o rubor do meu rosto.

Ele entra completamente no quarto, agora que foi flagrado, e deixa duas sacolas plásticas sobre o balcão da TV.

— Pra alguém que tá tão dolorida — ele caçoa, suas covinhas ficando mais fundas — você tava mexendo essa bundinha pra valer.

Ainda vermelha, tento distraí-lo o máximo possível do pequeno espetáculo que dei, indo até as sacolas.

— Ah, é? E você não devia me bisbilhotar desse jeito.

— Eu não tava te bisbilhotando — Andrew diz —, só curtindo um pouco. Tua voz é linda.

Fico mais vermelha ainda, dando-lhe as costas e fuçando numa das sacolas.

— Obrigada, amor, mas você é meio suspeito pra falar. — Olho para trás só o suficiente para lhe endereçar um sorrisinho brinçalhão.

— Não, é sério — ele diz, e parece falar a sério mesmo —, você não canta tão mal como pensa.

— Não canto tão mal? — Eu me viro, segurando uma garrafona de óleo Johnson's. — O

que isso significa? Que você acha que eu canto só um pouco mal? — Eu o olho com desdém e mostro o óleo Johnson's. — Eu falei uma garrafinha.

— Bom, eles não tinham outro tamanho.

— Hã-hã. — Dou outro sorrisinho, deixando a garrafa no balcão da TV.

— Não é isso, eu acho que você não canta nem um pouco mal — Andrew responde, e ouço a cama ranger quando ele se senta na ponta.

Olho para ele no espelho à minha frente.

— Bom, você acertou com o xampu e o condicionador — elogio, tirando os frascos e colocando-os perto do óleo Johnson's. — Mas o sabonete líquido, nem tanto.

— Quê? — Ele parece sinceramente decepcionado. — Você disse que não era sabonete líquido para lavar a mão. Esse aí diz claramente “Sabonete líquido para banho” no rótulo.

— Ele aponta, como que para se justificar.

— Tô brincando — digo, sorrindo gentilmente com sua reação. — Este tá ótimo.

Ele parece aliviado, e deixa a mão cair ao seu lado na cama.

— Você devia cantar. Pelo menos uma vez. Só pra saber como é.

Não gosto dessa lampadazinha acesa que ele parece ter sobre a cabeça. Nem um pouco.

— Hãã, tá... só que não. — Balanço a cabeça para ele pelo espelho. — Da mesma forma que comer baratas ou virar astronauta por um dia, isso não vai acontecer.

Enfio a mão na sacola e tiro... ah, não, ele não trouxe...

— Por que não? — ele pergunta. — Vai ser uma experiência, algo que você nunca pensou em fazer, mas que depois vai te deixar nas nuvens.

— Que-cazzo-é-isto-aqui? — pergunto, me virando, segurando uma caixa de Vagisil.

Ele parece incrivelmente pouco à vontade.

— É... bom, você sabe — ele se encolhe todo —, pras tuas... partes de menina. — Ele acena com a cabeça para minhas “partes de menina”, constrangido.

Meu queixo cai.

— Você não gosta do meu cheiro? Já me viu coçando ali? — Estou tentando não rir.

Os olhos de Andrew ficam do tamanho de pratos.

— Quê... Não! Eu só achei que ia ajudar com a irritação. — Nunca o vi tão constrangido, e ao mesmo tempo chocado. — Ei, não é fácil pra um cara ficar na frente daquela prateleira lendo os rótulos. — Ele começa a gesticular com as mãos. — Eu vi que era pra essa parte do corpo e joguei na cestinha.

Deixo o Vagisil no balcão e ando até ele.

— Bom, esse negócio não vai ajudar a aliviar a irritação causada por... — estufo os lábios — “fricção excessiva”, mas o que vale é a intenção. — Eu me sento no colo dele, a cavalo sobre sua cintura, e me curvo para beijá-lo.

Ele passa os braços pelas minhas costas.

— Então acho que já podemos dizer que não precisamos mais de quartos separados — Andrew diz, sorrindo para mim.

Com os dedos entrelaçados atrás de sua nuca, eu me curvo e o beijo de novo.

— Eu mesma ia pegar suas coisas e trazer pra cá enquanto você tava fora, mas aí lembrei que joguei a cópia da tua chave no chão quando saí de lá ontem.

Ele abaixa suas grandes mãos e segura minha bunda, me puxando mais para perto.

Depois beija a curva do meu pescoço e fica de pé, me carregando com ele.

— Vou pegar tudo agora — diz, me deixando deslizar cuidadosamente do seu colo. — Acho que vou levar uns dias pra aprender a tocar aquela canção e decorar a letra. Você já parece estar pronta.

Oh-oh...

Estreito os olhos para ele, olhando-o de lado.

— Aprender por quê?

Suas covinhas ficam mais fundas de novo.

— Se bem me lembro, você renunciou à liberdade depois de ganhar aquele jogo de bilhar.

Sua expressão é quase de pura maldade.

Balanço a cabeça, lentamente primeiro, depois com mais veemência quando me

dou conta da minha situação.

— Tuas palavras foram — ele diz, com um gesto —, abre aspas: Só quero ficar livre de comer baratas ou botar a bunda na janela do carro. Sinto muito, gata, mas você precisa aprender a ficar de boca fechada.

— Não... Andrew — fico na frente dele, de braços cruzados —, você não pode me obrigar a cantar na frente de uma plateia. Isso é uma crueldade.

— Com você ou com a plateia?

Ele dá um sorriso.

Eu piso no pé dele com força.

— Tô brincando! Tô brincando! — ele diz, rindo alto.

— Bom, você não pode me obrigar.

Andrew inclina a cabeça para um lado, aqueles olhos verdes brilhando com um pouco de tudo que o torna irresistível.

— Não, não vou te obrigar a fazer nada, mas... — Que legal, agora ele está fingindo fazer bico. E o pior é que está funcionando! — Eu queria muito, muito, muito que você cantasse. — Ele me segura pelos cotovelos e me puxa para perto.

Rosno para ele e cerro os dentes por trás dos lábios apertados.

Um milhão e um. Um milhão e dois. Um milhão e três.

Respiro fundo.

— Tá.

Seu rosto se ilumina.

— Mas só uma vez! — Levanto um dedo. — E se alguém rir de mim, não me deixa na cadeia!

Ele segura meu rosto, apertando minhas bochechas com as mãos, e beija minha boca de siri.

MINUTOS DEPOIS, ANDREW volta para o quarto trazendo suas mochilas e o violão do irmão.

Ele está mesmo empolgado com a ideia.

Eu estou completamente apavorada e já querendo me estapear por ter concordado.

Mas preciso admitir que também sinto uma pontinha de empolgação. Não fico totalmente em pânico diante de uma plateia — não tive problemas para fazer um discurso sobre espécies ameaçadas de extinção no colegial, nem para fazer o papel da enfermeira Ratched em *Um Estranho no Ninho* na peça do último ano. Mas cantar é diferente. Não sou tão má atriz. Minha voz, especialmente em dueto com alguém como Andrew, que canta como um deus do blues-rock que derrete calcinhas, é outra história.

— Pensei que você não quisesse ouvir o tipo de música que eu gosto.

Andrew deixa as mochilas no chão e vai para a cama com o violão.

— Bom, essa canção que você tava cantando e dançando tão bonitinha, seja qual for, passa. Eu tava gostando.

— The Civil Wars; minha banda preferida do momento, acho — digo, saindo do banheiro de cabelo molhado, enxugando as pontas com uma toalha (decidi lavar o cabelo de novo depois que Andrew chegou com os produtos). — O nome da canção é Barton Hollow.

— É tipo um folk moderno — ele diz, dedilhando o violão algumas vezes. — Gostei.

Ele continua, olhando para mim:

— Cadê o seu celular?

Vou pegá-lo da sacada da janela, volto a música para o início e entrego para ele. Ele o coloca sobre a cama ao seu lado e aperta play. Continuo enxugando meu cabelo enquanto ele aprende a melodia de ouvido, parando e começando a música inúmeras vezes, fechando os dedos ao redor do braço do violão e testando o som das cordas até encontrar as certas, que correspondem às notas da canção. Em questão de minutos, depois de alguns acordes desafinados, ele começa a tocar o primeiro compasso facilmente.

E quando anoitece, já tirou praticamente toda a canção, com exceção de um trecho curto que ele sempre confunde com outro. Querendo aprender o mais rápido possível, ele acabou procurando as cifras na internet, e, quando as encontrou, isso certamente acelerou o processo.

A letra foi mais fácil.

— Acho que já quase aprendi — Andrew diz, sentado no parapeito diante de uma paisagem escura e nublada, chuvosa. Começou a chover por volta das oito da noite e não parou mais.

De vez em quando, me junto a ele e canto um pouco, mas estou nervosa demais. Não sei mesmo como vou conseguir fazer uma loucura dessas, se já fico nervosa só com ele no quarto. Lá se vai minha coragem diante de qualquer plateia. Prevejo um caso extremo de pânico do palco, no fim das contas.

— Vem, gata — ele diz com um aceno, com os dedos no braço do violão —, só porque você conhece a letra, não significa que não tenha que ensaiar comigo.

Me sento no pé da cama, emburrada.

— Promete que não vai fazer nenhuma cara engraçada, nem rir, nem sorrir, nem...

— Não vou nem respirar — ele diz, rindo. — Juro! Vamos lá.

Suspiro e me levanto, deixando meu stick de carne-seca semidevorada em cima do criado-mudo. Andrew posiciona o violão sobre a coxa e toma um golinho de chá gelado, preparando a boca para cantar.

— Não se preocupe — diz, enquanto me aproximo lentamente —, o cara tem mais versos sozinho do que a garota; ela só faz um solo, o resto você vai cantar junto comigo.

Dou de ombros, nervosa.

— É verdade — admito. — Pelo menos, na maior parte da canção, tua voz vai ajudar a encobrir a minha.

Ele coloca a palheta nos lábios e estende a mão para mim.

— Amor, vem cá.

Ando até lá, pego sua mão e ele me puxa entre suas pernas, o violão entre nós.

Quando fico parada e estou onde ele quer, Andrew tira a palheta da boca.

— Adoro a tua voz, tá? Mas mesmo se você não soubesse cantar, eu ia querer que você fizesse isso. O que os outros pensam não importa.

Meus lábios se erguem num sorriso inseguro e tímido.

— Tá — digo. — Vou fazer isso por você, mas é só por você; trate de se lembrar disso.

— Aponto severamente para ele. — Vai ficar me devendo uma.

Ele balança a cabeça.

— Antes de mais nada, não quero que faça isso só por mim, mas, como ensaiar é mais importante do que discutir com você sobre isso, vou esperar até depois de cantar no Old Point pra perguntar se você aproveitou alguma coisa, além de me contentar.

— Acho que é justo.

Ele balança a cabeça uma vez, se posiciona novamente, e então começa a encostar a palheta nas cordas.

— P-peraí... talvez se você também ficar de pé, não vou me sentir tão isolada.

Andrew ri e se levanta da sacada.

— Caramba, garota, tá, vamos fazer do jeito que você quiser. Se resolver cantar com um saco de papel na cabeça, você pode.

Olho para ele como se estivesse apreciando a ideia idiota.

— Não, Camryn, nada de saco na cabeça. Agora vamos fazer isso de uma vez.

Ensaíamos até bem tarde, até que fomos obrigados a parar porque, aparentemente, estávamos incomodando os hóspedes dos dois lados. E bem na hora que eu estava começando a pegar o jeito de verdade e me soltando mais, sem me preocupar com o que Andrew poderia pensar da minha voz.

Acho que eu estava cantando bastante bem.

Vamos para a cama mais cedo, já que o ensaio foi interrompido, nos deitamos enroscados um ao lado do outro e ficamos conversando.

— Fico feliz por você ter se enchido das minhas besteiras — digo, deitada na dobra do braço dele. — Senão eu poderia estar de volta à Carolina do Norte, agora.

Sinto seus lábios pressionando o meu cabelo.

— Preciso confessar uma coisa — ele diz.

Aguço os ouvidos.

— Hã?

— É — ele diz, olhando para o teto, onde luzes do movimento da cidade lá fora traçam estranhos desenhos de vez em quando. — Em Wellington, no Kansas, no primeiro motel que a gente parou, quando você tava no banheiro de manhã e eu dei dois minutos pra você se aprontar... — Andrew para e sinto sua cabeça se mover um pouco, como se ele estivesse olhando para mim.

Afasto a cabeça do braço dele para poder olhá-lo.

— Lembro, sim; o que você fez?

Ele abre um sorriso nervoso.

— Eu meio que fotografei tua carteira de motorista com meu celular.

Eu pisco, levemente atordoada.

— Por quê? — Levanto um pouco mais o corpo para poder olhar para ele sem correr o risco dos meus olhos virarem nas órbitas.

— Você tá brava?

Eu bufo.

— Acho que depende do que você pretendia fazer com essa informação um tanto pessoal.

Ele desvia o olhar, mas vejo seu rosto corando, mesmo na escuridão do quarto.

— Bom, com certeza não foi pra poder te encontrar depois e te picar em pedacinhos, nada disso.

Meu queixo cai.

— Nossa, que alívio! — Rio. — Mas, falando sério, por que você tirou a foto?

Ele olha para o teto de novo, aparentemente perdido em pensamentos.

— Eu só queria ter certeza de que poderia te achar novamente — ele confessa —, sabe... pro caso de cada um decidir seguir seu caminho.

Meus olhos sorriem para ele, mas minha boca não. Não estou brava por ele ter tirado a foto por esse motivo — isso meio que me faz querer beijá-lo —, mas não sei se gosto dessa parte do “pro caso de cada um” também. Isso me faz achar, mais do que eu já achava, que ele planejava ir embora em algum momento, independente do que acontecesse.

— Andrew?

— Sim, gata?

— Tem mais alguma coisa que você não tá me contando?

Ele fica em silêncio.

— Não. Por que tá perguntando isso?

Olho para o teto também.

— Não sei, mas sempre senti uma estranha... relutância em você.

— Relutância? — Andrew exclama, surpreso. — Eu relutei pra te convencer a fazer esta viagem comigo? Ou pra te chupar?

— Não, acho que não.

— Camryn, a única coisa que já me fez relutar foi me perguntar se era certo a gente ficar junto.

Ergo o corpo da cama e me viro completamente para olhá-lo. A sombra no seu rosto deixa seus olhos mais ferozes. Ele está sem camisa, com um braço dobrado atrás da cabeça.

— Você acha que não estamos certos?

Essa conversa está começando a revirar meu estômago.

Ele estende a mão que não está atrás da sua cabeça e segura meu pulso com delicadeza.

— Não, gata, eu... eu acho que estamos certos de todas as maneiras... e por isso penso... por isso pensei que fosse melhor a gente não se envolver.

— Mas isso não faz o menor sentido.

Ele me puxa para si e me deito nele, com as mãos no seu peito.

— Eu só não tinha certeza se a gente devia ir em frente — ele diz, passando os dedos no cabelo atrás das minhas orelhas. — Mas, gata, você também não tinha muita certeza de nada.

Volto a me deitar ao seu lado. Nisso ele tem razão.

A única coisa que ainda não entendo é: quais eram as razões dele para tomar tanto cuidado para não se envolver, afinal? Ele sabe por que saí de casa, e sabe tudo sobre a morte de Ian. Tenho uma lista quilométrica de motivos válidos presa na porta da geladeira com um ímã em forma de banana, pra todo mundo ver. Os motivos de Andrew ainda estão escondidos em algum lugar, dentro de uma caixa de sapatos com “Cartões de Natal” escrito na tampa.

E eu acho que não é só o pai dele.

Andrew tira o braço de baixo da minha cabeça e sobe em mim, com uma perna de cada lado, seu corpo apoiado nos braços musculosos.

— Fico feliz por você não conseguir dormir com música — ele diz, aparentemente lembrando a primeira coisa que falei para ele, e então se abaixa e me beija.

Levanto os braços e aninho seu rosto lindo nas minhas mãos, puxando-o para baixo para me beijar de novo.

— E eu fico feliz por Idaho ser famoso por suas batatas.

Ele franze o cenho.

Apenas sorrio e o puxo para os meus lábios de novo. Ele me beija profundamente, enroscando sua língua na minha. E então começa a me beijar descendo para a barriga.

Faz um círculo ao redor do meu umbigo com a língua e enfia os dedos por baixo

do elástico da minha calcinha.

— Acho que não consigo... — digo baixinho, olhando para ele.

Andrew lambe minha barriga e beija meus dedos quando minhas mãos alcançam seu rosto e depois seu cabelo.

— Nada de sexo — diz —, e prometo que vou te chupar com cuidado. — Ele tira minha calcinha e eu levanto um pouco a bunda para facilitar.

Ele beija a parte de dentro da minha coxa. Depois, a outra.

— Vou manter minha língua bem úmida pra não arder — ele diz com delicadeza, e beija minhas coxas de novo, chegando mais perto do meu calor.

Gemo um pouco quando seus dedos me tocam bem cuidadosamente e abrem meus lábios.

— Cacete, amor, você tá inchada mesmo. — Seu comentário é sincero, sem nenhum sinal de provocação.

Arde um pouco, mas, meu Deus, quero tanto isso...

Sinto seu hálito quente no meio das minhas pernas.

— Vou tomar bastante cuidado — ele diz, e fico sem ar quando sua língua muito úmida me lambe uma vez lentamente, seus dedos ainda me mantendo aberta, mas sem exercer pressão sobre a área.

Meu corpo derrete nos lençóis quando ele me lambe várias vezes, usando só pressão suficiente para que eu não sinta dor, apenas um êxtase completo e desinibido.

Estamos ensaiando Barton Hollow há dois dias, sobretudo no nosso quarto no Holiday Inn, mas já fomos andando até o Mississippi no final da Canal Street e ensaiamos um pouco ali também. Acho que Andrew teve essa ideia para tentar discretamente me deixar mais à vontade para cantar em público. Não havia muita gente lá quando fomos, mas mesmo assim eu estava nervosa pra caramba. A maioria passava sem parar para ouvir (não estávamos dando um espetáculo completo, muitas vezes parávamos e começávamos de novo em várias partes da música, então não havia muito para se ouvir mesmo), mas uma ou outra pessoa ficava um pouco, ao passar. Uma mulher sorriu para mim. Mas não sei se foi um sorriso de pena porque sou péssima, ou se ela realmente gostou da minha voz.

Acho que podia ser uma coisa ou outra.

No terceiro dia, Andrew tem certeza de que já estamos prontos e está preparado para ir ao Old Point logo e se apresentar.

Eu, nem tanto. Preciso de mais uma ou duas semanas, meses ou anos.

— Você vai conseguir — ele diz, amarrando as botas. — Na verdade, vai arrasar.

Quando terminar, vou precisar bater nos caras querendo te agarrar.

— Ah, para — digo, vestindo um top preto com alças de corrente bem lindinhas. De jeito nenhum vou usar tomara que caia numa noite como esta. — Eu vi como as garotas te olhavam naquela noite; acho que cantar junto com você é a única vantagem pra mim, porque todo mundo vai prestar atenção demais em você pra notar meus erros.

— Amor, você conhece a canção melhor do que eu — ele diz. — Para de ser tão pessimista. — Sua camiseta preta cobre seus músculos abdominais. Ele está usando um cinto preto e prateado, mas só enfia a camiseta um pouco em volta da fivela, deixando o resto por cima dos seus quadris esculturais. Jeans escuro, o topete meio arrepiado.

O que ele estava dizendo?

— A única coisa que você precisa lembrar — ele continua, enquanto passa desodorante — é de não cantar toda a letra; você poderia cantar menos, mas continua cantando nas minhas partes também. — Ele ergue a sobrancelha, olhando para mim. — Não que isso me incomode, só achei que você ia ficar mais tranquila tendo que cantar menos.

— Eu sei, é que tô tão acostumada a cantar junto a música toda... meio difícil pegar o jeito de não cantar algumas partes.

Andrew balança a cabeça.

Enfio os pés nas minhas sandálias novas e vou me olhar no espelho alto ao lado do balcão da TV.

— Você tá tão sexy — Andrew diz, chegando por trás de mim.

Ele enfia as mãos na minha cintura e beija meu pescoço, depois dá um tapa na minha bunda coberta pelo jeans justo, quase aderente, e eu dou um gritinho, porque dói.

— E como sempre, gata, adoro as tranças. — Ele passa os polegares pelas duas tranças sobre meus ombros e me beija alegremente na bochecha.

Eu me encolho e o empurro, provocante.

— Vai borrar minha maquiagem.

Andrew se afasta sorrindo, pega a carteira do criado-mudo e enfia no bolso de trás.

— Bom, acho que é isso — ele diz.

Ele vai para o meio do quarto e estende uma mão para mim, com o outro braço dobrado às costas, e faz uma reverência, sorrindo. As pontas dos meus dedos se aproximam dos seus e ele pega a minha mão e me puxa para a porta.

— E o violão?

Paramos antes de abrir a porta e ele me olha, agradecido.

— É, pode ser útil — diz, pegando o violão pelo braço. — Se Eddie não estiver lá, a gente pode dar azar e ficar sem um violão pra tocar.

— Ah, então eu não devia ter falado nada.

Ele balança a cabeça e me puxa para a porta.

DESTA VEZ, VAMOS de Chevelle. Andrew bateu os olhos nas minhas sandálias e entendeu que eu não conseguiria andar até Algiers calçando esses saltos, e ele não estava a fim de me carregar e carregar o violão. Pegamos a rodovia em vez do ferry, cruzamos o Mississippi e chegamos ao anoitecer. Andar o resto do caminho até o Old Point, como fizemos da primeira vez, teria sido melhor, porque agora, à medida que nos aproximamos, sei que vamos chegar muito rápido.

Estou começando a sentir náuseas.

Estacionamos na Olivier Street e saímos do carro. Meus pés ficam colados na estrada.

Andrew vem para o meu lado e me puxa para os seus braços, me apertando delicadamente.

— Não vou te obrigar a fazer isso — ele diz, mudando de ideia. Tenho certeza de que pareço prestes a botar para fora o almoço tardio que comemos há pouco tempo.

Me afastando do seu peito, ele pega meu rosto em suas mãos e me olha nos olhos.

— É sério, amor, sem brincadeira agora. Não quero que faça isso, nem mesmo por mim, se você não quer de jeito nenhum.

Balanço a cabeça, nervosa, e inspiro profundamente; meu rosto ainda está em suas mãos.

— Não, eu consigo — digo, ainda balançando a cabeça, tentando concentrar minha coragem. — Eu quero fazer.

Ele acaricia minhas bochechas com seus polegares.

— Tem certeza?

— Tenho.

Andrew sorri para mim com aqueles olhos verdes que começo a achar que estão me enfeitiçando de alguma maneira e pega a minha mão. Ele pega o violão do banco de trás e entramos juntos no Old Point.

— Parrish! — Carla exclama de trás do balcão. Ela levanta a mão e acena para que nos aproximemos.

Ainda de mãos dadas comigo, Andrew ziguezagueia em meio à multidão na direção dela. A TV atrás da cabeça de Carla está passando comerciais; sua luz cria um brilho branco ao redor da mulher.

— Ei, Carla — Andrew diz, se debruçando por cima do balcão para abraçá-la —, Eddie tá aí hoje?

Ela põe as mãos na cintura e sorri para mim.

— Com certeza — diz —, ele tá por aí em algum lugar. Olá, Camryn, é bom te ver de novo.

Sorrio para ela em resposta.

— Você também.

Andrew se senta num banco do bar e indica o banco ao lado. Eu me sento, nervosa. Só consigo pensar em quanta gente há neste lugar. Meus olhos percorrem o salão desconfortavelmente, vendo muitas cabeças balançando e pessoas de pé, agora que a banda voltou a tocar. À medida que a música adquire força, Andrew e Carla praticamente gritam um com o outro por cima do balcão.

— Tem espaço pra gente hoje? — Andrew pergunta.

Carla se debruça mais para perto dele.

— Pra gente? — diz, me olhando de relance. — Uau, vocês dois vão cantar? — Ela parece empolgada.

Meu coração acaba de abandonar seu posto e cair para os joelhos.

Engulo em seco um nó de nervosismo olhando para os dois, mas outro se forma imediatamente em seu lugar.

Carla inclina a cabeça para o lado, e seu sorriso, já enorme, fica mais carinhoso.

— Ah, querida, você vai fazer bonito, não precisa ficar nervosa; todos vão adorar você.

— Ela mexe atrás do balcão e pega um copo pequeno. Um homem está sentado no balcão ao meu lado, obviamente um cliente assíduo, já que não precisa nem pedir e Carla já está servindo sua bebida.

Mas ela continua dando mais atenção a nós dois.

— Tô tentando falar isso pra ela — Andrew diz —, mas é a primeira vez dela, então preciso dar um desconto.

— A primeira e última vez — corrijo.

Carla sorri secretamente para Andrew e depois me diz: — Bom, não sou a favor da violência, mas se alguém aqui te der trabalho me chama que eu jogo da porta pra fora, do jeito que fazem nos filmes. — Ela pisca para mim e se vira novamente para Andrew.

— Olha lá o Eddie — ela diz, acenando na direção do palco.

Eddie está andando pela multidão, usando o mesmo tipo de roupa da última vez que o vi: camisa branca, calça preta, sapatos pretos de verniz e um sorriso grande e enrugado.

— Olha só, Parrish! — Eddie diz, agarrando a mão de Andrew e puxando-o para

um abraço. Depois olha para mim. — Menina! Você tá igualzinha a uma capa de revista! — E

também me abraça. Ele cheira a uísque barato e cigarro, mas me sinto reconfortada mesmo assim, por alguma razão.

Andrew está sorrindo de orelha a orelha.

— Camryn vai cantar comigo hoje — diz, todo orgulhoso.

Eddie arregala os olhos, que se tornam grandes bolas brancas cheias de empoação, incrustadas no pano de fundo marrom-escuro de sua pele. Isso deveria me deixar mais nervosa, como quando Carla ficou sabendo, mas a presença de Eddie está ajudando a me acalmar, na verdade. Talvez eu devesse algemá-lo ao meu pulso enquanto canto.

— Claro — Eddie diz com um sorriso —, aposto que tua voz é tão bonita quanto o resto.

Eu fico bem vermelha.

— Então sobe lá! — Ele aponta para o palco. — Assim que eles acabarem essa música!

Andrew pega a minha mão e me puxa para o seu lado. Sinto que Eddie é como outro pai para Andrew, e Andrew está feliz por ele gostar tanto de mim.

Eddie vai até o palco e ergue três dedos para nós.

— Mais três minutos!

— Ai meu Deus, tô tão nervosa!

É, Eddie devia ter ficado por perto.

A mão de Andrew aperta a minha. Ele se aproxima do meu ouvido.

— Lembre-se do seguinte: toda essa gente tá só curtindo aqui; ninguém tá aqui pra te julgar; você não tá no American Idol.

Respiro fundo para relaxar.

Ouvimos a banda terminando sua última canção e então a música para, seguida pelo costureiro som dos instrumentos sendo transportados, afinados ou batendo nas coisas ao serem carregados. Uma onda de vozes tagarelantes fica mais forte sem a música para abafá-la, tomando conta do espaço como um zumbido amplificado e irregular. Uma grossa nuvem de fumaça de cigarro faz o ar parecer abafado, junto com todos os corpos espremidos no recinto.

Quando Andrew vai me puxar para o palco, minhas mãos começam a tremer e eu olho para baixo, notando que minhas unhas estão cravadas na pele dos nós dos dedos dele.

Ele sorri com ternura e eu o acompanho.

— Tô legal? — sussurro para ele.

Se eu conseguir fazer isso sem ter um ataque de ansiedade, vou ficar surpresa.

— Amor, você tá perfeita.

Ele beija a minha testa e encosta o violão na bateria para posicionar o microfone.

— A gente vai usar o mesmo microfone — Andrew diz. — Mas vê se não me dá uma cabeçada.

Estreito os olhos para ele.

— Não tem graça.

— Não tô fazendo graça — ele diz, rindo baixinho —, tô falando sério.

Várias pessoas da plateia já estão olhando para nós, mas a maioria está ocupada com outras coisas. Não posso fazer nada senão ficar ali de pé, e só isso já está me deixando mais nervosa. Andrew pelo menos pode se preocupar com o violão. Eu fico só ruminando os pensamentos na minha cabeça.

— Você tá pronta? — ele pergunta ao meu lado.

— Não, mas vamos acabar com isso de uma vez.

Olhamos um para o outro e ele mexe a boca sem som: — Um. Dois. Três...

Cantamos juntos:

— Ooooh... oohh... oohh...oohh! — Pausa de um segundo. — Ooooh... oohh...
oohh...oohh!

Violão.

Dezenas de cabeças viram ao mesmo tempo, e o burburinho cessa como uma torneira que se fecha.

Enquanto Andrew toca o primeiro compasso e está se preparando para cantar a primeira estrofe, estou tão apavorada por dentro que sinto que não consigo mover nada além dos olhos. Mas quanto mais ele toca, mais meu corpo não consegue deixar de se mover no ritmo da música.

Praticamente todos os presentes já estão balançando a cabeça, acompanhando o som.

Andrew começa a cantar a primeira estrofe.

E depois, brevemente juntos de novo:

— Ooooh...

Então vem o refrão e nós dois cantamos a letra, e sei que vou ter que soltar um

agudo em...

Conseguí!

Andrew sorri muito para mim ao entrar direto na estrofe seguinte, já dedilhando o violão sem errar um acorde, como se soubesse tocar a canção desde criança.

A plateia está realmente entrando na onda. Pessoas balançam a cabeça umas para as outras, como quem diz: Eles são muito bons, e sinto meu rosto se iluminar quando começo a cantar minha parte com Andrew de novo, e cada vez com mais confiança. Estou movendo meu corpo com mais naturalidade no ritmo da música agora, e acho que perdi quase completamente o medo, mas meu solo... ai meu Deus, agora vem o meu solo...

Andrew me olha nos olhos, como se estivesse usando o olhar para se concentrar e ficar calmo enquanto toca o violão.

Ele para junto com a música e bate no corpo do violão antes do meu primeiro verso, dedilha a guitarra e para de novo, batendo no violão depois do segundo e assim por diante, até que canto minha última nota e Andrew começa a tocar a todo o volume de novo enquanto me diz num sussurro:

— Impecável — e começa a cantar de novo. Ele está sorrindo tanto. Eu também.

Juntamos nossos rostos e soltamos a voz no microfone durante a parte mais rápida.

— Wooh... ooooh... ooooh!

O violão fica mais lento e cantamos o último refrão juntos, baixinho, e ele me beija na boca depois que ambos dizemos:

— ... soul... — E a canção acaba.

A plateia explode em aplausos e gritos. Ouço até um cara dizendo: — Mais um! — De algum lugar ao fundo.

Andrew me puxa para perto e me beija de novo, apertando os lábios com força nos meus na frente de todos.

— Caramba, amor, você foi demais! — Seus olhos estão brilhando, todo o seu rosto está iluminado por eles.

— Não acredito que consegui! — Estou praticamente gritando com ele, porque as vozes ao nosso redor estão muito altas.

Estou arrepiada da cabeça aos pés.

— Quer cantar de novo? — ele pergunta.

Engulo em seco.

— Não, não tô pronta! Mas fico feliz por ter cantado uma vez!

— Tô tão orgulhoso de você!

Alguns caras mais velhos se aproximam, segurando cervejas. O barbudo diz: — Você tem que dançar comigo! — Ele ergue os braços e faz uma dancinha embaraçosa.

Fico vermelha e vejo os olhos de Andrew sorrindo.

— Mas não tem música! — digo para o homem.

— Não tem o cacete! — Ele aponta para alguém do outro lado do salão, e alguns segundos depois a jukebox perto da máquina de venda automática e de um jogo de fliperama começa a tocar.

Estou tão empolgada por ter conseguido cantar a música no palco que isso, e também o sentimento de culpa caso eu recusasse, torna obrigatório dançar com esse cara.

Olho mais uma vez para Andrew e ele pisca para mim.

O barbudo pega a minha mão, segura-a acima da minha cabeça e eu rodopio instintivamente. Danço com ele duas músicas antes de Andrew “me salvar” entrando suavemente no meio de nós e apertando ao máximo meu corpo contra o seu, mexendo os quadris encostados nos meus. Suas mãos estão na minha cintura. Dançamos e tagarelamos com várias pessoas e até jogamos dardos com Carla antes de finalmente ir embora, depois da meia-noite.

No caminho de volta, Andrew me olha e diz:

— E então, como se sente? — Seus lábios formam um sorriso experiente.

— Você tinha razão — respondo. — Me sinto... sei lá, diferente, mas de um jeito bom; nunca pensei que eu fosse fazer uma coisa dessas.

— Bom, fico feliz por você ter feito. — Ele sorri com ternura.

Solto meu cinto de segurança e vou para perto de Andrew. Ele passa o braço em volta de mim.

— E então, que tal amanhã à noite?

— Hã?

— Quer cantar amanhã à noite?

— Não, acho que não consigo...

— Tá, tudo bem — ele diz, esfregando meu braço. — Uma vez já é mais do que eu esperava, então não vou ficar te enchendo.

— Não — digo, erguendo o corpo e me virando para olhá-lo. — Sabe de uma coisa? Eu quero, sim. Quero cantar de novo.

Seu queixo recua num movimento de surpresa.

— SÉRIO?

— SÉRIO, SIM. — Abro um sorriso cheio de dentes.

Ele faz o mesmo.

— Tudo bem — diz, batendo de leve no volante —, vamos cantar amanhã.

Andrew me leva de volta para o hotel e transamos no chuveiro antes de irmos para a cama.

Ficamos em Nova Orleans mais duas semanas, tocando no Old Point e depois passando por vários outros bares e clubes por toda a cidade. Um mês atrás, cantar e me apresentar ao vivo em clubes estava tão no final da lista de coisas que eu conseguia me imaginar fazendo que pareceria ridículo, mas de repente, lá estava eu cantando a plenos pulmões Barton Hollow e algumas outras canções nas quais eu podia ficar na sombra de Andrew e não ser o centro das atenções. Mas todos nos adoravam. Tantas pessoas nos paravam depois de cada apresentação, apertavam nossas mãos e perguntavam se podíamos cantar esta ou aquela música, mas Andrew sempre recusava. Ainda fico nervosa demais com esse negócio para conseguir atender a pedidos. E para minha estarrecedora surpresa, mais de um desconhecido pediu meu autógrafo e uma foto ao meu lado. Deviam estar simplesmente muito bêbados. Resolvi acreditar nisso, porque qualquer outra coisa seria esquisita demais.

No final daquelas duas semanas, Andrew tinha uma nova banda favorita para acrescentar à sua lista. Ele adora The Civil Wars tanto quanto eu. E noite passada, nossa última noite em Nova Orleans, ficamos deitados juntos, cantando Poison & Wine junto com o celular ao lado da cama... e... por meio dessa letra, acho que dissemos coisas que queríamos dizer um ao outro...

Acho que dissemos...

Chorei baixinho até dormir em seus braços.

Eu morri e fui para o céu. Sim... acho que finalmente morri.

ANDREW

— VOCÊ TEM QUE FAZER, SÓ pra ter certeza — Marsters disse, sentado em sua poltrona preta clichê, em sua sala clichê, usando um uniforme clichê.

— Não tenho que fazer nada — eu retruco, sentado do outro lado. — O que mais resta dizer? O que mais resta para se achar?

— Mas você...

— Não, quer saber? Vá se foder. — Levantei, empurrando a cadeira para trás e derrubando uma planta atrás de mim. — Não vou mais me sujeitar a essa merda.

Saí batendo a porta da sala atrás de mim com tanta força que o vidro tremeu no caixilho.

— Andrew! Amor, acorda — ouço a voz de Camryn dizer. Abro os olhos. Ainda estou do lado do passageiro do carro. Me pergunto quanto tempo dormi.

Eu me levanto, estalo o pescoço dos dois lados e passo a mão no rosto.

— Você tá bem?

Está escuro. Vejo o olhar preocupado de Camryn me encarando, até que ela é obrigada a olhar para a estrada.

— Tô — respondo, balançando a cabeça. — Tô bem. Acho que tive um pesadelo, mas nem lembro o que foi — minto de novo.

— Você esmurrou o painel — ela diz, rindo um pouco. — Deu um soco do nada; levei um baita susto.

— Desculpa, amor. — Eu me aproximo sorrindo e beijo o seu rosto. — Há quanto tempo você tá dirigindo?

Ela olha para os números brilhantes do relógio.

— Não sei, umas duas horas, acho.

Olho para uma placa e vejo que ela fez o que pedi e continuou na 90.

— Para ali. — Aponto para uma área plana ao lado da estrada.

Ela sai da estrada e vai para o asfalto trincado, pondo o câmbio em park. Começo a me levantar, mas ela segura meu braço e me detém.

— Peraí... Andrew.

Olho para Camryn. Ela desliga o motor e solta o cinto de segurança.

— Vou dirigir um pouco e te deixar dormir.

— Eu sei — ela diz, me olhando com ar sombrio.

— O que foi?

Ela fecha as duas mãos sobre o volante e se encosta no banco.

— Não sei mais se quero ir pro Texas.

— Por que não?

Chego mais perto dela.

Finalmente, ela olha para mim.

— Porque e depois? — ela pergunta. — Parece que é o fim da linha. Você mora lá. O

que mais resta fazer?

Sei por que ela diz isso, e tenho sentido os mesmos temores em segredo já há algum tempo.

— O que resta fazer é qualquer coisa que a gente queira fazer — respondo.

Eu me viro no banco e seguro o queixo dela com a ponta dos dedos.

— Olha pra mim.

Ela olha. Vejo um anseio em seus olhos, algo assustado e torturado. Sei disso porque estou sentindo a mesma coisa.

Engulo em seco, depois me aproximo e a beijo com cuidado.

— A gente pensa nisso quando chegar lá, tá?

Ela balança a cabeça relutantemente. Tento forçar um sorriso, mas é difícil quando sei que não posso dar nenhuma das respostas que ela procura. Não posso dar as respostas que quero dar.

Camryn desliza sobre o assento e vai para o lado do passageiro, enquanto eu saio e dou a volta no carro.

Dois carros passam, cegando-nos com seus faróis altos. Fecho a porta e fico sentado por um momento. Camryn está olhando pela janelinha, sem dúvida com pensamentos parecidos com os meus: perdida, insegura e talvez até com medo. Nunca senti com mais ninguém uma ligação como a que tenho com ela, e isso me mata aos poucos. Ao estender a mão para virar a chave, paro com os dedos segurando o metal. Suspiro profundamente.

— A gente vai pelo caminho mais longo — digo baixinho, sem olhar para ela, e então o motor ganha vida.

Percebo quando ela vira a cabeça para me olhar.

Olho para ela.

— Se você quiser.

Um sorrisinho dá vida ao seu rosto novamente. Ela balança a cabeça.

Aperto o botão para ligar o CD player e o aparelho troca de CD. Bad Company começa a tocar nos alto-falantes. Lembrando nosso acordo, vou mudar a música, mas Camryn diz:

— Não, pode deixar — e seu sorriso fica ainda mais meigo.

Será que ela se lembra daquela primeira noite em que nos conhecemos no ônibus, quando perguntei o título de alguma canção do Bad Company? Ela disse Ready For Love.

E eu falei: “Você tá mesmo?” Na hora, eu não sabia por que disse isso, mas agora percebo que não estava tão errado, no fim das contas. Estranho que essa música esteja tocando agora.

Viajamos pela maior parte do sul do estado da Louisiana e ficamos na 82 até chegar ao Texas. Camryn está toda sorrisos de manhã — apesar de estar no Texas —, e vê-la assim só me faz sorrir também. Estamos dirigindo com as janelas abertas, e ela está com os pés descalços para fora há uma hora; só o que consigo ver pelo retrovisor quando tento enxergar o trânsito são suas belas unhas pintadas.

— Não é uma viagem de carro se você não põe os pés pra fora da janela na estrada!

— ela grita por cima da música e do vento atravessando o carro. Seu cabelo está preso numa trança só, desta vez, mas o vento fica empurrando os fios soltos ao redor do seu rosto.

— Tem razão — concordo, apertando o acelerador —, e numa viagem de carro de verdade, você também precisa fazer sacanagem com um caminhoneiro.

O cabelo de Camryn cobre seu rosto de novo quando ela vira a cabeça.

— Hã?

Eu sorrio.

— É. — Tamborilo com os dedos no volante no ritmo da música. — É obrigatório. Você não sabia? Precisa fazer uma destas três coisas: primeira — eu levanto um dedo: — Mostrar a bunda pra um deles.

Ela arregala os olhos azuis.

— Segunda: a gente tem que passar do lado de um enquanto você finge que tá se masturbando.

Ela arregala os olhos ainda mais e seu queixo cai.

— Ou terceira: simplesmente faça assim com o braço — levanto e abaixo o braço com o punho erguido — pra ele tocar a buzina.

O alívio toma conta do rosto dela.

— Tá — ela diz com um sorriso misterioso no canto dos lábios. — Na próxima oportunidade, vou consumir esta viagem de carro fazendo sacanagem com um caminhoneiro — ela diz isso de forma indiscutível.

Dez minutos depois, nossa vítima — bom, está mais pra felizardo; afinal, é Camryn que vai mexer com ele — surge à frente. Estamos num longo trecho de estrada reta que corta uma paisagem plana e sem árvores dos dois lados. Alcançamos a carreta e mantemos uma velocidade constante de 100 quilômetros por hora atrás dele. Camryn, usando aquele shortinho branco minúsculo de algodão que eu adoro tanto, tira as pernas de cima do banco e põe os pés no assoalho. Ela está com um sorriso malicioso, e eu estou ficando meio excitado.

— Tá pronta? — pergunto, abaixando um pouco a música.

Camryn balança a cabeça e eu olho pelos retrovisores primeiro, depois à frente na mão contrária para ver se nenhum carro está vindo dos dois lados.

Quando saio de trás da carreta e vou para a outra pista, Camryn enfia a mão direita dentro do short.

Fico de pau duro na hora.

Eu tinha certeza que ela ia só fazer o gesto de buzinar!

Sorrio com malícia para ela, com todo tipo de pensamento pervertido rodopiando no cérebro, e ela sorri em resposta. Piso mais no acelerador e vou aumentando gradualmente a velocidade até alcançarmos a janela do motorista da carreta.

Meu Deus do céu...

A mão de Camryn se mexe suave mas visivelmente por baixo do tecido fino do short; o indicador e o polegar da mão esquerda estão enfiados por dentro do elástico, baixando-o o suficiente para desnudar sua barriga. Ela encosta a cabeça no banco e puxa o short um pouco mais para baixo. Estou quase distraído demais para manter os olhos na estrada.

Ela morde o lábio inferior e mexe os dedos furiosamente dentro do short. Começo a achar que ela não está fingindo coisa nenhuma. Meu pau está tão duro que poderia cortar um diamante.

A carreta também está mantendo o ritmo. Distraído com Camryn, não percebi que meu pé estava relaxando aos poucos no acelerador, e quando a nossa velocidade caiu um pouco, a carreta também reduziu.

Uma voz uivante e rouca sai da janela da carreta: — Puta que pariu! Vai me matar do coração, neném! U-huu! — Ele toca sua buzina ensurdecadora, excitado.

Sentindo um acesso de possessividade, reduzo de 100 para 70 quilômetros por

hora e volto para trás do caminhão. Bem a tempo, porque uma van estava vindo na outra pista.

Olho para Camryn, sabendo que meu olhar deve estar tresloucado. Ela tira a mão de dentro do short e sorri para mim.

— Eu não esperava isso!

— Foi por isso que eu fiz — ela diz, voltando a apoiar os pés na porta do carro e obstruindo o retrovisor com os dedos dos pés.

— Você tava... se masturbando de verdade?

A velocidade baixou de 70 para 60. Meu coração está disparado no peito.

— Tava, sim — ela diz —, mas não pro caminhoneiro.

Seu sorriso se aprofunda quando ela tira alguns fios de cabelo que se alojaram entre seus lábios. Não consigo deixar de olhar para aqueles lábios, estudando-os, querendo beijá-los e mordê-los.

— Bom, não que eu esteja reclamando — digo, tentando prestar atenção na estrada e não matar a nós dois —, mas agora tô com... um probleminha.

O olhar de Camryn para no meu colo e ela olha para o meu rosto de novo, inclinando a cabeça para um lado com uma expressão de malícia e sedução. Então ela desliza no banco para perto de mim e enche a mão no meio das minhas pernas. Agora meu coração está quicando nas costelas. Estou com os nós dos dedos brancos de tanto apertar o volante com as duas mãos. Ela beija meu pescoço, meu maxilar e passa os lábios na minha orelha. Arrepios me estupram.

Ela começa a abrir o zíper da minha bermuda.

— Você me ajudou com meus “problemas” — sussurra no meu ouvido, mordendo meu pescoço de novo. — É justo que eu retribua o favor.

Camryn olha para mim.

Eu só balanço a cabeça feito um idiota porque não consigo pensar com a cabeça de cima tempo suficiente para formar uma frase, no momento.

Aperto mais as costas contra o assento quando ela pega o meu comprimento na mão e põe sua cabeça entre a minha barriga e o volante. Meu corpo estremece um pouco quando sinto sua língua serpentear para lambê-lo. Ai meu Deus... Ai meu Deus... Não sei como vou dirigir...

Quando ela me enfia no fundo de sua garganta, eu tremo, minha cabeça vai um pouco para trás, ainda tentando manter os olhos na estrada, e meu queixo cai. Agora só estou segurando o volante com a mão esquerda; enquanto ela me chupa com força e rápido, minha mão direita largou o volante e está segurando sua nuca, seu cabelo misturado aos meus dedos crispados.

A velocidade aumentou de 65 para 80 km/h.

Quando chego a 95 km/h, minhas pernas estão tremendo e eu não consigo enxergar.

Seguro o volante com as duas mãos de novo, tentando manter algum controle sobre alguma coisa, especialmente a porcaria do carro, e solto um grito e gemo quando gozo.

Consegui não matar a gente na estrada depois do boquete avassalador de Camryn.

Chegamos a Galveston de manhã e ela continua capotada no banco, com as pernas parcialmente estendidas no assoalho. Não me dou ao trabalho de acordá-la ainda.

Primeiro passo devagar pela casa da minha mãe, notando que seu carro não está na garagem, o que significa que ela está trabalhando no banco hoje. Para matar o tempo, faço o caminho mais comprido até meu apartamento, passando pela 53rd. Camryn não dormiu muito a noite passada, mas acho que o carro andando mais devagar do que o normal bastou para acordá-la. Ela começa a se espreguiçar antes que eu entre no estacionamento do meu condomínio, na Park com a Cedar Lawn.

Camryn levanta sua linda cabeça loura do banco, e quando vejo o rosto dela, uma risada escapa dos meus lábios.

Ela inclina a cabeça já bastante bagunçada pelo sono para um lado e resmunga: — Qual é a graça?

— Gata, eu tentei não te deixar dormir assim.

Camryn estica o pescoço, se aproxima do retrovisor e revira os olhos ao ver as três longas marcas das costuras do banco numa das bochechas, indo até a orelha. Ela cutuca as marcas ao espelho.

— Uau, isso dói — diz.

— Você tá linda, mesmo com listras. — Eu rio e ela não consegue deixar de sorrir.

— Bom, chegamos — digo finalmente, parando numa vaga e desligando o motor, depois deixando as mãos ao lado do corpo.

O carro está constrangedoramente silencioso. Embora nem eu nem ela jamais tenhamos realmente dito que nossa viagem terminaria no Texas, ou que as coisas entre nós iriam mudar, é como se ambos pudéssemos sentir isso.

A única diferença entre nós é que... só eu sei por que vão mudar.

Camryn está perfeitamente imóvel e em silêncio no seu lado, com as mãos dobradas no colo.

— Vamos entrar — digo, para quebrar o silêncio.

Ela força um sorriso para mim e abre a porta.

— Uau, isto aqui parece mais uma república estudantil do que um condomínio de apartamentos. — Ela põe a mochila e a bolsa no ombro, olhando para o prédio antigo e os carvalhos gigantes espalhados pela paisagem.

— Era um hospital dos Fuzileiros Navais na década de 1930 — digo, tirando minhas mochilas do porta-malas.

Camryn pega o violão de Aidan do banco de trás.

Andamos por uma calçada branca como giz e cheia de curvas e chegamos ao meu apartamento de um quarto no térreo. Achando a chave certa, abro a porta da grande sala de estar. O cheiro de casa fechada me atinge assim que entramos; não é um fedor, só um cheiro de lugar vazio.

Deixo minhas mochilas no chão.

Camryn fica parada ali, de início, examinando o lugar.

— Pode deixar suas coisas onde quiser, gata.

Vou até o sofá e pego o jeans que está jogado no encosto, depois uma cueca e uma camiseta da poltrona e da espreguiçadeira do conjunto.

— Este apartamento é muito legal — ela comenta, olhando ao redor.

Finalmente, ela larga suas coisas no chão e apoia o violão de Aidan no encosto do sofá.

— Não é grande coisa como apartamento de solteiro — digo, indo para a sala de jantar —, mas gosto daqui, e queria mesmo morar perto da praia.

— Não mora com ninguém? — ela pergunta, me seguindo.

Balanço a cabeça, vou para a cozinha e abro a geladeira; as várias garrafas e potes na porta tilintam uns contra os outros.

— Não mais. Meu amigo Heath morou comigo por uns três meses quando me mudei pra cá, mas acabou indo pra Dallas morar com a noiva.

Antes de fechar a geladeira, pego uma garrafa de dois litros de Ginger Ale.

— Quer também? — Seguro a garrafa e mostro para ela. — Viu? Eu tenho alguma coisa além de refrigerante e cerveja na geladeira, e você viu que não passei aqui antes pra colocar.

Ela sorri com doçura e diz:

— Obrigada, mas não tô com sede agora. Você comprou isso pra quê? Ressaca, enjoo?

Sorriso para ela e tomo um gole do gargalo. Ela não fica horrorizada como eu esperava que ficaria.

— É, você me pegou — admito, tampando a garrafa. — Se quiser tomar banho — digo, saindo da cozinha e apontando para o corredor —, o banheiro fica logo ali; vou ligar pra minha mãe pra ela não ficar preocupada e dar uma arrumada aqui antes de tomar banho.

Minha planta já deve ter morrido.

Camryn parece um pouco surpresa.

— Você tem uma planta?

Eu sorrio.

— Tenho, o nome dela é Georgia.

Suas sobrancelhas se erguem um pouco mais.

Eu rio baixinho e a beijo de leve nos lábios.

Enquanto Camryn está no chuveiro, vasculho cada centímetro visível do meu apartamento à procura de qualquer coisa incriminatória: meias nojentas, encardidas (achei uma no pé da cama), camisinhas (tenho uma caixa cheia no criado-mudo — eu a enfio no fundo do balde de lixo), embalagens abertas de camisinha (duas no cesto de lixo do meu quarto), mais roupa suja e uma revista de sacanagem (Putá merda! Tá atrás da privada — sem dúvida ela já viu).

Depois, lavo os poucos pratos sujos que deixei na pia antes de viajar e me sento na sala para ligar para a minha mãe.

CAMRYN

QUANDO VEJO A REVISTA de sacanagem atrás da privada, guardada tão casualmente como se fosse uma revista de motociclismo, não consigo deixar de rir para mim mesma.

Fico me perguntando brevemente se existe algum homem no mundo que não usa pornografia, e então percebo como a pergunta é idiota. Eu não posso falar nada; já vi minha cota de vídeos pornôs na internet.

Tomo um banho demorado e quente, me enxugo com a toalha de praia que Andrew me deu e me visto.

Não gosto daqui. Do apartamento dele. Do Texas.

Em qualquer outra época e em outras circunstâncias, seria diferente, mas o que eu disse a ele naquela noite, quando paramos na beira da estrada, continua sendo verdade.

Este lugar, tudo nele parece o fim. A magia do nosso tempo juntos na estrada literalmente quase evaporou com a chuva da semana passada. Não nossos sentimentos um pelo outro... não, eles são tão fortes que pensar no fim, de qualquer forma que seja, está me deixando metaforicamente de joelhos. O que sentimos um pelo outro é... bem, é tudo o que nos resta. A estrada à nossa frente se foi. As paradas espontâneas, às vezes sem saber onde estamos, mas se lixando pra isso, se foram. Os motéis e as pequenas coisas como carne-seca, óleo Johnson's e banho de espuma, tudo isso se foi. A trilha sonora do nosso tempo juntos, da nossa curta vida juntos, silenciou com o fim da última faixa do disco. Agora só consigo ouvir a vibração suave do silêncio saindo dos alto-falantes. Sinto que tudo o que quero é estender a mão e tocar tudo de novo, mas minha mão não se move para apertar o botão.

E eu não consigo entender por quê.

Enxugo a lágrima do meu rosto, empurro minhas emoções para os pulmões e as prendo ali, respirando fundo, antes de abrir a porta do banheiro.

Ouçó Andrew falando ao telefone quando passo pela sala de jantar: — Não fode comigo, Aidan. Não tô com saco pra essa merda. É, e daí? Quem é você pra me dizer o que fazer da minha vida? Quê? Dá um tempo, mano; ir a um enterro não é obrigatório. Por mim, prefiro nunca mais ir a nenhum, a não ser que seja o meu. Não sei pra que serve um funeral, aliás; ir ver alguém que você gosta deitado numa porra numa caixa, completamente sem vida. Prefiro que a última vez que eu veja alguém seja ainda com vida. Não me vem com essa, Aidan! Você sabe que é babaquice!

Não quero ficar num canto como se estivesse bisbilhotando, mas também não parece exatamente adequado entrar lá ainda.

Entro assim mesmo. Ele está ficando bravo demais, só quero acalmá-lo. Assim que ele me vê, baixa o tom zangado com Aidan e levanta as costas do sofá.

— Olha, preciso desligar — ele diz. — Já, já liguei pra mamãe. Sim. Tá, tudo bem, entendi. Até.

Ele desliga o celular e o deixa na mesa de carvalho de centro, ao lado de seu pé descalço.

Eu me sento ao lado dele na outra almofada.

— Desculpa por isso — ele diz, dando tapinhas na minha coxa e depois passando a mão nela. — Ele nunca mais vai me deixar em paz.

Eu me aproximo, me sento no colo de Andrew e ele me puxa para seu peito, como se eu fosse o que ele precisa para se acalmar. Abraço o seu pescoço, cruzando os dedos ao redor do seu ombro. Me curvando, beijo o canto de sua boca.

— Camryn. — Ele me olha nos olhos. — Escuta, também não quero que isto seja o fim — ele diz, como se tivesse lido meus pensamentos enquanto eu estava no banheiro, momentos atrás.

De repente, Andrew me levanta e me faz sentar reta no seu colo, de frente para ele, com uma perna de cada lado e os joelhos dobrados no sofá. Ele pega minhas mãos com as suas e me olha com seriedade e intensidade nos olhos.

— E se a gente... — Ele desvia o olhar, ponderando profundamente suas palavras, mas eu gostaria de saber se é porque ele quer dizer do jeito certo, ou talvez para não dizer nada.

— E se a gente o quê? — Tento motivá-lo. Não quero que ele recue, não importa o que seja; quero que ele diga. Sinto um sopro renovado de esperança e não aguento deixar que passe. — Andrew?

Seus olhos verdes e intensos param sobre os meus quando minha voz o traz de volta ao momento.

— E se a gente fosse embora juntos? — ele diz, e meu coração começa a bater mais forte. — Não quero ficar aqui. E não tô dizendo isso por causa do meu pai ou do meu irmão. Nada disso tem a ver com o que eu tô sentindo. Agora. Aqui com você. Com o que senti todo esse tempo, desde o dia em que te vi sentada sozinha naquele ônibus no Kansas. — Ele aperta mais a minha mão. — Sei que você perdeu teu parceiro no crime, mas... quero que você seja a minha parceira. Talvez a gente devesse viajar juntos pelo mundo, Camryn... Sei que não posso substituir teu ex...

Lágrimas correm dos meus olhos.

Andrew interpreta isso mal. Sua mão solta a minha, e de repente ele não consegue mais olhar para mim. Pego o seu rosto em minhas mãos, forçando seu olhar torturado.

— Andrew... — balanço a cabeça, com lágrimas escorrendo pelo rosto — ... sempre foi você — sussurro com voz rouca. — Mesmo com Ian, eu sentia que faltava alguma coisa.

Te falei naquela noite no pasto; te falei que... — Minha voz some. Sorrio e digo: — Você é meu parceiro no crime. Já sei disso há muito tempo.

Beijo seus lábios.

— Não consigo pensar em nada neste mundo que eu queira mais do que conhecer o mundo com você. Nosso lugar é na estrada. Juntos. É onde quero estar.

Seus olhos estão rasos d'água, mas ele deixa seu sorriso luminoso afastar as lágrimas antes que caiam. E então esmaga minha boca com a sua, os dois segurando o rosto um do outro com as mãos. Seu beijo tira o meu fôlego, mas eu só o beijo mais, bebendo o máximo possível de seu hálito. E sem deixar de me beijar, suas mãos soltam meu rosto e ele aperta meu corpo, me colocando de pé com ele.

— Você precisa conhecer minha mãe hoje — ele diz, examinando meu rosto, olhando profundamente nos meus olhos.

Enxugo o resto das minhas lágrimas, fungando, e balanço a cabeça.

— Vou adorar conhecer tua mãe.

— Ótimo — ele diz, afastando-me do seu peito e me pondo no chão. — Vou tomar banho, vamos fazer umas coisas na cidade e depois visitá-la quando ela voltar do trabalho.

— Tá — concordo, sem tirar o sorriso do rosto.

Não conseguiria tirá-lo nem tentando.

Ele me olha por um longo momento, como se não quisesse se separar de mim nem o tempo de tomar banho, seus olhos sorridentes tão radiantes como os vi naquela noite depois da nossa apresentação no Old Point. Seu rosto transmite todo tipo de coisa que alguém que está incrivelmente feliz pode querer dizer, mas ele não diz nada.

Não precisa dizer.

Andrew finalmente sai do quarto para tomar banho e eu vou ver minhas mensagens de texto. Mamãe ligou, finalmente. Deixou uma mensagem na caixa postal, contando tudo sobre seu cruzeiro nas Bahamas, que acabou durando oito dias. Parece que ela está gostando de verdade desse Roger. Talvez eu precise passar em casa e ficar tempo suficiente para testar a personalidade dele no meu radar antibabacas, verificar se ele não cegou minha mãe com algo que disfarça os sinais de alerta: mais dinheiro que meu pai, um corpo mais sexy que o de Andrew — bom, isso não é muito provável — ou o tamanho do... Não sei ao certo como vou descobrir isso, a não ser perguntando diretamente pra minha mãe. Não vai rolar.

Meu pai também ligou. Disse que vai pra Grécia daqui a um mês em viagem de negócios e perguntou se quero ir com ele. Eu adoraria, mas sinto muito, papai, se eu for pra Grécia em algum momento do ano que vem, vai ser com Andrew. Sempre fui a menina do papai, mas todos precisam crescer um dia, e agora... agora sou a menina do Andrew.

Afasto essas fantasias do meu cérebro e volto a verificar as mensagens. Natalie finalmente ligou, em vez de ficar mordendo a língua, mandando mensagens. Sei que a esta altura ela está mais do que maluca para saber o que ando fazendo e com quem estou. Talvez eu já a tenha torturado o suficiente.

Hum... posso dar um aperitivo a ela.

Um sorriso maldoso se abre no meu rosto. Um aperitivo pode ser uma tortura ainda maior, mas é melhor do que nada.

Quando Andrew sai do chuveiro, andando pelo apartamento com uma toalha úmida no pescoço, eu o chamo na sala de estar. Ele fica ali, sem camisa: a coisa mais sexy que já vi na vida, com água escorrendo pelo seu tanquinho bronzeado. Quero lambê-lo, mas me contenho pelo bem de Natalie.

— Amor, vem cá — digo, chamando com um dedo —, quero mandar uma foto de nós dois pra Natalie. Ela tá me perguntando de você desde Nova Orleans, mas ainda não falei nada pra ela, nem o teu nome. Ela deixou uma mensagem na caixa postal. — Começo a apertar teclas no meu celular.

Ele ri, enxugando a nuca com a toalha.

— O que ela disse?

— Tá a ponto de explodir, praticamente. Quero mexer com a cabecinha dela.

As covinhas de Andrew ficam mais fundas.

— Demorou, eu tô dentro. — Ele desaba no sofá e me puxa junto.

Tiro algumas fotos de nós dois: uma com os dois só olhando para a câmera, outra dele me dando um beijo estalado na bochecha e outra dele olhando para a câmera, sedutor, com a língua saindo do canto da boca, lambendo o meu rosto.

— Esta ficou perfeita — digo, escolhendo a terceira foto, empolgada. — Ela vai surtar.

Prepare-se; o Texas pode ser atingido pelo Furacão Natalie quando ela receber esta foto.

Andrew ri e me deixa no sofá, mexendo no celular.

— Vou ficar pronto daqui a uns minutos — ele diz, saindo da sala.

Anexo a foto à mensagem e digito:

Aqui estamos, Nat, em Galveston, Texas : -)

E então aperto send. Ouço Andrew zanzando pelo apartamento. Começo a me levantar para espia-lo quando, menos de um minuto depois que mandei a foto, Natalie me responde:

PQP! Vc tah dormindo com Kellan Lutz?!?!?!?

Caio na risada. Andrew aparece no canto, infelizmente vestindo uma camisa desta vez, prendendo a parte da frente no cinto. E ele já trocou a bermuda por um jeans.

— Quê? Ela já respondeu? — Ele parece achar certa graça.

— Já — digo, ainda rindo —, eu sabia que não ia demorar.

Mais mensagens começam a aparecer em sequência rápida, como se uma máquina as estivesse disparando na outra ponta:

Cam, PQP, ele é um FILÉ, cacete! Que porra???

Me liga. Tipo JÁ!!!!!!!!!!!!

CAMNRYN MARTYBETH BENNETT! É melhor tu me ligar!!

Tô mordendo aqui!!!

Eu quis dizer MORDENDO

GRRR!!!!

PORRA DE CORRETOR ORTOGRÁFICO! Odeio esta bosta de celular.

MORRENDO, não mordendo!!

Não consigo parar de sorrir. Andrew aparece atrás de mim e tira o celular da minha mão.

Ele ri lendo as tontices dela.

— Essa garota é alfabetizada? — ele pergunta. — Quem é Kellan Lutz, cacete? Ele é feio? — Andrew me olha com uma ponta de medo nos olhos.

Não... hãã, pra feio ele não serve.

— É só um ator — tento explicar. — E não, não é. Nem esquentá, Natalie sempre, mas sempre compara todo mundo com algum famoso, geralmente exagerando muito. — Pego o celular de volta enquanto ele está parcialmente absorto pela minha explicação e o deixo no sofá. — Nós duas fomos colegas de Shay Mitchell e Hayden Panettiere, Megan Fox foi a rainha do baile, e Chris Hemsworth, o rei. — Estalo a língua. — E tinha a archi-inimiga de Natalie, uma líder de torcida que tentou roubar Damon dela no colegial; Natalie dizia que ela era a versão vadia de Nina Dobrev; nenhum deles se parecia muito com nenhum desses famosos, não

muito, pelo menos. Natalie é... esquisita.

Andrew balança a cabeça, sorrindo.

— Bom, ela é uma figura, já deu pra ver.

Ainda ouvindo meu celular vibrando sobre o sofá, eu o ignoro e ando até Andrew, passando os braços em sua cintura.

— Tem certeza que quer fazer isso comigo?

Ele me olha nos olhos, pondo suas mãos nas minhas bochechas.

— Nunca tive mais certeza de alguma coisa na minha vida, Camryn.

E então ele começa a andar de um lado para outro.

— Sempre senti um... um... — Seus olhos estão intensos, concentrados — ... um buraco... tipo, não era um buraco vazio, sempre tinha alguma coisa dentro dele, mas nunca era a coisa certa. Nunca se encaixava. Fiz faculdade por um tempo, até que um dia falei pra mim mesmo: Andrew, que porra você tá fazendo aqui? E aí caiu a ficha: eu não estava lá porque era o que eu queria, estava lá porque era o que as pessoas esperavam, até pessoas que não conheço, a sociedade. É o que as pessoas fazem. Elas crescem, vão pra faculdade, arrumam um emprego e fazem a mesma coisa todo dia pelo resto da vida, até que ficam velhas e morrem, como você explicou naquela noite, quando me contou teus planos com teu ex. — Ele move a mão direita como se estivesse dando um tapa no ar. — A maioria das pessoas nunca vê nada além do lugar onde cresceu. — Ele está andando mais rápido, parando de vez em quando para enfatizar uma palavra ou uma ideia importante. Mal olha para mim; parece estar dizendo essas coisas mais para si próprio, como se um rio de respostas que ele procurou a vida toda estivesse finalmente inundando sua mente, e ele estivesse tentando absorver todas de uma vez. — Nunca fiquei feliz fazendo nada...

Finalmente, ele olha para mim.

— E aí conheci você... e foi como se alguma coisa disparasse na minha cabeça, ou acordasse, n-não sei, mas... — Ele para na minha frente de novo. Quero chorar, mas não choro. — Mas eu sabia que, fosse o que fosse, era o certo. Encaixava. Você se encaixa.

Fico na ponta dos pés e beijo seus lábios. Há tantas coisas que quero dizer, mas estou esmagada por todas elas e não consigo escolher.

— Acho que preciso fazer a mesma pergunta pra você — ele diz — Tem certeza que você quer fazer isso?

Meus olhos sorriem para ele com ternura.

— Andrew, isso não é nem uma pergunta — respondo. — Sim!

Andrew abre um sorriso tão brilhante para mim que seus olhos verdes diabolicamente sexy cintilam.

— Então é oficial — ele diz —, vamos partir amanhã. Tenho um dinheiro no banco que vai dar pra gente se virar por uns tempos.

Balanço a cabeça, sorrio e digo:

— O dinheiro que tenho no banco não foi ganho com o meu trabalho, e por causa disso sempre gastei com moderação, mas pra fazer isso vou usar cada centavo, e quando ele acabar...

— Antes que o nosso dinheiro fique perto de acabar — ele interrompe —, a gente vai trabalhar na estrada, como você falou antes. Podemos tocar em clubes, bares e feiras-livres. — Ele ri alto com a ideia, mas está falando sério. — E a gente pode até trabalhar em bares e restaurantes, cozinhando, lavando louça e servindo mesas e... sei lá, mas vamos pensar em alguma coisa.

Tudo parece um sonho louco que fugiu do controle, mas nenhum dos dois se importa.

Estamos vivendo o momento.

— É, trabalhar antes que o dinheiro acabe é um plano melhor, com certeza — concordo, ficando vermelha. — Não quero virar mendiga, dormir atrás de caçambas de lixo ou ficar parada numa esquina com uma plaquinha dizendo: Trabalho em Troca de Comida.

Andrew ri e aperta meus ombros com as mãos.

— Não, a gente nunca vai chegar a esse ponto. Vamos trabalhar sempre, mas não por muito tempo num lugar só, e nunca fazendo a mesma coisa toda vez.

Olho nos seus olhos por um momento e passo os braços no seu pescoço, beijando-o apaixonadamente.

Então ele pega a chave.

— Vem — diz, jogando a cabeça para trás e estendendo a mão para mim. Eu a seguro.

— Vamos começar pelo princípio: preciso dar uma olhada na minha máquina. Ela deve estar sentindo a minha falta!

Revistas de sacanagem e um carro tratado como uma mulher!

Balanço a cabeça, rindo baixinho, enquanto ele me puxa para a porta. Pego minha bolsa do chão e nós saímos.

NOSSA PRIMEIRA PARADA é o lugar onde Andrew deixou seu Camaro 1969, e eu vejo meu primeiro texano estereotipado quando paramos na oficina onde Andrew aparentemente costumava trabalhar.

— Cê sabe que eu te demiti, né? — diz um homem alto de chapéu e botas pretas de caubói, saindo para nos receber. Ele estava dentro da oficina, falando com outro homem que tem mais cara de mecânico.

Ele aperta a mão de Andrew e o puxa para um abraço de macho, batendo em suas costas.

— Sei, sim — Andrew diz, batendo nas dele —, mas tive que fazer o que eu tinha que fazer.

Andrew se vira para mim.

— Billy, esta é minha namorada, Camryn. Camryn, este é meu ex-chefe, Billy Frank

Meu coração pulou quando ele me chamou de sua namorada. Ouvir isso com certeza teve um efeito maior sobre mim do que eu imaginava que poderia ter.

Billy estende uma mão suja de óleo e calejada e eu a aperto sem hesitação.

— Prazer em conhecer você. — Sorrio.

Ele sorri também; seus dentes são tortos e amarelados, provavelmente por muitos anos de vício em café e cigarro.

— Mas que belezinha — Billy diz, sorrindo para Andrew. — Eu também largava meu emprego por uma garota assim. — Ele dá um soco amigável no braço de Andrew.

Voltando a me olhar, ele pergunta: — Ele tá te tratando direito? Esse moleque tem uma língua, que se ele morder morre envenenado.

Rio baixinho e digo:

— É, a língua dele é fogo. Mas ele me trata maravilhosamente.

Os olhos de Andrew sorriem para mim ao meu lado.

— Bom, se ele te der trabalho, já sabe onde me encontrar. Ninguém aqui consegue botar esse cara nos eixos como eu. — Ele sorri para Andrew.

— Obrigada, vou me lembrar disso.

Deixamos Billy Frank, atravessamos a oficina e saímos por uma porta lateral que leva a uma área cercada onde ficam os carros. Sei imediatamente qual é o de Andrew, embora jamais o tenha visto, a não ser camuflado no tronco da árvore da tatuagem dele.

É o mais bonito de todos. Cinza-escuro com duas faixas pretas no meio do capô. É bem parecido com o Chevelle do pai dele. Andamos por um labirinto de carros e ele abre a porta do motorista, depois de verificar a lataria dos dois lados, da frente até a traseira.

— Se ela não estivesse precisando de alguns consertos quando decidi não ir de avião pra Wyoming — Andrew diz, correndo os dedos pela porta —, eu teria ido dirigindo, em vez de pegar aquele ônibus.

— Bom, não quero falar mal da tua garota aqui — digo, sorrindo e dando tapinhas no capô —, mas fico feliz por ela não ter podido te levar.

Andrew me olha com o rosto iluminado, da mesma forma que o vejo cada vez mais todo dia.

— Também fico feliz — ele diz.

Por um breve momento, penso onde nós dois estaríamos agora se isso tivesse acontecido, se nunca tivéssemos nos conhecido. Mas um momento breve já é tempo demais, porque pensamentos assim me embrulham o estômago. Não consigo imaginar não tê-lo conhecido. Nem quero.

— Então a gente vai nesse, não no Chevelle?

Andrew morde a bochecha por dentro, pensativo. Ele fica na frente da porta aberta, com a palma da mão no teto do carro, dá um tapinha leve e olha para mim.

— O que você acha? O que você prefere, gata?

É minha vez de morder a bochecha por dentro contemplativamente. Eu não achava que seria eu a decidir. Chego mais perto do carro e olho para dentro, verifico os bancos esportivos de couro e... bem, é a única coisa que verifico.

— Sinceramente? — pergunto, cruzando os braços.

Ele balança a cabeça.

Olho para o Camaro novamente, ponderando a questão.

— Eu meio que gosto do Chevelle — digo. — Adoro este carro, é muito irado, mas acho que tô mais acostumada com o outro. — Para reforçar meu argumento, aponto para os bancos. — E como vou deitar a cabeça no teu colo, ou dormir na frente, com bancos assim?

Andrew sorri delicadamente e acaricia o teto do carro, como que para lhe garantir que não é nada pessoal. Ele dá mais um tapinha e fecha a porta.

— Então a gente vai de Chevelle — diz — Mais tarde venho buscar esta caranga e deixar em casa.

Andrew me leva para comer fora e para alguns lugares variados que ele gosta de

frequentar em Galveston Island. E então, depois do horário de pico, recebe um telefonema da sua mãe.

— Tô nervosa — digo do lado do passageiro, quando nos aproximamos da casa dela.

Ele franze as sobrancelhas, me olhando de alto a baixo, e diz: — Não precisa; minha mãe vai adorar você. — Ele volta a olhar para a estrada. — Ela não é uma daquelas peruas de nariz empinado que acham que mulher nenhuma serve pro filho delas.

— Que alívio.

— E até se fosse — ele diz, sorrindo para mim —, ia adorar você do mesmo jeito.

Dobro as mãos no colo e sorrio. Não importa; ele pode dizer quanto quiser que ela é um doce, não vai ajudar nada a acalmar essa sensação nervosa no meu estômago.

— Você vai contar pra ela? — pergunto.

Ele olha para mim.

— O que, que a gente vai embora?

— É.

Ele balança a cabeça.

— Vou contar, senão ela vai se preocupar tanto comigo que vai precisar fazer terapia.

— O que você acha que ela vai dizer?

Andrew dá uma risadinha.

— Eu tô com 25 anos, gata. Moro sozinho desde os 19. Ela vai ficar bem.

— Bom, só tô falando... sabe... do motivo de você ir embora e do que a gente pretende fazer exatamente. — Desvio o olhar para o para-brisa. — Não é como fazer as malas e se mudar pra outra cidade; até minha mãe aguentaria essa notícia. Mas se eu contasse pra ela que pretendo viajar pra todo lugar e que vou fazer isso com um cara que conheci num ônibus, provavelmente ela ia ficar meio bolada.

— Provavelmente? — Andrew pergunta. — Tipo, se você contar?

Olho para ele.

— Não, eu vou contar, com certeza. Como você, também acho que ela precisa saber...

mas, Andrew, você entendeu o que eu quis dizer.

— Entendi, sim, gata — ele diz, dando seta para a esquerda e virando num

semáforo.

— E você tá certa; não é exatamente normal. — Então ele abre um sorriso para mim, e isso instantaneamente me faz sorrir também. — Mas esse não é um dos motivos pra gente querer fazer isso? Porque não é normal?

— É, sim.

— Claro que o maior motivo é quem vai me acompanhar — ele acrescenta.

Eu fico vermelha.

Mais duas quadras de casas aconchegantes e suburbanas e calçadas brancas com crianças pedalando suas bicicletinhas e chegamos à entrada da casa da mãe de Andrew.

É uma casa térrea, com um belo jardim florido ao redor de toda a fachada, e dois arbustos verdejantes dos dois lados da calçada que vão até a porta. O Chevelle ronrona ao entrar, parando atrás de um carro de família branco de quatro portas, estacionado dentro da garagem escancarada. Eu me olho rapidamente no retrovisor para me certificar de que não estou com meleca no nariz ou alface nos dentes, do sanduíche de frango que comi, e Andrew dá a volta e abre a porta para mim.

— Ah, saquei — brinco com ele. — Você só abre a porta do carro pra mim quando a mamãe pode estar olhando.

Ele estende a mão e faz uma reverência dramática.

— Vou abrir a porta pra você de agora em diante, se você gosta dessas coisas, milady... mas... — ponho minha mão na dele, sorrindo para o espetáculo — ... não pensei que você fosse desse tipo.

— Ah, é? — digo, com um sotaque britânico horrível, erguendo mais o queixo. — E que tipo pensou que eu fosse, sr. Parrish?

Ele fecha a porta e passa o braço pelo meu, mantendo as costas eretas e o queixo erguido.

— Pensei que você fosse do tipo que tá se lixando, contanto que a porta abra quando você quer sair.

Eu rio.

— Bom, você acertou — digo, e me encosto no ombro dele enquanto vamos para a porta dentro da garagem.

A porta se abre para a cozinha e o cheiro de carne de panela. Eu penso: ela já teve tempo pra fazer carne de panela? Mas então vejo a panela elétrica com timer sobre o balcão. Andrew dá a volta no balcão comigo e entra na sala de estar, quando uma bela mulher de cabelo grisalho surge de um corredor.

— Que bom que você chegou — ela diz, abraçando-o forte, praticamente esmagando-o com seu corpinho. Andrew deve ser uns 8 centímetros mais alto que ela. Mas vejo a quem ele puxou os olhos verdes e as covinhas.

Ela sorri para mim do jeito mais acolhedor do mundo e, para minha surpresa, me abraça também. Retribuo o abraço, apertando meus braços na vertical nas costas dela.

— Você deve ser Camryn — ela diz. — Sinto que já conheço você.

Isso me parece estranho. Eu nem sabia que ela existia até hoje. Olho disfarçadamente para Andrew e seus lábios se curvam num sorriso furtivo. Acho que ele teve muitas oportunidades de falar de mim enquanto estávamos na estrada, especialmente antes de ficarmos no mesmo quarto, mas o que mais me surpreende é saber que ele falou tanto de mim para ela.

— Prazer em conhecê-la, senhora... — Arregalo os olhos quando me viro para Andrew para informá-lo que vou chutar sua canela mais tarde, por ele não ter me dito o nome da mãe dele antes. Aperto os lábios, furiosa, mas ele continua apenas sorrindo.

— Pode me chamar de Marna — ela diz, abaixando os braços e segurando minhas mãos. Ela levanta minhas mãos com as dela, sempre me olhando com aquele sorriso radiante. — Vocês já jantaram? — ela pergunta, olhando para Andrew e depois para mim.

— Sim, mãe, a gente comeu alguma coisa mais cedo.

— Ah, mas vocês precisam comer. Fiz carne de panela e uma caçarola de vagem. — Ela solta só uma das minhas mãos, mantendo a outra delicadamente apertada na sua, e a sigo para outra sala, onde uma TV gigante está montada em cima de uma lareira. — Podem sentar que vou fazer um prato pra vocês.

— Mãe, ela não tá com fome, pode acreditar.

Andrew aparece atrás de nós.

Minha cabeça já está rodando um pouco. Ela sabe de mim, aparentemente o suficiente para sentir que já me conhece. É tão gentil e cheia de sorrisos como se já me amasse.

Sem falar que segurou minha mão, não a de Andrew, para me levar pela casa. Será que perdi alguma coisa, ou ela é a pessoa mais doce e de personalidade mais encantadora do planeta? Bem, seja como for, sinto o mesmo por ela.

Ela me olha e inclina a cabeça para um lado, esperando que eu diga algo. Fico um pouco constrangida, porque não quero magoá-la, e digo: — Obrigada pelo convite, mas acho que não consigo comer nada agora.

Seu sorriso se abranda.

— Bom, então que tal uma bebida?

— Perfeito; tem chá?

— Claro — ela diz — Com açúcar, sem, sabor limão, pêssego, framboesa?

— Só com açúcar está ótimo, obrigada.

Eu me sento na almofada do meio do sofá cor de vinho.

— Querido, você quer o quê?

— O mesmo de Camryn.

Andrew se senta ao meu lado, e antes de sair e voltar para a cozinha, ela nos olha por um momento, sorrindo, como se estivesse pensando alguma coisa em silêncio. E então desaparece.

Eu me viro rapidamente para Andrew e cochicho: — O que você falou de mim pra ela?

Andrew sorri.

— Nada de mais — ele diz, tentando parecer casual, mas sem conseguir. — Só que conheci uma garota doce e inimaginavelmente sexy, boca-suja e que tem uma pintinha na parte de dentro da coxa esquerda.

Dou um tapa na perna dele. Seu sorriso só aumenta.

— Não, gata — ele diz, falando sério agora —, só falei pra ela que te conheci no ônibus e que a gente tá junto desde então. — Ele passa a mão na minha coxa para me reconfortar.

— Parece que ela gosta demais de mim pra você ter contado só isso.

Andrew dá discretamente de ombros, e então sua mãe volta para a sala com dois copos de chá. Ela os coloca à nossa frente na mesinha de centro. O vidro dos copos é decorado com pequenos girassóis amarelos.

— Obrigada — digo e tomo um gole, pousando o copo de volta delicadamente. Procuro um descanso de copo sobre a mesinha para apoiá-lo, mas não há nenhum.

Ela se senta na poltrona que faz jogo com o sofá à nossa frente.

— Andrew falou que você é da Carolina do Norte.

Ahan... foi só isso que ele contou, o caramba! Posso sentir que ele está rindo por dentro; consigo até ouvir. Ele sabe que não posso fuzilá-lo com o olhar, nem lhe dar um tapão, nem fazer nada que normalmente eu faria. Apenas sorrio como se ele não estivesse sentado ao meu lado.

— Sim — respondo. — Nasci em New Bern, mas morei quase a vida toda em Raleigh.

— Eu tomo outro gole.

Marna cruza as pernas e dobra as mãos com anéis no colo. Suas joias são simples, só dois anezinhos em cada mão, brincos pequenos de ouro e um colar combinando por cima dos botões de sua blusa branca.

— Minha irmã mais velha morou em Raleigh por 16 anos antes de voltar pro Texas, o estado de vocês é lindo.

Apenas concordo com a cabeça e sorrio. Acho que era um assunto só para quebrar o gelo, porque fica um silêncio embaraçoso no ar agora, e noto que ela olha muitas vezes de relance para Andrew. E ele não diz nada. O silêncio está me dando uma sensação estranha, como se eu fosse a única pessoa presente que não sabe o que os outros estão pensando.

— Então, Camryn — Marna diz, tirando os olhos de Andrew —, aonde você estava indo quando conheceu Andrew?

Que legal; eu não esperava isso. Não quero mentir, mas a verdade não é exatamente algo que possa ser mencionado casualmente ao tomar chá com alguém que você acaba de conhecer.

Andrew toma um grande gole de chá e põe o copo sobre a mesa.

— Ela tava mais ou menos no mesmo barco que eu — ele responde por mim, e fico muda com o choque. — Eu tava fazendo hora na estrada, Camryn tava a caminho do nada, e por coincidência fomos parar no mesmo lugar.

Os olhos de Marna se iluminam de curiosidade. Ela inclina o queixo para um lado, olha primeiro para mim, depois de novo para Andrew, depois para nós dois. Há algo meigo, mas muito misterioso em seu rosto, e não o ceticismo confuso que eu esperava.

— Bom, Camryn, quero que saiba que fico muito feliz que vocês tenham se conhecido.

Parece que sua companhia ajudou Andrew a enfrentar momentos muito difíceis.

Seu sorriso luminoso perde um pouco o brilho depois desse comentário, e de soslaio percebo que Andrew a olha cautelosamente. Pelo jeito ela já falou o suficiente, ou talvez ele tema que ela vá dizer alguma coisa constrangedora na minha frente.

Me sentindo um pouco desconfortável por ser a única que obviamente não tem todas as informações, forço um sorrisinho só para o benefício da mãe de Andrew.

— Bem, a gente se ajudou muito, pra ser sincera — digo, sorrindo mais agora, porque estou dizendo a verdade.

Marna bate de leve nas coxas com as palmas das mãos, abre um sorriso feliz e se

levanta.

— Preciso dar um telefonema — ela diz, gesticulando. — Esqueci completamente de avisar Asher sobre a moto que ele quer comprar do sr. Sanders. Melhor ligar pra ele antes que eu me esqueça de novo; me deem licença um minutinho.

Seus olhos pousam discretamente em Andrew antes que ela saia da sala. Eu vi, com certeza nenhum dos dois acha que não sei que mais alguma coisa está acontecendo que eu obviamente não tenho como saber. Não sei se ela não gostou de mim e está disfarçando para não deixar Andrew constrangido, ou se é algo completamente diferente.

Isso está me deixando louca, e não estou mais tão calma quanto fiquei ao conhecê-la.

E para confirmar, alguns segundos depois que ela sai da sala, Andrew se levanta.

— O que tá acontecendo? — pergunto baixinho.

Andrew olha para mim e sinto que ele sabe que não vou ignorar isso eternamente. Ele tem plena consciência de que fui mais observadora do que ele gostaria que eu fosse.

Seus olhos examinam meu rosto, mas ele não sorri, apenas me olha como alguém olha para uma pessoa antes de se despedir dela. Então ele se curva e me beija.

— Não tá acontecendo nada, gata — ele diz, decidindo agora ser o Andrew sorridente e brincalhão que conheço tão bem, mas não engulo isso.

Sei que ele está mentindo, e de jeito nenhum vou deixar passar. Vou relevar por enquanto, enquanto estamos aqui, mas depois é outra história.

— Volto já — ele diz, e sai por onde sua mãe saiu.

ANDREW

ACHO QUE EU NÃO deveria ter trazido Camryn aqui, porque ela é esperta, e eu sabia que ela iria detectar a menor flutuação na conversa. Mamãe também não dificultou muito as coisas para Camryn. Mas este encontro entre as duas é importante, e fiz o que eu tinha que fazer.

Atravesso a sala e o corredor até o quarto da minha mãe. Ela está de pé, me esperando ali. Chorando.

— Mãe, não faz isso, por favor. — Eu a abraço, segurando sua nuca com a mão.

Ela funga, tosse e tenta parar de chorar.

— Andrew, por favor, vá falar com ele e...

— Mãe, não. Escuta. — Eu a afasto com cuidado do meu peito e olho para ela, segurando-a pelos ombros. — Já passou tempo demais. Adiei demais e você sabe disso.

Admito que devia ter ido há oito meses, mas não fui, e agora é tarde demais.

— Você não tem certeza. — Lágrimas correm pelo seu rosto.

Abrando minha expressão, mas sei que ela não vai me ouvir, por mais que eu tente ser convincente.

— Tá pior agora — digo. — Olha, só queria que você conhecesse Camryn. Ela é muito importante pra mim. Vocês duas são muito importantes pra mim, e acho que precisam se conhecer...

Minha mãe põe a mão diante do meu rosto e gesticula para mim.

— Não consigo falar disso — diz com voz sufocada —, não consigo e pronto. Vou fazer o que você quiser e, filho, já adoro a menina. Já percebi que ela é maravilhosa. Consigo ver que ela é diferente de todas as garotas com quem você se envolveu. E ela é importante pra mim, não só porque é importante pra você, mas por causa de tudo que ela te deu.

— Obrigado — digo, tentando não chorar também.

Minhas mãos caem dos seus ombros.

Mexo no meu bolso de trás, tiro um envelope dobrado e ponho nas mãos relutantes da minha mãe. Eu beijo sua testa.

Ela se recusa a olhar para o envelope. Para ela, é algo final. Para mim, diz todas as coisas que não vou conseguir dizer.

Minha mãe balança a cabeça e mais lágrimas vertem dos seus olhos. Ela deixa o envelope sobre a penteadeira e pega um lenço de papel de uma caixa perto da cama.

Enxugando as lágrimas da face e fungando, ela tenta se recompor antes de voltar

para a sala de estar e ver Camryn.

— Por que você não conta pra ela, Andrew? — minha mãe diz, se virando para me olhar da porta do quarto. — Você devia avisar, pra vocês dois poderem fazer as coisas que sempre quiseram fazer antes que...

— Não posso — digo, e minhas próprias palavras abrem um buraco em meu peito. — Quero que tudo aconteça normalmente, e não forçado a acontecer antes por causa de outra coisa.

Ela não gosta da minha resposta, mas entende.

Saímos juntos do quarto, e ela está sorrindo o quanto pode, por Camryn, quando voltamos para a sala de estar.

Camryn conserva o sorriso também, mas está estampado em seu rosto que ela sabe que minha mãe chorou.

Mamãe anda até Camryn, e ela instintivamente se levanta.

— Desculpe por ter que abreviar esta visita — minha mãe diz, abraçando Camryn —, mas Asher acabou de me dar uma má notícia sobre um parente. Espero que você entenda.

— Claro — Camryn diz, com o semblante endurecido pela preocupação. Ela olha rapidamente para mim. — Lamento ouvir isso. Espero que a senhora fique bem.

Minha mãe balança a cabeça e força um sorriso em seus olhos lacrimejantes.

— Obrigada, querida. Diz pro Andrew trazer você quando quiser, você é sempre bem-vinda aqui.

— Obrigada — Camryn diz baixinho, e resolve abraçar minha mãe de novo.

— Andrew, o que foi tudo aquilo? — ela pergunta antes mesmo que eu feche a porta do carro.

Suspiro e viro a chave na ignição.

— É só briga de irmão — digo, tentando não olhar para ela ao meu lado. Dou a partida e engato a ré. — Mamãe fica nervosa quando Aidan e eu brigamos.

— Você tá mentindo.

Estou, e vou continuar mentindo.

Olho rapidamente para ela e dou ré para a rua.

— Ela só não quis envolver você — digo, e o resto da mentira começa a se formar. — Mas é por causa do enterro do meu pai. Viu como ela não falou disso na tua frente? Me levou pro quarto dela pra conversar pra te poupar.

Ela ainda não está acreditando totalmente, mas posso ver que está começando.

— Então que papo foi aquele de uma má notícia sobre um parente?

— Não tem má notícia nenhuma — digo. — Ela só queria falar comigo, aí contei pra ela que briguei com Aidan por telefone antes de a gente sair do apartamento, e ela ficou chateada.

Camryn suspira e olha pela janela.

— Minha mãe gostou de você de verdade.

Ela olha para mim. De início, tenho a sensação de que quer continuar falando de Aidan, mas ela deixa quieto.

— Bom, ela é um doce de pessoa — Camryn diz. — Você e Aidan (ela diz o nome dele com ênfase, como se não acreditasse totalmente na minha mentira) deviam tentar conviver melhor, pra não deixá-la tão triste.

Mesmo fora de lugar, é um bom conselho.

— Amor, olha, desculpa; talvez eu devesse ter esperado mais pra te trazer pra conhecê-la.

— Tudo bem — ela diz, e desliza para o meu lado. — Fiquei feliz por você ter me trazido. Me senti... especial.

Acho que agora ela acredita em mim, ou talvez esteja apenas tentando empurrar o pressentimento para o fundo de sua mente, porque se deu conta de que não vou revelar a verdade tão cedo.

Passo o braço ao redor dela.

— Mas você é especial.

Ela deita a cabeça no meu peito.

— Você não contou pra ela que a gente vai partir amanhã.

— Eu sei, mas vou contar. Posso ligar pra ela hoje à noite e contar. — Eu a aperto de leve. — Agora que ela já te conheceu e se apaixonou, acho que vai ficar menos preocupada por eu estar fazendo algo tão anormal.

Camryn enfia a mão entre as minhas coxas e sorri para mim.

— E agora só falta eu contar pra minha mãe. — Ela ergue o corpo de repente, como se tivesse acabado de ter uma ideia. — Posso deixar pra contar quando a gente passar pela Carolina do Norte, aí a gente faz uma visita e eu te apresento.

Seus olhos azuis estão radiantes em seu rosto sorridente.

Sorrio também e balanço a cabeça.

— Quer levar alguém como eu pra tua casa e me apresentar pra tua mãe? E se ela bater o olho nas minhas tatuagens e te proibir de ficar comigo? — eu brinco.

— Sem chance — ela diz, rindo um pouco. — É mais fácil ela se apaixonar por você.

— Uau, vou traçar uma loba!

Seus olhos praticamente saltam das órbitas, e eu jogo a cabeça para trás, gargalhando.

— Amor, tô brincando!

Ela rosna para mim e respira fundo, irritada, mas também não consegue disfarçar muito bem seu bom humor.

— Ei, você já... bem...?

Ela não consegue dizer isso em voz alta, e eu acho hilário.

— Se já transei com uma mulher mais velha? — digo com um sorrisinho.

Esse assunto é claramente constrangedor para Camryn, mas foi ela que perguntou, portanto, estou completamente livre para torturá-la com isso o máximo possível.

— Já, sim.

Ela vira a cabeça bruscamente e arregala os olhos mais ainda do que antes.

— Transou nada!

Rio ao mesmo tempo que confirmo:

— Transei, sim.

— Qual a idade dela? Ou... delas? — Ela inclina a cabeça, mas sem mover os olhos.

O plural parece um território perigoso, de repente, mas quero ser completamente sincero com ela. Bom, pelo menos sobre esses assuntos...

Ponho a mão na perna dela.

— Foram poucas vezes. Uma tinha uns 38 anos, que pra mim não é muito diferente de 28. Mas também dormi com uma mulher de uns 43.

O rosto de Camryn está quente de tão vermelho, mas ela não está com ciúmes ou zangada. Mas acho que pode estar um pouco... preocupada.

— E do que você gosta mais? — ela pergunta, muito cautelosamente.

Tento não sorrir.

— Amor, a questão não é a idade — admito. — Tipo, não curto vovozinhas, nada disso, mas acho que dá pra foder qualquer mulher, por mais velha que seja, se ela conseguir se manter gostosa.

— Ai meu Deus! — Camryn ri. — Depois eu é que sou boca-suja!

Ela se recupera do choque do que eu disse e insiste: — Você não respondeu à minha pergunta.

— Tecnicamente, respondi — retruco, para bagunçar mais um pouco a cabecinha dela.

— Você perguntou do que gosto mais, e não há uma resposta definitiva para a sua pergunta, apenas generalidades.

Sei exatamente o que ela quis perguntar, e tenho certeza de que ela sabe disso. Mas nunca perco uma oportunidade de vê-la se retorcer.

Ela estreita os olhos para mim.

Eu rio e finalmente abro o jogo.

— Amor, você é a melhor transa que já tive — digo, e ela estufa os lábios como quem diz Ah, tá, você só diz isso porque sou a mais recente. — E tô falando sério, Camryn. Não tô tentando encher tua cabeça só porque você tá comigo agora, pra valorizar meu patrimônio.

Ela sorri e revira os olhos, mas agora acredita no que eu disse. Eu a puxo mais para perto de mim, e ela fica feliz em deitar a cabeça de novo no meu peito.

— Você é a melhor transa que já tive porque com você consegui uma coisa que nunca consegui de nenhuma outra garota.

Ela vira a cabeça para cima para me olhar, esperando para saber o que seria isso.

Sorrio para ela e digo:

— Eu desvirginei tua inocência, te deixei mais à vontade com tua sexualidade. E isso me enche de tesão.

Camryn ergue o corpo e beija meu queixo.

— Você só gosta de mim por causa daquele boquete na estrada.

Olho para cima e sorrio.

— Bom, eu gostei muito, muito, muito daquele boquete, mas não, amor, não gosto de você só por causa disso.

Acho que Camryn finalmente se sente justificada de novo. Ela ajeita a cabeça no meu peito e me aperta, passando o braço direito sobre a minha barriga.

Não dizemos nada o resto do caminho até meu apartamento. Sinto que o silêncio dela é menos sombrio do que o meu. Mas não quero que ela se preocupe nem sofra. Agora não. Nem nunca. É inevitável, mas quero adiar isso o máximo possível.

Passamos quatro horas vendo filmes na sala de estar, os dois espalhados no sofá. Eu a seguro em meus braços e a beijo enquanto ela tenta prestar atenção numa cena importante, e enfio a língua no seu ouvido só para que ela grite o quanto é nojento. Ela fica tão lindinha quando está com nojo, portanto, é culpa dela se faço isso toda hora.

Jogamos pipoca um na boca do outro e marcamos o placar. Ela ganha de mim por 6 a 4

antes de desistirmos e começarmos a comer a pipoca, em vez de brincar com ela. E eu a apresento à minha planta, Georgia, que não morreu na minha ausência. Camryn me contou de um vira-lata que ela adotou de um abrigo para animais e batizou de BeeBop, e eu digo o quanto sinto pena do cachorrinho por ter recebido um nome tão besta. Por coincidência, BeeBop morreu de insuficiência cardíaca congestiva, como meu cachorro e melhor amigo, Maximus. Mostrei fotos dele, e ela tinha uma sua junto com BeeBop, também. O bicho era tão feio que chegava a ser bonitinho.

Falamos por horas e horas, até que ela sobe no meu colo no sofá, ficando a cavalo sobre mim. Ela encosta o corpo no meu e diz, tão baixinho que minhas entranhas tremem:

— Vamos pra cama...

Levanto com as pernas dela ainda em volta da minha cintura, segurando sua bunda com as mãos, e a carrego para o quarto. Tiro toda a roupa e me deito no meio da cama.

Eu já estava de pau duro antes de trazê-la para cá. E fico vendo Camryn se despir lentamente na minha frente, tirando não só a roupa, mas também seu semblante normalmente tímido. Ela sobe em cima de mim do pé da cama e se posiciona no meu colo, até sentir que estou encaixado no meio de seus lábios quentes. Ela não tira os olhos de mim enquanto se curva para aproximar sua boca da minha, beijando meu peito e lambendo ao redor dos meus mamilos. Mantenho o calor de suas coxas nas minhas mãos até que ela me beija e eu passo a apertar seus seios.

— Você é tão gostosa — murmuro perto de sua boca, pouco antes que ela tire meu fôlego com um beijo.

Eu a forço de leve embaixo, e ela corresponde à pressão um pouco mais, me provocando e me fazendo querer meter fundo dentro dela. Mas agora é ela que está no controle, e eu deixo de bom grado.

Ela interrompe o beijo e beija um lado do meu pescoço e depois o outro, sempre mexendo seus quadris tão lentamente que meu desejo aumenta mais e mais.

— Quero te deixar molhada antes — sussurro para ela, segurando com força sua bundinha. Ela já está molhada, mas a questão não é essa. — Sobe aqui, amor — digo,

levantando o queixo para indicar o meu rosto.

Ela lambe meus lábios primeiro, e depois começa a levantar o corpo, e eu me deito um pouco mais para lhe dar espaço.

Não perco tempo quando suas coxas envolvem minha cabeça e começo a lambê-la furiosamente, chupando seu clitóris com tanta força que ela começa a apertar os quadris no meu rosto, se segurando na cabeceira da cama. Ela tá molhada pra caralho. Quando começa a gemer e choramingar, eu paro. E ela sabe por quê. Sabe que quero que ela goze comigo.

Camryn desce de novo pelo meu corpo e se senta no meu colo, se esfregando no meu pau antes de pegá-lo com a mão.

Quando ela se encaixa em mim lentamente, ambos gememos e estremecemos.

Depois de uma noite fazendo amor, ela adormece em meus braços e eu a abraço, sem querer soltá-la jamais. Eu choro baixinho com o rosto mergulhado na maciez do seu cabelo até pegar no sono também.

CAMRYN

— ANDREW? — EU CHAMO, rolando para o outro lado da cama. Mais acordada, levanto a cabeça lentamente e vejo que ele não está ali.

Sinto cheiro de bacon.

Penso na noite que tivemos e não consigo tirar o sorriso evidente do rosto. Me desvencilho dos lençóis, me levanto e visto a calcinha e a camiseta.

Andrew está de pé diante do fogão quando entro na cozinha.

— Amor, por que acordou tão cedo?

Ando até a geladeira e abro a porta, procurando qualquer coisa para molhar a boca.

Preciso escovar os dentes, mas se ele está preparando o café da manhã, não quero que o gosto fique esquisito por causa do creme dental.

— Queria te levar café na cama.

Ele demorou alguns segundos a mais para responder do que eu acharia normal, e sua voz pareceu estranha. Tiro a cabeça da geladeira e olho para ele. Está parado ali, olhando para a frigideira.

— Amor, você tá bem?

Deixo a porta da geladeira se fechar e não recebo nenhuma resposta.

Ele mal levanta a cabeça para me olhar.

— Andrew?

Meu coração está batendo cada vez mais rápido, embora eu não saiba por quê.

Me aproximo dele e ponho a mão no seu braço. Ele levanta a cabeça e me olha lentamente.

— Andrew...

Numa espécie de câmera lenta cruel, as pernas de Andrew se dobram e seu corpo desaba no chão de cerâmica branca, e a espátula que ele segurava cai junto com ele, espirrando óleo quente. Tento segurá-lo, mas não consigo mantê-lo de pé. Tudo ainda está se movendo em câmera lenta: meu grito, minhas mãos segurando seus ombros, sua cabeça batendo no assoalho. Mas então, quando todo o seu corpo começa a tremer incontrolavelmente em convulsão, a ação acelera e fica apavorante.

— ANDREW! MEU DEUS, ANDREW!

Quero ajudá-lo, mas seu corpo não para de se agitar. Vejo o branco dos seus olhos, e seu maxilar crispado num esgar horripilante. Seus membros estão imóveis e

rijos.

Grito de novo, com lágrimas chovendo dos meus olhos.

— Alguém me ajuda! — E então volto a mim e corro até o celular mais próximo. O dele está sobre o balcão. Digito 911, e nos dois segundos que levam para atender, fecho o gás do fogão.

— Por favor! Ele tá em convulsão! Por favor, alguém me ajuda!

— Moça, antes de mais nada, se acalme. Ele ainda está em convulsão?

— Sim!

Olho horrorizada para o corpo de Andrew se agitando no chão. Estou tão apavorada que sinto vontade de vomitar.

— Moça, quero que você tire de perto dele qualquer coisa com que ele possa se machucar. Ele está usando óculos? Sua cabeça pode bater em algum móvel ou objeto?

— Não! M-mas ele bateu a cabeça quando caiu!

— Tudo bem, ache alguma coisa para pôr debaixo da cabeça dele, uma almofada, algo para evitar que ele bata de novo.

Olho ao meu redor na cozinha primeiro, mas não encontro nada, então corro freneticamente para a sala de estar, pego uma almofadinha do sofá e trago de volta.

Solto o telefone tempo suficiente para enfiar a almofada por baixo de sua cabeça agitada.

Oh, não... meu Deus, o que tá acontecendo com ele?!

Encosto o telefone no ouvido de novo.

— Tá, já pus uma almofada debaixo da cabeça dele!

— Certo, moça — a atendente do serviço de emergência diz calmamente —, há quanto tempo ele está em convulsão? Você sabe de algum problema que ele tem que possa causar convulsões?

— Eu-eu n-não sei, uns... dois minutos, talvez, três no máximo. E não, nunca vi nada assim acontecendo com ele. Ele nunca me contou de nenhum... — A ficha começa a cair: ele nunca me contou. Todo tipo de coisa começa a atacar minha mente, me fazendo apenas perder a calma de novo. — Por favor, manda uma ambulância! Por favor!

Depressa! — Estou engasgando com as lágrimas.

O corpo de Andrew para de se agitar.

Antes que a atendente possa responder, digo:

— Ele parou! O-o que é que eu faço?

— Tá, moça, quero que você vire o corpo dele de lado. Vamos mandar uma ambulância. Qual o endereço?

Enquanto o estou virando de lado, a pergunta me imobiliza.

Eu... eu não sei a porra do endereço! Puta que pariu!

— Eu-eu não sei o... — Pulo de pé e corro até a pilha de correspondência sobre o balcão, descubro o endereço no primeiro envelope e leio para ela.

— Uma ambulância está a caminho. Quer continuar falando comigo até que ela chegue?

Não sei bem o que a atendente disse, ou se não disse nada, na verdade, e só imaginei, mas não respondo. Não consigo tirar os olhos de Andrew, deitado inconsciente no chão da cozinha.

— Ele tá inconsciente! Meu Deus, por que ele não acorda?! — Minha mão desocupada está sobre meus lábios.

— Isso não é incomum — ela diz, e finalmente volto a prestar atenção em sua voz. — Quer continuar na linha até a ambulância chegar aí?

— ... Sim, por favor, não desliga. Por favor.

— Tudo bem, estou aqui — ela diz, e sua voz é meu único consolo. Não consigo respirar. Não consigo pensar. Não consigo falar. Só consigo olhar para ele. Tenho medo até de me sentar no chão ao seu lado, e ele ter outra convulsão e eu estar no caminho.

Minutos depois, ouço uma sirene uivando na rua.

— Acho que chegaram — digo ao telefone com voz distante.

Ainda não consigo olhar para nada, a não ser para Andrew.

Por que isso está acontecendo?

Batem à porta e finalmente me levanto e vou correndo abri-la para os paramédicos.

Nem me lembro de ter largado o celular de Andrew no chão enquanto a atendente ainda estava na linha. Quando dou por mim, Andrew está sendo colocado numa maca e amarrado.

— Qual o nome dele? — uma voz pergunta, e tenho certeza que é de um dos paramédicos, mas não consigo ver o rosto dele. Só o que vejo é o de Andrew, enquanto o empurram porta afora na maca.

— Andrew Parrish — respondo baixinho.

Ouço vagamente o paramédico dizer o nome do hospital para onde ele será levado. E

quando eles saem, fico parada ali, olhando para a porta, onde o vi pela última vez. Levo vários longos minutos para voltar a mim, e a primeira coisa que faço é pegar o celular dele e procurar o telefone de sua mãe. Ouço-a chorar do outro lado quando conto o que aconteceu, e acho que ela derruba o telefone.

— Sra. Parrish? — Sinto as lágrimas queimando meus olhos. — Sra. Parrish? — Mas ela não responde mais.

Finalmente, visto uma roupa — nem sei o que vesti — pego a chave do carro de Andrew, minha bolsa e saio correndo. Dirijo o Chevelle por alguns minutos até me dar conta de que não sei aonde estou indo, nem onde estou. Encontro um posto de gasolina, pergunto como chegar ao hospital e eles me informam, mas mal consigo encontrar o caminho sem me perder. Minha cabeça não está funcionando bem.

Bato a porta do carro e corro para o pronto-socorro com a bolsa jogada no ombro. Se caísse, eu não ia nem notar. A enfermeira da recepção digita no teclado para conseguir informações, me aponta o caminho e vou parar numa sala de espera. E estou totalmente sozinha.

Acho que passou uma hora, mas posso estar errada. Uma hora. Cinco minutos. Uma semana. Não faz diferença; a sensação seria a mesma, para mim. Meu peito dói de tanto chorar. Já andei tanto de um lado para outro que comecei a contar as sujeirinhas do carpete enquanto vou e volto.

Mais uma hora.

Esta sala de espera é tão incrivelmente sem graça, com paredes marrons e bancos marrons bem dispostos em duas fileiras no meio da sala. Num relógio no alto da parede, por cima da porta, o ponteiro dos segundos gira e gira, e embora seja baixo demais para ouvir, minha mente acredita que consigo ouvi-lo. Há uma cafeteira e uma pia perto de mim. Um homem — acho — acaba de entrar por uma porta lateral, encher um copinho de isopor e sair de novo.

Mais uma hora.

Minha cabeça dói. Meus lábios estão secos e rachados. Eu os lambo constantemente, o que só piora seu estado. Não vejo uma enfermeira passar por aqui há muito tempo, e começo a me arrepender de não ter parado a última que vi antes que ela desaparecesse no corredor longo, estéril e iluminado por lâmpadas fluorescentes que sai da sala de espera.

Por que essa demora? O que está acontecendo?

Bato a testa na palma da mão, e quando vou pegar o celular de Andrew na minha bolsa, ouço uma voz conhecida:

— Camryn?

Eu me viro.

O irmão mais novo de Andrew, Asher, está entrando na sala.

Quero me sentir aliviada por alguém finalmente ter aparecido para falar comigo, para interromper essa sensação de um nada profundo e doloroso, mas não consigo ficar aliviada, pois só posso esperar que ele me conte algo terrível a respeito de Andrew.

Asher nem estava no Texas, até onde eu sei, e se ele apareceu aqui de repente, significa que pegou o primeiro voo de onde quer que estivesse, e as pessoas só fazem isso quando algo ruim acontece.

— Asher? — digo, com as lágrimas prendendo minha voz.

Nem hesito e corro para os seus braços. Ele me abraça forte.

— Por favor, me diz o que tá acontecendo? — pergunto, com lágrimas correndo novamente dos meus olhos. — O Andrew tá bem?

Asher segura a minha mão e me leva até uma cadeira, e me sento ao lado dele, apertando minha bolsa no colo, só para poder me segurar em alguma coisa.

Asher é tão parecido com Andrew que meu coração dói.

Ele sorri com ternura para mim.

— Ele tá bem agora — diz, e essa frase tão curta basta para encher todo o meu corpo de energia. — Mas provavelmente não vai continuar assim.

E com a mesma rapidez, aquela energia esperançosa se esvai novamente, levando com ela outras partes de mim: meu coração, minha alma, aquele fiapo de esperança que mantive todo esse tempo, desde que tudo começou. O que Asher está dizendo... o que ele está tentando me dizer?

Meu peito estremece com as lágrimas.

— Como assim? — Mal consigo dizer essas palavras.

Ele respira calmamente.

— Há mais ou menos oito meses — Asher diz com cuidado —, meu irmão ficou sabendo que tinha um tumor no cérebro...

Meu coração se foi. Minha respiração se foi.

Minha bolsa cai no chão, espalhando tudo, mas não consigo me mover para pegá-la.

Não consigo mover... nada.

Sinto a mão de Asher pegando a minha.

— Por causa da doença do nosso pai, Andrew se recusou a fazer outros exames. Ele tinha outra consulta com o dr. Marsters naquela mesma semana, mas não quis ir. Mamãe e Aidan tentaram de tudo para que ele fosse se consultar. Até onde eu sei, ele chegou a concordar, mas acabou não indo porque o estado de papai piorou.

— Não... — balanço a cabeça sem parar, sem querer acreditar no que ele está me contando —, não... — Só quero expulsar as palavras dele da minha cabeça.

— Por isso Andrew e Aidan brigavam tanto — Asher continua. — Aidan queria que ele fizesse o que precisava fazer, e Andrew, teimoso como sempre, brigava com Aidan toda vez.

Olho para a parede e digo:

— Por isso ele não queria ver o pai no hospital... — A revelação me deixa ainda mais atordoada.

— Sim — Asher diz em voz baixa —, e por isso, também, ele não quis ir ao enterro.

Olho para Asher agora, com um olhar penetrante, mexendo meus dedos sobre os lábios.

— Ele tem medo. Tem medo que a mesma coisa aconteça com ele, que seu tumor seja inoperável.

— Sim.

Me levanto da cadeira num salto, quebrando um batom com o pé.

— Mas e se não for tão grave? — digo freneticamente. — Ele tá no hospital agora; eles podem fazer o que é preciso. — Começo a marchar para a saída. — Vou obrigar Andrew a fazer esses testes. Vai fazer forçado! Ele vai me ouvir!

Asher segura meu braço. Eu me viro.

— Pelo que estão verificando agora, as chances dele são muito pequenas, Camryn.

Vou vomitar. Minhas bochechas parecem sentir milhares de agulhas quando mais lágrimas abrem caminho para a superfície. Minhas mãos estão tremendo também. Toda a porra do meu corpo está tremendo!

Asher diz baixinho:

— Ele adiou demais.

Cubro o rosto com as mãos e soluço nelas, meu corpo inteiro se agitando, descontrolado. Sinto os braços de Asher me apertando.

— Ele quer te ver.

Suas palavras me fazem olhar para cima.

— Já foi levado pra um quarto; vou te levar pra lá. Espera aqui mais alguns minutos, e quando minha mãe sair do quarto, a gente vai pra lá.

Não digo nada. Fico ali parada, sem palavras... morrendo por dentro, é a pior dor que já senti.

Asher me olha mais uma vez para se assegurar de que o ouvi bem, e então diz cautelosamente:

— Volto já pra te buscar. Espera aqui.

Asher sai, e para não cair, me seguro na cadeira mais próxima e me sento. Não consigo nem enxergar direito, as lágrimas estão queimando meus olhos, escorrendo pelas minhas bochechas. Parece que alguém enfiou a mão no meu peito e arrancou meu coração.

Não sei se vou conseguir vê-lo sem perder completamente o juízo.

Por que ele fez isso?!

Por que isso está acontecendo?!

Antes que eu fique completamente louca e comece a quebrar tudo ou bater nas coisas e me machucar, engatinho procurando minha bolsa no chão. Nem notei que Asher recolheu tudo, devolveu dentro e deixou a bolsa na cadeira. Procuo meu celular e ligo para Natalie.

— Alô?

— Natalie, eu-eu preciso que você faça uma coisa pra mim.

— Cam... você tá chorando?

— Natalie, por favor, me escuta.

— Tá, sim, eu tô aqui. O que aconteceu?

— Você é minha melhor amiga — digo —, e preciso que você venha pra Galveston.

Assim que puder. Você vem? Preciso de você. Por favor.

— Meu Deus, Camryn, o que tá acontecendo? O que foi? Você tá bem?

— Não aconteceu nada comigo, mas preciso de você aqui. Preciso de alguém, e só tenho você. Minha mãe não vai en... Natalie, por favor!

— T-tudo bem — ela diz, com a voz cheia de preocupação. — Vou pegar o primeiro voo. Eu vou pra aí. Não desgruda do celular.

Deixo a mão cair para o lado, esmagando o celular no meu punho, e olho para a parede pelo que parece uma eternidade até que a voz de Asher me tira do transe. Olho para ele. Asher vem até mim e pega minha mão, sabendo que vou precisar

disso. Minhas pernas parecem frágeis, como se eu estivesse andando com próteses e não soubesse usá-las direito. Asher aperta minha mão tão forte. Saímos para o corredor iluminado e vamos até um elevador.

— Preciso me acalmar — digo em voz alta, mais para mim mesma do que para Asher.

Tiro minha mão da dele, passo no rosto e corro os dedos pelo cabelo no alto da minha cabeça. — Não posso ficar histérica na frente dele. A última coisa que ele precisa agora é ficar tentando me acalmar.

Asher não diz nada. Não olho para ele. Vejo nossa imagem refletida na porta do elevador, distorcida e sem cor. Noto que os números no elevador indicam que subimos dois andares, e então ele para. A porta se abre. Fico ali parada, de início, com medo de sair, mas então respiro bem fundo e enxugo os olhos de novo.

Andamos para o meio do corredor, até um quarto com uma grande porta de madeira que está semiaberta. Asher abre completamente a porta, mas eu olho para o chão, para a linha invisível que me separa, no corredor, de Andrew, dentro do quarto, e estou com tanto medo de cruzá-la. Sinto que quando eu o fizer, verei que tudo isso é real e que não tem volta mesmo. Fecho os olhos com força e contenho uma nova onda de lágrimas, respirando profundamente, com a bolsa nos punhos cerrados.

E então abro os olhos quando a mãe de Andrew aparece.

Seu rosto suave está esgotado pela emoção, como sei que o meu também deve estar.

Seu cabelo está desgrenhado. Suas pálpebras estão inchadas. Mas ela consegue sorrir amorosamente para mim, tocando meu ombro com delicadeza.

— Que bom que você está aqui, Camryn.

E então ela sai do quarto, de mãos dadas com Asher.

Olho para eles por um breve momento enquanto se afastam pelo corredor, mas suas silhuetas parecem se confundir com o resto.

Da porta, olho para dentro do quarto e vejo o pé da cama onde sei que Andrew está deitado.

Entro no quarto.

— Amor, vem cá — Andrew diz ao me ver.

De início fico imóvel no lugar, mas quando olho nos seus olhos, naqueles olhos verdes inesquecíveis que têm tanto poder sobre mim, largo a bolsa no chão e corro para a cama.

PRATICAMENTE DESABO SOBRE seu corpo e em seus braços. Ele me abraça tão forte, embora não tão forte quanto quero. Quero que ele me mate esmagada e nunca mais me solte, que me leve junto com ele. Mas Andrew ainda está fraco. Posso perceber que o que ele está enfrentando o está esgotando rapidamente.

Andrew segura meu rosto com as mãos, afasta o cabelo dos meus olhos e enxuga com beijos as lágrimas que me esforcei tanto para esconder para o bem dele, para que ele não tivesse que gastar nada de suas forças comigo. Mas o coração tem vontade própria e sempre consegue o que quer, especialmente quando está morrendo.

— Eu sinto muito — ele diz numa voz dolorosa e desesperada, com meu rosto ainda em suas mãos. — Eu não podia te contar, Camryn... não queria que nosso tempo juntos fosse diferente de como foi.

Lágrimas caem dos meus olhos, pingando em seus dedos e escorrendo pelos seus pulsos.

— Espero que você não...

— Não, Andrew... — eu engulo algumas lágrimas — ... eu entendo você; não precisa explicar. Ainda bem que você não me contou...

Andrew parece surpreso, mas feliz. Ele puxa o meu rosto e beija meus lábios.

— Você tem razão — digo. — Se você tivesse me contado, nosso tempo juntos teria sido sinistro e... eu-eu não sei, mas teria sido diferente, e não suportaria imaginá-lo diferente; mas, Andrew, eu queria que você tivesse me contado só por um motivo: eu ia fazer qualquer coisa, qualquer coisa pra te levar pra um hospital antes. — Minha voz começa a ficar mais alta quando a triste verdade das minhas palavras me machuca ao dizê-las. — Você poderia ter...

Andrew balança a cabeça.

— Amor, já era tarde demais.

— Não fala isso! Agora ainda não é tarde demais! Você ainda tá aqui, ainda há uma chance.

Ele sorri com ternura e suas mãos finalmente soltam meu rosto, voltando para os lados do seu corpo, sobre o cobertor branco do hospital que o cobre. Um cateter sai das costas de sua mão e vai para uma máquina.

— Tô sendo realista, Camryn. Eles já me falaram que minhas chances não são boas.

— Mas ainda existe uma chance — discordo, segurando mais lágrimas e querendo poder desligá-las apertando um botão. — Uma pequena chance é melhor

do que chance nenhuma.

— Se eu deixar que me operem.

Sinto que levei um tapa na cara.

— Como assim, se?

Seus olhos desviam dos meus.

Seguro o seu queixo com firmeza, fazendo-o virar e me olhar.

— Não tem nada de “se”, Andrew, você não pode estar falando sério.

Andrew estende a mão e abre espaço na cama. Ele me convida a deitar ao seu lado, e quando me encolho para deitar, passa um braço por cima de mim e me puxa para perto.

— Se eu não tivesse conhecido você — ele diz, olhando nos meus olhos, a centímetros dos dele —, nunca ia fazer isso. Se você não estivesse aqui comigo agora, eu não ia querer. Ia achar um desperdício de dinheiro e de tempo que só daria uma falsa esperança pra minha família, atrasando o inevitável.

— Mas você vai deixar que eles te operem — digo, desconfiada, embora seja mais uma pergunta.

Ele roça minha bochecha com o polegar.

— Eu faço qualquer coisa por você, Camryn Bennett. Não importa o que seja, não importa... peça o que quiser que eu faça. Sem exceções.

Soluços sacodem meu peito.

Antes que eu possa dizer mais nada, Andrew passa a mão no meu rosto, afastando o meu cabelo. Ele me olha profundamente nos olhos.

— Eu vou deixar.

Esmago minha boca sobre a dele e nos beijamos febrilmente.

— Não posso te perder — digo. — A gente tem a estrada à nossa frente. Você é meu parceiro no crime. — Forço um sorriso em meio às minhas lágrimas.

Ele beija a minha testa.

Ficamos deitados juntos por um tempinho, falando da cirurgia e dos exames que ainda precisam ser feitos, e eu digo que não vou sair do lado dele. Vou ficar ali com ele pelo tempo que for preciso. E ficamos falando e falando dos lugares que queremos visitar, e ele começa a lembrar canções que quer que eu aprenda para podermos cantá-las juntos na estrada. Nunca estive tão disposta a cantar com ele quanto estou agora. Eu toparia enfrentar Celine Dion ou uma cantora de ópera — não me importa. Eu toparia. O público todo com certeza sairia correndo e gritando, mas eu toparia. Uma enfermeira vem ver como ele está, e Andrew recupera um pouco

de sua personalidade brincalhona e mexe com ela, dizendo que ela podia se deitar conosco se quisesse fazer algo a três.

A enfermeira apenas sorriu, revirando os olhos, e continuou com seu trabalho. Ela se sentiu bonita e poderosa, e era só isso que ele queria.

Por um momento, enquanto estou deitada naquela cama com Andrew, é como quando estávamos na estrada. Não pensamos em doença ou morte e não choramos. Só conversamos e rimos e de vez em quando ele tenta me tocar em todos os lugares certos.

Eu dou risadinhas e afasto suas mãos, pois sinto que estou fazendo algo errado. Que ele deveria estar descansando.

Finalmente, eu cedo e deixo. Porque ele é persistente. E, claro, irresistível. Deixo que ele me toque por baixo do cobertor, e depois faço o mesmo por ele com a mão.

Depois de mais uma hora, me levanto da cama.

— Gata, qual o problema?

— Problema nenhum — digo sorrindo, e então tiro a calça e a camiseta.

Ele está sorrindo de orelha a orelha. Eu sabia que as engrenagens pervertidas da cabeça dele começariam a rodar antes de qualquer coisa.

— Por mais que eu fosse adorar transar com você num quarto de hospital — digo, voltando a me deitar —, isso não vai acontecer; você vai precisar de todas as suas forças pra cirurgia. — Eu transaria com ele nessa cama numa boa, mas no momento não estou pensando em sexo.

Andrew me olha, curioso, quando me deito novamente ao lado dele só de calcinha e sutiã e me aninho em seu corpo, como antes. Por baixo do cobertor, ele só está usando uma calça fina do hospital. Aperto bem o meu peito contra o seu e enrosco minhas pernas nas dele. Nossos corpos estão perfeitamente alinhados, nossas costelas se tocando.

— O que você vai fazer? — ele pergunta, ficando mais curioso e impaciente, mas adorando cada segundo.

Eu mexo meu braço livre e traço sua tatuagem de Eurídice com os dedos. Ele observa com atenção. E quando meu dedo indicador encontra o cotovelo de Eurídice, onde a tinta termina, eu o passo na minha pele para continuar o desenho.

— Quero ser tua Eurídice, se você deixar.

Seu rosto se ilumina e suas covinhas ficam mais fundas.

— Quero fazer a outra metade — continuo, tocando seus lábios com meus dedos, agora. — Quero desenhar Orfeu nas minhas costelas e reunir os dois.

Ele está em choque. Posso ver isso nos seus olhos brilhantes.

— Amor, não precisa fazer isso; nas costelas dói pra cacete.

— Mas eu quero fazer, e não me importa quanto vai doer.

Seus olhos ficam cheios d'água quando ele olha para mim, e então sua boca cobre a minha e nossas línguas dançam juntas por um longo momento cheio de amor.

— Eu adoraria isso — ele sussurra nos meus lábios.

Eu o beijo de leve e sussurro em resposta:

— Depois da cirurgia, quando você estiver bem o suficiente, a gente vai.

Ele balança a cabeça.

— É, Gus vai precisar mesmo que eu esteja lá pra alinhar a tua tatuagem com a minha; ele riu da minha cara quando mandei fazer esta.

Eu sorrio.

— Riu, é?

— Sim. — Andrew dá uma risadinha. — Me acusou de ser um romântico incurável e ameaçou contar pros meus amigos. Respondi que ele era igualzinho ao meu pai e mandei calar a boca. Gus é um cara legal, e um tremendo tatuador.

— Tô vendo.

Andrew passa os dedos no meu cabelo, sempre penteando-o para trás. E enquanto me olha, examinando meu rosto, me pergunto o que está passando pela sua cabeça. Seu sorriso lindo desapareceu, e ele parece mais concentrado e cauteloso.

— Camryn, quero que você esteja preparada.

— Não começa...

— Não, amor, você precisa fazer isso por mim — ele diz, com preocupação no olhar. — Você não pode ter 100% de certeza de que vou sobreviver. Não pode fazer isso.

— Andrew, por favor. Para.

Ele põe quatro dedos sobre meus lábios, me calando. Já estou chorando de novo. Ele está tentando ser o mais suave possível com a verdade, contendo suas próprias lágrimas e emoções até melhor do que eu consigo. É ele que pode morrer, e sou eu que estou sem forças. Isso me deixa furiosa, mas não posso fazer nada além de chorar e ficar puta comigo mesma.

— Só me promete que vai continuar dizendo a si mesma que eu posso morrer.

— Não posso pensar uma coisa dessas!

Ele me abraça mais forte.

— Promete.

Cerro os dentes, sentindo meu maxilar rangendo dentro das bochechas. Meu nariz e meus olhos ardem e queimam.

Finalmente digo:

— ... Prometo — e isso esmaga meu coração. — Mas você precisa me prometer que vai sair dessa — digo, apertando a cabeça sob o queixo dele de novo. — Não consigo ficar sem você, Andrew. Você deve saber que não consigo.

— Eu sei, meu amor... eu sei.

Silêncio.

— Você canta pra mim? — ele pergunta.

— O que você quer que eu cante?

— Dust in the Wind — ele responde.

— Não. Não vou cantar essa música. Nunca mais me peça isso. Nunca.

Seus braços se apertam ao meu redor.

— Então canta qualquer uma — ele sussurra —, só quero ouvir tua voz.

E assim, começo a cantar Poison & Wine, a mesma que cantamos juntos em Nova Orleans quando ficamos deitados nos braços um do outro naquela noite. Ele canta comigo algumas estrofes, mas posso ver o quanto está fraco por dentro, porque mal consegue alcançar as notas.

Adormecemos nos braços um do outro.

— Preciso fazer uns exames — ouço uma voz dizendo acima da cama.

Abro os olhos e vejo a enfermeira do sexo a três paradas ao lado da cama.

Andrew também acorda.

Já é de tardinha, e posso ver pela janela que vai escurecer logo.

— É melhor você se vestir — diz a enfermeira, com um sorriso compreensivo.

Ela deve achar que Andrew e eu fizemos de tudo aqui em algum momento, considerando que estou sem inua.

Saio da cama e me visto enquanto a enfermeira verifica os sinais de Andrew e parece prepará-lo para sair do quarto com ela. Há uma cadeira de rodas perto do pé da cama.

— Que tipo de exames? — Andrew pergunta com voz fraca.

A fraqueza da sua voz me faz olhar. Ele não parece bem. Parece... desorientado.

— Andrew? — Volto para perto da cama.

Cautelosamente, ele levanta uma mão para me afastar.

— Não, amor. Tô bem, só um pouco zozzo. Tentando acordar.

A enfermeira me olha, e embora elas sejam treinadas para parecer calmas e não deixar transparecer suas verdadeiras preocupações no rosto, posso ver nos seus olhos: ela sabe que alguma coisa não está certa.

Ela força um sorriso e dá a volta para ajudá-lo a se sentar, tirando o soro do caminho.

— Vou levá-lo por uma ou duas horas, talvez mais, pra fazer uns exames — ela diz. — É melhor você ir comer alguma coisa, esticar as pernas e voltar depois.

— Mas eu-eu não quero sair de perto dele.

— Faz o que ela tá dizendo — Andrew balbucia, e quanto mais o ouço tentando falar, mais medo sinto. — Quero que você vá comer. — Ele consegue virar a cabeça para me olhar, desta vez, e aponta um dedo, sério. — Mas nada de filê — exige, brincando. — Você ainda me deve um jantar, lembra? Quando eu sair daqui, é a primeira coisa que a gente vai fazer.

Ele consegue um sorriso de mim, como pretendia, mas é tênue.

— Tá — concordo, balançando a cabeça com relutância. — Volto daqui a algumas horas e te espero.

Vou para perto dele e o beijo. Ele me olha profundamente nos olhos quando me afasto. Só consigo ver dor em seus olhos. Dor e exaustão. Mas ele tenta ser forte, e um sorrisinho puxa um canto de sua boca. Ele se senta na cadeira de rodas e me olha uma vez, antes que a enfermeira o empurre para fora do quarto.

Minha respiração fica presa.

Sinto que quero gritar para ele que o amo, mas não digo nada. Eu o amo com todas as forças, mas lá no fundo sinto que, se eu disser isso, se finalmente admitir isso em voz alta, tudo vai desmoronar. Talvez, se eu mantiver isso dentro de mim, se nunca disser essas palavras, nossa história nunca termine. Dizer aquelas três palavras pode ser um início, mas para mim e Andrew, temo que seja o fim.

EU NÃO CONSEGUIRIA comer nem se minha vida dependesse disso. Só falei que ia comer para satisfazer Andrew. Em vez disso, saio e me sento na frente do hospital por um tempo. Só não quero sair daqui enquanto ele está lá dentro. Precisei de todas as minhas forças para deixar aquela enfermeira levá-lo para longe de mim.

Recebo uma mensagem de texto de Natalie:

Acabei de chegar. Pegando um táxi. Logo eu tô aí. Te amo.

Quando vejo o táxi parando na frente do hospital, levo um segundo para me levantar.

Faz um bom tempo que não a vejo; desde nosso problema com Damon.

Mas nada disso importa mais para mim. Já não importa há algum tempo. Teu melhor amigo, não importa o que te faça ou o quanto te magoe, só magoa tanto porque ele é teu melhor amigo. E ninguém é perfeito. Erros foram feitos para serem perdoados pelo melhor amigo; é isso que torna alguém oficialmente o melhor amigo. De certa forma, como Andrew, não consigo imaginar não ter Natalie na minha vida. E nunca precisei tanto dela quanto agora.

Ela corre pela calçada quando me vê, com seu cabelo longo cor de chocolate esvoaçando solto atrás dela.

— Meu Deus, senti tanto tua falta, Cam! — Ela praticamente me mata esmagada.

Bastou sua presença aqui e já estou aproveitando seu abraço e soluçando em seu peito. Eu não conseguia mais conter as lágrimas. Nunca chorei tanto na minha vida quanto nas últimas 24 horas.

— Oh, Cam, o que tá acontecendo? — Sinto os dedos dela no meu cabelo enquanto choro baixinho na sua camiseta. — Vem, vamos sentar.

Natalie me leva até um banco de pedra debaixo de um carvalho e nós nos sentamos.

Conto tudo para ela. Desde o motivo que me fez partir da Carolina do Norte e o dia em que conheci Andrew no ônibus no Kansas, até este momento em que estamos sentadas neste banco. Ela chorou, sorriu e riu comigo enquanto eu contava tudo o que passei com Andrew, e raramente a vi levando algo tão a sério. Só quando meu irmão foi para a prisão e depois que meus pais se divorciaram. E depois da morte de Ian. Natalie pode ser louca, desbocada, baladeira e normalmente não saber a hora de calar a boca, mas ela entende que há uma hora e um lugar certo para tudo, e num momento como esse, tudo o que ela me dá é seu coração.

— Não acredito que você tá passando por tudo isso depois do que aconteceu com Ian.

Parece uma porra numa brincadeira cruel do destino.

Parece isso, de certa forma, mas com Andrew parece muito mais do que uma brincadeira cruel.

— Garota — ela diz, pondo a mão na minha perna —, pensa nisto: quais são as chances de tudo que aconteceu, da forma que aconteceu, ter sido só coincidência? — Ela balança a cabeça para mim. — Desculpa, Cam, mas é coincidência demais. O destino de vocês dois é ficar juntos. É como um puta conto de fadas do caralho que não dá pra inventar, sabe?

Não digo nada; fico só refletindo. Normalmente, eu comentaria seu linguajar dramático, mas desta vez não consigo. Simplesmente não tenho forças.

Ela me força a olhar.

— Fala sério, você acha que ia passar por tudo isso só pra ver esse cara morrer?

Dói ouvi-la dizer essa palavra, mas me contengo.

— Não sei. — Olho para as árvores no gramado, mas não as vejo, na verdade. Só o que vejo é o rosto de Andrew.

— Ele vai ficar bem. — Natalie segura meu rosto com as mãos e me olha fixamente nos olhos. — Ele vai sair dessa, você só precisa mandar a morte catar coquinho e dizer pra ela que esse cara é teu, sacou?

Ela me surpreende às vezes. Agora é um desses momentos.

Sorrio um pouco e ela enxuga as lágrimas do meu rosto.

— Vamos procurar um Starbucks.

Natalie se levanta com sua bolsa gigante de couro preto pendurada num braço e estende a mão para mim.

Eu reluto.

— Eu... Natalie, na verdade, eu queria ficar aqui.

— Não, você precisa se afastar dessa energia ruim por um tempo. Hospitais sugam toda a esperança da gente, você só deve voltar quando ele já estiver no quarto e você puder me apresentar esse filhotinho de Kellan pra me matar de inveja, porra. — Ela abre um sorriso cheio de dentes.

Ela sempre consegue me fazer sorrir também.

Eu seguro sua mão.

— Tá — digo, cedendo.

Pegamos o Chevelle e vamos para o Starbucks mais próximo. Natalie ficou babando pelo carro o caminho todo.

— Meu Deus, Cam, você tirou a sorte grande mesmo com esse cara. — Ela está sentada na minha frente, bebericando seu latte. — Caras tão perfeitos assim são raros.

— Bom, ele não é perfeito — argumento, girando o canudo no meu copo. — É boca-suja, teimoso, me obriga a fazer coisas que não quero fazer e sempre consegue o que quer.

Natalie sorri e chupa o seu canudinho.

Ela aponta para mim rapidamente.

— Viu? Como eu falei: perfeito. — Ela ri e depois revira os olhos castanhos. — E porrrr favorrrr; obriga a fazer o que você não quer, o cacete. Algo me diz que você adora quando ele manda fazer alguma coisa. — Natalie dá um tapa na mesa e arregala os olhos. — Ooooh, ele é bruto na cama, não é? Não é? — Ela mal consegue se controlar.

Contei que tínhamos transado, mas não dei exatamente nenhum detalhe suculento.

Eu abaixo os olhos.

Ela dá outro tapa na mesa, e um sujeito sentado atrás dela olha para nós.

— Meu Deus, ele é!

— Tá, ele é! — digo entre os dentes, tentando não rir. — Agora quer parar de gritar?!

— Vai, você tem que me dar um detalhezinho só. — Ela junta o polegar e o indicador, para mostrar o tamanho do detalhezinho, e aperta um olho.

Ah, foda-se. Dou de ombros, me debruço sobre a mesa e olho para os lados para ver se ninguém está prestando atenção.

— Na primeira vez — começo a dizer, e a cabeça de Natalie parece parada no tempo, de olhos esbugalhados e boca aberta —, ele praticamente me forçou... você sabe o que quero dizer... claro que eu queria, sabe.

Ela balança a cabeça feito um boneco de mola, mas não diz nada porque quer que eu continue.

— Percebi que ele é dominador por natureza e não tava fazendo isso só porque falei que gosto. Também percebi que ele toma cuidado mesmo assim pra não exagerar, porque quer ter certeza de que eu tô bem.

— Ele já foi além disso?

— Não, mas eu sei que ele irá.

Natalie sorri.

— Você é uma pequena maníaca sexual — ela diz, e eu fico tão vermelha que não consigo erguer os olhos por um momento. — Parece que ele é exatamente o que você precisava em todos os aspectos. Tirou de você coisas que nem Ian nem Christian conseguiram. — Ela olha para cima, como que para o céu, e diz rapidamente: — Você sabe que eu te amo, Ian. — Beija dois dedos e os levanta. Depois, olha para mim de novo.

— Bom, não é por isso que eu amo Andrew.

Natalie se cala na hora. Eu também. Parece que todo o ar foi sugado do ambiente. Eu nem me dei conta do que estava dizendo.

Por que eu tinha que dizer isso em voz alta?

— Você tá apaixonada por ele? — ela pergunta, mas não parece tão surpresa.

Não digo nada, apenas engulo quaisquer outras palavras que estava preparada para dizer.

— Se você não estivesse apaixonada por ele depois de tudo o que vocês viveram juntos, eu ia achar que você é que tá com um tumor no cérebro.

Mesmo detestando ouvi-la usar essa expressão horrível, sei que ela não quis dizer nada com isso.

Mas apesar de seu papo jovial e do seu jeito de me fazer esquecer facilmente que as coisas não estão tão boas no momento, já esgotei minha capacidade de brincar disso com ela. Fico grata por ela ter me ajudado a esquecer a depressão e o temor por Andrew, mesmo que só por uns minutos, falando de sexo e conversando como costumávamos conversar.

Não posso mais.

Só quero voltar para o hospital e ficar com ele.

Natalie e eu pegamos o caminho de volta depois do pôr do sol, entramos juntas no hospital e tomamos o elevador.

— Espero que ele já tenha terminado — digo, nervosa, olhando novamente para aquela imagem borrada no reflexo da porta.

Sinto a mão de Natalie pegando a minha. Olho para o lado e vejo que ela está sorrindo com ternura.

A porta do elevador se abre e nós andamos pelo corredor.

Asher e Marna estão vindo ao nosso encontro.

A expressão dos dois faz meu coração se precipitar para o fundo do meu estômago.

Aperto a mão de Natalie com tanta força que provavelmente a estou esmagando.

Quando Asher e Marna ficam frente a frente conosco, lágrimas rolam soltas pelo rosto dela. Marna me abraça e diz, tremendo:

— Andrew entrou em coma... os médicos acham que ele não vai resistir.

Eu me afasto dela.

Qualquer barulhinho, do ar saindo dos dutos no forro até as pessoas passando por nós no corredor, desaparece num instante. Sinto a mão de Natalie tentando pegar a minha, mas a afasto automaticamente e continuo a cambalear para trás, com as mãos apertadas no coração. Não consigo respirar... não consigo respirar. Vejo os olhos de Asher, cheios de lágrimas, me fitando, mas desvio os meus. Desvio porque ele tem os mesmos olhos de Andrew, e não consigo suportar.

Marna mexe na bolsa e tira um envelope. Ela se aproxima de mim cautelosamente, toma minhas duas mãos e coloca o envelope nelas.

— Andrew queria que eu te entregasse isto se alguma coisa acontecesse com ele.

— Ela dobra meus dedos sobre o envelope, usando os seus. Não baixo os olhos; continuo olhando para ela, com as lágrimas encharcando meu rosto.

Não consigo respirar...

— Eu sinto muito — Marna diz com voz trêmula —, preciso ir embora. — Ela afaga minhas mãos com ar maternal. — Você sempre será bem-vinda na minha casa e na minha família. Por favor, lembre-se disso.

Ela quase cai, e Asher passa o braço por sua cintura e a acompanha pelo corredor.

Fico ali parada, no meio. Algumas enfermeiras passam, mas desviam de mim. Sinto o vento roçando o meu rosto de leve quando elas passam. Levo uma eternidade para tomar coragem e olhar para o envelope em minhas mãos. Estou tremendo. Meus dedos amassam a aba do envelope.

— Me deixa ajudar — ouço Natalie dizer, e estou fora de mim demais para protestar.

Ela tira o envelope das minhas mãos com cuidado e o abre para mim, desdobrando lentamente a carta que ele contém.

— Quer que eu leia pra você?

Olho para ela, meus lábios tremendo sem controle, e balanço a cabeça quando finalmente entendo a pergunta.

— Não... me deixa ler...

Ela me entrega a carta e eu termino de desdobrá-la, minhas lágrimas pingando no papel enquanto leio:

Camryn, meu amor,

eu não queria que fosse assim. Queria te dizer estas coisas pessoalmente, mas tinha medo. Tinha medo que se eu dissesse em voz alta que te amava, o que a gente viveu juntos fosse morrer comigo. A verdade é que eu sabia, no Kansas, que era você. Te amei desde aquele dia em que olhei nos teus olhos pela primeira vez, me encarando do alto da poltrona daquele ônibus. Talvez eu não soubesse disso ainda, mas percebi que alguma coisa aconteceu comigo naquele momento, e que eu jamais poderia abrir mão de você.

Nunca vivi da forma como vivi durante minha curta convivência com você. Pela primeira vez na vida, me senti inteiro, vivo, livre. Você foi a peça da minha alma que faltava, o ar nos meus pulmões, o sangue nas minhas veias. Acho que se existem mesmo vidas passadas, então fomos amantes em cada uma delas.

Conheço você há pouco tempo, mas parece que conheço desde sempre.

Quero que você saiba que mesmo na morte vou me lembrar de você. Eu sempre vou te amar. Queria que as coisas tivessem sido diferentes. Pensei em você muitas noites na estrada. Ficava olhando para o teto nos motéis e imaginava como seria nossa vida juntos, se eu sobrevivesse. Tive um ataque de pieguice e pensei em você de véu e grinalda, e até mesmo com um minimim na barriga. Sabe, sempre ouvi dizer que comer mulher grávida é uma delícia. ;-)

Mas lamento ter que te deixar, Camryn, lamento tanto... Queria que a história de Orfeu e Euridice fosse real, porque aí você poderia me trazer de volta à vida cantando. Eu não ia olhar pra trás. Não ia ferrar tudo, como Orfeu.

Eu lamento tanto, amor...

Quero que você me prometa que vai continuar forte, linda, doce e meiga. Quero que você seja feliz e encontre alguém que te ame tanto quanto eu amei. Quero que você se case e tenha filhos e viva a sua vida. Apenas se lembre sempre de ser você mesma, e não tenha medo de dizer o que pensa, nem de sonhar em voz alta.

Espero que você nunca me esqueça.

Mais uma coisa: não se sinta culpada por não ter dito que me amava. Não precisava dizer. Eu sabia disso o tempo todo.

Com Amor, Sempre,

Andrew Parrish

Caio de joelhos no meio do corredor, com a carta de Andrew entre os dedos.

E essa é a última coisa que lembro daquele dia.

Dois meses depois...

O SOL ESTÁ BRILHANDO e não há uma nuvem no céu. Ouço até pássaros cantando. Acho que é perfeito para um dia como este. O salto do meu sapato afunda numa parte macia da grama. Estou usando um lindo vestidinho branco e amarelo de verão, um pouco acima do joelho. Meu cabelo está preso numa trança de um lado só, como Andrew sempre insistiu que eu usasse. Minhas mãos estão dobradas na minha frente enquanto olho para a lápide onde está escrito PARRISH em grandes letras em baixo-relevo. Achei difícil vir aqui, mas era preciso fazer isso há muito tempo.

Continuo olhando para baixo, com o pensamento longe, para o monte de terra argilosa que ainda parece fresca, mesmo dois meses depois do enterro. Nem as repetidas chuvas parecem tê-lo achatado um pouco. Olho para os outros túmulos, a maioria deles já coberta por grama, e não consigo me sentir triste, só reconfortada, como se estas pessoas, embora já tendo ido embora para todos nós, tivessem a companhia umas das outras.

Duas mãos abraçam minha cintura por trás.

— Obrigado por ter vindo aqui comigo, amor — Andrew diz no meu ouvido, e então beija minha bochecha.

Pego a mão dele e o puxo para o meu lado, e olhamos uma última vez para o túmulo do seu pai, juntos.

Partimos do Wyoming mais tarde naquela noite, mas de avião. Nossos planos de viajar pelo mundo foram apenas adiados. Depois do coma e da cirurgia de Andrew, ele começou a se recuperar em três semanas. Os médicos ficaram tão surpresos quanto todos nós, mas ele ainda precisava de tempo para se recuperar totalmente, por isso fiquei com ele desde então, morando em Galveston. Ele tem fisioterapia uma vez por semana, mas já parece nem precisar mais.

Andrew insistia para que tirássemos a bunda do sofá e pegássemos a estrada, como planejamos — está sofrendo daquela sensação de ter uma segunda chance na vida, que o torna mais ansioso do que nunca para fazer de tudo. Até lavar louça ou roupa é uma curtição pra ele, caramba. Mas sua mãe e eu o proibimos terminantemente de exagerar ou se esforçar demais. Andrew não gosta disso, mas não é nem bobo de enfrentar nós duas juntas.

Nós vamos literalmente enchê-lo de porrada.

Mas Andrew e eu ainda planejamos viajar pelo mundo e cumprir nossa promessa de não nos atolarmos na monotonia da vida. Nada disso mudou, e sei que nunca vai mudar.

Natalie voltou para a Carolina do Norte, e nos falamos todo santo dia. Agora ela está saindo com Blake, o cara que Damon atacou naquela noite no telhado do clube.

Sorrio quando penso que os dois estão juntos. Quando falo com eles no Skype, percebo que foram feitos um para o outro. Pelo menos por enquanto; com Natalie, nunca se sabe o que vai acontecer. Damon, por outro lado, acabou preso por posse de drogas. Ele é reincidente e deve passar um ano na cadeia, desta vez. Talvez aprenda com seus erros, mas eu duvido.

Quanto ao meu irmão, porém, acho que Andrew tinha razão. Andrew e eu fomos de avião para a Carolina do Norte visitar a minha mãe, e, durante nossa estada, fomos com ela visitar Cole na prisão. Ele parece diferente, sentindo remorso de verdade. Vejo isso nos seus olhos. Ele e Andrew se deram muito bem. Acho que talvez meu irmão volte a ser o irmão mais velho que eu conheci, quando sair da prisão. E com a ajuda de Andrew, perdoei Cole pelo que ele fez. Sempre vou sofrer pela família que ele destruiu ao matar aquele homem no acidente, mas percebi que o perdão cura muitas coisas.

Minha mãe continua saindo com Roger. Na verdade, eles vão se casar nas Bahamas em fevereiro. Estou muito feliz por ela. Consegui conhecer Roger e usar meu radar antibabacas, e fico feliz em dizer que ele passou com louvor. Mamãe quase não fica mais em casa; ele está sempre arrastando-a para algum lugar.

E ela merece tudo isso.

A mãe e os irmãos de Andrew me receberam na família de braços abertos. Asher e eu ficamos muito amigos. E por mais beligerante que eu sempre tenha achado Aidan, também o adoro. Na verdade, ele nunca foi sacana com Andrew. Sinceramente, Andrew fez por merecer. Aidan e sua esposa, Michelle, falam comigo e de mim como se eu fosse esposa de Andrew. Isso sempre me faz corar. O mais importante é que Andrew e Aidan estão se dando bem. Antes que Aidan e Michelle voltassem para Chicago depois de uma rápida visita, semana passada, eu sorri vendo os dois se provocando e se atracando na sala de estar. Quase quebraram a TV, mas eu e Michelle ficamos rindo e deixamos que os dois descarregassem a testosterona de macho alfa.

E hoje... bem, hoje o dia vai ser um pouco diferente para Andrew.

Entro na sala, onde ele está refestelado no sofá, vendo Prometheus.

Ele estende a mão para mim quando me aproximo.

— Não — digo, balançando a cabeça —, preciso que você se levante.

— Que foi, gata? — Ele se levanta do sofá e coça a cabeça. Seu cabelo já está crescendo, mas ele ainda não se acostumou com a sensação, especialmente perto da cicatriz da cirurgia.

Andrew põe os pés no chão para ficar mais sentado e eu entro no meio de suas pernas, passando as mãos na sua cabeça. Ele beija um dos meus pulsos, depois o outro.

— Vem comigo. — Aponto com a cabeça, segurando seus dedos, e ele me segue até o quarto.

Como sempre, quando o levo para o quarto, ele automaticamente acha que é algo sexual, e seus tentadores olhos verdes brilham como os de um garoto.

— Só quero que você se deite comigo um pouco — digo, tirando toda a roupa.

Ele parece um tanto confuso, mas é tão bonitinho.

— Tá — ele diz, sorrindo. — Quer que eu fique pelado também? Eu fico, não tem problema. Por que é que eu tô perguntando, caramba? — Ele começa a se despir.

Andrew se deita ao meu lado e nos olhamos, aproximando nossos corpos e trançando as pernas. Ele me abraça e então seus dedos traçam a minha tatuagem de Orfeu, que fiz há duas semanas. É perfeita, totalmente alinhada com a de Andrew. Quando nos deitamos juntos assim, os dois desenhos se tornam um só.

— Você tá bem, amor? — Andrew me olha, curioso, as pontas dos seus dedos roçando minhas costelas.

Sorrio e beijo sua boca.

Então me afasto só um pouco e pego sua mão, deslizando-a para a minha tatuagem, para a parte que cobre a minha barriga.

— Adoro minha tatuagem, amor — murmuro no pequeno espaço entre nossos rostos —, mas acho que daqui a uns sete meses e meio, Orfeu vai ficar um pouco esticado.

Andrew pisca, confuso, e leva alguns segundos para entender o que eu disse.

Sua cabeça se afasta num movimento atordoado, e depois de uma pausa, ele ergue o corpo.

— Vai nascer em maio.

Primeiro ele arregala os olhos; está atordoado e sem palavras, mas então consegue dizer:

— Você tá grávida? — A mão dele vai imediatamente para a minha barriga.

Sua reação me faz sorrir ainda mais.

Suas covinhas afundam mais enquanto ele me olha, e quando dou por mim, sua língua está na minha boca. O beijo tira o meu fôlego e ele me ergue em seus braços no meio da cama.

— Casa comigo — ele diz, e agora sou eu que fico atordoada e sem palavras. — Eu ia te pedir amanhã à noite, quando a gente saísse, mas agora não posso esperar. Casa comigo.

Começo a chorar, e ele me abraça de novo e me beija mais.

Quando ele finalmente se afasta e me olha nos olhos de novo, respondo: — Sim, vou me casar com você, Andrew Parrish.

— Eu te amo tanto, porra — ele diz, me beijando de novo. Então ele segura meu rosto.

— E agora vou comer você grávida.

O que posso dizer? Este é Andrew, e eu não mudaria nada nele.

SOBRE A AUTORA

Jessica Ann Redmerski nasceu em Little Rock, Arkansas, em 25 de novembro de 1975.

Ela mora no Arkansas com seus três filhos e um cão maltês.

www.jessicaredmerski.com

Document Outline

- Capa
- Folha de Rosto
- Crédito
- Sumário
- Dedicatória
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14

- Andrew Joga a Mochila
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- Ouço Andrew Bater
- 21
- Derreto Completamente
- 22
- Ele Passou
- 23
- 24
- 25
- A Porta do Meu Quarto
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- O Sexo Sempre Muda Tudo
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38

· 39

· 40

· Sobre a Autora

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la.

Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é **totalmente condenável** em qualquer circunstância.

A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

[Le Livros](#)

<http://LeLivros.com>

